

M. P. NEVES

A Ruína de Noltora II
ASAS SOB ABISMO



A Ruína de Noltora II
ASAS SOB ABISMO



Copyright © 2021 Editora Virafolha

A Ruína de Noltora II- Asas Sob o Abismo

Autor: M. P. Neves

Coordenação editorial: Rafael S. Andrade

Gerente de projeto: Thiago Borba

Planejamento: Rafael S. Andrade, Rafael Guilherme, Thiago Borba

Capa e diagramação: Rafael S. Andrade

Cartógrafo: Rafael Souza (mapa desta edição)

Revisão: Mônica Feliciano de Oliveira, Rafael S. Andrade

Edição: Rafael S. Andrade

PROJETO ESPECIAL

Ilustradoras: Leona Volpe, Deborah Botelho

Cartógrafo: Rafael Souza (mapa de Sev)

Mapa em madeira: Art Cut Lab

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VIRAFOLHA.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

37.344.089/0001-13

Rua trinta e quatro, 32 - Jaguaribe,

Paulista/PE - 53422-230

Contato: (81) 98186-0517

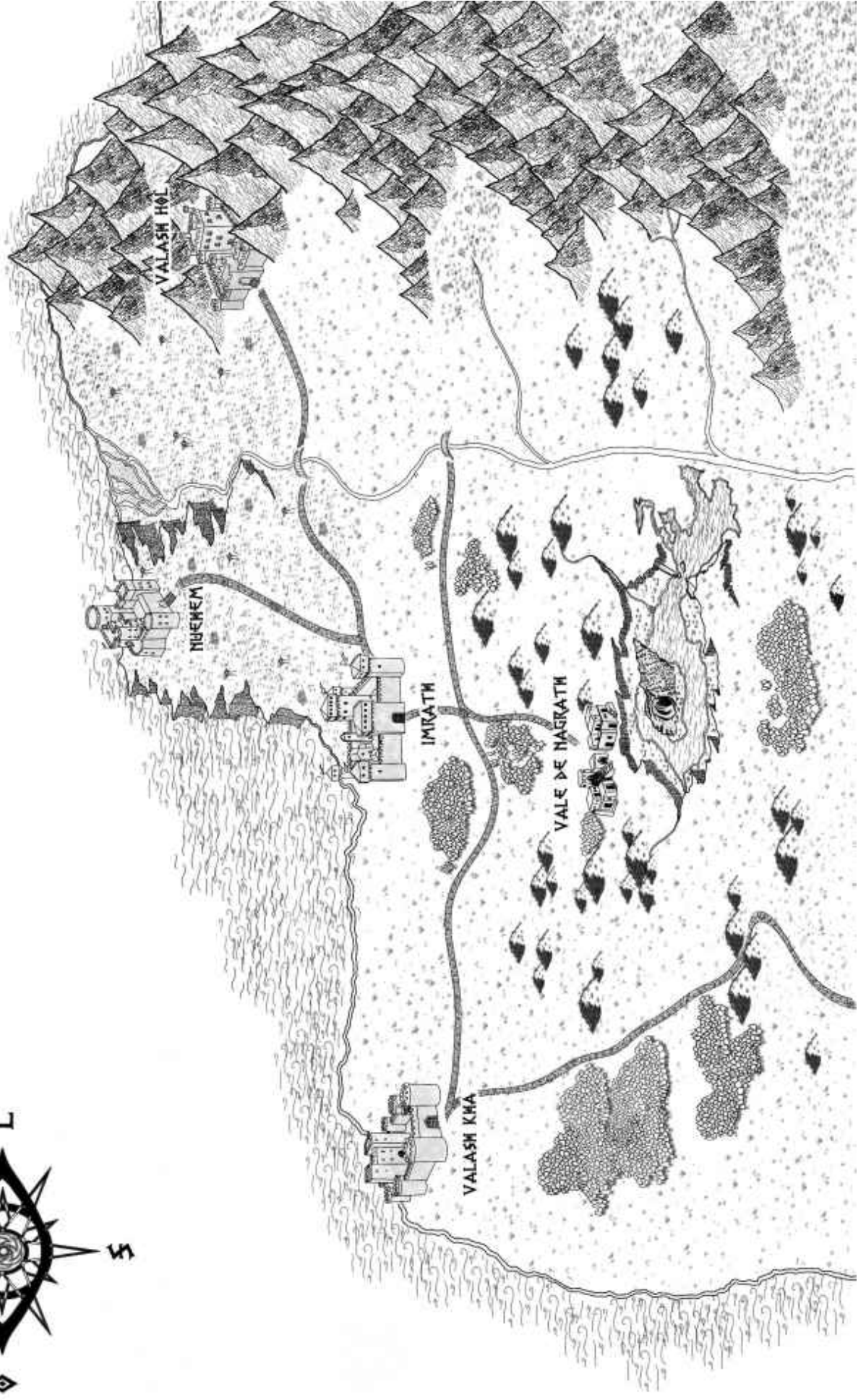
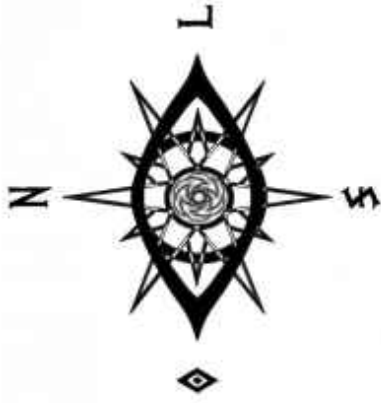
contato@editoravirafolha.com.br

comercial@editoravirafolha.com.br

www.editoravirafolha.com.br

1º Edição

VAR KHALAD





*Ao meu avô Jorge.
Que ama histórias fantásticas
e me cobrou um segundo livro assim que leu o primeiro.*

Prólogo

Seis olhos dourados fitavam a costa, contemplando o fracasso. Gorazesh lutava contra a própria ira, sufocando-a, quando tudo o que desejava era lançar-se em um frenesi bestial. Seus planos haviam sido duplamente frustrados, o que exigia frieza e raciocínio, mas o ódio fervilhava em suas veias, exigindo carne fresca e retribuição.

Diante dele, na praia de cascalho, um punhado de humanos, prostrados em terror e reverência. Eram bárbaros Skodnir, dos clãs da Terra Arrasada, e haviam sido derrotados. Os cavaleiros escamados que Gorazesh mandara para liderá-los foram trucidados pela mesma mortal que interrompera seu rito de invocação na Costa Serpeante. A jovem com cabelos em brasa.

A água do mar lambia os joelhos e as canelas dos bárbaros. Eles tremiam de medo e de frio. Gorazesh serpeava entre os homens, suas caudas gêmeas enrodilhando-se através da areia granulosa. As expressões nos rostos deles enchiam Gorazesh de desprezo. Ele estendeu seus quatro braços para tocá-los, arranhando-lhes as testas com longas garras. Não gritaram, mas um dos quatro começou a chorar ruidosamente quando o sangue que brotou do corte escureceu-lhe a visão. Até o desprezo era bom demais para eles. Humanos não mereciam nada.

Gorazesh impelira aqueles Skodnir contra Var Khalad. Liderados por servos fiéis, os bárbaros serviriam como distração nas fronteiras imperiais, dividindo a atenção do império com ataques furtivos. Mas havia outro bando guerreiro tomando a mesma rota, uma mistura de filhos das cinzas e hathamitas. Gorazesh instruiu seus fiéis a tomarem o controle do segundo bando, forçando os bárbaros do clã Brunehald à servidão através do Juramento dos Fortes, a lei primitiva do Povo das cinzas. Seus lacaios falharam.

Por isso a raiva, a sensação ardente em suas tripas. Ele queria retalhá-los, rasgar sua carne com dentes serrilhados, devorá-los como as presas que eram. Gorazesh sentia-se como se dois cérebros duelassem em seu crânio. Um, calculista, capaz de conspirar e planejar, e outro, bestial, desejoso apenas de morte e alimento. O segundo cérebro exigia libertar-se, mas não podia.

Gorazesh não era apenas um monstro, era o sacerdote dos abissais, arauto de Azgol Sudraszj. Precisava liderar seu povo à salvação de seu deus, não importava o quanto desejasse entregar-se à fúria cega e ao instinto animal. As vidas daqueles quatro humanos eram inúteis, mas seus órgãos frescos podiam ser usados em um ritual.

Por isso Gorazesh os trouxera à costa, para terminar o que começara ao desenhar um complexo círculo de runas e pedras na areia. O padrão circular florescia em linhas intrincadas à beira-mar. Agora que a água avançava, ameaçando apagá-lo, era hora de regar as runas com sangue humano.

Parte dos bárbaros sobreviventes agora servia à mortal tocada pela morte. Gorazesh não sabia o que pensar da jovem humana. Ela parecia instigada por algo além de simples fúria, algo maior e mais insidioso, que poderia frustrar seus planos. Mas se ela se dirigia ao império, talvez ainda pudesse ser útil. Nem que servisse apenas de distração.

Fez sinal para que seus acólitos escamados se adiantassem. Os abissais de olhos inchados sacaram longos punhais e passaram a trabalhar nos humanos ajoelhados. A maré subia, lentamente apagando o círculo de runas que Gorazesh traçara. Finalmente, os humanos gritaram, tão logo o aço mordeu suas barrigas. Cortes no pâncreas e no fígado, para sangrá-los como os porcos que eram.

— Sangue e salmoura! — exortou o sacerdote abissal — Bile espuma das ondas! O abismo reclama os humores mortais, fugidos de suas entranhas!

O sangue escorreu para fora e correu através nos sulcos na areia grossa, preenchendo o círculo de runas fluorescentes com vermelho vivo. Mas o padrão não estava completo. A maré subia, alheia aos desígnios abissais. O oceano era sua casa, mas não os serviria sem o sacrifício apropriado.

Gorazesh chiou e rosnou na linguagem abissal, presidindo sobre o rito sagrado de evocação. Seus poderes deviam ter aumentado, após as tentativas fúteis daquele filhote de deus em Var Khalad de impedir o inevitável. Mas o ritual não estava funcionando.

Com um trinado estridente, urgiu seus acólitos escamados a continuar seu ofício sangrento. Os gritos dos humanos soaram abafados, dessa vez, quando quatro punhais abriram caminho até quatro corações. O sangue verteu como um manancial sobre as runas desenhadas na areia, preenchendo os sulcos cuidadosamente traçados. Os golpes seguintes foram nos olhos, inclinados levemente acima, para alcançar os cérebros infelizes daqueles bárbaros.

Os gritos cessaram. A maré, entretanto, continuou seu curso, apagando metade do padrão rúnico de Gorazesh. Azgol Sudraszj não respondia. Gorazesh sabia o porquê.

Olhou para si mesmo, para o próprio ventre escamado. Havia uma ferida em seu abdome, um rasgo profundo, que doía mesmo revestido de tecido cicatricial. A espada de Hakim o havia ferido. Gorazesh invadira seus sonhos, tentara separar sua mente de seu corpo. O filhote de divindade podia ser ignorante e estúpido, mas era poderoso. Azgol Sudraszj recompensava poder com poder, e veria a derrota de Gorazesh como motivo de vergonha. Por isso os ritos não funcionavam.

Mas o sacerdote abissal não se deu por vencido. Ele mostraria seu poder. Com um urro gutural, voltou-se contra os humanos sacrificados, mas contra seus próprios servos. Flexionou as garras compridas, agarrou um dos acólitos escamados e puxou-o para si. A criatura silvou de surpresa e assombro, deixando seu punhal cair sobre a areia. Tentou defender-se com as próprias garras, mas eram diminutas, patéticas se comparadas ao esplendor de Gorazesh.

O sacerdote abissal mergulhou as garras no abdome do escamado, buscando seus órgãos. Os olhos esbugalhados da vítima eram incapazes de expressar terror, e apenas refletiram o ódio no olhar dourado de seu mestre. A anatomia abissal era diferente da humana, mas ainda tinham fígado e pâncreas, coração e cérebro. Gorazesh lançou-os sobre a areia, enquanto a maré avançava, impassível, inexorável.

Sangue negro borbulhou para fora, unindo-se ao vermelho da humanidade. A mescla hedionda pareceu ganhar vida própria. Estava funcionando, finalmente, mas Gorazesh precisava de mais. Azgol Sudraszj exigia devoção absoluta.

— Cria do frio e do fundo, ouça meu chamado! Progenie do abismo, erga-se! Por Azgol Sudraszj, a quem tudo pertence, eu conclamo a ti!

Os outros acólitos escamados se afastavam, com medo. Gorazesh rosnou e saltou sobre eles. Seus seis olhos dourados miraram a presa, e o sacerdote abissal estendeu uma garra espalmada, exigindo que se aproximasse. Não precisou lutar. Os dois escamados mais sábios imobilizaram o terceiro. Estriparam de bom grado o irmão incauto, derramando suas tripas, como cordas grossas, vertendo seu sangue sobre o círculo de runas, que rapidamente sumia na maré.

Mais líquido negro escorreu para preencher os sulcos na areia, mesclando-se agora à água salgada. O rito funcionaria. A mistura negro-avermelhada expandiu-se na areia, traçando o desenho feito por Gorazesh, completando as lacunas. As runas surgiram sozinhas, ecoando o padrão apagado pela água. As ondas avançaram com mais força, mas dessa vez o sangue não seria lavado. O círculo de runas era visível até mesmo sob as águas, como uma mancha de óleo que se recusava a dissipar-se. Os padrões complexos permaneceram inteiros, linhas espiraladas, trespassadas por escrita cuneiforme, versos profanos escritos em círculos concêntricos.

Gorazesh deslizou até o centro do círculo, suas caudas totalmente cobertas pela água gelada do mar do norte. Não haveria mais interrupções. Ele evocaria outra arma contra o império, como fizera em Nagrath. A Alma do Rio destruíra a represa, mas a Cria das Ondas destruiria muito mais.

— Aceite o sangue abençoado do arauto divino! — exigiu do oceano. Azgol Sudraszj ouviria, em sua prisão. — Por sangue e salmoura! Por lua e maré! Erga-se, Cria das Ondas!

O sacerdote abissal voltou as garras contra o próprio torso, arranhando, perfurando, lacerando. Cortes raivosos para extravasar sua frustração. Uivou ao verter o próprio sangue, carregado de poder e divindade, sobre a água gélida. Era um sacrifício ritual, mas também um expurgo de sua fraqueza. Gorazesh não falharia novamente.

Algo respondeu ao seu chamado. O som musical encheu seus ouvidos de êxtase. Lânguido e profundo, como o canto das baleias, mas faminto e estridente, como os gritos de aves marinhas. Aos poucos, com o erguer da maré, a Cria das Ondas elevava-se. Primeiro, como as espículas de torres gêmeas, vieram as pontas espiraladas de sua concha titânica. Depois, tentáculos carmesim dançaram na superfície, agitando ainda mais o mar irrequieto. Em vez de boca, uma rádula de quitina e ferro escuro produzia aquele canto abençoado. O som da vitória.

O som das muralhas de Imrath sendo derrubadas.

Os ventos estavam mudando, Laurent podia sentir. A estação chuvosa desenhava a mudança nas nuvens cor de chumbo, pairando sobre Var Khalad como saltadores em tocaia. Mas havia algo mais, algo que os Santos Cavaleiros sob o comando de Laurent jamais perceberiam. Var Khalad não treinava soldados, forjava armas vivas. Armas não pensam, apenas matam.

Por isso Laurent abandonou seu destacamento no meio do caminho até Valash Kha, assim que seu taumaturgo perscrutador deu-lhe a notícia. O alto clero fora chacinado, condenado por traição ao próprio Deus-Rei. Rasser Sidonus já não passava de um vegetal, enfiado em algum quarto e com um bando de cabeçudos da Academia Imperial para limpar a baba que escorria de sua boca senil. Hakim quebrara o pescoço do velho com as próprias mãos. Laurent não esperava isso dele.

Mas os ventos estavam mudando, de fato, e já não se podia esperar de ninguém o que antes parecia previsível. Por isso Laurent cavalgou sozinho pela estrada imperial, de volta a Nagrath. A paisagem árida parecia clamar pela chuva, ainda mais agora que o rio Intrépido fora envenenado. Os canais artificiais dependiam dele, e a colheita dependia deles.

Mas, pelo menos, a maldita estrada era bem mantida. Um cavaleiro obstinado poderia cruzar grandes distâncias em pouco tempo, se não fosse muito apegado a seu cavalo. Laurent era apegado a muito pouco. Sua mão restante, por exemplo.

Por muitos anos, vivera como um simples bandido de estrada. Seu grupo de facínoras e rufiões roubava prata na Nova Mordrávia, onde as estradas são tortuosas e mal patrulhadas. Os caçadores até que tentavam manter o pobre país em ordem, mas tinham problemas demais nas mãos. Então, em vez de se preocupar em tornar as estradas seguras com manutenção e patrulhas constantes, eles simplesmente

deceparam as mãos dos ladrões de primeira viagem e enforcavam os reincidentes. Foi assim que Laurent conhecera o Deus-Rei e seu pontífice. Rasser e Hakim haviam-no salvo do cadafalso, muito antes do alto clero apontar o garoto como Sucessor.

Laurent soube muito cedo que o velho clérigo e o rapaz com a espada larga eram seu passaporte para um mundo melhor. E foram mesmo. De salteador maltrapilho a arconte do Deus-Rei em um punhado de anos. Poucos o suficiente para contar nos dedos de sua mão restante. Eles ainda haviam lhe dado um pouco de magia. Cólera taumatúrgica para combinar com sua disposição inflamada. Não era o suficiente para conjurar pilares de chamas, mas os golpes da lâmina de Laurent podiam cauterizar, além de cortar.

Ele era grato a Hakim e a Rasser por tudo aquilo. Pelos Céus Exteriores, Laurent tinha a vida que pedira aos deuses! Todo o vinho que pudesse beber e todo o sangue que quisesse derramar. Era aplaudido em Imrath por ser um matador impiedoso, por levar a fúria do Deus-Rei aos inimigos de Var Khalad. Laurent era um homem feliz, e estava determinado a manter aquela felicidade, mesmo com a mudança vindo no vento.

Diziam que as bruxas eram capazes de pressentir certas coisas. Enxergar as marés da morte e as pequenas centelhas que incendeiam mentes e corações humanos. Laurent não era bruxa ou carniçal, mas ninguém sobrevive como assaltante na Nova Mordrávia sem uma dose saudável de intuição. Por isso ele abandonara seus Santos Cavaleiros. A fortaleza de Valash Kha era a coisa menos importante em sua mente enquanto ele castigava seu cavalo de batalha pela estrada ampla.

Chegou a uns poucos quilômetros do vilarejo patético e desvencilhou-se das rédeas e dos estribos, despreocupado, antes que sua montaria tombasse de exaustão. Ergueu-se com o máximo de dignidade possível para alguém que apeia em movimento. Um cavalariano saiu do vilarejo com uma remonta pronta para Laurent. Era bom demais ser um arconte. Ele precisava fazer algo antes que os ventos mudassem de vez.

O vilarejo nem tinha nome. Era apenas “o povoado de Nagrath”. Não devia existir daquela forma, afastado da estrada e da represa, e sim ao redor da fortaleza que guardava o vale. O Deus-Rei — o verdadeiro Deus-Rei — tinha sido esperto ao ordenar que o conjunto de casebres e armazéns que abasteciam a fortaleza fossem construídos longe da represa. O maldito soubera que algo como a Alma do Rio podia surgir a qualquer momento, e agira de acordo. Hakim era o novo Deus-Rei, mas não era tão inteligente quanto seu Antecessor. Graças a ele, Var Khalad corria o risco de morrer de fome e sede. Destruir a Alma do Rio fora um erro gigantesco, e

agora Laurent precisava fazer alguma coisa para remediar a situação. A sua própria situação, é claro.

O povoado estava sob a proteção de Sigismund e seus cavaleiros. Uma centena de homens seria mais do que o suficiente para manter uma pocilga como aquela em ordem, mas Sig também trouxera o dobro de servos amarantinos para transportar e proteger as armas de cerco. Aglomeravam-se atrás das paliçadas de madeira, dentro de depósitos de grãos e sob tendas de lona erguidas às pressas. Carregavam machados de lenhador e troncos dos bosques adjacentes.

Com o vilarejo apinhado de amarantinos sujos, foi difícil até para Laurent abrir caminho em meio à multidão. Os soldados saudavam-no com presteza, e os servos até tentavam dar passagem em deferência, mas nem todos conseguiam afastar-se a tempo. Laurent não se importou, era a desculpa perfeita para balançar despreocupadamente a lâmina aferrada ao coto de seu punho perdido. Sangue escorreu e chiou, evaporando com um cheiro pungente, a medida que a cólera taumátúrgica nas veias de Laurent aquecia o ar ao redor de sua lâmina. Os gritos desesperados dos amarantinos feridos atraíram Sigismund. Ele não precisou brandir o martelo de guerra para que todos ao redor se dispersassem, como galinhas fugindo de um javali.

O grandalhão envergava sua armadura negra, polida e arredondada como a casca de um besouro. Mas não vestia o elmo em formato de balde, o que roubava grande parte da ameaça que seu porte avantajado projetava. O rosto de Sig era feio, recoberto de cicatrizes graças à varíola, mas sua expressão, sempre pesarosa, revelava a fragilidade do homem. Nenhuma armadura podia protegê-lo da mágoa e do rancor. Laurent usaria isso.

— Por que você insiste em maltratá-los, Laurent? — perguntou Sigismund, suspirando. — Já não sofrem o suficiente?

— Você por acaso é a nova babá dos amarantinos, Sig? Pensei que fosse um guerreiro, que tivesse um propósito nobre. Em vez disso, é relegado a vigiar uma porção de infiéis numa vila insignificante.

— O povo amarantino está sob proteção imperial — retrucou Sig. — O Deus-Rei os defende contra os terrores que assolam Noltora. Nós somos seus arcontes, e carregamos o mesmo dever.

— Terrores? — Laurent olhou rapidamente para os lados, chacoalhando a cabeça como um louco. Então, deixou os ombros penderem para frente e inclinou o rosto para encarar o colega arconte. — Por um instante, achei que estávamos em um lugar verdadeiramente importante para o império, sujeito a ataques repentinos. Mas não, Sig, estamos em uma porcaria de terra devastada. Os terrores já chegaram e partiram, nós perdemos. Não tem nada para proteger aqui.

— O Deus-Rei sempre manda você para os fortes costeiros porque tudo o que você sabe fazer é matar, Laurent. Defender o império não significa apenas estripar abissais.

— Então você agora é um grande general? Sigismund, o gênio tático! Mestre do tabuleiro da guerra!

— Sei o suficiente para compreender que sua presença aqui prejudica nossas defesas em Valash Kha. — Sigismund falava devagar e tinha os olhos baixos. Aquele tipo de exasperação cansada era a maior reação que Laurent podia provocar no amigo, o humor melancólico que lhe dava forças também o impedia de excitar-se de qualquer modo. — O suficiente para entender que os arcontes não devem abandonar suas tarefas.

— Não me faça rir! Você era um filho das cinzas, um bárbaro inculto vagando pela Terra Arrasada, até que Hakim o recrutou. Ele o queria por ser um maníaco violento, como eu, mas a taumaturgia da bile negra transformou você num molenga. Por isso ele o rebaixou de arconte a babá de um punhado de servos e catapultas.

— As catapultas são o que vai manter o império a salvo, Laurent. Venha comigo, sim? Vou desperdiçar menos do meu tempo se puder inspecionar os construtores enquanto você esgota minha paciência.

Sigismund o levou até um trecho de descampado nos limites do vilarejo. Nagrath era uma região fértil, o celeiro do império, e seus bosques forneciam madeira boa e resistente. Todos aqueles machados que os amarantinos carregavam serviam para derrubar as árvores da região, e os servos trabalhavam a madeira sob a direção de engenheiros da Academia Imperial.

— O Deus-Rei quer mais armas de cerco — explicou Sig. — Trabucos e balestras para disparar morte sobre uma nova Alma do Rio, caso os abissais resolvam condenar outro lugar ao mesmo fim da represa de Nagrath.

Era isso que Laurent temia. Ele precisaria agir rápido, antes que Hakim pusesse tudo a perder.

— Diga que eu não sou o único, Sig. — Laurent acenou na direção dos amarantinos, ocupados com seus afazeres. A lâmina presa ao que restara de seu punho sibilava no ar enquanto ele gesticulava. — Diga que você enxerga o absurdo disso aqui.

— A estação chuvosa está sobre nós. Precisamos rechaçar os abissais.

— Não me venha com essa! Você estava lá quando nós finalmente matamos aquele maldito caramujo! A Alma do Rio tinha o tamanho de um castelo e uma concha de ferro! Destruiu metade das catapultas e sei lá quantos taumaturgos!

— Mas nós vencemos, e reconstruímos as armas de cerco — respondeu Sig, solene. — Se os abissais trouxerem outro horror invertebrado como aquele, as

catapultas e os trabucos vão derrubá-lo. Perderemos homens e armas, mas reconstruiremos novamente. É o que fazemos de melhor, Laurent.

— Não é possível. — Laurent não aguentava mais a melancolia do outro arconte. A cólera em suas veias inflamou-se espontaneamente, enchendo-o de fúria. — VOCÊ ESTAVA LÁ, IDIOTA! NÃO VIU O QUE ACONTECEU COM O RIO? PERDEMOS NOSSA ÁGUA, PERDEREMOS A COLHEITA! ACABOU, SIG!

Os servos que trabalhavam ao redor, cabisbaixos, viraram suas cabeças na direção do grito esganiçado do arconte maneta. Laurent odiou a si mesmo por perder a paciência. Na estrada, um salteador impetuoso é um homem morto, mas o humor taumátúrgico em suas veias era mais forte que seu autocontrole. Melhor gritar agora do que partir um inocente ao meio com a espada depois. Os sacerdotes o faziam preencher uma papelada enorme toda vez que matava alguém sem motivo.

— Hakim confia em nós — disse Sigismund. O grandão não gritava, exceto quando queria assustar alguém no campo de batalha. — Ele precisa de mim para proteger as armas de cerco. Precisa de você para defender Valash Kha. Você não devia ter vindo.

— Esse é o problema, meu amigo. Nosso rapaz está confuso. Não sabe o que fazer e está nos desperdiçando com causas perdidas.

Aquilo finalmente provocou uma reação em Sigismund, que encarou Laurent como se tivesse acabado de ouvir uma blasfêmia obscena.

— Não dê uma de beato agora, Sig. — Laurent abaixou a voz. — Hakim é um bom comandante. Diabos, ele é o melhor espadachim que conheço. Mas nós dois sabemos que ele é apenas humano.

Era uma verdade desconfortável. Mesmo com magia, cavalos treinados e o melhor aço do continente, Hakim não era diferente de um líder de assaltantes de estrada. Laurent já seguira muitos homens talentosos, afiados no combate e nas finanças. Todos eles tinham algo em comum: chegava o dia em que eram derrubados. Às vezes, traídos pelos próprios companheiros, outras, por uma faca sortuda em uma briga. Mas quase sempre eles caíam sem que ninguém interviesse.

Queriam demais, estendiam-se demais em sua ambição. Hakim não era diferente. Laurent precisava evitar que a queda dele levasse o império abaixo. Ao menos, precisava evitar ser soterrado quando tudo desmoronasse.

— Ele nos salvou, seu bastardo ingrato! — grunhiu Sigismund. — Eu era um inválido quando conheci Hakim. Um covarde que desistira de tudo, entregue à bebida. Hakim não só impediu minha morte, mas deu sentido à minha nova vida. Tenho uma dívida de sangue com ele.

— Se depender dele, essa dívida nunca será paga.

— Nós lutamos lado a lado por anos, Laurent! Você deve ter perdido uma parte do cérebro, além da mão, se não se lembra do que já enfrentamos!

— Bravo, Sig! Não pensava que você era capaz de um insulto tão bom! Eu lembro muito bem. Bárbaros, amarantinos rebeldes, necromantes de meia pataca. Nenhum desafio real, nada que ameaçasse o Deus-Rei. Agora que o império está realmente em perigo, ele te manda para um posto afastado da linha de frente.

— Suas palavras estão soando parecidas demais com traição, Laurent.

Sigismund levou a mão ao cabo do martelo de guerra. Ótimo. Laurent conhecia a raiva, podia usá-la.

— Não meu amigo, eu quero salvar Hakim dele mesmo. Fale a verdade, você está satisfeito aqui? É para isso que você recebeu vida nova, para ser um intendente, um capataz dos amarantinos?

— Claro que não. Eu queria lutar ao lado dele, como irmão de batalha. Eu pedi a ele que me deixasse segui-lo até Imrath, mas ele não permitiu. Disse que eu era o único em quem confiava para tomar conta de Nagrath.

— Não confia tanto assim. Não quis que você interferisse.

— O que quer dizer?

— Ele não te deixou nenhum taumaturgo perscrutador, você não tem como receber nenhuma comunicação da capital.

— Não estamos tão longe de Imrath — retrucou Sig. — Assim que a construção dos trabucos terminar eu os levarei até Hakim.

— Você realmente não sabe, não é? Hakim passou a espada no alto clero, não sobrou ninguém. Nem mesmo o velho Rasser.

Sigismund ainda tinha a mão firme do cabo de seu martelo de guerra. Ao ouvir as notícias, ele sacou a arma por puro reflexo.

— Não é possível, Rasser é como um pai para ele!

— O rapaz meteu os pés pelas mãos, meu amigo. Precisamos ajudá-lo, mesmo que ele não concorde com o que temos que fazer. É melhor que ele nem saiba.

— E o que faremos? — quis saber Sig. Sem nem pensar sobre o assunto, ele já estava pronto para agir.

No antigo bando de salteadores de Laurent, brigas pelo poder eram constantes. O segredo de sobreviver a elas era sempre se juntar ao grupo mais forte. Mas agora, isso não era uma opção. Laurent duvidava que os abissais o deixariam manter o título de arconte com todos os privilégios. Então ele precisava se certificar que a humanidade ganharia a maldita guerra. Qualquer que fosse o preço.

— Vamos fazer o que Hakim quer, meu amigo. Vamos assegurar o futuro de Var Khalad.

Zithrishazir estava morrendo, mas estava feliz. Sua vida era insignificante, mas seu deus era eterno, glorioso. Seu sacrifício era um preço ínfimo a pagar,

mesmo que o processo fosse lento e torturante.

Hakim se esforçara, dera-lhe água salgada e peixe fresco. Mantinha-a num aposento amplo e inundado. Prisioneira, sim, mas tratada com respeito. Era belo o modo como ele se preocupava, mas Zith morreria, mesmo assim. Suas escamas já não tinham brilho, e simplesmente desprendiam-se da pele. Os filamentos em sua cabeça, que aos humanos pareceriam cabelos molhados, estavam secos e quebradiços. Sem sua metade encouraçada e longe das profundezas do oceano, Zith definharia. Se Hakim se demorasse um pouco mais em visitá-la, encontraria seu cadáver, roxo e inflado, boiando na água salina de sua cela oculta.

Não faria diferença. As peças já estavam em movimento. Hakim estava no caminho certo, e Gorazesh não o deteria. O sacerdote abissal podia ser poderoso, mas era um tolo. O Sucessor do Deus-Rei de Var Khalad não seria mais subjugado por outra das crias de Azgol Sudraszj. Gorazesh, mais do que todos os outros, devia saber disso.

Talvez Uddra Ranthep pudesse impedi-lo, Zith sabia que ela havia escolhido uma mortal como sua agente deste lado do véu. Mas Zith suspeitava que Hakim estava preparado para enfrentar os Servos da Morte, e sairia vitorioso. Se aceitasse seu destino, nada seria capaz de derrubá-lo. Quando sobrepujasse todos seus inimigos e alcançasse o ápice de seu poder, o Deus-Rei cederia de bom grado a Azgol Sudraszj.

Batidas violentas contra a porta de aço da cela inundada anunciaram um visitante. Ele não esperou resposta para entrar.

— Hora de ir, criatura — disse o cavaleiro. Victus ou Corant, Zith não sabia dizer. Humanos eram todos iguais para ela. Todos, menos Hakim. Hakim era perfeito. — O Deus-Rei quer vê-la!

Zith preferia encolher-se no fundo do aposento inundado, longe da borda de mármore diante da porta metálica. No fundo e no escuro ela esperava pela morte, mas ela encararia a luz e o ar cortante por Hakim. Em breve ele se tornaria tudo o que nascera para ser. Parte de algo maior que o império, maior que a humanidade. Imortal. Glorioso.

Mesmo fraca, encontrou energia para subir à superfície. Queria que ele soubesse o quanto era importante. Mas se ele soubesse, a rejeitaria. Por isso, Zith tinha que ser cuidadosa. Mas Hakim não estava a sua espera.

Em vez disso, havia apenas os dois cavaleiros, Victus e Corant. Eles a odiavam, e ela os odiava de volta. Infelizmente, sem sua metade encouraçada, Zith não podia fazer nada contra os malditos. Eles a maltratavam, e já haviam lhe ferido, antes que Hakim os ordenasse a parar. Agora eles apenas a encaravam com desprezo, como se ela fosse alguma coisa indigna, hedionda.

— Onde está meu senhor? — indagou Zith, tímida. A língua humana soava estranha em sua boca, como um emaranhado de algas. Complexa demais, ineficiente.

— Achou que o Deus-Rei se dignaria a visitá-la? — riu um dos cavaleiros. — Você irá até ele, criatura desprezível.

— Seu coche a espera, monstro — disse o outro, impassível.

Eram eles os desprezíveis, os restos infelizes de um mundo que se recusava a morrer. A humanidade via os abissais como monstros inimigos, mas, na verdade, o povo de Zith só queria o melhor para Noltora. O fim.

Eles a carregaram até a carruagem fechada. Melhor assim. Zith não era capaz de se locomover em terra sem sua metade encouraçada. Mesmo que fosse, não conseguiria. Sentia seus membros atrofiarem a cada dia, a morte não estava tão longe. Logo ela retornaria a Azgol Sudraszj.

Hakim também não estava na carruagem. Só uma tina de cobre a aguardava dentro do veículo, cheia com água do mar. Victus e Corant a puseram na água e fecharam a carruagem com violência. Instantes depois, Zith ouviu o ruído dos cascos dos cavalos e o ranger dos eixos das rodas. Para onde eles a estavam levando?

Havia uma minúscula janela na lateral do coche, protegida por grades metálicas. A luz solar penetrava pelas frestas entre as barras de ferro e feria os olhos de Zith. O maldito sol da superfície seria capaz de cozinhá-la viva, se não estivesse no interior do coche escuro. Algumas nuvens fizeram-lhe o favor de encobrir parte do brilho horrível, e Zith pôde ver a cidade.

Imrath era uma ofensa, erguida sobre mentira e traição. Aquelas construções brancas, ostentando falsa pureza, deviam ter sido engolidas pelo mar, como a ilha de Uru Hatham. Os ilhéus tiveram o fim merecido, mas seus descendentes perpetuavam seus crimes, e aquela cidade existia como prova dos pecados da humanidade. Seu poder era uma farsa, e seus habitantes pertenciam a Azgol Sudraszj. Tudo pertencia a Azgol Sudraszj. O grande mestre dos abissais reclamaria aquela farsa e os levaria à realidade, tão logo Hakim cumprisse seu destino.

Onde estaria o Deus-Rei de Var Khalad agora? Se ele precisasse perguntar algo a Zith, ele a visitaria em sua cela. Era mais seguro. Em vez disso, mandara buscá-la. Aquilo perturbou-a, talvez os cavaleiros a estivessem levando sem o conhecimento de seu senhor. Eles machucaram-na antes, poderiam muito bem fazê-lo novamente.

Surpreendeu-se ao descobrir que ainda era capaz de sentir medo. Esperava a morte de braços abertos, mas não a dor. Tentou se debater, chamar a atenção dos cavaleiros. Não adiantou. Os cascos dos cavalos continuavam a tamborilar nas pedras e as rodas da carruagem-prisão giravam, inexoráveis. Havia pessoas nas

ruas, ela podia ouvi-las do lado de fora, seus passos e vozes soando abafados. Poderia chamar a atenção de outros humanos, revelar que era mantida prisioneira em segredo. Gritou.

O som morreu em sua garganta como um chiado. Estava fraca. Seus pulmões eram pequenos, encerrados em um tórax esquelético. Não havia escapatória. Hakim estaria ocupado demais para preocupar-se com uma prisioneira, com certeza Victus e Corant a levariam a algum lugar ermo para torturá-la. Não gostavam de como Hakim passara a confiar nela.

Buscou a calma interior. Seu papel fora cumprido, dera ao Deus-Rei a verdade, mas apenas o suficiente para pô-lo no caminho certo. Ele já eliminara os sacerdotes que desejavam controlá-lo. Derrotaria as forças de Gorazesh, e qualquer outro que tentasse interferir. Tornara-se verdadeiramente soberano, e seu poder só cresceria. Essa era a passagem para Azgol Sudraszj.

Zith podia descansar em paz, mesmo que antes do fim viesse a dor. Que os cavaleiros fizessem o seu pior. Em breve a farsa da humanidade seria desfeita, e a verdade os consumiria.

Ficou tão absorta nos próprios pensamentos, ou talvez seus sentidos estivessem tão embotados pela fraqueza, que demorou a ouvir os gritos das gaivotas e sentir o cheiro de sal. Só então ela entendeu o que viria a seguir. Hakim era perfeito. Piedoso, justo, poderoso, ingênuo.

Zithrishazir viveria.

Para garantir que o Deus-Rei alcançasse seu destino.

Capítulo 01

A Terra Arrasada era a maior região de Noltora, um território agreste e indomado. Todas as nações do continente, juntas, não chegavam a igualar em extensão a área maculada pelos nocivos efeitos colaterais da Devastação. Estudando os mapas de Sev, Moira notou que as escalas eram deturpadas, de modo a retratar as ditas “nações civilizadas” como maiores do que realmente eram.

Um dos mapas, feito por um cartógrafo imperial, ilustrava Var Khalad com proporções muito superiores ao restante do continente, detalhando ricamente cada dobra do relevo e cada estrada de pedra calçada, enquanto os demais países eram traçados amorfos, simplesmente denominados “reinos hereges”, e a Terra Arrasada era representada por um corte irregular, com uma espécie de olho maligno estilizado no centro, representando as ruínas de Thelemos.

Um mapa mordravo tinha traços meticulosos nas fronteiras com Solúmbria e Vascócia, e detalhava as minas de ferro ao longo da Espinha do Dragão, enquanto Var Khalad era vagamente representada como uma ameaça longínqua, afastada pela vastidão erma da Terra Arrasada. Outro, dos hathamitas, delineava apenas rotas mercantes e pontos de parada relativamente seguros, provavelmente fora tornado obsoleto depois do fiasco da caravana Ur-Lehesh. Um terceiro, vascocês, parecia obcecado com altitudes e relevo, mas também registrava um número aproximado de habitantes de cada região nos últimos cinco anos. Os mapas eram muito diferentes entre si, mas em todos viam-se múltiplas rotas por onde adentrar Var Khalad. Então por que Nehisi escolhera justo Valash Hol, a Fortaleza Nordeste?

A Grande Caravana deixou o Corredor de Skrall, e a planície suave deu lugar a uma paisagem rochosa, que limitava a mobilidade. Afunilaram-se em uma passagem estreita entre duas cadeias montanhosas. Em condições normais, Andvar jamais aprovaria aquele percurso. Moira imaginava que a descoberta da mentira de Nehisi sobre verdadeiro destino do príncipe Haramad destruiria a confiança de seu tio na princesa mercante, mas o contrário aconteceu. Ela havia usurpado a carga preciosa de seu irmão ao descobrir que ele selara um pacto com os abissais, salvando o restante da caravana antes que Haramad impusesse a eles a mesma transformação que aceitara de bom grado. Andvar ganhou novo respeito por sua contratante. Moira ainda se perguntava como exatamente aquela transformação hedionda de homem em abissal podia ocorrer, e se os hathamitas estariam realmente a salvo daquele perigo.

Penetrando cada vez mais fundo por entre as rochas, a luz solar era bloqueada pelas montanhas, escurecendo a visão. Moira se voltava para olhar o céu, como uma rachadura luminosa entre contornos de rocha. Sentia-se presa ali, e buscava nas alturas uma forma de escapar. Estavam indefesos contra um ataque vindo das montanhas ou mesmo um simples deslizamento de terra. Forçados a estender-se numa fila comprida de vagões e cavalarianos, lutar ali seria impossível. Se Moira libertasse suas sombras contra qualquer inimigo, feriria seu próprio bando.

Sev e Morsov viajavam no centro da linha de vagões, em uma de suas carruagens mais luxuosas. Istvan, habitando seu novo corpo, horrendo e gigantesco, fora forçado a esconder-se num vagão de carga separado. Moira já não passava mais tanto tempo na companhia dos irmãos. Curiosamente, isso a incomodava.

Após o terrível embate contra cavaleiros abissais e um bando guerreiro Skodnir, Moira derrotara Orieff, o líder do bando inimigo, em um duelo justo. Pelo menos, tão justo quanto uma luta entre um matador escravizado por abissais e uma garota tocada pela necromancia podia ser. Agora, Moira era responsável pelos Skodnir sobreviventes. O Juramento dos Fortes, a lei que governava os clãs da Terra Arrasada, obrigava que os seguidores do chefe guerreiro derrotado jurassem lealdade a ela, ou morressem. Assim era a vida dos filhos das cinzas, de guerra constante e mudanças repentinas, até que um único chefe guerreiro surgisse para uni-los. Só então travariam a Última Guerra, a conquista total do continente.

Os Skodnir ainda viam Moira com desconfiança. Ela dominava uma versão deturpada da necromancia, estava ligada às sombras inquietas de seu antigo bando, massacrado pelo clã Torgren com ajuda dos taumaturgos de Var Khalad. Essas almas torturadas, junto com a estranha cicatriz que deixara parte do rosto de Moira cinzento e mortiço, renderam-lhe a alcunha de Meio-Morta. Ela odiava o nome, mas ele impunha medo, e isso era bom. Evitaria que tentassem assassiná-la.

Alguns aceitaram-na mais rapidamente. Os mais jovens entre os Skodnir rendidos — uma garota de cabelos escuros chamada Ilya, seu irmão caçula, Borlund, e um grandalhão de olhos miúdos, chamado Firaggi — já tratavam Moira com respeito. Ela poupou suas vidas na batalha, e assim ganhara sua lealdade. Só havia um problema. Ilya queria se tornar uma necromante.

Moira não tinha a menor ideia de como ensinar à outra jovem o que via como uma maldição, mas a garota insistia. Sua presteza em atender aos comandos da Meio-Morta chegava a ser irritante. Se a Ilya se aproximasse demais de Morsov, querendo aprender, podia acabar enredada nos esquemas de Jarisev. Por isso Moira franziu o cenho quando a jovem Skodnir procurou-lhe e disse que o necromante e o ladrão de túmulos queriam conversar.

— Fique com Firaggi e os outros, na retaguarda. — Moira ordenou. Não queria que a garota achasse que estava convidada para a discussão. Era melhor mantê-la longe daqueles dois.

Apesar do luxo, a carruagem dos irmãos tinha um cheiro pungente de infecção. Morsov havia sido ferido durante a escaramuça com os Skodnir e seus mestres abissais. Fora apunhalado no abdome, e a ferida não estava cicatrizando como deveria. Um nó formou-se subitamente na garganta de Moira quando avistou Morsov, deitado no interior da carruagem. Parecia tão fraco, envelhecido, até. Seu primeiro instinto foi correr para inspecionar o ferimento, mas o necromante ergueu uma mão apaziguadora, indicando que estava bem.

— Ninguém está mais preocupado com Morsi do que eu — disse Sev, que inspecionava cuidadosamente um embornal de viagem, procurando por algo. — Mas estamos chegando na fronteira com Var Khalad, e precisamos tratar de negócios.

— Devia se preocupar mais, Jarisev — retrucou Moira. — Eu já perdi uma irmã, e a dor não vai embora. É pior que uma sombra inquieta.

— Calma, Moira — pediu Morsov. O necromante era mais novo que o irmão ladrão, mas agora aparentava quase a mesma idade. A mesma energia que roubara a cor das faces de Moira deixara a barba de Morsov totalmente grisalha, e as bandagens que envolviam sua barriga o faziam parecer frágil.— Sev está certo. Temos que agir rápido, ou não é só minha vida que estará em perigo.

Sev retirou alguns objetos do embornal e deu-os a Moira, que reconheceu-os imediatamente, mandara que Ilya os apanhasse em segredo, após o duelo contra Orieff. Ossos de abissal, fervidos e limpos, e dois potes de argila contendo as cinzas dos guerreiros mortos em batalha. Ingredientes de um rito necromântico.

— Você está fraco demais para lidar com espíritos, Morsov. Precisa conservar suas forças!

— Eu não vou gastar energia alguma — explicou Morsov. — Você vai me ajudar com isso, Moira.

Ela assentiu e entregou-lhe os reagentes coletados por Ilya. Morsov começou a trabalhar com os ossos de abissais, amarrando-os uns aos outros, e então decorando-os com dentes e pedaços de crânio. Os ossos das criaturas eram curiosos, um tanto finos e flexíveis demais, cheios de espinhas quebradiças. Morsov confeccionou um par de amuletos a partir deles, semelhantes aos que Moira vira adornando várias casas ao redor de Akhenatos.

— É uma cerca fantasma? — quis saber. — Como aquela na casa segura?

— Preste atenção na geometria — disse Morsov, lecionando. — É similar, mas os ângulos estão invertidos. Isso terá o efeito oposto das cercas.

— Bem pensado — disse Sev. — Com certeza haverá taumaturgos em Valash Hol. — Isso vai tirá-los do nosso pé.

— Exatamente, Sev. Imagine se todo esse nosso trabalho só servisse para sermos pegos na fronteira de Var Khalad? Agora faça o que eu disser, Moira.

Ele estendeu os amuletos ósseos para que ela os tocasse. Permaneceram na mesma posição por algum tempo, ambos com os braços estendidos, tocando as pontas opostas dos ossinhos afiados dos abissais.

— Eu já te vi compelir suas sombras a fazer coisas muito mais complexas que isso — disse Morsov. — Preciso que force duas delas a habitar os amuletos.

O primeiro instinto de Moira foi de soltar os delicados construtos ósseos. Não se desfaria delas. As sombras eram seu bando, sua família. Mas então percebeu que aquele pensamento não vinha inteiramente dela. As próprias sombras, possessivas, abominavam a ideia de separar-se de Moira.

— Você é capaz — incentivou Morsov. — Eu vou direcionar a energia das sombras para o propósito dos amuletos. Elas retornarão assim que atravessarmos a fronteira.

Confiando em seu mentor, em seu amigo, Moira alcançou as sombras em sua espada, as sombras dentro de si. Havia muitas, membros de seu bando assassinado. Chamou por Sigrin e Vyra. Irmãs gêmeas para amuletos gêmeos. Se fossem compelidas a sair juntas, talvez relutassem menos. Elas protestaram com a ardência chamejante que já era familiar a Moira. Forçou-as para dentro dos amuletos.

Dor cortante dardejou através de seus braços, e Moira viu o efeito das sombras sobre Morsov. O pobre necromante cerrou os dentes quando o calor espectral o alcançou. Moira temeu por ele, mas apenas por um instante, pois no momento seguinte Morsov mergulhou os amuletos nas urnas de argila com as cinzas dos guerreiros e vedou-as com tampas simples, em forma de domo.

— Meus protetores! — Morsov exclamou, arfando. — É isso que você sente toda vez que se abre para elas?

— Já me acostumei — confessou Moira. — Você não sente o mesmo com Istvan?

Istvan era tio de Sev e Morsov, e seu espírito estava ligado ao necromante. Segundo ele, a alma torturada do tio viera pedir-lhe ajuda para desfazer as amarras que a prendiam no mundo físico. Morsov o fizera habitar um cadáver de carniçal, mas após um encontro infeliz com uma bruxa do Pacto de Lunarrubra, o necromante preparara um enorme construto de carne morta como corpo para seu tio falecido, um gigante morto-vivo para enfrentar os abissais e os Skodnir.

— De jeito nenhum — respondeu Morsov. — A necromancia é uma arte pacífica, em circunstâncias normais.

— O que quer dizer?

— Que empregar sombras inquietas para abastecer suas manifestações necromânticas é algo perigoso. Quando tudo isso acabar, você terá que se acostumar à ideia de separar-se das sombras de seu antigo bando.

Uma pontada de dor atingiu em cheio as têmporas de Moira. A espada empenada e inacabada, deixada por seu pai como presente derradeiro, praticamente pulou para fora da bainha. As sombras encerradas no aço não gostavam nada daquilo. Ela ainda podia sentir Sigrin e Vyra, forçadas a habitar os amuletos e encerradas nas urnas. Estavam iradas, protestavam, ardiam. As urnas tremeram.

— Isso é normal, Morsi? — indagou Sev.

— Não!

Uma nuvem de cinzas explodiu para fora dos vasos de barro. O interior da carruagem foi todo tomado pela fuligem. Uma fumaça escura e espessa emanou dos amuletos, escapando para o exterior do coche. Moira não podia enxergar, mas ouviu as imprecações do lado de fora enquanto homens e cavalos eram pegos de surpresa pela nuvem negra.

— Chifre torto e casco partido! — exclamou Sev. — Mantenha essas coisas sob controle, Moira!

Moira não sabia exatamente como devia funcionar o ritual, mas sabia como se comunicar com suas sombras. Vyra e Sigrin ainda estavam nos amuletos, mas estavam manifestando algum poder necromântico. Elas sussurravam na mente de Moira.

Fumaça. Você pediu fumaça.

Quer sumir. Quer se esconder.

Fumaça obscurece, mas precisa de fogo.

Precisa queimar.

Moira sentiu a dor das chamas. O fogo taumatúrgico de Var Khalad, que carbonizara sua família e seus amigos. Eles ainda o sentiam, presos em sofrimento eterno. Era justo que ela o sentisse também. Era por isso que queria alcançar o império. Para vingar-se do Deus-Rei. Para queimá-lo.

As sombras responderam ao chamado da vingança, e se puseram sob o controle de Moira novamente. Ela ordenou que habitassem os amuletos, enquanto fosse necessário. A fumaça rareou, tornando-se cinzenta como neblina, antes de finalmente evanescer.

— Pelo casco partido do diabo! — Sev tinha o rosto enfiado no chapéu de abas largas. Ele não suportava a visão de mortos-vivos. — O que foi aquilo?

— A prova do que acabei de dizer — respondeu Morsov, depois de tossir um bocado de fuligem. — Sombras inquietas deturpam até mesmo as manifestações

mais básicas. Isso deve servir para nos ocultar de perscrutadores imperiais, mas talvez eles percebam que tem algo errado.

— É claro que tem algo errado, irmãozinho. — Uma caravana hathamita está batendo à porta de Var Khalad, com uma escolta de bárbaros, para oferecer-lhes cavalos canibais vasgoces como presente!

— Quando você descreve as coisas desse jeito — comentou Moira. — A presença de um necromante e um ladrão mordravo parece insignificante.

— E é — concordou Morsov. — O que precisamos esconder é o morto-vivo gigante que nos acompanha. Por isso precisamos conjurar um véu necromântico, uma barreira extra, contra taumaturgos fleumáticos.

— Fleumático, colérico, melancólico — resmungou Sev —, por que diabos a magia imperial sempre soa como um tipo de doença contagiosa?

— É o que eles são — respondeu Moira. — Uma doença que precisa ser combatida. É pra isso que estou aqui.

— Está aqui para me ajudar a roubar as relíquias do túmulo de Amarante — corrigiu Sev.

— Relíquias que Morsov diz que podem ter grande potencial necromântico, e que vão despertar uma revolução entre os amarantinos.

— Esse é o plano. Então vamos ficar bem quietinhos até atravessarmos a fronteira, está bem?

Após o estranho ritual, Moira retornou à retaguarda da caravana, para guiar seus novos seguidores Skodnir. Ultha, a capitã do bando guerreiro de seu tio, seguia a seu lado. Ela parecia interessada em ajudar Moira a tornar-se uma verdadeira líder. Andvar mal dirigiu a palavra à sobrinha desde que a Caravana Ur-Lehesh se embrenhara nas passagens montanhosas. Ele e o capitão da guarda da princesa mercante Nehisi encabeçavam a fileira, alertando sobre os percalços no caminho. Entrariam no império por Valash Hol, uma fortaleza conhecida por defender com tenacidade ferrenha a fronteira khaladina.

Morsov confiava plenamente nos amuletos ósseos para esconder emanções necromânticas. Um ficaria com Istvan, escondido em seu vagão de carga, e outro com a própria Moira, para mascarar as sombras em sua espada retorcida. Sigrin e Vyra lhe falavam em sussurros, uma ecoando a frase da outra.

Faça parar.

Faça a dor parar. Ela queima.

Deixe-nos sair. Deixe-nos queimar.

Queime conosco.

O poder das sombras surgia junto com o eco de sua morte, do horrível massacre do assentamento incendiado onde Moira perdera os amigos, os pais e a

irmã. Para que Vyra e Sigrin mantivessem a proteção ativa, deviam sofrer até que deixassem Valash Hol. Elas queriam sair, voltar para a espada, para junto de Moira.

Mas as sombras não eram o único espírito inquieto ali. Istvan não parecia nada bem, confinado a um vagão que mal podia conter sua forma titânica. Ele estava preocupado com o sobrinho, ela sabia. A ferida de Morsov não parecia infeccionada, mas não dava sinais de melhora. Sua aparência, já envelhecida após a jornada sob o balé de cores do campo estelar, estava ainda pior, com olhos e bochechas afundados, além da barba embranquecida. O espírito de Istvan parecia sentir uma necessidade incontrollável de proteger os sobrinhos, e diante de um perigo que não podia ser afastado com punhos ou garras, tornava-se instável.

A caravana se dirigia a uma enorme cratera escavada na rocha, uma espécie de vale artificial esculpido por mãos humanas, amplo o suficiente para acomodar múltiplas caravanas. Diante dela, um paredão rochoso se elevava. Não era uma muralha, mas uma formação natural, uma falha na rocha que se erguia como se o próprio Deus das Cinzas quisesse impedir-lhes o avanço. Era cortada por uma fresta de paredes lisas, calçada com granito branco, que levava a um enorme portão levadiço, protegido por grades metálicas. Era Valash Hol, a Fortaleza Nordeste, escavada na própria pedra, última barreira de Var Khalad.

Moira encarou o paredão novamente, cerrando os olhos. O que pareciam irregularidades naturais na rocha eram, na verdade, seteiras e alcovas escavadas com cuidado. Haveria arqueiros e balestras de prontidão, vestidos com mantos da cor da rocha. Esperava que os soldados do Império do Sol alardeassem suas cores, como os malditos orgulhosos que eram. Naquela fortaleza, no entanto, pareciam bastante inclinados ao subterfúgio. Por que, brasas a queimassem, Nehisi tinha escolhido levar a Grande Caravana justamente aquele canto amaldiçoado do império? Duvidava que o Povo das Cinzas fosse bem-vindo ali.

Antes que Moira e seus Skodnir pudessem descer e se juntar aos outros, Sorg, o escaldo, veio em sua direção, cavalcando um marchador hathamita jovem e cheio de energia. Trazia seus chocalhos enfiados em um fardo cheio de palha, impedindo que fizessem barulho. Os braços enfraquecidos do escaldo estavam enrolados com múltiplas voltas de bandagens que exalavam um cheiro almiscarado esquisito. Ele cumprimentou Moira da mesma forma como se reportava a Andvar, uma saudação a um chefe guerreiro.

— Já me despedi de seu tio, mas não podia partir sem dar meus cumprimentos a Moira Meio-Morta.

— Não gosto desse nome — retrucou. — Você sabe muito bem.

— Uma pena — o escaldo sorriu. — Ele é seu agora, e o distinguirá durante o que está por vir.

— O que quer dizer, Sorg? Um escaldo não precisa soar poético o tempo todo, sabia?

— Eu sirvo aos anciões, Moira Meio-Morta, à memória viva do Povo das Cinzas. Memória exige poesia — Sorg insistia em chamá-la pela alcunha nada lisonjeira, um lembrete da cicatriz que conspurcava sua face, de seu olho esquerdo drenado de cor e de vida. — Eles tiveram uma revelação através de um sacrifício de sangue, e me enviaram até Andvar dos Bruneald. Eu acreditava que era ele quem eu deveria observar, mas depois do que passamos, acho que era você o tempo todo.

— Não seja idiota, Sorg. Não sou uma grande guerreira, nem uma líder — Moira achou graça do comentário do escaldo. — Não sou sequer uma Senhora da Morte, como você alardeou quando duelei com Orieff.

Com uma medida, o escaldo se afastou, cavalgando na direção oposta à caravana, de volta à estreita passagem montanhosa.

— Mas em você eu vejo a semente de todas as três! — Sorg riu. — Você é mais promissora que Dorrage Torgren, Moira Meio-Morta!

— Para onde você vai? Se eu sou tudo isso que diz não deveria permanecer ao meu lado?

— Os Anciões precisam saber que os portentos que viram no sangue são verdadeiros! — bradou o escaldo, já longe demais para conversar em voz baixa. — Quero estar bem longe daqui quando os Santos Cavaleiros chegarem!

— Santos o quê? — indagou Moira, mas a resposta vinha a galope. Quando Sorg sumiu de vista, Moira ouviu o som metálico de correntes e o ranger de engrenagens. O mecanismo recolhia as grades e baixava a porta levadiça sobre a estreita abertura que levava ao interior de Valash Hol. Mal a madeira tocou o solo, o estrondo de cascos inundou o vale rochoso, como um rio que se vê finalmente livre de sua represa.

Capítulo 02

A fabulosa biblioteca do Grande Templo era um dos maiores tesouros de Var Khalad. Ao adentrar a seção principal, Hakim deixou que a visão de todos aqueles volumes cuidadosamente catalogados, aninhados em prateleiras que cobriam todas as paredes visíveis, lhe inspirasse a ter um pouco mais de humildade. A história do império estava registrada ali, assim como a história de Noltora, com todos os seus países e governantes, antes e depois da Devastação. Um dia, seus feitos se juntariam aos milhares de volumes como mais uma nota breve na cronologia das eras. Um registro que sequer o mencionaria pelo nome, pois para a história não existia Hakim, apenas o Deus-Rei.

A biblioteca do Grande Templo mantinha para si os tomos mais raros do império, e sua seção restrita abrigava até mesmo volumes proibidos. Suas menores salas de estudo continham mais segredos do que se poderia desvendar em uma vida inteira. Ali, Hakim buscava as respostas que ainda lhe escapavam sobre a conspiração enraizada no clero khaladino, sobre o avanço incansável dos abissais, e sobre os estranhos pergaminhos que confiscara do culto herege que se congregava nas catacumbas sob o templo.

Ocorreu-lhe que o mestre dos escribas estava morto. Balam se revelara um oponente formidável, apesar da idade. As costelas de Hakim ainda protestavam um pouco quando inspirava fundo, um lembrete doloroso de que até o clérigo mais insuspeito podia fazer parte daquela conspiração profana.

Um sacerdote alto e magricela veio ao seu encontro. A reverência que prestou ao Deus-Rei tornou-se desconcertante a medida que dobrava seu torso fino e movia seus braços excessivamente compridos em uma saudação tradicional dos feldari.

— Sou iluminado por sua presença, glorioso Deus-Rei — disse o homem. A máscara bicuda da tribo feldari parecia não se encaixar direito ao rosto do sacerdote. — Sou o alto bibliotecário Jarid, encarregado desta esplendorosa coleção.

— Pretendo fazer uso da biblioteca, meu bom Jarid.

— Que dia glorioso para nós, escribas! — regozijou-se Jarid. — Posso providenciar quaisquer volumes que Sua Santidade desejar. Gostaria que eu preparasse alguma seção em particular para suas necessidades?

— Seria perfeito — disse Hakim. — Vou precisar da biblioteca inteira.

A máscara feldari pendeu para o lado, dando à expressão de confusão do clérigo um ar ainda mais cômico.

— Como assim, meu senhor?

A biblioteca ficaria sob os cuidados Kamash, antigo senescal de Hakim, antes de Garad e suas lições de taumaturgia tornarem-se uma necessidade. O velho taumaturgo ainda mantinha o posto, mas ao confiscar seu estoque de fleuma taumatúrgica, Hakim o impedira de se recuperar do uso extenuante da projeção astral. O feldari foi escoltado imediatamente a seus aposentos para um repouso prolongado assim que as tropas do Deus-Rei cruzaram os portões de Imrath. Era cruel privá-lo da fleuma, Hakim sabia, mas não podia arriscar.

Garad havia sido indicado como seu professor nas artes taumatúrgicas por Rasser, o homem que ousara manipular Hakim como um fantoche. Todos ligados a ele estavam sob suspeita. Mesmo com o alto clero dissolvido, Hakim ainda precisava estar atento a sinais de conspiração. Com o pontífice incapacitado, ele restauraria Kamash a seu antigo posto e enviaria o velho perscrutador para algum dos fortes do interior.

— Evacue a biblioteca, alto bibliotecário — explicou. — Recolha-se com todos os seus escribas e ajudantes. Não quero ser importunado em minhas leituras.

O esqualido feldari ergueu os braços, atordoadado pela magnitude da tarefa, mas no instante seguinte saiu a passos largos por entre as altas prateleiras, revirando cada canto e cada nicho, batendo palmas e convocando cada acólito e noviço, ordenando que suspendessem as atividades. Os feldari sempre intrigaram Hakim, mas aquele homem em particular carregava um tipo diferente de estranheza. Quando finalmente deu conta de evacuar as últimas salas de leitura, Jarid retornou a Hakim com outra medida perturbadora.

— Posso auxiliá-lo em algo mais, ó Enviado dos Céus Exteriores?

— Aponte-me o caminho da seção de livros restritos, depois saia.

Jarid revelou-lhe um lance de escadas, oculto atrás de uma prateleira. Retirou do pescoço uma corrente fina, da qual pendia uma chave pesada. Fez menção de entregá-la a Hakim, que recusou.

— Nenhuma porta em var Khalad fica fechada para o Deus-Rei, meu bom Jarid — Hakim tinha a chave mestra do Grande Templo, afinal. — Mande chamar Kamash para mim, ele já sabe onde me encontrar.

— Imediatamente, senhor, mas insisto que leve a chave consigo. Antes do... Incidente na Tribuna dos Justos, o Sumo Pontífice ordenou que as trancas da seção restrita fossem trocadas.

A notícia o surpreendeu, mas afastou uma sombra de sua mente: a ideia insistente de que teria cometido uma injustiça contra Rasser. O velho clérigo jazia numa cela especial na Academia Imperial, paralisado graças à fratura do pescoço,

cercado de médicos para mantê-lo vivo. Hakim desejava tê-lo matado quando teve a chance, quando o viu brandir a lâmina oculta contra ele na Tribuna dos Justos. Vê-lo naquele estado — parálítico, incapaz de se mover ou de se comunicar — era doloroso demais, e ele não tinha estômago para executar um inválido.

A ironia o perturbou antes que pudesse diverti-lo. Mesmo incapacitado, Rasser ainda deixara algumas surpresas em Imrath para Hakim desvendar. Quantas outras tranças haviam sido substituídas por ordem do pontífice sem o conhecimento de Hakim? Aceitou a chave de Jarid, que o deixou a sós diante da passagem com outro movimento de braços desproporcionais, tentando em vão ajustar a máscara em seu rosto comprido.

Desceu as escadas em espiral até uma porta de carvalho reforçada com grossas tiras de ferro. Parecia que todas as coisas realmente importantes em Imrath estavam no subterrâneo. Pôs sua chave mestra no enorme cadeado que mantinha a porta selada. Teve que fazer algum esforço para encaixá-la. Ao tentar girá-la, ela sequer se moveu. Tentou a chave de Jarid, que deslizou graciosamente pela fechadura e desfez a trança com um suave som metálico. Maldito Rasser. Não bastava assombrá-lo com culpa, o velho sacerdote também provocava Hakim com segredos.

— Isso é uma péssima ideia — criticou Liriel, observando Hakim do topo da escada. — Esses livros são proibidos por um motivo.

A arconte trazia Kamash e seus noviços. A equipe de jovens sacerdotes teria um papel crucial a desempenhar. Vinham de Nuehem, onde um punhado de livros embolorados fazia as vezes de biblioteca. Estavam maravilhados com a extensão das prateleiras. O antigo senescal saudou seu senhor com uma série de medidas, estava realmente feliz em poder servi-lo mais uma vez.

— Entendo a preocupação da nobre arconte, meu senhor. Mas vasculharemos a Biblioteca Imperial em busca das respostas que procura, mesmo que para isso tenhamos que investigar a heresia contida nessas páginas profanas.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Hakim. — Concentre seus estudos nos livros mais antigos, preciso que decifrem esses pergaminhos. — Confiou ao senescal o cilindro de couro que continha os textos ritualísticos, recuperados das mãos dos cultistas pelo próprio Hakim. — Acredito que um deles esteja escrito em hathamita antigo, então comece por aí. A biblioteca será sua e de sua equipe pelo tempo que precisarem.

Kamash reunira apenas noviços e um punhado de acólitos graduados para a tarefa, os mesmos que acompanharam as tropas de Hakim às salinas de Nuehem. Eram jovens demais, inexperientes demais, para exercer alguma influência sobre o clero, sendo pouco provável que tivessem sido corrompidos pela heresia.

— Se me permite, meu senhor — pigarreou Kamash, e fez uma de suas medidas complexas. — Tomei a liberdade de pesquisar alguns textos, em preparação para a tarefa, e acredito que eventos recentes tenham confirmado minhas hipóteses preliminares.

— Eventos recentes? — Hakim teria parabenizado o senescal por sua diligência, mas a ideia de novos acontecimentos envolvendo cultistas e abissais, desenrolando-se sem seu conhecimento, desconcertou-o mais do que as novas fechaduras de Rasser. — Não podemos ter um momento de paz nessa maldita cidade?

— Não há nada de errado com Imrath. Algo aconteceu em Valash Hol, meu senhor.

— Seja mais específico, Kamash. Centenas de noviços no Grande Templo, e nenhum deles poderia ter se ocupado de me inteirar dos detalhes?

— Perdão, meu senhor, mas não temos detalhes. Pensei que já teria percebido, graças às suas habilidades taumátúrgicas. Os perscrutadores estão enfrentando... Dificuldades em se comunicar com a Fortaleza Nordeste.

Hakim não esperaria explicações, se podia descobrir por si mesmo. Sacou uma seringa de seu cinturão, um líquido branco-azulado agitou-se no cilindro de vidro. Era fleuma taumátúrgica, o humor que regia a mente e a água, o fluido arcano produzido pelo cérebro inchado e bipartido que jazia na câmara mortuária do Antecessor.

Com um movimento muito praticado, Hakim injetou o líquido numa veia em seu pescoço. A agulha era feita com o ouro branco da ilha perdida de Uru Hatham, e a perfuração foi indolor. Com a fleuma circulando por sua corrente sanguínea, Hakim sentiu uma calma sobrenatural inundá-lo, como a primeira onda da maré alta sobre a praia. Ele detestava o conceito da taumaturgia, a ideia de que forças místicas regiam as disposições humanas, mas aquele sentimento era bem-vindo.

Comandou a fleuma em suas veias a projetar sua percepção mais além. No mesmo instante, a consciência de Hakim abandonou o corpo, lançada no ar em forma astral. No momento seguinte, a consciência desencarnada de Hakim manifestou-se a leste da capital imperial, pairando sobre Valash Hol como uma figura luminescente, ostentando a armadura do Deus-Rei e sua Máscara Colérica.

Havia algo estranho ao redor da Fortaleza Nordeste, que guardava a fronteira com a Terra Arrasada. Uma nuvem enegrecida pairava como uma neblina espessa, e Hakim sequer podia enxergar mais que um palmo diante de si. Não era a fumaça de um incêndio. Não havia movimento, nem brilho de chamas. Era como se tentasse enxergar através de um vidro embaçado, como se alguém houvesse baixado uma mortalha sobre sua percepção.

Havia um movimento indistinto, silhuetas de homens e cavalos, movendo-se ordenadamente. Talvez uma das Grandes Caravanas hathamitas, trazendo suprimentos para o império. Certamente vinham em boa hora, mas aquela névoa etérea impedia que Hakim visse algo mais.

Concentrou-se por um instante, conjurando sua arma astral. Em suas mãos incorpóreas manifestou-se uma réplica translúcida de Fendetreva, sua espada larga. No mundo físico, era feita de aço e adornada com o ouro branco da ilha afundada de Uru Hatham. Na forma astral, a lâmina de Hakim era feita da mesma substância incorpórea de sua projeção. Ambos reluziam com o poder latente da taumaturgia.

Ergueu a espada etérea e golpeou o ar. Em projeção astral, a intenção do golpe era tão importante quanto o movimento. Hakim concentrou-se em cortar a estranha névoa sombria que pairava sobre Valash Hol e seu vale pedregoso. O corte abriu uma fenda no véu astral, revelando um pequeno rasgo por onde Hakim podia enxergar o que acontecia. De fato, havia uma das Grandes Caravanas hathamitas. Mas parecia muito fragilizada pela viagem, com poucos vagões em bom estado.

Os guardas de caravana, porém, deviam pertencer a um grupo mercenário, pois não tinham o mesmo tom de pele moreno da etnia de Hakim. Aqueles hathamitas pareciam ter contratado um bando de bárbaros como guarda-costas, uma ideia terrível. Antes que pudesse discernir quem comandava a caravana, a névoa adensou-se novamente.

Hakim tentou cortar o véu astral outra vez, e a fenda aberta por sua lâmina tornou a fechar-se. A abertura persistia apenas por um instante, impedindo que enxergasse muito mais. Hakim queria investigar o estranho fenômeno, mas temia uma emboscada. Já havia sido apanhado de surpresa por Gorazesh, o sacerdote abissal, enquanto projetava sua consciência, e o resultado não fora nada agradável. Retornou ao próprio corpo com um comando mental, abrindo os olhos para encarar sua arconte e seu antigo senescal.

— Não devia ter usado a fleuma — disse Liriel. — Kamash acabou de lhe alertar que há algo errado em Valash Hol.

— Estou de volta, não estou? Havia um véu enevoadado, como fumaça escura. Os outros taumaturgos reportaram o mesmo fenômeno?

— Infelizmente sim, meu senhor — respondeu Kamash.

— Mas o que isso tem a ver com os cultistas e os pergaminhos? Você disse que isso confirmou suas suspeitas iniciais.

— Acredito que o véu impedindo os perscrutadores de enxergarem a fortaleza em forma astral seja fruto de necromancia.

— Explique-se — exigiu Hakim.

— Eu encontrei um tomo obscuro, chamado Ars Theronika. O autor mistura relatos folclóricos com história antiga, nunca foi considerada uma obra importante.

Mas menciona os abissais, e sugere antigos encontros com os hathamitas, antes da Devastação que afundou Uru Hatham.

— O que isso tem a ver com os necromantes?

— O Theronika relata que os antigos hathamitas temiam os feiticeiros thelêmicos, ancestrais dos necromantes modernos, e buscaram auxílio dos abissais. É dito que as criaturas das profundezas possuíam conhecimento proibido, presente de forças exteriores, “entidades perenes, soberanas sobre a vida e a morte”.

— Não sei como isso se aplica à névoa astral sobre Valash Hol, mas não gosto nem um pouco dessas palavras — comentou Liriel.

— Fica pior — continuou Kamash, olhando com preocupação para Hakim. — Há uma menção expressa a um nome que o senhor me orientou a procurar.

— Azgol Sudraszj? — Hakim suou frio sob a armadura. Aquele era o nome do deus abissal. Zith confirmara esse fato. Dissera também que a humanidade selara um pacto com o mesmo deus, uma espécie de subversão de rituais antigos. Hakim suspeitava que era em nome dele que os cultistas haviam sacrificado humanos e escamados nas catacumbas — Encontre todas as cópias desse tal Ars Theronika que puder, dê a seus noviços. Esmiúcem o livro por mais detalhes. Busquem referências em tratados sobre taumaturgia e relatos de encontros com os abissais.

— Será feito, meu senhor — assentiu Kamash. — Mas o que faremos quanto a Valash Hol?

— Você, nada. Mandarei mensageiros em cavalos rápidos. Fecharemos a fortaleza até que os perscrutadores possam vê-la claramente.

Hakim e Liriel deixaram a biblioteca. Os melhores guerreiros sob o comando da arconte os aguardavam do lado de fora. Acompanharam os dois pelos imensos corredores do Grande Templo, com suas colunas de mármore claro e tapeçarias ornadas com fios de ouro. Ali dentro, a luz de candelabros era refletida da branquidão de todas as superfícies, dando ao templo um aspecto etéreo, sacrossanto.

— Você não pode simplesmente passear por Imrath sem uma guarda de honra — sussurrou a monja guerreira, irritada. — O que aconteceu ao pontífice pode dividir ainda mais o clero. Você está se arriscando demais.

Hakim tentou mais de uma vez se aproximar de Liriel, mas ela não parecia mais inclinada aos seus jogos. Talvez fosse algo que ele havia dito na noite que passaram juntos, uma ofensa que só ela poderia identificar. Mas ele não podia culpá-la por manter-se distante. O império estava a beira do colapso, havia coisas mais urgentes para se preocupar do que romance ou prazer.

— Eu não me lembro de quando recebi a dádiva da fleuma — comentou Hakim. — Apenas de desmaiar no campo de batalha e acordar totalmente ileso. Foi assim com você, Liriel?

— Eu ainda não havia perdido a consciência quando você e Rasser me entregaram aos taumaturgos — rememorou a arconte. — Mas estávamos na Vascócia, então o ritual não teve toda a pompa que as catacumbas podem proporcionar. Meu coração estava a ponto de parar por perda de sangue.

— Mas receber a dádiva taumatúrgica do sangue curou você, não foi? Eu estava desacordado quando Rasser me levou à câmara mortuária e me concedeu a dádiva fleumática. Acordei e a ferida em minha cabeça já havia cicatrizado. Meu crânio foi perfurado pela pinça de uma abissal encouraçada, e mesmo assim eu sobrevivi. Você se lembra da sensação de receber a primeira dose de humor sanguíneo?

— Lembro da dor e do prazer que se seguiram, mas lembro principalmente que foi você quem insistiu para que me salvassem. — Liriel já deixara claro que não seguia Hakim por aquele gesto, mas porque acreditava realmente em seus ideais. — Posso saber a razão do interesse na taumaturgia sanguínea?

— Estava pensando nos doentes. — Outra das preocupações sempre presentes na mente de Hakim, agora que já não podia contar com Rasser para dividi-las. — A reserva imperial de água potável diminui a olhos vistos, e cada vez mais pessoas estão recorrendo à água envenenada dos poços.

— Seria melhor estabelecer uma pena mais severa a quem recorrer a isso.

— Eles estão desesperados, Liriel. Contaminar os poços foi o golpe mais duro dos abissais contra nós, pior do que a destruição da represa em Nagrath. Não posso ferir ainda mais os que já foram tão machucados pelas maquinações deles. Por isso pensei na taumaturgia.

— Os médicos da Academia Imperial dissecaram alguns pobres coitados que morreram da doença misteriosa. Ela não afeta nenhum dos órgãos que regem os humores. — Sem dano substancial ao pâncreas, fígado, cérebro ou coração, receber uma infusão de humores taumatúrgicos não surtia efeito algum. Era um princípio básico da magia divina: os dons do Deus-Rei só agraciam aos feridos e moribundos. — Começa como uma infecção na pele, migra para os rins e pulmões. Não afeta o coração até que seja tarde demais.

— Mas ela afeta o sangue, é assim que avança da pele para os outros órgãos. Ferir os doentes de propósito seria muito arriscado, mas a infecção passa pelo sangue até chegar ao pulmão. Podíamos ao menos tentar.

— Sei que você quer salvá-los, mas seria muito arriscado. — Liriel suspirou. Ela também queria ajudar aquelas pessoas. — Seleccionarei algumas mulheres doentes e pedirei às Irmãs do Zéfiro que realizem experimentos. Mas apenas mulheres.

— Eu li os tratados, Liriel. O humor sanguíneo altera demais as disposições dos homens, e por isso apenas as irmãs do Zéfiro podem receber sua dádiva. Mas

estamos em uma crise séria, talvez seja preferível arriscar do que condená-los à morte.

— Há relatos de homens completamente alterados, enlouquecidos após receberem a dádiva, são incapazes de resistir ao menor impulso carnal. Matam, violam e destroem, auxiliados pela magia divina. É um risco que não podemos correr. A taumaturgia causa mudanças perigosas se não for aplicada com extremo cuidado.

— Já recebi minha dádiva, sei o que quer dizer. Mas fleuma taumatúrgica não me alterou tão drasticamente, nem mesmo na primeira dose.

— Tem certeza? Esqueceu de seus sonhos misteriosos?

Os sonhos com o estranho lago prateado, com o Antecessor, com a enorme coisa morta em uma praia rochosa. Aqueles sonhos só eram possíveis pois Hakim recebera a dádiva da taumaturgia. Por causa deles, tinha descoberto a conspiração que ameaçava o império, tinha finalmente se conectado com a divindade. Por causa da fleuma, Hakim aprendera a aceitar sua condição de Sucessor, passara a ter mais fé em si mesmo. Mas os sonhos ainda o perturbavam.

Gorazesh, o sacerdote abissal, já não invadia os sonhos de Hakim, desde que fora derrotado num confronto onírico, ferido graças à taumaturgia. Após interromper os sucessivos rituais nas catacumbas, Hakim conseguia ouvir perfeitamente a voz do Antecessor quando sonhava com ele.

Ele lhe instruía a resistir, a não se deixar abalar pelas mudanças que se assomavam, como ondas, em sua vida. Alertava-o sobre um momento crucial que estava se aproximando, mas Hakim não conseguia se lembrar exatamente das palavras. Embora pudesse ouvi-las, não conseguia mais prestar atenção nelas, porque os sonhos também estavam mudando.

Havia sempre o lago cristalino, plácido e refletindo o céu cinzento. Havia sempre o Antecessor, gigantesco em sua armadura de Deus-Rei. Havia sempre o tentáculo escarlate, insinuando-se sobre o Antecessor, para aprisioná-lo. A paisagem mudava aos poucos, mas sempre revelava a mesma visão, culminando numa praia de basalto, com o cadáver podre de alguma besta marinha, decompondo-se a olhos vistos. As vezes, o cadáver tinha barbatanas, mas em outras, tinha asas membranosas, que rebrilhavam sob uma luz doentia. Porque agora, sempre que Hakim sonhava com seu Antecessor, havia uma estrela sobre eles.

No céu dos sonhos de Hakim, uma estrela vermelha irradiava brilho vermelho, banhando tudo em carmesim. O céu se deformava ao redor da estrela, como se ela esgarçasse os véus da realidade. Ao redor da estrela vermelha, dançavam as cores obscenas dos Céus Exteriores. Aquele balé caótico de cor e

brilho demandava a atenção de Hakim, e desde que a estrela surgira em seus sonhos, ele não se lembrava mais das palavras do Antecessor ao acordar.

Ao pensar naqueles sonhos, nos efeitos colaterais misteriosos da taumaturgia, Hakim compreendeu a posição de Liriel. Ele próprio odiara Rasser por tê-lo abençoado com a fleuma, passara a depender dos humores arcanos para manter-se no controle de si mesmo. Se usasse demais de sua fleuma taumatúrgica, seus humores desequilibravam-se e tornava-se paranoico e irritadiço, até injetar uma nova dose. Ele não importava essa condição a ninguém que não estivesse preparado para sacrificar-se por Var Khalad. Ajudar as vítimas daquela misteriosa doença abissal ainda era uma prioridade, mas ele não podia empregar a magia do Deus-Rei. A taumaturgia podia consigná-los a um destino ainda pior.

— Você tem razão, Liriel, é arriscado demais. Mas se o sangue taumatúrgico é tão poderoso, se ele é capaz induzir a selvageria e a loucura, como vocês do Zéfiro conseguem manter o controle?

— Os sacerdotes lhe dirão que é o nosso treinamento rigoroso, e Irmã Alentia costumava dizer que o sangue feminino flui de forma diversa do masculino, respeitando os ciclos das marés e da lua – Liriel sorriu. — Tenho minha própria teoria: mulheres são ensinadas desde cedo a restringir a si mesmas. Controlamos nosso comportamento, nossos corpos e nossos pensamentos, ou somos condenadas. O controle nos é exigido, nossa maldição de nascença. Homens são livres para agir como animais e depois pôr a culpa no vinho, na ira da batalha, ou em nós.

— Você parece pensar muito sobre isso.

— E o senhor não — constatou a arconte. — Já se perguntou por que o Deus-Rei nunca teve consorte? Ou por que não há Deusa-Rainha? Pelo mesmo motivo que só havia uma sacerdotisa no alto clero, pelo mesmo motivo que a maioria de seus arcontes são homens, pelo mesmo motivo que condes vasgoces têm a liberdade de escolher qualquer camponesa para satisfazer sua luxúria. — Ela se referia ao homem que quase a matara, antes que Hakim a recrutasse e lhe concedesse a taumaturgia sanguínea.

— Eu sabia que um dia poderia contar com sua eficiência para servir ao império, mesmo que minha ordem também parecesse loucura aos taumaturgos naquele dia — Hakim se lembrava bem daquela ocasião, uma missão diplomática às terras do Conde Ostergald, da Vasgócica. Hakim pusera tudo a perder ao resgatar uma jovem indefesa das garras do Conde. É claro que Liriel se lembrava de uma história bem diferente, na qual Hakim simplesmente lhe emprestara uma espada para rasgar as entranhas de seu captor. — Eu não teria chegado até aqui sem você.

— O senhor daria um jeito, sabe se virar sozinho. Mas isso não significa que um assassino habilidoso não possa surpreendê-lo. Se não vai andar com sua guarda de honra, ande com a minha.

Liriel tinha razão. Era de se esperar que os guerreiros de Var Khalad fossem cegamente leais ao império e seu Deus-Rei, mas se a conspiração alcançara até mesmo o mestre dos escribas e o pontífice, poderia muito bem ter se infiltrado entre os quartéis. Hakim sabia que podia contar com seus Santos Cavaleiros, além dos soldados que haviam participado do cerco à Alma do Rio, mas precisaria de mais se quisesse manter Imrath sob controle.

— Você está certa em se preocupar. Agradeço por isso. Mas eu não aguento mais tanta preparação, tanto planejamento. Eu precisava agir, me movimentar, nem que fosse para deixar meus aposentos e vir preparar a biblioteca para Kamash.

— Um golpe de um deus contra sua própria igreja — O riso de Liriel era curto e suave, capaz de desarmar. — Nunca pensei que faria parte de algo assim.

— Só Rasser e o alto clero conheciam a câmara mortuária nas catacumbas, apenas eles conheciam a verdadeira fonte da taumaturgia. — Os ossos de Hakim gelavam sempre que pensava no segredo dos taumaturgos. Os órgãos do verdadeiro Deus-Rei, seu Antecessor, preservados em vasos canópicos, pulsando com magia divina latente e vertendo os humores que abasteciam a taumaturgia. Tanto a fleuma que Hakim injetava quando o sangue que Liriel bebia vinham daqueles órgãos hediondos, inumanos. — Os cultistas também sabiam. Congregavam-se na mesma câmara mortuária, e realizavam rituais profanos diante do sarcófago do Antecessor. Entre seus membros mascarados, havia alguns dos nossos mais elevados clérigos. A resposta era óbvia: Rasser e o alto clero faziam parte da heresia.

— Faz sentido, mas ambos sabemos que matá-los não acabou com a conspiração. Kamash andou circulando pelos mosteiros e casernas desde que você saiu, arregimentando soldados fiéis.

A mensagem de Hakim a Kamash fora transmitida pelas irmãs do Zéfiro que o escoltaram sob as ordens de Liriel, quando precisou mover-se incógnito por Imrath para recuperar os pergaminhos secretos dos cultistas. Era óbvio que ela ficaria sabendo sobre seu plano de reunir lealistas entre os sacerdotes e soldados da guarda imperial.

Os primeiros lealistas já se esforçavam para cumprir seu propósito: vasculhar a seção restrita da biblioteca imperial em busca de textos apócrifos. Seu conteúdo poderia conter segredos que salvariam o império. Ou que o levariam à ruína.

Capítulo 03

Cavalaria pesada, exatamente como Moira imaginava que seriam as tropas khaladinas: aço polido e túnicas de linho branco refletindo a luz solar, cavalos sufocados por placas de couro e metal, adornados com fitas vermelhas e laranjas. Além de espadas e lanças, alguns dos cavaleiros portavam o estandarte do sol. O mesmo exibido pelos homens que cavalgavam com Dorrag Torgren em direção à Solúmbria, os mesmos que haviam condenado sua família e seus amigos a uma tortura eterna de fogo e fuligem, ao aço frio de uma arma inacabada. Moira os faria queimar.

— Não se deixe deslumbrar pelas palavras do escaldo. — Ultha segurava o punho de Moira, perigosamente perto da espada. A capitã do bando de Andvar se aproximara sem ser notada, encoberta pelo som ensurdecedor da carga khaladina. Trazia os demais Skodnir em seu encalço. Os últimos na fileira formada pela caravana. — Não temos chance contra os imperiais, não em um espaço tão apertado e com nossos guerreiros feridos.

— Você nos salvou para que viéssemos morrer aqui, nas mãos desses homens de aço? — indagou Ilya, aproximando-se da borda do vale para observar os homens, que Sorg chamara de Santos Cavaleiros, formando um semicírculo diante da Grande Caravana, como se desejassem flanqueá-la. Atrás da jovem Skodnir vinham Firaggi e Borlund. Aqueles três foram os mais rápidos a aceitar Moira como líder, talvez por se aproximarem de sua idade.

O restante dos Skodnir era de guerreiros veteranos, enfraquecidos demais pela batalha anterior para se rebelar. As novas tatuagens e os brincos de osso de Moira facilitaram a comunicação com esses últimos, e a presença de Ultha, uma guerreira respeitada do clã, ajudava ainda mais a mantê-los na linha.

Ao estrondo dos cascos logo se seguiu o ressoar agudo de clarins. Ao menos era melhor que o raspar metálico de espadas deixando as bainhas. Moira adiantou-se para observar o fundo do vale, procurando por sinais de Andvar. O chefe guerreiro e seus homens mantinham as armas embainhadas, mas estavam visivelmente tensos. A maioria dos guerreiros se concentrava ao redor da carruagem da princesa Nehisi, que se preparava para deixar o coche e apresentar-se ao comandante dos cavaleiros em Valash Hol. As demais carruagens ficaram dispostas de forma descuidada depois que a fila única se deparara com o vale e os portões cerrados da fortaleza escavada na rocha. A carruagem de Sev e Morsov estava bem

próxima da linha dos cavaleiros, enquanto o vagão que escondia Istvan, na confusão da descida, ficara para trás.

Ele quer queimar. — Vyra sussurrou, distante, de dentro do amuleto no vagão de Istvan.

Deixe que queimemos com ele. — Ecoou Sigrin em seu próprio amuleto, bem próxima a Moira.

Queime conosco. — Suplicaram as gêmeas.

Santos eram proibidos na Nova Mordrávia, e qualquer tipo de culto a eles considerado ilegal pela Guilda dos Caçadores. Em Var Khalad, entretanto, pareciam ser muito bem-vindos, desde que pudessem montar um cavalo de guerra. Lá estava Sev, de cara com um exército deles. Que tipo de bênçãos aquelas lanças de freixo eram capaz de conceder? Certamente já teriam encomendado muitas almas ao paraíso.

Felizmente, estavam em menor número. Não que aquilo fosse se tornar uma luta corporal, Andvar instruíra muito bem os seus selvagens a não puxar briga com os khaladinos. Não até que estivessem dentro da fronteira imperial, pelo menos. Mas a quantidade reduzida de cavaleiros significava que eles demorariam algum tempo para vistoriar todos os vagões. A carruagem que ele dividia com o irmão provavelmente seria uma das primeiras a passar pela inspeção, já que de onde estavam podiam praticamente sentir o bafo dos cavalos. Talvez fosse até algo bom. Quanto mais cedo vissem o estado de Morsov, mais cedo ele poderia receber os cuidados de alguém cuja ideia de medicina fosse mais do que costura e cauterizações.

O que realmente preocupava Sev era Istvan. Se inclinasse a cabeça pra fora da carruagem e se esticasse um pouco, podia ver o vagão de carga que o abrigava. As rodas pareciam vibrar nos eixos. Sabia que, se estivesse um pouco mais perto, poderia escutar a madeira ranger.

— É melhor aquele amuleto funcionar, Morsi.

— Não se preocupe com isso — Morsov soava cansado, mesmo tendo passado o resto da viagem deitado. — Enquanto Moira mantiver o controle sobre as sombras dela, nenhum taumaturgo poderá detectar os espíritos ao nosso redor.

— Isso foi uma tentativa de me acalmar? Quando tempo você acha que vai demorar até que ela desafie o comandante da fortaleza ao combate singular? — Sev poderia tecer diversos elogios a Moira, mas “controlada” jamais entraria na lista.

— Você devia levá-la mais a sério — repreendeu Morsov.

— Você sempre levou tudo a sério demais. Veja o que ganhou com isso — retrucou Sev, apontando para o abdome enfaixado do irmão. O manto de necromante estava bem escondido em um fundo falso de um baú de viagem. — Consegue acalmar Istvan nesse estado?

O soar de clarins o impediu de ouvir a resposta. A linha de cavaleiros imaculados abriu-se para deixar alguém passar. Pela fanfarra, era o intendente mor da fortaleza. Sev esticou o pescoço para fora da carruagem novamente, para observar a figura curiosa que se aproximava, flanqueada por dois Santos Cavaleiros de armadura brilhante e um bando de noviços atrapalhados.

Pelas vestes, era um sacerdote do Deus-Rei, mas o porte sugeria se tratar de um lutador. O martelo de guerra que apoiava no chão como um cajado confirmava aquilo. A máscara prateada, enfeitada com penas, completava a estranheza do intendente mor. Feldaris eram conhecidos por serem franzinos e eruditos, aquele mais parecia um bárbaro mal disfarçado.

Os homens de Nehisi foram confabular com o recém-chegado. Sev adiantou-se para encontrar a princesa. Talvez pudesse se apresentar ao intendente, causar uma boa impressão e então direcionar sua inspeção ao raríssimo presente que Ur-Lehesh trazia ao Deus-Rei. Uma olhada naqueles puros-sangues vascoces e os portões se abririam para a caravana. O restante da vistoria ficaria para depois, ou nunca.

Um braço forte empurrou a porta da carruagem antes que Sev pudesse saltar para fora. Era o capitão da guarda de honra de Nehisi, mais rabugento desde que perdera o cavalo para Moira.

— Todos devem aguardar a inspeção do intendente mor em seus vagões — vociferou o capitão. — Ordens da princesa mercante.

— Sem dúvida é um curso de ação apropriado, nobre capitão. Imagino que aqueles que não possuam um coche próprio possam aguardar do alto de suas montarias. Mas o que farão os desprovidos de carroça ou cavalo? — Sev provocou. O capitão se esforçou para enrugar ainda mais a face, mas logo relaxou. — O senhor sabe que eu viajo com a Grande Caravana Ur-Lehesh na qualidade de mercador associado, e que a sábia princesa Nehisi me tem em alta conta, desde que a salvei das garras de seu... — De seu irmão, ele quis dizer. Mas achou melhor não mencionar o falecido príncipe Haramad. — De uma horrível criatura.

— Diga-me, Jarisev. — A voz aveludada da princesa mercante surpreendeu o ladrão de túmulos. — Suas mentiras, você as fabrica como um artífice ou elas simplesmente escorrem de seus lábios como excrescências? — A face alegre da princesa substituiu o esgar de seu capitão na pequena janela da carruagem.

— Sua Graça me ofende com ambas as comparações. Mentiras não se produzem ou fabricam, precisam ser encontradas, muitas vezes em meio a verdades

desagradáveis.

— Desagradáveis, ah sim — riu a princesa. — Verdades desagradáveis como o que ocorreu entre eu e meu irmão, não é? Você contou a Andvar que Haramad estava vivo, liderando nossos perseguidores, e isso o fez ficar e lutar, em vez de fugir.

— Sua Graça subestima o desejo de sangue dos filhos das cinzas — Sev não gostou nada do rumo daquela conversa. — Eles acabariam se enfrentando cedo ou tarde. Sugiro que fique de olho neles durante inspeção da mercadoria, podem arrumar problemas com o império.

— Você continua tentando forçar uma disputa entre Andvar e eu — insistiu Nehisi, com menos riso e mais ameaça na voz. — Acha que não percebemos? Por acaso essa era sua maneira de ganhar minha confiança? Fazendo-me sentir em perigo constante? Eu não gosto desse tipo de jogo, Jarisev.

— Sua Graça, tudo não passa de um mal entendido! Eu queria apenas ajudar. Seguir viagem sob o campo estelar, perseguidos por bárbaros e abissais, seria perigoso demais! Precisávamos parar a caravana! Lutar, é claro, é o que os bárbaros fazem de melhor, então é natural que eles quisessem medir forças com os perseguidores...

— Você sequer sabia o que era um campo estelar até que a sobrinha de Andvar lhe explicasse! — bradou a princesa. — Suas mentiras e sua intriga me forçaram a cortar a garganta de meu próprio irmão! Acha que eu queria aquilo?

— Perdoe-me a franqueza. — Sev não tinha outra opção, a não ser apelar para sentimentalismos. Depois, só restaria a violência — Mas aquele que você matou não era mais seu irmão, ele já estava morto por dentro.

— E quanto ao seu irmão, Jarisev? — indagou Nehisi, voltando o olhar para Morsov, deitado e de olhos cerrados. — Ele barganha com os mortos. Não já está morto por dentro? Quanto tempo até sua ferida supurar?

A faca de caça já estava firme no punho de Sev, bastaria uma estocada pela janela da carruagem para reunir Nehisi a seu maldito irmão. Hesitou por um instante. Estavam cercados por guardas hathamitas, guerreiros dos clãs e Santos Cavaleiros, como poderiam escapar? Nehisi se afastou no instante seguinte, respondendo à saudação de alguém que se aproximava. A porta da carruagem se abriu para dentro, as dobradiças partiram-se com um estrondo.

Enquanto descia para se juntar ao resto da caravana, Moira observava o estranho homem mascarado. Diziam que o Deus-Rei usava máscaras o tempo todo, e que os que viam sua verdadeira face enlouqueciam ou morriam. Seria aquele homem um de seus sacerdotes, ecoando o costume para se aproximar da divindade? Ele não se vestia como um guerreiro, mas se portava como um, e os Santos

Cavaleiros abriam caminho para que passasse, com toda a reverência devida a um chefe guerreiro. Caminhava ao encontro de Nehisi, que tinha parado para conversar com Sev. O sacerdote mascarado fez sua própria pausa, e um dos jovens que o seguiam entregou-lhe um objeto estranho, de vidro, com uma agulha metálica na ponta.

— Aquilo é a magia do Deus-Rei — disse Ultha.

— Eles guardam a magia em vidros? — Ilya perguntou. — Parece mais sábio guardá-la em aço, como Moira faz.

O sacerdote espetou a agulha no próprio pescoço, sem cerimônias, arrancando exclamações de surpresa de Moira e seus companheiros mais jovens. Nada aconteceu.

Fogo. Fogo e fumaça.

Fumaça e fuligem.

Não podemos ver.

Mesmo assim, queimamos.

As sombras das gêmeas nos amuletos projetaram sua dor sobre Moira. O plano de Morsov estava surtindo efeito. Qualquer que fosse a magia dentro daquele vidro, o sacerdote mascarado a empregava para detectar necromancia. Ele manteve-se estático por algum tempo, quase paralisado. Moira se esforçou para manter as gêmeas sob controle, enquanto as outras sombras faziam sua prisão de aço chacoalhar.

Logo, o pior havia passado. Vyra e Sigrin se acalmaram quando o sacerdote retomou seu trajeto até Nehisi. A princesa permanecia ao lado da carruagem de Sev, não mais risonha como antes, mas imponente. O capitão da sua guarda de honra chutou a porta da carruagem de Sev com toda força. O que diabos estava acontecendo?

— Preparem-se para um ataque. — Disse Moira a seus Skodnir, surpreendendo até a si mesma com a calma com que comandava membros de outro clã. Formaram uma pequena linha de defesa ao redor dela, ainda incertos do que viria.

Os homens da princesa puxaram Sev para fora. Ele brandia uma faca longa. O capitão da guarda desarmou-o com um safanão, e outro hathamita o chutou pelas costas. Sev caiu de joelhos, prostrado diante do sacerdote e sua comitiva. Andvar e seus homens permaneciam imóveis, como se nada estivesse acontecendo. Seria um efeito da magia do Deus-Rei?

— Andvar! O que está fazendo? Fomos traídos! — Moira gritou, correndo em direção ao tio. Seus Skodnir a seguiram, em formação, e o movimento atraiu a

atenção não apenas dos filhos das cinzas, mas também dos Santos Cavaleiros. Cavalos bufaram e pisaram, inquietos. Moira refreou o avanço.

O som repentino de madeira se estilhaçando ecoou pelo vale pedregoso, fragmentos de um vagão de carga espalharam-se no ar. O esforço de Moira na confecção dos amuletos havia sido em vão. Istvan saltou num impulso desesperado, arrebatando seu esconderijo.

À visão daquela criatura colossal, vestindo uma imensa mortalha colorida e ostentando um escudo de madeira no lugar da face, os Santos Cavaleiros irromperam numa carga enlouquecida, tomados pelo frenesi da batalha. Os homens de Andvar formaram círculos ao redor dos vagões de carga principais e da própria princesa mercante, auxiliados pela guarda de honra de Nehisi. Em meio ao caos, alguns dos Santos Cavaleiros atacaram a caravana, sendo repelidos pelos escudos dos filhos das cinzas. Os demais nivelaram suas lanças na direção do enorme morto-vivo, recém-liberto de sua prisão de madeira.

Moira correu para ajudar Sev. Morsov estava ferido, ainda dentro da carruagem, não poderia manifestar sua necromancia para salvar o irmão. Um grupo de Santos Cavaleiros guinou em sua direção. As armaduras metálicas refletiam a luz do dia, os cavalos resfolegavam. Moira foi salva pelos escudos dos Skodnir, que formaram um círculo de proteção ao seu redor. Firaggi cravou sua lança na virilha de um cavalo, enquanto Ultha perfurou a face de um atacante no estreito espaço entre o gorjal e o elmo.

Istvan tinha se saído melhor em alcançar os sobrinhos, derrubando cavaleiros com cada golpe, avançando mesmo com lanças espetadas por todo o corpo. Antes que pudesse chegar até a carruagem, o sacerdote mascarado irrompeu do círculo de guerreiros que protegia a Princesa Mercante. Os Santos Cavaleiros recuaram diante do martelo de guerra de seu líder, como se sozinho ele pudesse dar conta de um morto-vivo gigante.

Sem armadura, vestindo apenas uma túnica leve de sacerdote, os movimentos do padre-guerreiro eram ágeis e graciosos, quase delicados, e ele parecia saber exatamente como se esquivar de cada investida do gigante, que atacava com ferocidade bestial. Quando encontrava uma abertura, a graça e a delicadeza davam lugar à força e a precisão com os golpes de martelo. Istvan golpeava o chão freneticamente, tentando apanhá-lo, e o sacerdote dançava a sua volta, lendo seus movimentos com clareza e revidando com crueldade. Carne morta não sentia dor, mas se o martelo de guerra partisse ossos suficientes, Istvan tombaria.

Moira ordenou seus Skodnir a avançar em direção à carruagem, mantendo-se oculta em meio aos escudos erguidos. Após perderem alguns homens, o ímpeto dos Santos Cavaleiros arrefecera. Antes que os guerreiros pudessem compreender

por que aquele grupo de retardatários vinha em sua direção em vez de proteger o restante da caravana, Moira saltou. Firaggi impulsinou-a com seu escudo, lançando-a por cima da guarda de honra, e ela caiu diante de Sev e da princesa. Sacou sua espada, puxando o espigão desprotegido do cabo. As sombras emergiram com força redobrada. Reagiam ao desespero de Moira, à sua urgência em impedir aquela traição.

Filhos das cinzas, hathamitas e Santos Cavaleiros sucumbiram ao terror dos espectros carbonizados. O medo sempre afetava cada um de um modo bastante particular. Enquanto alguns corriam como loucos, outros arrancavam os cabelos, os mais sensíveis simplesmente desmaiavam. As paredes de escudos se desfizeram.

O caos da batalha deu lugar a uma nova forma de desordem, com guerreiros derrubando uns aos outros na tentativa de escapar das sombras. Os khaladinos pareciam particularmente afetados, com seu ódio profundo pela necromancia. Os que conseguiam se manter sobre as selas dos cavalos respondiam agressivamente ao assalto sensorial. Atacavam uns aos outros, golpeavam o ar, berravam a plenos pulmões, chamando por seu deus, pelo fogo e pelos céus.

Moira agarrou Sev pelo casaco, arrastando-o para longe. O velho ladrão de túmulos balbuciava coisas desconexas, lembrando algum trauma de sua juventude durante o ataque de pânico. Nehisi arrancava as luvas e as vestes em desespero, como se assim pudesse se livrar das sombras. A guarda de honra se dispersava, buscando proteção contra a necromancia.

— Faça parar! — Sev suplicou.

— Não posso — explicou Moira. As sombras eram como uma força da natureza, seus rompantes duravam até que sua energia se dissipasse, como uma onda, e então o grilhão que as prendia ao mundo dos vivos as impelia de volta ao confinamento. Os lamentos enlouquecidos cessaram, e os guerreiros no campo de batalha recobram aos poucos a sanidade, tentando compreender o que faziam e onde estavam.

Moira conseguira afastar Sev de seus captores. Se ele se recuperasse a tempo, poderia subir em um dos cavalos da caravana e fugir. Procurou em meio à confusão por um marchador que tivesse derrubado seu cavalarião.

— Faça parar! — Sev se agarrara a Moira, e implorava sem parar. — Essa voz, ela não para de me pedir perdão! Faça parar, Moira!

Perdão, a última amarra de Istvan. Moira buscou o morto-vivo com o olhar. A imensa mortalha colorida e o escudo de carvalho deveriam ser fáceis de achar, em meio ao caos que lentamente se reorganizava. O corpo construído às pressas para abrigar o espírito do tio de Sev jazia imóvel no chão duro, o sacerdote do Deus-Rei estava bem a seu lado, apoiando-se em um dos joelhos e em seu martelo de guerra.

Uma nuvem de poeira, levantada pela queda do gigante, fustigava-lhe os olhos, mesmo protegidos pela máscara prateada.

Em seu corpo anterior, meticulosamente embalsamado e preparado com óleos e ervas, Istvan não teria sido afetado pela fúria das sombras inquietas. Aquele novo receptáculo aberrante talvez o deixasse vulnerável. As lanças de freixo dos Santos Cavaleiros, ainda presas à carne necrótica, agora despontavam para cima como mastros, mas o corpanzil ainda parecia sólido, sem nada quebrado ou fora do lugar. Ainda assim, Sev não parava de choramingar sobre uma voz que lhe pedia perdão, uma voz que ele queria que parasse. Moira apurou os sentidos, concentrou-se na manifestação necromântica mais básica, que Morsov chamava de “vestir o capuz”. Apurando sua conexão com os espíritos, podia enxergar os Ermos Cinzentos, a terra sombria dos mortos, banhada pela luz frágil da solitária estrela branca. Ela viu. E escutou.

Eu não podia suportar olhar para vocês e lembrar dela. Me perdoem, eu suplico. Eu quis voltar! Quis encontrá-los, mas eles me pegaram!

A forma espectral de Istvan carregava uma perturbadora semelhança com Jarisev em seu estado confuso e amedrontado. Perdera parte de sua estabilidade, da capacidade de interagir com o mundo dos vivos, mas não estava fazendo a passagem ao além. Suas feições tornavam-se mais cadavéricas e seu corpo espectral perdia a luminescência suave. Parecia cobrir-se da escuridão dos Ermos Cinzentos da morte, mesclando-se a ela. Moira olhou para cima, para a estrela solitária que vigiava os mortos. Pensava nela como uma guia, um foco de esperança, de estabilidade, o oposto do horror cromático do campo de estrelas. Mas em meio aos ecos da escaramuça repentina, Moira viu algo mais.

Voltou a si a tempo de enxergar os viventes retomarem algum senso de ordem. Andvar se encontrara com Ultha e juntos puseram os filhos das cinzas em formação, suas armas descartadas em sinal de paz. Nehisi confabulava com o sacerdote mascarado, oferecendo-lhe pedidos de desculpa, e o homem aquiescia. Sev continuava a balbuciar sua súplica, agarrado a Moira como um idoso senil. Os guardas da princesa vinham em sua direção para prendê-lo novamente.

Moira ignorou as lamúrias, tanto de Sev quanto de Istvan. Os dois que perdoassem um ao outro. Ignorou os hathamitas que se aproximavam com correntes e algemas, correndo em direção à carruagem. Alguém tentou puxá-la, mas ela se desvencilhou. Alguém gritou seu nome, talvez Andvar, talvez Ilya, impossível saber. O ar parecia ser feito de melaço, impedindo o som de se propagar. Moira correu, empurrando para longe os obstáculos com a força ardente de almas sofredoras.

Da carruagem de onde resgatara Sev, uma figura cambaleou pra fora, a silhueta encurvada emergindo do escuro para a luz. Era o capitão da guarda de Nehisi, ainda se recuperando do choque provocado pelas sombras inquietas. Em suas mãos havia um diminuto punhal recurvo, encharcado de sangue. Moira o alcançou. Talvez tivesse ferido o capitão com sua espada, mas não tinha certeza. Apenas empurrou o homem para fora da carruagem. Escutou o baque do corpo contra o solo como se seus ouvidos estivessem cheios de estopa. Entrou para a escuridão do coche, sentindo o peito arder. Olhou para o chão da carruagem com os olhos embaçados por lágrimas.

Morsov estava morto.

Capítulo 04

Os soldados e sacerdotes no Portão do Mar trabalhavam com afinco para vencer a tempestade vindoura. O horizonte carregava uma promessa de fúria em nuvens negras. Opondo-se a elas, estava a visão reconfortante do pôr do sol. O disco alaranjado descia lentamente, alheio ao morticínio que se anunciava. A chegada do Deus-Rei, com seu elmo coroadado e máscara de ouro, serviu para aliviar os corações dos que ansiavam por um último vislumbre de luz sob a crescente escuridão. Serviu também para apressar os feitores e intendentess, que redobramos os gritos e as ameaças aos trabalhadores amarantinos, encarregados de reparar os danos à muralha dupla, sofridos no último ataque à capital.

Laurent estaria longe, ocupado com a defesa de Valash Kha, então as tropas khaladinas não empregariam criminosos condenados como primeira linha de defesa, como era o gosto do arconte. Hakim preferiu reforçar as linhas dos arqueiros, enfileirando arcos longos por toda a extensão da muralha dupla e protegendo-os da umidade com tendas de lona resistentes. Convocara qualquer cidadão imrathiano capaz de manejar um arco de caça, ou disposto a auxiliar os besteiros a recarregar suas bestas pesadas. Os abissais trôpegos e escamados seriam rechaçados com setas e virotes, Hakim esperava que isso os enfraquecesse o suficiente para que a cavalaria khaladina não tivesse dificuldade em trespassá-los com suas lanças.

Os servos amarantinos trabalhavam também na praia, despejando carroções de cascalho para mantê-la firmemente aterrada. As chuvas dificultariam a carga dos Santos Cavaleiros, que irromperiam dos portões assim que os escamados estivessem próximos o suficiente. Foi junto às carroças de cascalho que Hakim se reuniu novamente com Corant e Victus. Traziam consigo a mesma carruagem com a qual viajaram com Hakim, quando precisou sair disfarçado da capital.

— Lanças ao raiar do dia! — Hakim repetiu sua saudação particular.

— Estilhas ao entardecer — ecoaram os cavaleiros, ajoelhando-se. — É uma honra servi-lo, meu senhor. Sua confiança nos impulsiona a superar nossas limitações.

— Me alegro em ter homens tão competentes trabalhando em prol de Var Khalad. — disse Hakim. — Quero que me peçam favores.

Victus e Corant se entreolharam, confusos. Quando um não encontrou compreensão no olhar do outro, ambos prostraram-se diante do Deus-Rei, em prece silenciosa.

— Vocês terão o comando da infantaria — Hakim continuou. — Sugiro que não se juntem à linha de frente, mas se seu sangue ferver, avancem montados, depois da primeira carga da cavalaria. Não subestimem os trôpegos e fiquem longe das encouraçadas.

— Senhor, nosso destino é morrer pelo império. Daremos nosso sangue para protegê-lo.

— Não Victus, seu destino é a liderança. Quando isso acabar, serão promovidos a Lordes Comandantes e terão seus próprios capítulos na Ordem dos Santos Cavaleiros. Por isso quero que me peçam favores, como símbolo de sua ascensão nas fileiras da Ordem. O que me diz, Corant?

— Meus pais, senhor — balbuciou o cavaleiro. Corant era filho de amarantinos, entregue aos Santos Cavaleiros para aprender a servir Var Khalad antes que aprendesse a andar. — Eu sei que é contra os costumes, mas eu os localizei. São lavradores em Tanánn, gostaria que pudessem servir em solo imperial, em alguma tarefa menos exigente, talvez.

— Será feito. — Hakim poderia trazê-los até mesmo ao Grande Templo. Pretendia um grande expurgo da heresia em Imrath e precisaria de novos servos quando acabasse. — Victus?

— Meu senhor, suas bênçãos me elevam além do meu merecimento. — Cavaleiro de família tradicional, Victus entregara-se aos Santos Cavaleiros por vontade própria, mesmo já possuindo dois irmãos nas fileiras da Ordem. — Minha família vive bem, por sua graça, mas possuo um desejo. Gostaria de me casar com uma de suas escribas, uma sacerdotisa dedicada e brilhante. Mas ela é feldari, e sua família não aprova nossa união por eu não pertencer à tribo dos máscaras de prata. Se o senhor intercedesse, não poderiam recusar-me!

— E não recusarão, meu caro. Afinal, será o pedido de casamento de um Lorde Comandante dos Santos Cavaleiros. — Hakim ficaria mais do que feliz em ajudar aqueles dois.

Os cavaleiros se cumprimentaram, felizes por ter seu valor reconhecido pelo Deus-Rei. Hakim não permitiu que sua alegria o contagiasse, havia muito a fazer e pouco tempo a perder.

As nuvens escuras no horizonte se aproximavam, prometendo tempestade. Os abissais atacariam tão logo a água tocasse o solo. Como anfíbios que eram, teriam toda a vantagem em um combate naquelas circunstâncias. Pior, Hakim suspeitava que a Alma do Rio, o colosso que os abissais haviam libertado no Vale de Nagrath, não era o único molusco titânico entre as fileiras dos abissais. A destruição da represa tinha sido um teste. Um ensaio para o verdadeiro espetáculo.

— Vocês lembram-se do plano, caso Gorazesh acorde outra Alma do Rio? — O sacerdote abissal prometera destruir Imrath, e não havia outra forma de

romper as muralhas da capital, se não fosse com outro gigantesco horror invertebrado. — Os trabucos montados sobre as ameias podem ser insuficientes para perfurar a concha do monstro, e não sei se Sigismund trará reforços a tempo.

Os dois cavaleiros assentiram.

— Manter pelo menos vinte taumaturgos línguas-de-fogo na reserva — recitou Victus.

— Vestir botas de escalada — completou Corant.

— Perfeito — disse Hakim. — Mas não se esqueçam: cavalos rápidos e armaduras leves.

Hakim passara a manhã inteira revisando cada plano e contingência de batalha, um trabalho exaustivo, mas não era a única coisa que o incomodava. Ele não tinha mais Rasser e o alto clero para se ocupar da burocracia e da política imperial. Tudo recaía sob seus ombros, agora.

Liriel era de grande ajuda, mas Laurent e Sigismund não haviam dado qualquer sinal de vida. Sig já devia ter enviado um mensageiro a Imrath, com um relatório sobre as novas armas de cerco, e o arconte maneta devia avisar Hakim, via taumaturgo perscrutador, assim que chegasse em Valash Kha, na costa oeste. Talvez o estranho véu astral sobre Valash Hol estivesse interferindo na comunicação dos taumaturgos perscrutadores de outras regiões. Hakim pretendia dar prioridade ao assunto assim que acabasse o que viera fazer no Portão do Mar. Mas antes, daria conta de uma última tarefa.

Diante de si e seus fiéis cavaleiros, estava a carruagem-prisão que encarcerava Zith. Hakim tentara movê-la para uma cela maior, mas a saúde da abissal já estava muito deteriorada, e não dava sinais de melhora. Mesmo em acomodações mais confortáveis, o confinamento ainda a mataria. Toda a literatura khaladina sobre abissais era dedicada a formas de feri-los ou matá-los. Não havia nada na Biblioteca Imperial sobre como tratar uma encouraçada separada de sua metade crustácea.

A prisioneira já cooperara o bastante, Hakim não via mais sentido em mantê-la por perto. Também não via sentido em matá-la. Chacinaria todo o seu povo, se fosse necessário, mas eles seriam os invasores, os monstros inumanos que batiam à porta do império. Zith era uma criatura frágil, alquebrada, que se entregara de bom grado. Libertá-la era a coisa justa a se fazer.

Afastaram-se de olhares curiosos, até um trecho onde as ondas lambiam o cascalho preguiçosamente. A umidade no ar era palpável, uma sensação incômoda agravada pelas placas de armadura que vestiam. O vento cessara, como se o mundo prendesse a respiração. Hakim destrancou a porta gradeada do coche enquanto seus cavaleiros se certificavam de que servos e sacerdotes estavam concentrados em suas tarefas e não no Deus-Rei. Se alguém os visse das ameias, Hakim se alegraria, pois,

à distância que estavam, qualquer arqueiro capaz de enxergar com clareza valeria o próprio peso em ouro branco.

Encontrou Zith parcialmente desacordada, afundada na enorme tina de cobre afixada ao piso. Mandara trocar a água diversas vezes, sem qualquer melhora no estado da prisioneira. Chamou-a pelo nome.

— Zithrishazir — falou devagar, pouco acostumado ao idioma alienígena da abissal. Ela não se moveu, mas sob a água, suas pálpebras se entreabriram. O dourado em seus olhos escapou pelas frestas.

Hakim se aproximou. Envergava armadura completa, e Zith não estava em condições de fazer-lhe nenhum mal. Suas escamas caíam a olhos vistos, as barbatanas em seu braço e sua cauda pareciam quebradiças, como algas secas ao sol. Abaixou-se e apanhou-a nos braços, encharcando as vestes. Não tinha peso algum. Os alimentos que lhe dera não eram capazes de nutri-la corretamente. Cobriu sua cauda serpentina com a capa, caso aquele arqueiro excepcional estivesse realmente espiando das ameias, e carregou-a para fora.

— Meu senhor — sussurrou a abissal, quase sibilando. — É bom vê-lo uma última vez.

Não parecia saber onde estava. A escuridão do interior da carruagem não era muito diferente do lusco-fusco do pôr do sol nublado. Hakim caminhou até as ondas, ficando coberto até os joelhos por água salgada. Não ousaria ir mais fundo. Atrás de si, Corant e Victus tinham espadas desembainhadas. Baixou Zith com cuidado, sentindo suas costelas estranhamente flexíveis por debaixo da pele escamada. Imersa novamente no oceano, ela despertou num sobressalto, seus braços envolveram Hakim com um resquício de força.

— Você está livre. — Ele a encarou. — Não venha a esta praia novamente, pois não lhe darei a mesma misericórdia.

— Entreguei-me ao senhor. — Ela o encarou de volta, escleras negras e pupilas brilhantes, da cor de ouro. — E o senhor me poupou. Devo-lhe a vida.

— Mostre a seu povo que humanos podem ser misericordiosos — disse Hakim, sentindo-se estúpido. — Talvez haja alguma chance de paz, num futuro distante.

— Nunca houve paz neste mundo. — Foram as últimas palavras de Zith antes de soltar-se de seu captor, nadando graciosa sob águas escuras.

Capítulo 05

A cela era só um buraco na rocha. A masmorra inteira era só uma série de buracos. Os bastardos apenas aferraram grades na boca de uma caverna natural e tinham a coragem de chamar aquilo de calabouço.

Duas coisas definiam a grandeza de um país para Sev: o modo como protegiam seu ouro e o modo como construíam suas prisões. Os mordravs escondiam suas riquezas junto aos cadáveres de seus avós queridos. Para eles, ouro era tão importante quanto o descanso eterno dos ancestrais. Já suas cadeias eram projetadas com esmero: celas de pé direito alto, capazes de apequenar um homem, com portas grossas e pequenas portinholas que se abriam para deixar as refeições passar, janelas estreitas com vista direta para o cadafalso ou fogueira. Aquilo sim era civilização.

As celas em Valash Hol eram todas desiguais, nenhuma capaz de fazê-lo sentir-se diminuto diante do poderio imperial, ou mesmo de sufocá-lo em espaços apertados. Não tinham janelas, nem bancos, nem o som constante de machados sendo afiados ou acendedores aticando braseiros. Nenhuma distração que impedisse Sev de planejar sua fuga, mas ele não tinha vontade de fugir. Seu irmão estava morto.

Sev aceitara aquele trabalho porque precisaria de um necromante. Não admitiria isso na frente de ninguém, mas tinha saudades de Morsov, sempre tão ocupado, absorto em seus estudos. Nunca fizera jus ao legado da família. Podia ter sua cabeça a prêmio na Nova Mordrávia e ser procurado como criminoso subversivo pela Cabala, mas nunca roubara nada de ninguém. Mas se o trabalho de Sev envolvesse um túmulo muito antigo e lendas de um general que jurara vingança eterna, talvez o irmão aceitasse fazer parte da equipe. Teriam um bom motivo para se reunir. Mas aí veio a garota.

Moirá era uma boa menina, habilidosa com uma lâmina e capaz de mentir para conseguir o que queria, mas tinha aspirações heroicas, defeito sério. Honra e salvar vidas eram coisas para historinhas. Quanto mais Morsov ensinava a menina, mais ele aprendia com os vícios dela. Sempre tivera aquela inclinação perigosa a fazer a coisa certa. Foi o que o tornara proscrito pelos necromantes em primeiro lugar, não concordar em escravizar pobres almas perdidas, ou em fazê-las em pedacinhos para alimentar mortos-vivos poderosos. Estavam mortos, cacete. Melhor prendê-los ou despedaçá-los do que deixar que exibissem suas caras feias por aí,

assustando ladrões de bem. No fim, Morsi sucumbira a seu lado bom, e a coisa acabou do único jeito que podia acabar.

A ferida no bucho já o estava matando aos poucos, devia ter infeccionado algo lá dentro. Se tivessem acesso à medicina khaladina, poderia ter sobrevivido, mas aquela princesa desgraçada os traíra, planejava entregar os dois como prisioneiros desde o início. Como se não fosse o suficiente, durante a confusão armada por Moira, Morsov atacara o capitão da guarda de honra com sua foice. Mesmo sob ataque das sombras inquietas, o capitão era um guerreiro condecorado. Sacou um punhal e terminou o serviço que o soldado do príncipe Haramad não fora capaz de concluir.

Sev não se lembrava de nada depois daquilo. As sombras, as malditas sombras, eram tudo o que cabia em sua mente. Seus rostos odiosos derretendo, esvaindo-se em fuligem, mesclando-se à fumaça. Mortos não devem se mexer, não devem tentar falar, nem estender braços gananciosos para agarrar os vivos.

Quando os horrores calcinados que Moira chamava de amigos finalmente o deixaram em paz, veio a voz. Sem Morsi para mantê-lo sob controle, o espírito de Istvan degenerara a um estado deplorável, suplicando sem parar. Pedia perdão como um condenado diante do machado do carrasco, Sev não conseguia perdoá-lo, nunca conseguira.

A cabala levava seu pai, um necromante de baixo nível, morto por deitar-se com uma mordrava. A mãe de Sev e Morsov era uma dançarina circense que furtava um ou outro espectador distraído, mas ao conspirar com necromantes, tornou-se alvo da Guilda dos Caçadores. Queimaram-na numa estaca, sem direito a julgamento. Sev podia imaginar a cela em que a prenderam antes do fim, a contravento da fogueira, para que ela sentisse o ar esquentando, para que não pudesse pensar em mais nada a não ser no calor que a consumiria.

Istvan era um ladrão de renome na época. Podia ter cuidado dos sobrinhos, ensinado-os seu ofício e lhes dado casa e comida. Em vez disso, deixara-os à própria sorte, escondendo-se da Guilda dos Caçadores e vivendo de sobras. Não dava para perdoar aquilo.

Mesmo sem perdão, a voz se calou por alguma razão. Sev deu-se conta de que estava só, deitado em um buraco na rocha e chorando a perda do irmão. Só percebeu que era uma prisão quando um garoto lhe jogou um pedaço de pão, duro e meio mofado. Ao menos a refeição era digna de um calabouço de respeito, mas Sev não tinha vontade de comer. Em vez disso, matou tempo planejando uma fuga elaborada, ainda que não pretendesse realmente ir a lugar algum sem a companhia do irmão. Já debatia internamente sobre como passar pelos guardas no nível superior da fortaleza quando o som de passos ecoou pelas cavernas.

— Voltou cedo de mais, garoto — disse Sev ao noviço, sem se mover. Não se devia alimentar um prisioneiro mais de uma vez ao dia. — Diga, o Deus-Rei obriga todos os padres a usarem vestidos, ou vocês fazem por que gostam?

O som de algo metálico batendo contra a parede rochosa de sua cela despertou a curiosidade de Sev. Não era um noviço quem se aproximava.

— Pegue a chave. Suas coisas estão em um baú na sala dos guardas, no fim do corredor.

— Moira? Como você escapou?

— Andvar e Nehisi impediram que eu fosse presa aqui. Me trancaram em um quarto de hóspedes. — Era mesmo Moira. A tocha bruxuleante em sua mão iluminava a metade cinzenta de seu rosto. — Mas se recusaram a deixar você ir, então eu vim pessoalmente. Temos um túmulo para roubar.

— Boa sorte com isso, vou ficar por aqui. Meu contratante é um imbecil, de qualquer jeito, não merece a armadura e o estandarte de Amarante.

— Você não pode estar falando sério! Nos chegamos até aqui, devemos isso a Morsov!

— Se alguém tem uma dívida aqui é você! — Sev não pretendia elevar tanto a voz, algo dentro dele o forçava, uma dor que não sabia possuir. — Ele está morto por sua causa!

— Eu sei — o olho esbranquiçado da garota vertia lágrimas grossas. Ela parecia terrível, com parte do rosto acinzentada, como um cadáver. — Não precisa me lembrar. Eu tentei salvá-lo, corri como uma louca, mas era tarde demais. — Ela deixou a tocha cair, agarrando-se às barras da cela para não desabar junto. — Tentaram me tirar de perto dele e eu... As sombras tomaram o controle. Foi como quando a bruxa nos encurralou lá nos charcos, eu os matei com minhas próprias mãos.

— Quantos?

— Não sei — ela soluçou. — Muitos. Um dos homens de Andvar, Snorren, tentou me segurar. Matei ele também.

— Não é o suficiente. — Mas talvez fosse um começo.

— É por isso que vim aqui. Não podia perder você também.

Como se perde uma coisa que nunca se teve? Sev até gostava um pouco da garota, vê-la chorando daquele jeito era irritante, mas saber que ela provavelmente matara mais alguns guardas para chegar até as masmorras lhe devolveu alguma satisfação... Pelo casco partido do Diabo, a verdade era que Sev gostava bastante dela.

— Olha aqui, menina. Quem você pensa que eu sou? — Ele se aproximou das barras da grade. Não deu a ela tempo de responder. — Quem você pensa que eu sou... Pra precisar de chaves para escapar de uma cela?

Sev remexeu o canto da boca com a língua, então sorriu, mostrando a Moira uma gazua metálica entre seus dentes amarelados. Ela riu. Era um som muito mais apropriado para aquele rosto jovem do que choro e soluços.

— Rápido, temos pouco tempo até notarem que desci até aqui. Podemos fugir pelos estábulos.

— Nada disso — disse Sev, e Moira curvou os lábios, confusa. — Você precisa fugir. Eu tenho assuntos inacabados em Valash Hol.

— O que pretende fazer?

— Prometo que seu tio vai sobreviver — Sev não era muito bom com promessas, mas ia tentar. — Você disse estábulos, não é? Por acaso os puros-sangues vasgocesos ainda estão trancados nos vagões?

— Sim — Moira respondeu. — Os imperiais os confiscaram, vigiam-nos o tempo todo. Nehisi está desesperada.

— Bom saber. — Logo a princesa mercante saberia o real significado de desespero. — Pegue essa chave de volta e saia por onde veio, abra o tal baú onde estão meus pertences. Você vai achar mais chaves lá dentro, surrupiei algumas do cocheiro de Nehisi.

— Você quer que eu liberte os cavalos carnívoros para causar uma distração — concluiu a garota, sentindo-se astuta.

— Não é má ideia, mas não solte todos eles. Guarde um pra você — explicou Sev, e Moira se assustou com a sugestão, afastando-se da frágil luz da tocha. — Tem uns livros de Morsov, também, pode pegá-los, se quiser.

— Não sei se mereço — respondeu a garota, com os olhos baixos.

— Não vou pegar leve com você, Moira. Talvez não mereça, mesmo, mas eu certamente não tenho uso para eles. Só não se esqueça das chaves, e já que vai buscá-las, pegue também os meus mapas. Preciso que cavalgue até Imrath e liberte Krennas Riénn.

— O homem que lhe contratou? Então vamos mesmo roubar as relíquias de Amarante?

— Só se Riénn pagar adiantado.

Moira temia que Sev tivesse desistido, após a morte de Morsov. Mas agora que o ladrão recobrou a motivação, temia que sua vingança recaísse sobre seu novo bando. Andvar impedira que ela fosse presa, mesmo após matar soldados khaladinos. Seu tio explicara ao intendente mor que Moira fora possuída pelo espírito do necromante morto e forçada a assassinar aqueles homens. Os imperiais não sabiam nada sobre necromancia, apenas que era algo odioso, e acreditaram sem dificuldade. Ajudou que Snorren tivesse morrido junto aos imperiais. Moira se

arrepentia de ter feito aquilo, mas só um pouco. O lanceiro era originário do clã Torgren, afinal.

Andvar foi capaz de mentir para livrar a sobrinha, mas não quis ouvir quando Moira lhe implorou que libertasse Sev. Depois do que os imperiais fizeram ao restante da caravana, ela duvidava que seu tio pudesse ter feito muita coisa.

Toda a mercadoria fora confiscada, e os filhos das cinzas foram forçados a entregar suas armas. O intendente mor da fortaleza, o estranho sacerdote mascarado, os mantinha dentro dos muros de Valash Hol, aguardando instruções de seus superiores na capital sobre o que fazer com os puros-sangues. Os cavalos carnívoros da Vagócia eram valiosos demais, e o intendente queria levar o máximo de crédito que pudesse por aquele presente inesperado.

A fortaleza era a maior construção que Moira já vira, inteiramente escavada na rocha de uma falha geológica provocada pela Devastação. Guardava a fronteira imperial com a Terra Arrasada, enviando patrulhas e batedores pelos estreitos corredores montanhosos. Fora assim que Nehisi tramara para prender Sev e Morsov, enviando um de seus homens adiante para se encontrar com os batedores dos Santos Cavaleiros, informando-os da chegada da caravana e de que trazia criminosos perigosos consigo.

A princesa não gostou nada das tentativas de Sev de criar uma rusga entre ela e Andvar, e o chefe guerreiro não se opôs ao plano de deixá-lo para apodrecer em Valash Hol, desde que Moira fosse poupada. O que aconteceu a Morsov não passou de um acidente infeliz.

Moira carregava a foice de seu antigo mentor no cinturão, além da espada inacabada de seu pai. Tornara-se um relicário vivo, guardando lembranças dos mortos. Fora difícil recuperá-las, após terem sido confiscadas pelo intendente mor. Era extremamente gratificante contrariar aquele homem, e Moira não teria conseguido sem a ajuda dos Skodnir.

Saindo das masmorras cavernosas da fortaleza, Moira encontrou Firaggi e Borlund na antessala onde os pertences dos prisioneiros eram guardados. Os dois haviam dado conta dos guardas postados ali, homens cansados demais para resistir a um brutamontes Skodnir e um garoto cheio de vontade de se provar como guerreiro. Aparentemente, as fortalezas costeiras do império estavam sob ataque constante, e por isso Valash Hol estava esvaziada de soldados. Os homens restantes eram forçados a enfrentar turnos longos de vigia. Melhor para Moira. Que Var Khalad voltasse sua atenção aos abissais e não prestasse atenção à sua chegada.

— Firaggi, vista-se com roupas de guarda — Moira ordenou. O grandalhão assentiu, atrapalhando-se ao tirar o gibão e a cota de malha de um dos homens caídos.

— Qual nossa próxima presa, senhora Meio-Morta? — questionou Borlund, ávido por batalha.

— Chega de caça por hoje. Vá chamar sua irmã — disse Moira. — E pare de me chamar assim!

Moira apanhou os pertences de Sev em um baú quadrado, gravado com o sol khaladino. O ladrão carregava muitas coisas: fivelas, facas de arremesso, cantis, a curiosa picareta de mão. Os mapas estavam cuidadosamente dobrados dentro de um tomo antigo e empoeirado, nas páginas havia brasões e o que pareciam ser nomes ligados uns aos outros por linhas verticais e horizontais. Por que alguém precisaria daquilo, Moira não sabia. Qualquer filho das cinzas aprendia a recitar a lista de seus antepassados em verso. Guardá-la em um livro parecia-lhe perda de tempo.

Os livros de Morsov também estavam lá. Encadernados à mão, não eram simples tratados sobre necromancia, e sim o relato detalhado das pesquisas e experimentos do necromante com a magia e os espíritos. Moira folheou um deles por um breve instante, mas logo deixou-os em paz. Ela não era digna daquilo. Pegou apenas um mapa de Sev, feito por um cartógrafo imperial, com estradas e fortes artisticamente retratados no pergaminho. Por último, apanhou as chaves dos vagões de carga, que estavam escondidas dentro de um tinteiro negro.

O nível superior da fortaleza em nada parecia com a rocha na qual fora escavado. Paredes perfeitamente lisas, com entalhes geométricos elaborados e decoradas com tapeçarias tão intrincadas que faziam a cabeça de Moira doer se as estudasse por muito tempo. Firaggi, metido nas roupas do guarda, fazia uma péssima imitação de soldado khaladino. Ainda assim, se alguém os avistasse, pareceria que Moira estava sendo escoltada por um soldado imperial, o que levantaria menos suspeitas.

A fortaleza tinha poucos guerreiros, mas muitos serviçais. Mantinham a cabeça baixa na maior parte do tempo, aqueles tais amarantinos. Ela não entendia como um povo podia ser tão submisso, mas julgava que talvez fossem como Andvar, cansados de lutar, com medo por seus familiares, dispostos a aguentar um pouco de humilhação em troca de segurança. Para ela, não era bom o bastante.

Encontraram Ilya nas cozinhas, ajudando um par de servos com a limpeza. Haveria um banquete em honra a Nehisi, a ilustre visitante, proibida de deixar Valash Hol pelo intendente mor, mas tratada com toda pompa e circunstância. Todos pareciam dispostos a abrir mão de alguma coisa em troca das bênçãos magras do Império do Sol. A liberdade e a dignidade de Moira custavam muito mais caro. Ilya se adiantou para falar com ela, sempre olhando por cima dos ombros, suspeitando dos amarantinos.

— Borlund está vigiando o corredor, caso alguém se aproxime — Ilya cochichou. — Onde está o velho? Não tem forças pra escapar?

— Ele virá, mais cedo ou mais tarde. Não precisa mais de nossa ajuda. Evitem ficar no caminho quando ele finalmente sair de lá.

— Nosso risco foi em vão?

— Ainda temos trabalho a fazer — disse Moira, encarando-a. — Mas pode voltar a esfregar o chão, se quiser.

— Somos seus seguidores agora. Farei o que ordenar.

— Preciso que distraia os homens nos estábulos.

Aquilo não agradou a jovem Skodnir, mas antes que ela pudesse objetar, Borlund saltou para dentro da cozinha como um gato selvagem.

— Tem alguém vindo! Cavaleiros!

— Rápido — sussurrou Ilya, entregando um balde e uma escova nas mãos de Moira —, pegue isso e pareça ocupada.

Dois Santos Cavaleiros adentraram as cozinhas, envergando armaduras completas e carregando elmos em forma de balde nas mãos. Espiaram o que quer que estivesse fervendo no fogão. Não deram atenção às moças que esfregavam o chão. — Moira deixava os cabelos negro-ruivos cobrirem-lhe a face descorada, para esconder sua identidade — Mas repararam no guarda desengonçado que não saudou seus superiores.

— Atenção, soldado! — bradou um cavaleiro.

— S-sim? — Firaggi gaguejou, alguns segundos tarde demais.

— Está bebendo em serviço? Isso é maneira de se dirigir a um superior? Quer passar o resto da semana lavando latrinas?

— Esse aí não está bêbado — disse o outro cavaleiro. — Quero dizer, de certa forma está. Embriagado com a visão das recém-chegadas — riu o homem. — Que botas você lambeu está manhã pra ganhar a supervisão de duas garotas selvagens?

Os cavaleiros riram, e Firaggi ecoou um riso nervoso, olhando de soslaio para Moira.

— Melhor trabalhar nessa continência, garoto — disse o primeiro cavaleiro, embora fosse tão jovem quanto Firaggi. — Ou vou me certificar de que só supervisione os esgotos da fortaleza.

O outro homem tranquilizou o colega, dizendo que estava apenas com inveja de um soldado sortudo. Os cavaleiros seguiram em direção dos estábulos. Borlund mal teve tempo de sair debaixo da mesa onde se escondera, quando novos passos ecoaram por onde os cavaleiros tinham partido. Moira levou a mão ao cabo de osso da foice de Morsov, sentindo a arma responder ao toque. Não eram os cavaleiros, mas dois guardas comuns, seus uniformes mais mal ajambrados que o de Firaggi.

— Salve, colega — crocitou um dos soldados, rouco. — Dia puxado, hein?

— S-salve — gaguejou o brutamontes. Pelo menos aqueles dois não esperavam deferência.

— Tempos difíceis — disse o outro, com os ombros caídos e o elmo torto na cabeça. — Estão colocando Santos para cobrir os turnos de guarda, acredita? Os dois idiotas se apresentaram de armadura completa! Vão cozinhar dentro do aço.

O riso de Firaggi foi sincero. Alguma coisa naquele comentário despertara seu humor. Moira continuou a esfregar o mesmo canto do chão, logo poderia espiar o reflexo dos guardas através do piso.

— E você, por que está nas cozinhas? Andam surrupiando farinha de novo?

— Supervisão — explicou Firaggi. Foi o suficiente para convencer os soldados cansados, e mais do que o suficiente para deixar Moira impressionada. Ele não era tão tonto quanto parecia, afinal.

Livre de mais interrupções, Moira apanhou seu balde e escova e fez menção para que os outros a seguissem. Pôs Ilya à sua frente e guiou-os até os estábulos, uma das poucas estruturas de madeira em toda Valash Hol. Ficavam sob a proteção de uma muralha rochosa, mas fora da fortificação principal, de onde muros altos partiam para circundar outras instalações, como uma forja e um celeiro de grãos. Os portões que levavam ao território khaladino estavam fechados desde que a caravana fora recebida na fortaleza.

Os cavaleiros não assumiam posição de guarda. Em vez disso, trocavam golpes lentos com suas espadas, em um arremedo de treinamento. Não tinham a paciência nem a atenção necessária para vigiar qualquer coisa. Repararam imediatamente nas garotas que chegavam para limpar o estábulo, fazendo comentários jocosos.

Firaggi ficou parado na entrada, certificando-se de que ninguém se intrometia. Ilya se pôs a trabalhar bem onde os cavaleiros pudessem vê-la. Não era preciso muito para distrair homens aquartelados há dias, com nada além de deveres a cumprir.

Moira esgueirou-se até as baias dos cavalos, todos bem escovados e alimentados. Ao fundo estavam os vagões de carga da caravana. Os imperiais não tiveram tempo — ou coragem — para pôr os puros-sangues vasgoces em baias próprias. Aqueles animais nunca haviam sido vistos fora de seu país de origem, e o segredo de sua linhagem canibal era guardado a sete chaves pelos condes vasgoces.

Moira arrastava o balde consigo e ia esfregando o chão enquanto se aproximava, torcendo para que os cavaleiros não percebessem o quão absurda era a ideia de esfregar o chão em um estábulo. Chegou perto o suficiente para espiar por entre as frestas na madeira e divisou um globo sangrento que a observava na

escuridão, o olho de um vasgocês puro-sangue. Moira apanhou as chaves roubadas de Sev. Elas tilintaram umas contra as outras.

— Ei, o que pensa que está fazendo?

Os cavaleiros avançaram a passos largos em sua direção, aos gritos de “ladra” e “selvagens imundos”. Havia três vagões de carga, cada um com a própria chave. Moira torceu para que a primeira fosse a chave certa. Ela deslizou fácil para dentro do cadeado, mas recusou-se a girar. De dentro do vagão, o puro-sangue soltou uma respiração sibilante, quase zombeteira. Ilya se jogou sobre um dos cavaleiros, derrubando-o. Na entrada dos estábulos, Firaggi grunhia. Lutava para impedir os reforços de entrarem.

Gritos irromperam por toda a fortaleza, Valash Hol entrou em alerta. Moira pôs a segunda chave no cadeado, mas teve que se abaixar para fugir da espada longa do cavaleiro que a alcançara. Estendeu a mão para sacar sua foice e levou um chute na barriga. Tentou alcançar suas sombras, mas elas estavam exaustas depois do que fizera aos homens que tentaram tirá-la de perto do cadáver de Morsov.

Um novo golpe, uma estocada curta, dessa vez, e Moira foi forçada a rolar para o lado oposto. Conseguiu sacar a foice, mas a obsidiana não seria páreo para o metal. Arrastou-se desesperadamente para alcançar novamente a chave, presa ao cadeado. Teria uma chance, apenas. Esticou o braço, expondo-se à lâmina do oponente. Ao mesmo tempo, chutou o balde que trouxera consigo, derramando o restante da água ensaboada. O cavaleiro avançou sobre o chão escorregadio e perdeu o equilíbrio. Moira girou a chave até ouvir um pequeno clique.

As correntes se desprenderam do vagão de carga e as portas se entreabriram. Uma ventania estranha soprou lá de dentro e Moira sentiu algo quente e molhado sobre sua pele. Sangue. Em um instante, o puro-sangue estava totalmente imóvel, como a obra-prima de um taxidermista, mas no momento seguinte irrompera de seu claustro como uma tempestade, abrindo sua mandíbula anormalmente grande para abocanhar o rosto do cavaleiro derrubado. Arrancou-lhe a face com uma mordida, e o sangue encharcou as roupas de Moira.

A essa altura, Firaggi já estava no chão, e os soldados imperiais marchavam apressados para dentro do estábulo. O segundo cavaleiro sobrepujara Ilya, mas ela enfiou a unha do polegar em seu olho. O cavalo canibal dos vasgoces queria apenas escapar, e havia uma pilha de carne fresca e pulsante entre ele e a liberdade. Os khaladinos nivelaram suas lanças, mas não conseguiam antecipar os movimentos da criatura. Aquilo não era realmente um cavalo, era um monstro, uma fera maligna que não se comportava como qualquer outro ser vivo que Moira conhecia. Adiantou-se para libertar os outros quatro.

Duas chaves para dois vagões, mais fácil dessa vez. Tomou cuidado de manter-se atrás das portas ao abri-las, libertando os dois casais de vasgoces. As

bestas saíam como sopros sombrios e se juntavam ao banquete de soldados imperiais. Sev sugerira que Moira roubasse um deles para si, mas como? Teria sorte se conseguisse escapar viva dali.

Após dizimarem os guardas, as criaturas saltaram para a liberdade, saciando sua fome interminável com qualquer infeliz que se aproximasse. Moira certificou-se de que Firaggi não estava muito ferido, depois foi até Ilya, que tratava de cortar a garganta do cavaleiro sobrevivente com a espada de um dos soldados mortos.

— Escondam-se até eu voltar. Misturem-se aos amarantinos. Se Sev sair daqui, sigam com ele. Diga a Ultha que é uma ordem.

— Vai nos abandonar? — Era menos uma acusação e mais uma súplica para que ficasse.

— Nos reuniremos novamente, eu prometo. Os dias de vagar a esmo pela Terra Arrasada terminaram.

Moira correu para fora do estábulo, tentando acompanhar os cinco puros-sangues vasgoces com o olhar. Foi em direção a um deles, que se refestelava com as tripas de um sacerdote infeliz. Aproveitou a distração do animal e saltou sobre seu dorso. Era difícil segurar o pelo liso e oleoso do cavalo vasgocês. Alcançou suas sombras, buscando por Svein, como fizera no campo de batalha contra os Skodnir. Precisava dominar um cavalo demoníaco, e para isso nada melhor do que o espírito de um tratador de cavalos. Mas suas sombras haviam exaurido a maior parte de sua energia, e seus lamentos eram impotentes. Em vez de Svein, outra coisa respondeu.

Quando Morsov deixou mundo dos vivos, Istvan perdera duas de suas amarras: o corpo morto-vivo preparado pelo necromante e a chance de ter o perdão de um dos sobrinhos. Apenas Sev restava, e era incapaz de sentir qualquer coisa em relação ao espírito do tio além de medo e ressentimento. Istvan começou a degenerar-se em uma sombra inquieta. As sombras, Moira sabia como controlar. Com a foice de cabo de osso de Morsov, ela forçou o pobre Istvan ao confinamento, agrilhoando-o à arma. Sua dor era intensa, de partir o coração, mas não se comparava à dor de um bando carbonizado pela chama taumátúrgica.

O espírito alquebrado de Istvan ainda era capaz de se manifestar, e sua energia ressoou através de Moira. Diferente de suas sombras, seu poder não transmitia a sensação de ardência, embora deixasse um nó de tristeza em sua garganta. Não era tão potente quanto os gritos e as visões conjuradas pela espada, mas era o suficiente para fazer o cavalo negro respeitar seu poder. Restava um último problema: os portões permaneciam fechados.

— Meio-Morta! Por aqui! — era a voz de Borlund.

O moleque passara despercebido até a saída da fortaleza, talvez aproveitando-se do caos provocado pelos puros-sangues. Apanhara as chaves de

algun guarda devorado pelas criaturas e abrira uma pequena porta de serviço, engastada nos enormes portões de madeira. Moira impeliu o vasgocês com os joelhos em direção à saída. Não sabia se funcionaria, mas à visão de uma rota de fuga, o cavalo de olhos vermelhos galopou como se o próprio Deus das Cinzas o fustigasse.

Livre de Valash Hol, Moira tomou a estrada imperial, maravilhada com a velocidade do vasgocês e a amplidão do caminho, calçado com pedras lisas. Galopou como um vento funesto, em direção ao horizonte de nuvens negras. Não podia esquecer das instruções de Sev. Para libertar Krennas Riénn de Imrath, primeiro Moira precisaria infiltrar-se na cidade através de uma poterna de ataque escondida nas muralhas. Depois, procuraria o contato de Sev na capital, um homem chamado Yassiv.

Capítulo 06

Hakim encarava o cérebro ciclópico de seu Antecessor, procurando por respostas. O órgão, preservado pelo poder taumatúrgico do verdadeiro Deus-Rei, flutuava tranquilamente em seu vaso canópico, alheio às preocupações de seu Sucessor. Como teria o dono daquela mente defendido Var Khalad por tantos anos, sem sucumbir diante da investida abissal? Hakim não se sentia à altura da tarefa, mas sabia que era o único que podia dar continuidade ao legado do Deus-Rei.

A câmara mortuária do Antecessor agora era vigiada pelas irmãs do Zéfiro, com seus véus brancos que lhes cobriam dos pés a cabeça. Enquanto Hakim meditava, elas catalogavam cada artefato, livro e implemento no salão. Os sacerdotes mascarados, antigos responsáveis pela manutenção da câmara e produção dos humores taumatúrgicos, estavam encarcerados. Eram, no mínimo, cúmplices dos cultistas hereges, permitindo que realizassem seus rituais em segredo. Se fossem inocentes dessa acusação, seriam culpados do crime de negligência. O julgamento podia esperar.

Abençoadamente, a chuva não viera na noite anterior. O céu amanhecera um cinza mortiço, drenado de vitalidade. A umidade se acumulava no ar da mesma forma que a tensão lentamente preenchia os corações dos imrathianos. Hakim quase desejou que a chuva chegasse logo, porque, graças a seu atraso, foi forçado a lidar com peticionantes e sacerdotes.

Sem o alto clero, todas as questões administrativas do império acabavam por alcançar o Deus-Rei. A falta d'água, os poços envenenados, o alastramento da doença misteriosa, o esgotamento físico e mental das tropas nas fortalezas costeiras. Os revezes se acumulavam, ameaçando sobrepujá-lo. Após um dia exaustivo assinando decretos, ouvindo súplicas e conferenciando com seus clérigos, Hakim precisava de um descanso. Ironicamente, sentiu-se atraído à câmara mortuária, como se observar o sarcófago e os órgãos flutuantes pudesse levá-lo a alguma epifania, uma solução para suas inquietações.

Passos ecoaram atrás de Hakim, e ele soube imediatamente que era Liriel. A arconte sanguínea vestia os mesmos mantos de suas irmãs de ordem, mas portava-se de modo diferente, de algum modo mais imponente e confiante, menos preocupada com o comedimento que as monjas-guerreiras exibiam em suas posturas. Aquilo o agradava. Após a morte de irmã Alentia, executada com o resto do alto clero, Hakim transferira o comando da Ordem do Zéfiro a Liriel. Como ele, ela nascera para liderar. Era bom sentir essa ligação com a arconte.

— Alguma notícia de Laurent ou Sigismund? — quis saber Hakim. Ele não mandara chamá-la, e sabia que ela não apreciava a câmara mortuária, tampouco as catacumbas sob o Grande Templo. Se Liriel estava ali, tinha algo importante a dizer.

— Nada ainda. Mas o perscrutador residente em Valash Kha informou que os homens do maneta já estão de volta. Mandeí uma irmã a cavalo para falar com o grandão.

— Talvez ele não tenha se preocupado em nos avisar. Laurent não liga para os protocolos.

— Laurent é um cão raivoso. Se não pudermos soltá-lo sobre um alvo, ele vai procurar outra coisa para atacar. Mas Sig não costuma atrasar relatórios.

— Ele está triste por eu não tê-lo trazido para cá. Queria lutar nas linhas de frente, mas eu me preocupo com ele.

— Sigismund tem duas vezes seu peso em músculos, por que a preocupação?

— Às vezes ele ainda pensa como um filho das cinzas. Insiste em uma dívida de sangue estúpida, temo que ele queira pagá-la com a própria vida. Mas você não veio aqui só para saber o que eu penso dos outros arcontes, o que houve?

— Más notícias. Kamash implorou ao senhor que o encontre no Monge Dançarino assim que possível.

— E a Biblioteca Imperial? Esvaziei o lugar e concedi-lhe uma equipe de noviços para evitar que se expusesse dessa maneira.

— Um taumaturgo perscrutador me trouxe um bilhete rabiscado às pressas — explicou Liriel. — Kamash diz que biblioteca foi comprometida, e que para proteger os noviços sobreviventes foi obrigado a buscar um esconderijo. Yassiv deu cobertura ao senescal.

— Sobreviventes? — Hakim jamais imaginaria que, de todos os seus lealistas, seriam simples noviços os primeiros a sofrer baixas. Pobres garotos, recrutados para aquela tarefa por estarem baixos demais na hierarquia para atrair atenção. — Kamash contou quem os atacou?

— Ele não soube apontar o responsável. Apenas que alguns noviços acabaram desaparecendo dentro da Biblioteca Imperial. Mandeí uma equipe para investigar. Havia rastros de sangue terminando em estantes ou paredes, mas não localizaram qualquer passagem oculta.

— Vou até ele imediatamente. — Hakim precisava resgatar Kamash do que quer que estivesse perseguindo seus noviços e descobrir o que haviam aprendido sobre os rituais. — Quero que mobilize as tropas para o Portão do Mar, Liriel. Isso pode ser uma distração orquestrada pelos abissais. Eles já se mostraram bastante ardilosos. Lembre-se de manter nossos lealistas nas reservas.

— Onde está sua guarda de honra, Hakim? — quis saber a arconte. Liriel só o chamava pelo nome quando estava realmente preocupada. — Não vá até Kamash sozinho.

— Capitão Marid e os outros estão logo acima, no Grande Templo. Mandarei chamá-los.

A arconte assentiu. Ascenderam as escadas das catacumbas juntos, sem trocar palavras ou olhares. Hakim queria agradecê-la por ajudá-lo a carregar o peso do comando, mas não podia. Não quando acabara de mentir para Liriel.

Caminhou sozinho pelas ruas de Imrath, com os ombros encurvados e o olhar em algum ponto distante. Tomava os caminhos mais estreitos, à sombra de marquises margeadas por muros altos. Imrath se preparava para guerra, e a visão de um homem na flor da idade, ostentando uma espada larga, mas indo na direção oposta ao Portão do Mar, chamaria a atenção de qualquer um. Hakim deixou sua máscara e armadura no Grande Templo, partiu trajando somente manto e capuz brancos. Apenas Fendetreva poderia identificá-lo como o Deus-Rei de Var Khalad, mas Hakim a embainhara na cintura, sob as dobras da capa.

Liriel sempre insistia para que ele não andasse desacompanhado, mas ele não podia chamar atenção indevida. Não no Monge Dançarino, onde metade da clientela era de criminosos e traidores. A taverna clandestina era perfeita para que Yassiv, à guisa de estalajadeiro, espionasse os afazeres de tipos indesejáveis e sediciosos. Que Kamash tivesse recorrido ao lugar como refúgio demonstrava que o senescal estava em maus lençóis. Hakim se culpava por isso.

Sentia novamente um peso que ameaçava esmagá-lo. O peso do império, do destino da humanidade. Seria capaz de salvá-los? Mesmo aqueles que se opunham ao Deus-Rei? Como podia ser ele o Sucessor da profecia, se precisava recorrer à força bruta para manter a lealdade do seu próprio clero? Mas antes que pudesse pensar em salvar toda Noltora da perdição, precisava antes salvar Imrath.

Um pensamento reconfortou-o. Mesmo enredado nas conspirações clericais e pressionado pela ameaça abissal, conseguira salvar pelo menos uma pessoa: Zith. Uma inimiga, uma criatura inumana, mas que chorava e adoecia como qualquer khaladino, hathamita ou amarantino. Os abissais eram monstruosos, sem dúvida, mas sentiam que seu ódio à superfície era justo. Aquilo tornaria mais difícil matá-los, era mais fácil quando nenhum deles jamais lhe falara em sua própria língua.

“Nunca houve paz neste mundo”. Foram as últimas palavras de sua prisioneira, a percepção de que o conflito era inevitável. Fosse entre humanos e abissais, necromantes e carniçais, bruxas e caçadores. Os bárbaros da Terra Arrasada eram a prova viva de que Zith estava certa, guerreavam até mesmo entre si, disputando migalhas em seu exílio ancestral. Poderia trazer a paz a um continente que só conhecia a guerra?

Achava que sim. Paz através da conquista, da expansão gradual do poderio de Var Khalad. Primeiro os protetorados, depois atravessando a Terra Arrasada, até Solúmbria, Mordrávia e Vagócia. Soava como o devaneio de um tirano. E o que era o Deus-Rei, senão um tirano, afinal?

Em seu devaneio, chegou a seu destino, com cada nervo em seu corpo desejando correr ao Portão do Mar para aguardar a primeira chuva da estação de tempestade. Esperar a invasão iminente, prenunciada no céu, como se a morte viajasse com o vento. Entretanto, não podia abandonar Kamash e um bando de noviços em perigo. Se o Grande Templo não era mais seguro para eles, que lugar ainda seria? Hakim desceu as escadarias escondidas sob o mosteiro da Ordem do Zéfiro, até o porão onde o Monge Dançarino funcionava. Uma tabuleta discreta indicava que, ao contrário da maioria dos comércios de Imrath, o estabelecimento ainda estava aberto para negócios.

A taverna clandestina não estava tão cheia como de costume, e os convivas pareciam bem menos animados que da última vez. Salvo os acenos pedindo por mais bebida e uma ou outra tosse entrecortada, só se ouviam sussurros. As poucas mesas eram ocupadas por homens soturnos, desertores buscando um lugar para escapar do dever de defender as muralhas. Yassiv enchia canecas de cerveja escura no balcão engordurado quando Hakim se aproximou.

— Jovem Hakim — saudou o falso estalajadeiro —, não devia ter trazido sua espada. Vai lembrar os rapazes do que eles desejam esquecer...

— Sabe que não ando desarmado, Yassiv. — O estalajadeiro ignorava completamente a verdadeira identidade de Hakim, que frequentava o estabelecimento sob o disfarce de um mercenário comum. — Como andam os negócios?

— De vento em popa — disse, gesticulando para apontar o ambiente quieto e meio vazio. — Posso cobrar o quanto quiser desses senhores. Vão continuar pagando pela cerveja se quiserem continuar usufruindo da minha hospitalidade.

— Se eu não pedir uma caneca, vai me enxotar?

— Jamais, jovem Hakim! — Yassiv deu uma piscadela. — Tenho leões de chácara para fazer isso!

— Então ponha outra cerveja em minha conta — sorriu Hakim, — Vim trazer uma mensagem a Kamash.

Yassiv franziu o cenho, espreitando ao redor com olhos apertados. Inclinou-se em direção a Hakim, convidando-o a se aproximar para que pudesse sussurrar em seu ouvido. Ao mesmo tempo, porém, o estalajadeiro baixava a mão direita para apanhar algo sob seu balcão. Uma arma oculta, provavelmente algum tipo de clava, julgando pelo temperamento do homem.

— Da parte de quem, jovem Hakim? — indagou baixinho.

Hakim não se inclinou para escutar, nem respondeu à pergunta. Apenas pôs um objeto sobre o balcão, mantendo-o sob sua mão. Para um bisbilhoteiro, o retinir de metal contra madeira soaria como uma moeda sendo oferecida em pagamento. Hakim arrastou a mão por sobre o balcão até Yassiv, deixando-o entrever seu sinete imperial, o anel com marca pessoal do Deus-Rei. O estalajadeiro escondeu bem a surpresa. Abriu os braços e gargalhou com alegria genuína.

— Eles o pegaram, finalmente! — rindo e balançando a cabeça, Yassiv deu tapinhas animados no balcão, fazendo cerveja escura respingar e atraindo alguns olhares curiosos. Hakim estava acostumado a ser tratado com deferência após revelar o sinete a alguém, mas a reação de Yassiv foi reconfortante. O Deus-Rei ainda inspirava bons sentimentos em alguém. — Aqui está sua cerveja, por conta da casa — Yassiv tornou a sussurrar. — É claro que o império não ia deixar passar um rapaz forte como você, iam achar um jeito de pressioná-lo ao serviço. Só não imaginava que precisariam do próprio Deus-Rei para convencê-lo, abençoado seja!

— Abençoado, de fato — respondeu Hakim, com ironia. — O senescal, onde está?

— Nos quartos abaixo, ele e os garotos. Não parecem nada bem, espero que tenha boas notícias para eles.

— Algo de bom pode acontecer num dia como esse?

— Você devia ter mais fé, jovem Hakim.

— Cuide-se, Yassiv. Estes são tempos difíceis.

Hakim pegou uma chave com o falso estalajadeiro. Kamash e os noviços ocupavam todos os quartos disponíveis e exigiram que até mesmo a porta para os níveis inferiores fosse trancada. Hakim adentrou o corredor que levava até os quartos da estalagem e deparou-se com um Kamash bem diferente. No lugar do senescal pomposo estava um homem transtornado e assustadiço. Kamash sempre prezara pela boa aparência, mas, naquele corredor subterrâneo, Hakim o encontrou em vestes amarrotadas e encardidas. Ao vê-lo descer os degraus em sua direção, o senescal gritou de medo e ergueu uma adaga que não parecia saber usar.

— Lanças ao raiar do dia! — Hakim se apressou para saudá-lo com a frase certa, enquanto estendia cuidadosamente seu sinete para identificar-se. Kamash sempre fora um servo leal, mas nunca contemplara a face de seu senhor até aquele momento.

— Estilhas! — guinchou o senescal. — Estilhas ao entardecer! Louvado seja, Herdeiro do Sol! É mesmo o senhor! — Em vez da costumeira medida elaborada, Kamash ajoelhou-se.

As palavras atraíram a atenção de alguns dos noviços, que saíram apressados dos quartos, agarrados a tomos proibidos como se fossem escudos de carvalho. Tinham manchas de tinta em suas túnicas. Hakim puxou o capuz para

esconder um pouco o rosto, mas o estrago estava feito. Ouviu murmúrios comentando sobre sua idade e aparência.

— Onde estão os outros noviços, Kamash? — Hakim confiara vinte rapazes ao senescal, com a tarefa de estudar a fundo os tomos mais obscuros sobre a história de Var Khalad e seus conflitos com os abissais, antigos textos recuperados de Uru Hatham e outros tantos volumes sobre variadas formas de magia, anteriores ou nascidas da Devastação. Deveriam encontrar neles alguma coisa que explicasse o culto macabro que sacrificava homens e escamados diante dos restos mortais do Antecessor.

— Os que restaram... — balbuciou o senescal. — Estão nos quartos. Assustados demais para sair. Perdoe-nos, meu senhor.

— Vamos, você me contará tudo o que aconteceu durante uma boa refeição. — Não era hora para um banquete, mas Kamash e seus noviços estavam com um aspecto péssimo. Hakim aproveitaria que estavam numa taverna e tentaria acalmá-los com um pouco de cerveja e alguma comida. — Os noviços e acólitos que estiverem dispostos devem nos acompanhar.

Yassiv conseguiu-lhes uma mesa reservada em um canto do estabelecimento. Não estava acostumado a servir refeições decentes, mas fez o melhor que pôde, arrumando algumas cestas com pães e embutidos. A cerveja escura fluíu como nunca no Monge Dançarino. Yassiv sabia que o pagamento viria do bolso do império.

— Espero que isso ajude-os a se recompor — disse Hakim. — Podem me dizer o que houve na biblioteca?

Os noviços atropelaram as falas uns dos outros, contando histórias sem sentido sobre fantasmas e criaturas invisíveis. Os três acólitos os silenciaram com olhares duros. Kamash deu um longo gole de sua cerveja e respirou fundo.

— Alguém, ou algo, se esgueirou para dentro da biblioteca do Grande Templo junto conosco, meu senhor. — As mãos dele ainda estavam trêmulas. — Não sabemos como, mas sabemos o porquê: raptaram os noviços. Apenas doze restaram.

— Deixaram rastros de sangue para trás — um dos noviços comentou, sendo prontamente silenciado por seu superior.

— Vocês deixaram os noviços a sós, sem supervisão? — Hakim questionou. Era um erro grave.

— Eu os organizei em duplas e trios — explicou Kamash — Tomamos algumas das alcovas de estudo como área de pesquisa, e os dividi por temas. Os acólitos supervisionavam periodicamente cada grupo.

— Perdoe-me, Enviado dos Céus Exteriores — choramingou um acólito de cabelos encaracolados e boca larga. — Foi minha culpa, eu falhei. Não sou digno de

contemplar sua face.

— O jovem Ardal foi abençoado muito cedo com a taumaturgia fleumática — interveio Kamash. — Contávamos com ele para vigiar-nos enquanto vasculhávamos os tomos proibidos e copiávamos os pergaminhos que o senhor nos forneceu.

— Você não injetou fleuma o suficiente nas veias? — Hakim quis saber.

— Eu havia separado um bom estoque, senhor, para um momento importante — contou Ardal. — Não me faltou fleuma, mas mesmo assim não fui capaz de detectar nada! — choramingou novamente. — Sou um fracasso!

— Se há alguém culpado nessa história, sou eu — confessou Kamash. — Demorei-me à procura dos atacantes, revistando as alcovas em busca de passagens secretas. Mais noviços morreram por minha causa.

— Tem certeza de que estão mortos?

Os acólitos murmuraram algo, um nome: Dovin.

— Encontramos Dovin em sua alcova — contou o acólito Ardal. — Apenas que sobrou dele, uma mão decepada. Ainda segurava uma página de livro.

— E sobre que esse livro falava? — Se Hakim soubesse o que cada dupla estivera estudando antes de ser atacada, talvez compreendesse mais sobre a conspiração herege. — Onde estão os volumes que os desaparecidos estudavam?

— Perdidos, assim como os garotos — disse Kamash. — Dovin se apegara ao Ars Theronika. Encontrou no livro um relato apócrifo sobre a história da taumaturgia, que descrevia as primeiras bênçãos do Deus-Rei a seus sacerdotes. O nome do autor foi propositalmente riscado dos registros, era um proscrito do clero. Os outros grupos liam sobre astronomia hathamita e biologia abissal, tentando encontrar algo que correspondesse ao conteúdo dos pergaminhos. Os três mais jovens eu instruí apenas a fazer cópias dos textos blasfemos, senhor, para que pudéssemos estudá-los melhor. — Kamash cobriu o rosto com as mãos. — Foram os primeiros a serem levados.

— E os demais, o que pesquisavam? Você, os acólitos e os noviços sobreviventes desvendaram alguma coisa daquele idioma ancestral?

— Os tomos proibidos, sozinhos, não revelavam nada — explicou o senescal. — Apesar do conteúdo herético, parecem apenas trabalhos comuns, produzidos por eruditos e escribas. Mas quando comecei a correlacionar seus conteúdos, surgiram implicações terríveis. Sugestões hediondas demais para serem verdadeiras. Me perturba que eu tenha sido capaz de imaginá-las.

— O que você quer dizer com isso, Kamash? — Hakim elevou sua voz com impaciência. — Não podemos descartar nenhuma informação. Temos o maior império que a humanidade já viu, mas sem conhecimento do que nos ameaça, ruiremos.

— Perdoe-me, meu senhor, não sou forte o suficiente — gemeu o senescal, deixando seus temores aflorarem em sua voz. — Não tivemos tempo de verificar a hipótese, mas alguns textos sugeriam que os astrônomos de Uru Hatham podiam prever os picos de atividade abissal através das fases da lua.

— Os tratados proibidos sobre taumaturgia mencionam ciclos lunares, especialmente no que se refere à taumaturgia sanguínea — completou Ardal, fitando sua cerveja como se rememorasse um trauma do passado.

— E os historiadores proscritos mencionam a existência de um relacionamento comercial entre abissais e hathamitas, antes que a Devastação afundasse Uru Hatham — continuou Kamash. — Alguns chegam a falar em tratados e troca de conhecimento, encontros diplomáticos sob a lua cheia. Começávamos a formular uma teoria quando... — Se as mortes de seus subordinados o perturbavam, o resultado das leituras pareciam causar desconforto físico em Kamash. — Ardal, por favor.

— Comparando as datas dos textos apócrifos e relacionando seus conteúdos... — começou o acólito, mas se deteve, com medo de completar o raciocínio. — Os tomos insinuem que a taumaturgia foi desenvolvida ainda em Uru Hatham, a partir de ensinamentos dos abissais. Perdoe-me, meu senhor, pela blasfêmia que acabo de proferir.

O cânone dos clérigos de Var Khalad era inconteste: a taumaturgia era uma dádiva do Deus-Rei à humanidade. Insinuar que a magia divina teria sido ensinada pelo principal inimigo do império era uma heresia da maior gravidade. Aquilo perturbava demais a Kamash e seus noviços. O pouco tempo que passaram estudando livros proibidos os lançou em uma profunda crise de fé.

— Perdoe-nos, senhor, por nossa imperfeição — Kamash suplicou. — Quando os desaparecimentos começaram, cheguei a pensar que estávamos sendo punidos por cogitar tamanho sacrilégio. Eu não conseguia decidir como agir diante da ameaça, só pensava nas terríveis passagens daquelas páginas malditas. Uma delas mencionava uma união consanguínea, uma linhagem hathamita, maculada eternamente pela praga abissal! — O senescal levou a mão ao rosto novamente, tentando sufocar um soluço. Ou seria um riso? — Só depois que encontramos o punho ensanguentado de Dovin que fui capaz de reunir os noviços e buscar refúgio.

As palavras de Kamash pareciam a trama desfiada de uma tapeçaria gasta, corroída pelas traças do conhecimento proibido. Eram incoerentes e fantasiosas, mas se Hakim prestasse atenção à figura como um todo, poderia reconhecer os vestígios do padrão tecido em seus fios. Os cultistas continuavam sua heresia, mesmo com Rasser incapacitado e o alto clero preso. Pensava que estaria um passo adiante dos conspiradores se encomendasse uma pesquisa secreta e acabasse de uma

vez por todas com os jogos de poder dos altos sacerdotes. Na verdade, Hakim continuava perdido.

— Vocês têm alguma ideia de como o inimigo pode ter se ocultado da percepção astral? — Hakim apenas suspeitava de algo, mas não sabia se o senescal transtornado ou o acólito perscrutador seriam capazes de confirmar.

— Necromancia — Ardal sussurrou entredentes, como se a própria palavra fosse dotada de terrível poder mágico e não pudesse escapar de sua boca. — Os sacerdotes já confiscaram muitos amuletos ósseos com propriedades curiosas, o inimigo pode muito bem ter acesso a algo do tipo.

Hakim conhecia um pouco sobre a arte profana da Solúmbria, o suficiente para desprezar seu domínio sobre a morte. Var Khalad possuía um acervo de objetos necromânticos, confiscados de viajantes ou surrupiados por espiões. Garad usara um desses artefatos para ajudar Hakim a praticar sua projeção astral, ainda em Nuehem, quando foram interrompidos pela mensagem urgente de Rasser. Estudando-os, os taumaturgos desenvolveram os abomináveis necrológios, capazes de reanimar temporariamente um cadáver.

Se os sacerdotes khaladinos eram capazes de aprender a imitar a necromancia, não podiam os necromantes da Cabala aprender como neutralizar a taumaturgia? Se um perscrutador podia afetar fantasmas em sua forma astral, então por que não seria possível para um necromante interferir na percepção astral de um taumaturgo perscrutador? Era uma conclusão lógica, cujos desdobramentos condenavam ainda mais a heresia que corria em segredo pelas veias de Imrath.

— Se a Cabala de alguma forma influenciou os cultistas, estamos sob uma ameaça mais terrível que os abissais. O que mais aconteceu enquanto estudavam os pergaminhos? Há algo que possa confirmar esse seu palpite, Kamash?

— Mais que um simples palpite, meu senhor. — O senescal empertigou-se. — Quando decidi esconder os noviços aqui, sabia que precisaria alertar o senhor, então empreguei os talentos do jovem Ardal.

— Você projetou sua consciência para avisar a Liriel que precisavam de mim? — perguntou Hakim ao acólito.

— S-sim s-senhor — Ardal gaguejou —, mas não foi fácil.

— Você precisava encontrar outro perscrutador, alguém com quem pudesse interagir no plano astral.

— Exato — emendou Kamash. — A escolha óbvia era Garad, seu atual senescal, mas logo descobrimos que ele não estava em condições de empregar a taumaturgia.

— Fui forçado a abusar dos dons de Garad graças ao incidente com a represa — justificou-se Hakim, e os noviços apenas o fitaram com reverência,

certos de que o Deus-Rei não necessitava explicar seus atos. — Ele ainda está se recuperando do choque taumatúrgico.

— Então tentei alcançar a senhora Liriel — continuou Ardal. — Recorri aos taumaturgos de prontidão nas muralhas, e eles estavam em frenesi, compartilhando notícias recém-transmitidas da fronteira leste.

— Da Terra Arrasada? O que isso tem a ver com Imrath?

— Um ataque a Valash Hol, meu senhor — concluiu Kamash. — Necromantes infiltrados em uma Grande Caravana. Um deles tentou lançar espíritos escuros contra os Santos Cavaleiros e foi morto. Foram eles que conjuraram aquele estranho véu astral para evitar ser detectado. Quem quer que tenha apanhado os noviços deve ter empregado um artifício semelhante.

Tudo se encaixava. O estranho véu astral sobre Valash Hol, escondendo o movimento de uma caravana, devia ser mesmo obra dos necromantes. Os relatos de Kamash e Ardal indicavam que havia alguém fazendo o mesmo dentro de Imrath. Foi a vez de Hakim levar as mãos à cabeça, deixando o capuz pender para trás e o cabelo trançado derramar-se sobre a mesa.

Aquilo era enlouquecedor. Uma conspiração florescendo entre os clérigos do Deus-Rei, ao mesmo tempo em que os abissais atacavam a costa com força renovada, a oportunidade perfeita para os necromantes da Cabala. Var Khalad pagava gordas quantias de ouro e armas aos bárbaros que desejassem assolar a Solúmbria, justamente para evitar aquele tipo de movimento. Os necromantes haviam encontrado uma brecha entre os ataques constantes dos bárbaros Torgren.

Sentindo-se observado, Hakim ergueu os olhos para encontrar as faces estupefatas nos noviços e acólitos. Lá estava o Deus-Rei de Var Khalad, Enviado dos Céus Exteriores e Herdeiro do Sol, revelado diante deles, sem máscara ou armadura. Estava desesperado.

Forçou-se a recobrar a razão. Não podia demonstrar incerteza diante de jovens que arriscaram a vida em seu nome. Era nos momentos de crise que Hakim sabia agir melhor. Aquela era a maior crise de sua vida.

— Kamash, quantos lealistas você estima que foi capaz de reunir?

— Antes de levar os noviços à biblioteca estive em cada caserna e posto de guarda, senhor. Acredito que um terço dos homens tenha recebido suas ordens.

— Manteremos esses homens longe das defesas principais, evitando confrontar a ofensiva abissal. Aguardaremos uma segunda ofensiva, seja de cultistas ou mortos-vivos, não importa. Nossas tropas devem estar preparados para proteger a capital contra um ataque surpresa.

Hakim deliberou com Kamash sobre estratégias de defesa, no caso de um ataque de necromantes. A Cabala traria um grande exército ou apenas uma força-tarefa, para um golpe cirúrgico? Os cultistas remanescentes certamente se

aproveitariam do caos da batalha para agir, mas como e onde? As irmãs do Zéfiro já mantinham um firme controle sobre a câmara mortuária.

Seus ouvidos ignoraram o rumor que se assomou sobre o recinto, um som leve que vinha de fora e era levemente amplificado pelo espaço fechado. Só percebeu do que se tratava quando uma figura estanha adentrou apressada no Monge Dançarino, exigindo falar com Yassiv. Quem quer que fosse, deixava uma trilha molhada atrás de si.

Hakim esperava a tempestade, o raio e o trovão, mas a chuva viera suave. Um chuvisco quase imperceptível, sorrateiro. A quietude não durou por muito tempo. Ao ruído da água caindo gentilmente sobre as ruas de Imrath e às demandas urgentes do recém-chegado, seguiram-se gritos desesperados e batidas frenéticas. Sons vindos do andar inferior, jorrando para fora numa cacofonia caótica. O Monge Dançarino estava sob ataque.

Capítulo 07

Uma das marcas que distinguem um bom ladrão é saber exatamente o que roubar. Na Nova Mordrávia, não fazia sentido roubar outra coisa além de túmulos. Os palácios dos barões até continham objetos de valor, como pinturas e candelabros. Mas por mais requintados que fossem seus salões, os barões sempre escondiam a riqueza verdadeira nas torres silenciosas, junto com seus mortos mais honrados.

A Guilda dos Caçadores sequer possuía salões opulentos, e todo o ouro que extorquiam dos barões como imposto de proteção era traduzido em armamento e aparelhos de tortura. As joias, o ouro e os diamantes repousavam junto aos corpos ressequidos e às urnas contendo as cinzas de ancestrais. Tendo crescido num país assim, Sev só poderia ter se tornado um ladrão de túmulos. Na Solúmbria, o ofício não seria muito diferente, só que em vez de roubar os anéis de ouro dos dedos de um cadáver, seria mais lucrativo roubar-lhe as falanges para vender aos necromantes.

Se tivesse sido criado por um casal de pastores de cabras na Vagócia, certamente teria encontrado outra forma de exercer seus talentos. Talvez tivesse se tornado ladrão de gado, mas não gostava muito de animais. O ouro das minas vagoceas também não era a melhor opção, sendo quase todo extraído em encostas na fronteira com a Terra Arrasada, saindo de lá direto para as mãos gananciosas das Grandes Caravanas. Acabaria roubando segredos dos condes e duques e vendendo-os a seus rivais. Uma carreira bem mais perigosa do que roubar dos mortos.

Valash Hol ficava em Var Khalad, um império militarista, governado por um suposto deus em carne e osso. Não faltavam riquezas para armar os Santos Cavaleiros e engordar os sacerdotes com seus vestidos de linho branco. Quando os imperiais julgaram que lhes faltavam terras, invadiram os reinos vizinhos, transformando-os em “protetorados” e condenando os povos amarantinos à servidão. Var Khalad não podia ser chamado de ladrão de terras, porque roubar exige certa sutileza. O império desconhecia totalmente o conceito.

Mas Sev notou que lhes faltavam algumas coisas. Guerreiros, por exemplo, eram escassos em Valash Hol. A fortaleza contava apenas com o mínimo de homens para defendê-la. Sequer possuíam taumaturgos, com exceção do intendente mor, que felizmente não era do tipo que cuspiam fogo. O que se tem em escassez geralmente é o que mais se valoriza, portanto Sev sentiu-se tentado a roubar alguns guerreiros para si. Nesses casos, a mercadoria roubada tinha a tendência

perturbadora de resistir ao roubo, e acabava irreparavelmente danificada no processo. Tanto melhor, já que quando se quer vingança, pouco importa o que se toma, desde que o alvo sinta a perda.

Desde que fora carregado até as masmorras, antes mesmo de que Moira o convencesse a fazer alguma coisa a respeito da morte de Morsov, Sev prestou atenção aos cavaleiros na fortaleza. Cumpriam jornadas longas para suprir a falta de soldados. O arsenal era mantido trancado, e os “convidados” da Grande Caravana estavam sempre acompanhados de lanceiros. Especialmente após o espetáculo que Moira provocara no pátio principal. As construções exteriores eram pouco vigiadas, abrigando principalmente servos e animais. Sev não gostava nem um pouco do cheiro, mas o celeiro de grãos tornou-se um bom esconderijo. Havia algo, no entanto, que era mantido sob vigilância cerrada, com, pelo menos, três pares de guardas de prontidão: a cisterna.

Fazia sentido que numa região árida como aquela não houvesse muita água para se beber, mas a aparência dos servos amarantinos sugeria que banhos também não eram muito frequentes. Até onde Sev sabia, Var Khalad era abastecida por uma represa grandiosa, construída em terras tomadas dos amarantinos — um lugar ancestral, pontilhado de montes funerários — com canais construídos para irrigar o solo árido. Devia haver alguma linha de abastecimento até Valash Hol, mas algo interrompera o fluxo. Provavelmente o mesmo problema que drenara a fortaleza de homens aptos para o combate.

— Os abissais atacaram Nagrath — explicou o ancião. O amarantino parecia velho, até para Sev, embora sua idade talvez nem fosse tão avançada. Anos de trabalho árduo sugavam a vitalidade dos homens, por isso trabalho era algo que Sev tentava evitar a todo custo. — Destruíram a represa e envenenaram o rio. Foi o que ouvimos dos sacerdotes.

— Vocês não deviam estar felizes em ver os imperiais sofrer?

— É de nossa terra natal que estamos falando. — O ancião balançou a cabeça. — Além disso, quando as coisas ficam difíceis para eles, costumam ficar ainda piores para nós. Eles se certificam disso.

— Justamente por isso peço que reconsidere minha oferta — Sev detestava ter que implorar, especialmente a alguém de aspecto tão andrajoso. — Eles estão em seu pior momento, vocês poderiam tomar a fortaleza facilmente.

— Eu e os outros já conversamos sobre isso. Eles têm medo, e eu não os culpo — disse o amarantino. — O Deus-Rei já repeliu os abissais outras vezes, e sempre que o faz logo volta seu olhar e suas lanças contra nós, para coibir qualquer tentativa de rebelião.

— Mas você mesmo disse que as coisas nunca estiveram tão ruins para os khaladinos. Talvez seja a melhor oportunidade em gerações! Deixe-me falar com os

outros, posso fazê-los entender.

— Eles nem quiseram se encontrar com você, sinto muito — desculpou-se o ancião, pesaroso. — Alguns tentaram me convencer a entregá-lo, em troca de leniência. Somos um povo dominado, senhor Jarisev.

Aquilo era óbvio e ululante. Riénn contratara Sev para resgatar artefatos perdidos do lendário Amarante, aparentemente o único homem corajoso daquele povo. Planejava incitar uma nova rebelião usando a armadura e estandarte do general morto como símbolos. Morsov suspeitava que as tais relíquias até mesmo tivessem algum poder de fato, como diziam as lendas. Sev achava tudo uma grande bobagem, e vendo aquele homenzinho enrugado torcer as mãos e pedir-lhe desculpas atrás de desculpas, teve certeza de que era impossível fazer os amarantinos se levantarem contra seus mestres.

— Tudo bem, meu velho. Você já se arriscou o bastante — Sev pôs uma mão amiga no ombro encarquilhado do ancião amarantino. — Mas antes que volte a limpar a bosta dos cavalos, poderia me responder mais uma coisa, a título de curiosidade?

— Claro, se estiver ao meu alcance...

— O que seria preciso para impelir os amarantinos a agir? Se seus lordes presos em Imrath fossem libertos e conclamassem uma rebelião, vocês os seguiriam?

— Nenhum dos senhores amarantinos ainda vivos manteve a cabeça no pescoço por ser um guerreiro de valor — respondeu o velho. — Só nos sobraram glutões e covardes.

— Sou obrigado a concordar. — Sev conhecia Krennas Riénn o suficiente para saber que ele se enquadrava na última categoria. — Mas e se um dos senhores antigos aparecesse, como se por magia, se seu maior herói fosse erguido do túmulo para enfrentar o império, vocês o seguiriam?

— Então você conhece a lenda de Amarante. Peço que não faça troça das histórias de meu povo.

— Estamos no campo da suposição aqui, amigo. Vamos fingir que tudo pode ser real, que generais possam voltar dos mortos e que seu povo tenha algo que se assemelhe a colhões e uma espinha dorsal. Será que aí vocês reagiriam à humilhação de Var Khalad?

— O senhor pode usar seu sarcasmo como lâmina contra os cavaleiros — retrucou o velho, virando as costas. — Espero que tenha um plano para fugir de Valash Hol, senhor Jarisev. Não posso garantir que vou acobertar seu esconderijo por muito mais tempo.

O velho idiota partiu, mancando e cabisbaixo. Sev não teria ajuda dos amarantinos, a não ser que pudesse ressuscitar o tal Amarante. Infelizmente, ele não

tinha mais Morsov, e Moira partira para fazer sua parte do trabalho. Sev teria que ser criativo.

Podia assassinar o intendente mor e os capitães da guarda, jogar uma guarnição já minguada no caos total da falta de liderança. Seria muito arriscado. O intendente fora capaz de lutar de igual para igual com um morto-vivo gigante.

Podia deixar os amarantinos sem opção, forçar um conflito ao revelar seu próprio esconderijo. Se os cavaleiros descobrissem que os servos o abrigavam, cairiam sobre todos com igual furor, e os amarantinos seriam obrigados a revidar ou morrer. Mas seu desprezo pelos descendentes de Amarante crescera bastante no pouco tempo em que passara em sua companhia. Se tivesse que encontrar alguém para fazer o trabalho sujo, tinha de ser alguém que ficasse feliz em fazê-lo.

Os garotos de Moira até concordariam com o plano, se Sev pudesse tirá-los das masmorras. Tinham sido trancafiados por ajudá-la a escapar. Se os imperiais fossem espertos, já estariam afiando o machado do carrasco para se livrar daqueles três. O restante dos selvagens seria de pouca ajuda, já que Andvar ainda lambia as botas de Nehisi, desesperado por migalhas de boa vontade imperial. Sev faria o possível para resistir ao impulso de se vingar também do maldito chefe guerreiro do clã Brunehald. Prometera a Moira que não o machucaria. Mas talvez o velho selvagem acabasse sofrendo um acidente.

Sev se agachou diante de seu embornal de viagem. Fora fácil recuperar suas coisas depois que Moira libertara os puros-sangues vascoces. Quando os gritos começaram, Sev simplesmente caminhou para fora da masmorra após destrancá-la com uma gazua. Moira deixara o baú na sala dos guardas bem aberto, esperando por ele. Enquanto todos em Valash Hol se ocupavam em recapturar os cavalos assassinos, Sev tratou de se esconder. Provavelmente imaginavam que ele fugira junto com a Meio-Morta.

Trouxera bastante bagagem desde a Solúmbria: facas de arremesso, adagas longas, sua picareta de mão, um chapéu reserva e o livro surrupiado do Barão Grostin, com a localização exata do monte funerário de Amarante. Morsov viajava mais leve, com pena, tinteiro, pergaminho e um punhado de livros. Moira devia tê-los levado consigo, mas talvez não fizesse diferença. A hora para literatura havia passado.

Sev devia ter separado mais mudas de roupa, mas não imaginou que seria forçado a rastejar por tantos túneis entre Solúmbria e Var Khalad. Espremer-se em buracos no solo era uma péssima ideia para quem prezava por uma boa apresentação pessoal. Um dos túneis sequer o levava a lugar algum, tivera que descer até uma toca fedorenta e enfrentar um lagarto venenoso apenas para matar a sede. Seu olhar se demorou sobre os cantis de couro que usara para coletar a água

no ninho dos basiliscos, pouco antes de serem apanhados pelo bando guerreiro de Andvar. Um deles ainda estava cheio.

A parte mais difícil em qualquer plano é a espera. Com a vingança não seria diferente. Quando tudo está preparado e todas as peças postas em movimento, vem o tédio insuportável que antecede o momento certo de agir. Sev decidira que confrontaria Nehisi durante o banquete, que seria realizado em sua homenagem pelo intendente mor de Valash Hol. Para passar o tempo, podia apenas espiar os comensais confraternizando em honra à princesa mercante.

O intendente mor anunciou que as ordens da capital eram para que mantivessem a caravana e seus protetores bárbaros a salvo, assim como o magnífico presente que traziam, até que as chuvas no litoral se dissipassem. Sev duvidava da história, o sacerdote devia estar mantendo-os ali até descobrir como levar o crédito pela captura dos cavalos canibais. Nehisi, sentada em lugar de destaque na mesa de banquete, não parecia nada feliz com a ideia. Andvar sentava-se ao lado da princesa e se esforçava para parecer complacente.

Toda a cena era bastante constrangedora. O local escolhido para o banquete, embora iluminado por candelabros elaborados, parecia há muito abandonado, com manchas escuras no piso e teias de aranha espalhadas pelo teto, de pé direito alto demais para ser limpo com facilidade. Sev vira os servos se esforçando ao máximo para esfregar o chão, mas algumas manchas simplesmente não saíam. A mesa do banquete cobria alguns dos pontos mais problemáticos, mas ela própria era inadequada, como se uma mesa de refeitório comunal tivesse sido reaproveitada para a ocasião, baixa demais para as cadeiras de espaldar alto que a rodeavam.

A comida era o pior de tudo. Simplesmente não havia em Valash Hol um cardápio variado o suficiente para honrar qualquer convidado. Com exceção de um leitão assado de ótima aparência, o que se via era uma profusão de desapontamento gastronômico: bolos de aveia, embutidos, queijos e pães endurecidos e um pouco de peixe salgado dos armazéns. Muito melhor do que qualquer coisa que comeram em viagem, mas sem dúvida uma desculpa esfarrapada para um festim. O cheiro que subia da mesa mal era capaz de encher a boca d'água. Sev estava apenas moderadamente faminto e não sofria por não poder participar.

A bebida, mais que a comida, era escassa. Barris de vinho tiveram de ser diluídos com água da cisterna para que todos os convidados pudessem desfrutar de seu sabor, já descaracterizado pela mistura. Sev contava com aquilo. Observou com satisfação o intendente mor erguer uma taça em brinde à saúde da princesa mercante. O bastardo não tirou a máscara de pássaro nem para beber. Sacerdotes, cavaleiros, mercadores hathamitas, todos beberam um gole ou dez em homenagem a sua hóspede involuntária. Andvar e Nehisi beberam por último. Servidos os pratos principais, Sev derrubou o lustre sobre a mesa de banquete.

A maldita coisa demorou demais a cair. Sev estava escondido em uma alcova superior, junto aos cadáveres de um besteiro e seu assistente. O esconderijo servia como uma proteção secreta aos convidados, mas Sev seria capaz de apostar que mais de um dignitário estrangeiro fora recebido naquele salão para ser assassinado furtivamente, sob ordens do Deus-Rei. Sua pontaria com a besta pesada não era das melhores, e acertar a argola de ferro de onde pendia o lustre não seria fácil. O primeiro virote raspou contra as correntes, que tilintaram umas contra outras, fazendo a enorme peça de ferro em sua extremidade chacoalhar e respingar cera de vela sobre os convivas.

O segundo virote veio algum tempo depois. Infelizmente, o assistente do besteiro não podia mais ajudar a armar a maldita coisa, e Sev foi obrigado a apoiá-la no chão com o pé para girar a manivela que tensionava a corda. O trabalho valeu a pena, pois o tiro voou certo. A ponta metálica do virote acertou em cheio o ponto onde o lustre era aferrado ao teto.

A enorme peça de ferro caiu sobre a mesa, partindo-a em duas, arremessando pratos e talheres pelo salão e ferindo um grupo de sacerdotes. O leitão assado foi uma vítima colateral. Sev aproveitou a distração para disparar algumas facas de arremesso, incapacitando dois Santos Cavaleiros, que guincharam como garotinhas quando o aço frio enterrou-se fundo em seus olhos. A terceira, direcionada ao intendente mor, errou o alvo por milímetros. O desgraçado não entrou em pânico, ao contrário dos demais, e simplesmente moveu-se para longe da área de alcance de Sev. Uma alcova escondida não oferecia muita abertura para disparos.

Espadas e adagas foram sacadas de suas bainhas. O intendente ordenou que buscassem seu martelo. Sabiam a fonte dos disparos, bastaria contornar o salão pelo lado de fora e apanhar Sev, encurralado na entrada da alcova secreta. Infelizmente, para os imperiais, as portas do salão de banquete haviam sido fechadas, e os servos não conseguiam mais abri-las pelo lado de dentro. Os novos amigos de Moira tinham concordado em ajudar, desde que nenhum filho das cinzas fosse ferido.

Era uma questão de tempo até que os homens no salão conseguissem arrombar os portões, arrebatando a trava de madeira que barrava sua abertura. Era o tempo que Sev precisava para escapar da alcova e reposicionar-se para um novo assalto. Não era isso o que faria, entretanto. Assistiu-os se agitando, enfurecidos, até que o primeiro homem dobrou-se para despejar o conteúdo recém-ingerido do banquete sobre as próprias botas.

Sev desejou ter pena e tinteiro para registrar os sintomas. Náusea severa, vômito, desorientação, mal-estar generalizado. Um pouco mais brandos do que ele esperava, mas não se podia exigir muito do veneno de basilisco, assim tão diluído. No fim das contas, valera a pena descer à toca dos basiliscos para coletar água,

quando ainda vagava com Moira e o irmão na Terra Arrasada. Sev agradeceu a Moira por alertá-lo sobre o quão venenoso era o basilisco macho.

Andvar resistia aos efeitos da toxina, e puxou Nehisi para perto de si. A dignidade da princesa, ou o que restava dela, escorria de seus lábios em filetes gosmentos. O chefe guerreiro carregou sua protegida consigo, buscando uma saída alternativa e atraindo brados acusatórios dos soldados imperiais. O único homem de pé enquanto os demais sucumbiam ao envenenamento seria sempre o principal suspeito. Ele tentou se explicar, erguendo as mãos desarmadas e dizendo que o Povo das Cinzas era mais resistente àquele tipo de coisa, mas seu jeito rude e sua voz trovejante fizeram cada palavra soar como uma agressão.

Sev respirou fundo, talvez cumprisse mesmo sua promessa a Moira. Deixou a alcova no momento em que ouviu as portas do salão de banquetes se abrirem de fora para dentro. Alguém gritou um alerta, transformado em ganido de dor quando os primeiros golpes soaram. Sev já não podia mais ver o que se passava do outro lado da parede. Contornou o salão por um corredor de serviço até dar de cara com os selvagens com brincos de osso, os novos seguidores de Moira Meio-Morta. Com exceção dos três jovens, eram veteranos ainda se recuperando de ferimentos antigos. Ficaram felizes em ajudar a massacrar os imperiais, entretanto, o fator surpresa, combinado ao veneno, pendia a balança a seu favor.

Os Santos Cavaleiros tentavam repelir os bárbaros, mas eram forçados a se dobrar cada vez que erguiam suas espadas, levando as mãos instintivamente ao estômago. Sev pegou uma lança das mãos da jovem bárbara de cabelos escuros. Ela chiou, raivosa, querendo continuar a espetar sacerdotes caídos, mas era preciso priorizar os alvos mais perigosos.

— Brasas o queimem, ladrão maldito! — Andvar berrava, xingando Sev enquanto punha Nehisi atrás de si. — Você envenenou o vinho! Destruíu nossa chance de paz!

— Você me acusa falsamente — respondeu Sev, fingindo pesar, enquanto nivelava a ponta da lança contra o alvo. — Não fiz nenhuma dessas coisas.

O intendente mor estava desarmado, mas não parecia tão afetado pelo veneno de basilisco quanto os demais. Sev tratou de estocá-lo nas tripas, ecoando o ferimento de seu irmão. O desgraçado não caiu, sequer pareceu sentir o golpe. Sev puxou a lança para si, preparando uma nova estocada, enquanto os Skodnir lidavam com os Santos Cavaleiros.

Da ferida do intendente mor jorrou água cristalina em vez de sangue. O desgraçado era um taumaturgo perscrutador, afinal. Ele avançou sobre Sev, revelando uma força surpreendente para um clérigo. Aparou a segunda estocada com as mãos limpas, defletindo a lança com a força dos braços. Acabou com o

ombro esquerdo arranhado, vertendo mais água. Caiu por cima do ladrão, agarrando-o pelo pescoço.

Para um homem de vestido, o intendente mor era bastante forte. Sev deixou a lança cair quando ele passou veloz sobre seu terceiro golpe e o agarrou. Lutou para sorver um pouco de ar antes que as mãos do sacerdote mascarado esmagassem sua traqueia. A água que jorrava das feridas do clérigo encharcou as roupas do ladrão.

Por mais que se esforçasse, Sev não conseguia se livrar do aperto do homem, simplesmente não tinha forças. Tentava chutá-lo, mas cada novo pontapé era mais débil que o seguinte. Onde estavam os malditos Skodnir, ou qualquer que fosse o nome idiota daquele clã? Parou de tentar afastar as mãos do intendente de seu pescoço e esticou os braços para a máscara prateada que ele usava. Com um movimento brusco, conseguiu arrancá-la da face do desgraçado.

Sev esperava ver algo no mínimo curioso por trás de uma máscara de prata que imitava um bico de ave, mas ficou decepcionado. A face de seu assassino era perfeitamente normal, até bonita, com pele morena saudável e olhos amendoados. Foi justamente em um daqueles belos olhos que alguém plantou uma faca de pão. Sem ar, a visão de Sev se tornara borrada, e ele não fazia ideia do responsável pela punhalada. Pensou que mais água jorraria do intendente mor, mas finalmente algum sangue despontou da órbita perfurada do sacerdote. O aperto cessou rapidamente. Sev sorveu o ar com tanta vontade que engasgou.

— Da próxima vez que for tomar a arma de alguém — disse a garota Skodnir. Talvez se chamasse Ilya. — Tenha certeza de que vai saber usá-la.

Sev tentou recuperar um pouco da dignidade ao empurrar o corpo estático do intendente para longe, mas sua respiração ofegante estragara toda a encenação. Levantar fez sua coluna protestar com uma série de estalos, doeu mais do que ser sufocado. Apanhou a lança e devolveu-a à garota. Os Skodnir haviam dado cabo dos guerreiros incapacitados e já se refestelavam com os gritos dos sacerdotes. Andvar caminhava em direção a Sev, seu rosto contorcendo-se de dor, dando sinais de que o veneno o afetara, ainda que só um pouco.

— Idiotas! — bradou o chefe guerreiro. — Destruíram nossas chances com Var Khalad! Cruzamos a Terra Arrasada para chegar até aqui, perdemos vidas!

— Você parece que perdeu as presas, velho javali — provocou Sev. — Sabe que um javali domesticado é só um porco, não é?

— Bastardo! Devia ter deixado que os imperiais o matassem. Não sei o que Moira viu em você, para pedir que não o machucasse.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você, Andvar. Nunca gostei muito dos clãs, mas sua sobrinha tem fibra, não se deixa dominar. É um exemplar muito melhor dos filhos das cinzas do que você. — Sev surpreendeu-se com a própria

sinceridade. Pensava mesmo aquilo da garota. — Por que não se junta a ela? A essa altura, o restante da guarnição de Valash Hol já ouviu os alarmes, já descobriu que eu e os Skodnir pegamos suas armas de volta do arsenal. Eles não veem diferença entre seus homens e os de Moira, sabia?

— Acha que temos condições de tomar a fortaleza, seu imbecil? Mesmo que matemos até o último imperial, logo virá um exército inteiro deles, com línguas-de-fogo e armas de cerco!

— A fortaleza é inútil com uma cisterna envenenada, vocês morrerão de sede com poucos dias de cerco. Eu disse que não havia envenenado o vinho, e falei a verdade. — Sev soubera o que roubar, mas não precisou tomar a água de Valash Hol para si. Bastou que os imperiais a perdessem. — Vocês não tem escolha além de sair, levar seu bando império adentro. Var Khalad é sua pra saquear, e você fica aí, protegendo uma falsa princesa, como um cão de guarda fiel.

— Os Brunehald são guerreiros de palavra. Eu jurei que defenderia Nehisi até o fim.

— E quando Imrath enviasse um destacamento para buscar as porcarias dos cavalos vasgoces, acha que Nehisi o levaria junto? Com um batalhão de Santos Cavaleiros para escoltá-la? Eles só não passaram seu bando à espada porque estão com homens a menos e cansados demais para lutar. Você nunca teve chances com Var Khalad. Eu não destruí nada. — Andvar relutava em aceitar aquela verdade. — Você devia saber, mais do que ninguém, que em Noltora a paz nunca é dada. É conquistada a duras penas, comprada com sangue e mentiras, e que não dura o suficiente para fazer valer seu preço.

O chefe guerreiro não tinha mais forças para retrucar. Esforçava-se para não pôr as tripas para fora como tinham feito os khaladinos. Provavelmente sobreviveria ao veneno, mas não sem agonizar por um bom tempo. Sev chamou os Skodnir para ampará-lo.

— Seu juramento já não vale mais nada — continuou Sev. — Está na hora de confiar sua lealdade a alguém que não vai desperdiçá-la. Vamos encontrar sua sobrinha em Nagrath, ela está disposta a fazer o império pagar por tirar a vida do pai dela. A vida de seu irmão.

Os selvagens levaram o chefe guerreiro para longe. Finalmente poderia ter uma palavrinha com a princesa mercante. Nehisi havia se arrastado até a extremidade oposta do salão, abraçando os próprios joelhos como uma criança amedrontada. Suas vestes estavam cobertas da própria imundície. O veneno de basilisco em suas veias ainda agia com força total, corroendo-lhe as tripas lentamente. Sev ajoelhou-se diante da princesa, com um sorriso de triunfo nos lábios.

— Devia ter confiado em mim em vez de tramar a minha ruína, querida — disse enquanto brincava com uma de suas facas de arremesso, girando-a entre os dedos. — Agora diga-me: onde foi que enterraram meu irmão?

Cavalar um puro-sangue vasgocês era como viajar sobre o vento noturno, e assim Moira batizou a fera de olhos vermelhos que a levou até a capital do império. Deixou Vento Noturno em uma casa de fazenda abandonada, nas proximidades de Imrath. A criatura devia estar exausta, após cobrir tantos quilômetros em tão pouco tempo. Ficou perturbadoramente imóvel assim que Moira apeou.

Era noite quando ela viu a cidade. Construções imensas, brancas e opulentas, culminadas com torres prateadas. Contornou as muralhas, furtiva, buscando a poterna de ataque oculta, conforme Sev instruíra. Teria sido muito fácil passar despercebida pela abertura, se não soubesse que estava lá. Quem quer que tivesse construído aqueles muros impossíveis devia ter usado de magia para esconder tão bem uma porta capaz de dar passagem a um cavaleiro montado.

Uma garoa descia suavemente quando Moira finalmente cruzou as muralhas. Um único homem vigiava a passagem, e não parecia muito preocupado em defendê-la. Apanhá-lo de surpresa fora fácil demais, devia haver algo errado na cidade. As ruas estavam vazias, abandonadas à escuridão, e pouquíssimas casas mantinham lamparinas acesas. A chuva fina prometia uma longa estação tempestuosa, mas ainda era perfeitamente tolerável.

Caminhou a esmo até encontrar uma fonte de luz que a deixasse ler o mapa de Sev. O cartógrafo se preocupara tanto em detalhar Var Khalad que até mesmo a representação artística da capital podia ser usada para encontrar as direções corretas. Sev indicara onde deveria encontrar-se com seu contato. O homem chamado Yassiv era dono de um salão de hidromel chamado Monge Dançarino, e abrigava toda a sorte de maus elementos, bem debaixo do nariz de uma das ordens monásticas imperiais.

Quando estava se aproximando do mosteiro, Moira sentiu-se observada. Uma sensação tênue, mas insistente. Ia e voltava com os suspiros da brisa marinha, como se o vento trouxesse consigo um cheiro malicioso. Puxou mais forte o capuz sobre a cabeça e enrolou-se na própria capa para escapar à chuva e à incomoda sensação.

Forçou os olhos para enxergar a tabuleta que indicava o estranho estabelecimento. A porta estava destrancada, deixando luz alaranjada escapar por entre suas frestas. Moira adentrou o salão de hidromel, ou taverna, como Sev chamava, trazendo consigo uma pequena poça d'água da chuva.

Olhou ao redor para encontrar um lugar não muito cheio, mas com homens de aspecto soturno. Não gostavam da luz e pareciam estar se escondendo. Moira

não fechou a porta atrás de si, sem saber se precisaria sair dali rapidamente. Havia um homem separando bebidas atrás de um balcão de madeira simples, mas bastante sólido.

— Quero falar com Yassiv — disse ao homem, que achou graça em alguma coisa.

Reparou que uma mesa no canto do recinto estava cheia de sacerdotes. Eram apenas garotos, em sua maioria, com faces rosadas e assustadiças. Não era bom sinal ver os clérigos do Deus-Rei lá embaixo, mas provavelmente eram apenas meninos fugindo de seus deveres. Com eles havia um homem mais velho, magro e abatido, que não se vestia como sacerdote, mas tinha o mesmo semblante amedrontado dos garotos. Um guerreiro alto completava a mesa, com a pele morena dos hathamitas, mas que mantinha suas tranças bem compridas, ao contrário dos mercadores e guardas da caravana de Nehisi. Ele tinha olhos atentos, que se cravaram em Moira no momento em que ela pisou no salão, por puro instinto. Ele tinha uma urgência no olhar, como se cada segundo fosse crucial.

— Yassiv. Preciso encontrá-lo — Moira chamou mais uma vez, esperando que o homem se revelasse. Sev dissera que a tal estalagem seria segura. — É importante.

Se houve resposta, Moira não ouviu, pois rápidas batidas ecoaram de algum lugar abaixo do piso, e gritos desesperados encheram o salão, ficando cada vez mais altos. Então, uma porta nos fundos se abriu com um estrondo, e homens de túnica negra e máscaras animais avançaram sobre ela.

Capítulo 08

Alívio era a última coisa que Hakim imaginaria sentir. Mas era alívio, definitivamente. Havia o terror em saber que pobres jovens cheios de fé estavam sendo massacrados naqueles quartos sujos de estalagem, a preocupação sempre presente com a segurança de Var Khalad, e o desprezo sutil por sua própria incapacidade de proteger seu povo, mas o alívio tomava precedência. A espera, o planejamento, a incerteza, nada mais importava. Tudo o que precisava fazer era cortar alguém ao meio com sua espada.

Quando a porta para o piso inferior se escancarou, fazendo jorrar cultistas de máscaras aberrantes e vestes escuras, Hakim levantou, usando toda a tensão de seus músculos para virar a mesa de madeira, que caiu com um estardalhaço de canecos e tigelas se espatifando. Precisava pôr algo entre os atacantes e os noviços sobreviventes.

Os jovens haviam feito alguma descoberta importante em seus estudos, algo que os hereges estavam dispostos a matar para esconder. Eles não contavam que Hakim estaria ali para impedi-los. Quaisquer que fossem os remanescentes daquele culto odioso, ele os trucidaria sem piedade. Não se importaria em remover as máscaras depois que morressem, queimaria todos numa grande pira na praça central.

Kamash perdeu qualquer presença de espírito que ainda lhe restava, desatou a correr pela estalagem apertada, derrubando os outros convivas ali presentes. Os homens, desertores até o último, sequer tiraram os olhos de suas bebidas até que a primeira adaga de lâmina sinuosa arrancasse sangue. Hakim bradou ordens aos noviços, exigindo que os garotos se protegessem, e saltou por cima da mesa derrubada, com Fendetreva em riste. A espada larga cantou quando Hakim golpeou à sua frente, afastando os invasores mascarados. Eles não esperavam um guerreiro entre os noviços.

Os cultistas se afastaram da primeira investida, receosos de enfrentar Fendetreva quando tudo que tinham eram adagas e porretes. Mas logo avançaram novamente, todos juntos sobre o espadachim. Com um só golpe Hakim rasgou o ventre de um homem e esmagou o tórax de um segundo, enterrando a lâmina entre suas costelas. Abaixou-se para evitar um porrete que descia para acertá-lo na cabeça, recebendo o golpe nas costas. Sem a armadura pesada, a dor veio como uma explosão vermelha em sua mente. Desferiu um contragolpe ao girar o corpo para encontrar o adversário, Fendetreva fez sangue respingar enquanto cortava o ar.

Yassiv saiu de trás do balcão com uma maça bastante semelhante às empregadas pelas irmãs do Zéfiro, correndo para auxiliar Hakim. Enquanto isso, o recém-chegado, que procurava o estalajadeiro, sacou uma arma curiosa do cinturão. Era uma lâmina em crescente, feita de pedra negra polida, que baixou sobre o herege mais próximo. Dois leões de chácara com bastões de luta surgiram das sombras entre as mesas da estalagem para se juntar à refrega. Os desertores se amontoavam na estreita saída do estabelecimento. Os gritos no andar de baixo já haviam cessado, dando lugar ao clangor da batalha.

Graças a Yassiv, Hakim podia se defender melhor, mantendo as próprias costas rentes às costas do estalajadeiro. Ele não era um homem alto, mas compensava a falta de tamanho com golpes potentes. Mantiveram-se unidos contra uma maré de máscaras bestiais que os cercava, sem precisar comunicar os próximos passos um ao outro, como apenas veteranos de guerra são capazes de fazer.

A vantagem numérica do inimigo separou Hakim de seus noviços. Derrubou mais um herege ao martelar o cabo de Fendetreva contra sua testa e viu o pobre Ardal, rígido sobre seu assento, como se ainda estivessem todos confabulando ao redor de uma mesa. Uma adaga perfurava-lhe a bochecha esquerda, despontando do outro lado da face, vazando o olho direito. A mão assassina se retraiu e Ardal foi ao chão.

Hakim forçou passagem por entre os atacantes que tentavam sobrepujá-lo. A massa compacta de homens dificultava tanto os golpes dos porretes quanto os cortes de sua espada. Inverteu a empunhadura e manteve a guarda bem próxima ao rosto, tomando impulso e lançando-se adiante, impelindo a lâmina como se fosse uma lança poderosa.

O movimento abriu caminho e libertou-o da multidão inimiga, destroçando os hereges que tentaram interceptá-lo. Sentia cortes de adaga nos antebraços e nos flancos, finas listras de dor, manchando de vermelho suas vestes brancas. Alcançou sua seringa no cinturão e injetou uma dose de fleuma, perfurando a própria coxa e pressionando o êmbolo com um único movimento.

A dádiva taumátúrgica preencheu as veias de Hakim. Seu poder crescia de forma impressionante, tornando-o capaz de empregar os prodígios da magia divina assim que recebia uma nova dose de humor arcano. O sangue escarlata estancou, dando lugar à água límpida, os cortes eram superficiais o suficiente para não interferir em sua concentração. A dor se retraiu para os recônditos de sua consciência. Permanecia, mas não era urgente, apenas mais um detalhe, um fator a ser considerado em combate.

Levantou a tempo de aparar mais um porrete com o braço erguido. Empunhando Fendetreva com apenas uma mão, estocou de baixo para cima,

perfurando a barriga do agressor. A túnica negra era bordada com runas ilegíveis, similares às do pergaminho que Hakim encontrara na câmara mortuária. O pergaminho que os cultistas queriam recuperar. O maldito pergaminho que estava no andar de baixo da estalagem.

Hakim girou a espada novamente, afastando os atacantes. Não sabia se os noviços haviam escapado, mas sabia que os que foram apanhados ainda em seus quartos já estavam mortos. Olhou ao redor para se reorientar, buscar as escadas que o levariam aos textos ritualísticos. Deparou-se com Yassiv, caído de joelhos, apertando a mão contra a lateral do corpo. Ao desvencilhar-se dos cultistas, Hakim se afastara do estalajadeiro, deixando-o desprotegido. Yassiv não era capaz de realizar a conversão taumatúrgica do sangue, não era capaz de resistir a ferimentos como Hakim.

Os leões de chácara jaziam um sobre o outro, em meio a um pequeno amontoado de inimigos. Yassiv encontrava-se em situação parecida, embora ainda estivesse consciente. Hakim adiantou-se para amparar o estalajadeiro, afastando com chutes os corpos alquebrados de hereges caídos. Ajudou-o a pressionar o ferimento para bloquear o fluxo de sangue.

— Consegue se mover? — indagou Hakim. — Preciso que se deite com a barriga para cima, vai desacelerar o sangramento.

— É o seu dia de sorte, Hakim — sorriu Yassiv, revelando dentes vermelhos. — Não vai mais ter que pagar aquela conta.

— Não desista, seu tolo! Uma ferida no estômago é simples de curar, se pudermos parar o sangramento.

— Quando se é jovem, talvez — disse o estalajadeiro, respirando cada vez mais devagar entre as palavras. — Para um jovem taumaturgo, um ferimento desses deve ser tão fácil de aguentar quanto uma farpa nos dedos.

Hakim balançou a cabeça diante do sarcasmo de um moribundo. Apoiando as costas de Yassiv com cuidado, deitou-o sobre o chão. Precisava de outro par de mãos para estancar o sangramento. Virou-se para chamar por Kamash, um dos noviços, qualquer um. Dentes perfuraram sua carne, dentes humanos.

Por todo o salão, cultistas mortos se reerguiam, suas feridas jorrando bile amarela. Mais necrológicos, quase uma dezena, dessa vez. Os artefatos taumatúrgicos, implantados nas tripas dos cultistas, os concederiam um breve rompante de violência morta-viva.

Um dos reanimados já estava sobre Hakim, mordendo-lhe o ombro direito. Antes que pudesse se desvencilhar do ataque, um segundo morto-vivo saltou em sua direção. Tinha o crânio esmagado por um golpe contundente e a mandíbula pendia, quase solta, como a aldrava em um portão.

As criaturas golpeavam, arranhavam e mordiam, suas máscaras parcialmente destruídas durante o combate. A bile amarela que vazava de seus corpos os tornava escorregadios, difíceis de segurar. Um terceiro reanimado, rosnando e grunhindo como um cão, se arrastava em sua direção. Tinha os joelhos quebrados, mas se movia com velocidade surpreendente.

Uma bota cravou-se nas costas da criatura, pressionando-a contra o solo. Uma foice de obsidiana dividiu a face do morto-vivo em duas. O movimento tornou-se letárgico quando a matéria encefálica escorreu pelo chão. O estranho, o que procurava por Yassiv, aproximou-se, chutando um segundo cadáver para longe e enterrando a foice na traqueia do terceiro, como um gancho, e erguendo-o de cima de Hakim.

Era uma mulher. Uma garota, na verdade. O capuz de peles e os ombros largos fizeram Hakim pensar que se tratava de um homem. A estranha tinha mechas cor de fogo em meio a uma cabeleira negra, selvagem. Uma curiosa cicatriz cortava-lhe a face, como uma queimadura muito antiga, cinzenta e mortiça. Quem quer que fosse, não vivia em Imrath. Ela estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar.

— Você luta melhor que os guardas de caravana — elogiou a estranha. — Mas não sabe como lidar com os mortos.

— Já você, parece saber demais — retrucou Hakim, pegando a mão que lhe era oferecida e se erguendo com cuidado, preparando Fendetreva para a defesa. — Melhor usar esse conhecimento agora.

O restante dos reanimados já estava diante deles. Alguns rastejavam, outros, com membros intactos, corriam feito loucos. A taumaturgia em seus necrológios logo se esgotaria. Se Hakim e a estranha guerreira com a foice pudessem aguentar a investida, em breve estariam a salvo.

A estranha parecia não saber, ou não se importar com isso. Em vez de manter-se junto a Hakim, como fizera Yassiv, a garota lançou-se sobre os cadáveres revividos com uma fúria brutal. Hakim contentou-se em retalhar os mortos-vivos que se aproximavam demais, decepando membros e buscando uma abertura segura para uma estocada final. Ela, ao contrário, girava sua foice no ar em movimentos excessivos, violentos demais.

— Onde aprendeu a lutar assim? — Hakim indagou ao trespassar com a espada um cadáver que espumava bile pela boca, a máscara bestial destroçada pelo mesmo golpe que o matara.

A estranha não respondeu. Causava o maior estrago possível às criaturas com cada golpe, expondo-se desnecessariamente a ataques. Um reanimado rastejante agarrou-se à capa de peles da garota, desequilibrando-a. Hakim golpeou o morto-vivo que o acossava com um corte rápido de baixo para cima, trazendo a

guarda da espada para perto de si, e saltou em direção a um segundo cadáver que se lançara sobre a estranha desprotegida.

— Esse foi o último deles — disse Hakim, enquanto a jovem decapitava a criatura que a fizera tropeçar. — Se tivesse esperado um pouco, a chama que os animava teria se apagado sozinha.

— Você permitiria que qualquer um vivesse nesse estado deplorável por um instante sequer? — A garota encarou-o. Com o manto de peles puxado para baixo, seu capuz pesado recuara, revelando um olho azul gélido e outro completamente sem vida, de um branco leitoso.

— Já estão mortos. — O que acontecera àquela jovem para deixar uma cicatriz cinzenta como aquela? Não era um ferimento comum. — Além do que, eles queriam isso. Permitiram que os necrológios fossem implantados.

— Então esse é o efeito daquelas coisas — concluiu a estranha, para si mesma, então voltou-se a Hakim. — Você nunca se arrependeu de ter feito uma escolha? Não sei quem são esses sacerdotes de preto, mas sei que eles não podiam imaginar qual seria a sensação de ser forçado de volta a um corpo morto. Isso não é necromancia, é algo pior. Uma perversão da vida.

— Você sabe demais sobre os mortos. Quem é você? O que quer em Imrath?

— Eu sou Moira, dos Brunehald — revelou a bárbara com orgulho. — Procurava um homem chamado Yassiv, mas acho que seu espírito já partiu dos Ermos Cinzentos.

Hakim voltou-se para o corpo do estalajadeiro. Embora a mão parecesse apertar firmemente o ferimento no estômago, o peito não mais se movia. Sua expressão era rígida, a cabeça pendendo de um ângulo desconfortável. Yassiv sempre fora um homem leal ao império, até o fim...

— Não sei o que você queria com ele — disse Hakim a Moira. — Mas posso tentar ajudá-la, se concordar em me ajudar primeiro.

— Preciso encontrar alguém nessa cidade. — Moira não parecia inclinada a revelar suas intenções facilmente. — Vai ser impossível sem ajuda, e ele era o único que eu sabia que podia ajudar.

— Quem quer que seja, posso encontrar para você. — Se a influência do Deus-Rei não fosse suficiente, uma busca astral resolveria o problema, a não ser que se tratasse de um necromante, ou dos cultistas.

— Não diria que você é um dos Santos Cavaleiros — comentou Moira. — Mas essa espada conta uma história diferente. É boa demais para um soldado comum. Como sabe que pode me ajudar e o que quer em troca?

— Sou Hakim Ur-Hazred, mercenário a serviço do clero. — A mentira soava plausível. — Conheço muitos deles e eles conhecem muita gente. Me contrataram para acabar com um culto herege.

— Trabalho fácil quando eles vêm até você, com armas em punho — Moira respondeu. — Não sei se sobrou algum clérigo vivo para lhe pagar.

Ela estava certa, não havia sinal dos noviços ou Kamash. Hakim procurou pelos cantos empoeirados da estalagem, agora sujos de sangue e cerveja derramada. Junto à mesa onde se sentaram, alguns dos rapazes jaziam, crivados por punhaladas ou alquebrados por golpes contundentes.

O cadáver de Ardal se destacava entre os demais pela brutalidade de suas feridas. Mas não estavam todos ali. Kamash tinha desaparecido, e havia um rastro vermelho-escuro de algo que fora arrastado para longe da carnificina. As marcas sangrentas iam direto até as escadas. Algo ou alguém, durante a confusão, arrastara o senescal ao andar inferior.

— Pelo jeito, você chegou há pouco tempo na cidade — disse Hakim a Moira. — Não precisa dizer como nem porque — ele pretendia se preocupar com aquilo depois —, mas isso a faz mais confiável que a maioria. Desça comigo até o andar de baixo e lhe ajudarei a encontrar quem procura.

— O que buscamos lá?

— O maldito que arrastou meu amigo para baixo — disse Hakim. — E talvez alguns livros.

— Vá na frente.

Era melhor do que ter de desbravar o desconhecido sozinho. Os cultistas haviam se infiltrado no Monge Dançarino, provavelmente abrindo caminho por passagens subterrâneas, talvez através de uma passagem secreta. O lugar fora construído em uma seção das catacumbas, e toda a rede de túneis sob Imrath era interconectada. Hakim parou para apanhar uma lamparina presa a uma das paredes. O som da chuva suave do lado de fora o lembrava de que não podia se demorar ali. O ataque abissal era iminente, se já não estivesse em andamento.

Cada segundo a mais no porão do Monge Dançarino custaria vidas khaladinas, mas Hakim precisava saber. Entregou a lamparina a Moira. Não poderia empunhar a espada com uma das mãos ocupadas.

Desceram devagar o curto lance de degraus que levava aos quartos no andar de baixo. A porta, antes escancarada pela intrusão dos cultistas, estava cerrada. O rastro de sangue terminava ali, com uma pequena poça escarlata se formando sob o vão estreito. Sons abafados podiam ser ouvidos do outro lado.

Hakim cutucou a porta com o pé, mantendo um firme aperto sobre o cabo de Fendetreva, a lâmina voltada para baixo. A luz da lamparina banhou o estreito corredor, revelando uma carnificina ainda pior que de cima. Membros decepados dos noviços estavam espalhadas pelo corredor, cadáveres sangrentos parcialmente encobertos pelas portas escancaradas dos quartos. O ar, normalmente empoeirado, estava úmido com os fluidos corporais derramados. Os humores do Antecessor

podiam ser dotados de magia divina, mas os de homens comuns carregavam em si apenas a lembrança da morte.

Os sons cessaram. Moira estacou com o silêncio, o facho luminoso de sua lamparina recaiu sobre uma mão aberta, suplicante, como o gesto derradeiro de um afogado. A diferença era que o punho se projetava a partir do piso de granito sólido.

— Krennas Riénn — Moira sussurrou.

— O quê? — indagou Hakim, surpreso e confuso.

— Se vamos lidar com a coisa que fez isso — explicou a selvagem. — Vai me dizer agora como encontrá-lo.

Por que diabos uma garota dos clãs precisaria encontrar lorde Riénn? Amarantinos e bárbaros frequentemente se aliavam em insurgências rebeldes, mas de todos os senhores destituídos dos protetorados imperiais, Riénn era, sem dúvida, o mais desprezível. Moira carregava certa intensidade dentro de si, uma força de caráter que jamais seria compatível com os esquemas maliciosos do homem.

Soluços entrecortados romperam o silêncio, vindos de um dos quartos de estalagem no fim do corredor. Hakim reconheceu a voz de Kamash e correu em auxílio do senescal. Esperava que Moira simplesmente partisse, já que não tinha sua resposta, mas ela o seguiu, iluminando seus passos enquanto mantinha a foice cruzada contra o corpo, em posição de defesa.

O aposento parecia ter sido atingido por um furacão. O pequeno catre de madeira estava partido ao meio, o colchão fora reduzido a retalhos e a palha que o forrava espalhava-se pelo chão, absorvendo o sangue que escorria. Um baú fora revirado e uma prateleira derrubada contra a parede, as páginas de seus livros para sempre manchadas de vermelho.

Kamash encostava-se entre o que sobrara da cama e a parede, meio sentado, meio caído. O olho direito era uma coisa escura e inchada, vertendo pus, e o nariz fora esmagado com um golpe potente contra a face. Os soluços vinham devagar porque o senescal sufocava na própria sujeira.

— Quem fez isso com você? — Hakim perguntou, horrorizado.

— Não... Não... Não... — foi a única resposta.

— Kamash, sou eu, seu senhor. Vou levá-lo para um lugar seguro.

— O sangue, o sangue de sua linhagem — lamentou o senescal. — Imundo, para sempre.

Hakim se aproximou de Kamash, estendendo os braços para carregá-lo dali. Ele despertou do torpor e agarrou Hakim, desesperado.

— Fuja, meu senhor! Fuja! — urgiu o senescal. — Está entre nós, no sangue, na sujeira, nas paredes. ELE ESTÁ NAS PAREDES!

A armação da cama acertou Hakim em cheio no peito, derrubando-o, atingiu a parede oposta e resvalou no ombro de Moira, que por pouco se esquivou do golpe

súbito. Ela mirou o facho de luz na direção do ataque, revelando uma parede vazia. Hakim levantou com cuidado, apoiando-se nos destroços para não escorregar no sangue do chão.

— Eu posso vê-lo! — disse a selvagem. — É uma coisa viva, mas atada à essência da morte.

Hakim não fazia ideia do que ela estava falando, mas a coisa pareceu reagir ao comentário. Uma massa disforme projetou-se a partir da parede suja, como um líquido viscoso e incolor escorrendo do aposento, pingando das paredes e do teto até se consolidar diante deles. A massa disforme foi ganhando contornos humanoides à medida que se expandia. A criatura vestia os mesmos robes negros dos hereges, mas esgarçados, o tecido rompido e esfarrapado para acomodar sua forma inumana.

Era grande, inchada, e horivelmente assimétrica, com um braço absurdamente musculoso enquanto o outro era uma garra esquelética. As pernas dobravam-se para trás como as de um cão ou carniçal, e o rosto gordo era parcialmente encoberto por uma máscara espinhosa que parecia engastada permanentemente à face.

— O senhor se cerca de aliados estranhos — disse a criatura a Hakim, como se o conhecesse. Sua voz soava ao mesmo tempo etérea e gorgolejante, como se duas bocas ecoassem um único discurso. — Primeiro, noviços, agora necromantes.

A coisa avançou sobre eles. Movia-se como um símio, usando seu braço anormalmente musculoso para impelir seu corpo inchado e disforme adiante. Moira recuou para fora do aposento, levando a luz consigo. Não sobrava muito espaço para manobra no quarto apertado, então Hakim adiantou-se para receber o golpe com uma estocada de Fendetreva. A criatura, que parecia um dia ter sido um sacerdote, abaixou-se em um movimento semicircular, girando para passar sob a lâmina e acertar Hakim com um ombro hipertrofiado.

A carne cinzenta da criatura tinha um odor que remetia à velhice e ao abandono, misturado com o cheiro forte de algo químico. Seu ombro horivelmente hipertrofiado parecia recoberto por uma teia de tendões esticados sob a pele. Hakim tentou proteger-se, mas o encontrão atingiu-o com uma força que ele conhecia: taumaturgia melancólica. Mestre Balam também tivera o corpo deformado pela bile negra, como era comum aos taumaturgos que recebiam sua dádiva. Mas a extensão das mutações naquele cultista monstruoso sugeria que havia outras forças influenciando sua anatomia.

A coisa-cultista imprensou Hakim contra a parede com sua carga poderosa, imobilizando-o ao mesmo tempo em que ameaçava esmagá-lo. Hakim precisou reunir todo seu foco para não soltar Fendetreva com o impacto, mas da forma como fora apanhado não tinha meios de empregar a lâmina. O máximo que podia fazer

era baixar o pomo da arma repetidas vezes contra o ser monstruoso, o que não parecia surtir muito efeito.

De perto, viu a máscara espigada da criatura. Estava realmente incrustada na face deformada por inchaços, suas bordas penetrando a pele, emolduradas por uma fina crosta de sangue coagulado. Os olhos da coisa o fitavam com inteligência macabra. Das múltiplas dobras de gordura que pendiam do queixo brotavam fiapos esbranquiçados e esparsos do que, um dia, talvez, tivesse sido uma barba.

— Não há necessidade de violência — a criatura sussurrou, uma voz dupla que parecia murmurar e engasgar a um só tempo. — Basta que o senhor entregue os pergaminhos. Os textos originais de nossa ordem não devem ser lidos por olhos indignos.

A coisa chiou de dor. Moira a acertara por trás com um golpe de foice. A lâmina de obsidiana era tão eficaz contra a carne desprotegida do monstro quanto o aço de uma espada. Hakim aproveitou a distração para tomar fôlego. Não conseguia manejar Fendetreva, e os golpes com o pomo da arma pareciam apenas irritar a criatura, então soltou-a. A espada acertou o chão com um estrondo metálico, desviando a atenção da coisa-cultista. Hakim levou as mãos à máscara bestial.

Sentiu o aperto redobrado diante de sua investida. Não sufocou, embora sentisse os próprios órgãos a ponto de estourar contra a parede do pequeno quarto escuro. Forçou os dedos pelas aberturas para os olhos na máscara, cegando o adversário por um instante. Moira insistia em golpeá-lo, mas foi repelida por um coice do monstro. O movimento arrefeceu o aperto, e Hakim, com um grito, puxou a máscara presa à face disforme do herege bestial.

Com o rosto exposto e sangrando, a criatura tornou a chiar, silvar e gorgolejar, mas suas palavras soavam incompreensíveis. O aperto assassino cessou por completo enquanto o monstro adotava novamente uma consistência gelatinosa, tornando-se translúcido. Seu corpanzil obsceno pareceu derreter, rapidamente mesclando-se ao piso. Seu lamento odioso ainda era audível em meio às sombras.

— Ainda está aqui — alertou Moira. — Posso vê-lo se movendo através das paredes, como um rastro espiritual. — Talvez o olho cego da garota bárbara não fosse tão inútil, afinal. Ou talvez a coisa-cultista falasse sério quando se referia a necromantes.

Hakim apanhou Fendetreva e rolou para fora do quarto diminuto. Concentrando-se nos resíduos da fleuma em suas veias, projetou sua percepção. Não faria uma viagem astral, mas rasgaria o véu mais profundamente, até o negrume que experimentara em seu treinamento com o humor, a barreira que antecedia os Céus Exteriores. O lugar sombrio dos mortos, buscando o que Moira chamava de rastro espiritual.

Sua projeção astral ostentava a armadura do Deus-Rei e pulsava com vida própria, em contraste com a escuridão opressiva daquela dimensão. Estar num corredor escuro e perscrutar aquele campo de morte era como descer correndo do convés ensolarado de um navio até os porões de carga mais profundos. Ainda assim, podia ver outros pontos luminosos ao redor, as almas evanescentes dos recém-abatidos no Monge Dançarino e a estrela branca e solitária que parecia guiá-las, o único astro no firmamento vazio daquela dimensão.

Mas Hakim também via Moira, inteiramente presente sobre o solo arenoso dos campos da morte, como se pudesse estender a mão e tocar-lhe a face. Sentiu-se estranhamente curioso em relação à garota, queria descobrir o que a trouxera a Imrath, e como ganhara aquela cicatriz cinzenta. Mas ela também o via. Não como Hakim, o mercenário. Ela via a armadura e a Máscara Colérica do Deus-Rei.

Sobressaltada, ela recuou, e então ambos notaram o movimento sutil do monstro fantasmagórico. A coisa-cultista deixava um rastro de imagens desfocadas de sua forma obscena ao se mover. Ele os rodeava, preparando-se para uma nova investida. Atacaria por baixo, provavelmente tentando puxá-los consigo. Moira retirou-se dos campos da morte, pronta para se defender no mundo físico.

A percepção de Hakim retornou ao corredor estreito a tempo de sentir as estranhas vibrações sobre seus pés. A monstruosidade emergiu, estendendo sua garra óssea para apanhá-los. Moira saltou para longe, evitando o golpe. Hakim rolou na direção oposta, enquanto a massa viscosa e translúcida se consolidava novamente. Sem a máscara, a coisa-cultista exibia a face de Rasser.

A surpresa em ver seu antigo mentor foi menor que o ódio que invadiu o coração de Hakim. Avançou sobre o monstro com um grito de raiva nos pulmões. A traição do pontífice corria mais fundo que um simples jogo político. Sua nova forma abjeta mais do que apropriada para a gravidade de seus crimes contra o império. Baixou Fendetreva contra Rasser no instante em que seu corpanzil retorcido se consolidou completamente. A espada penetrou a carne gelatinosa sem esforço, e o sangue jorrou como uma fonte negra no instante seguinte. Os gritos de dor do traidor se misturaram ao brado guerreiro de Hakim.

Moira avançava em direção a ambos, a foice em riste, mas um brusco safanão da garra ossuda apanhou-a. A bárbara foi arremessada para longe, deixando cair a foice obsidiana. Mesmo sobrepujado, Rasser investiu sua garra contra Hakim, que ainda tinha a espada firmemente enterrada nas tripas do pontífice. Tentou erguer a arma, mas a criatura parecia agarrar-se a ela, sua carne metamórfica fechando-se sobre o aço. Solto Fendetreva e tentou rolar para longe, mas o braço hipertrofiado de Rasser ainda tinha força assombrosa e o prendeu no lugar.

Gritos encheram o corredor, como um vendaval sonoro, fazendo as portas para os quartos abrirem e fecharem em baques violentos. Hakim esperava o golpe

final, mas em seu lugar vieram vozes acusatórias e imagens aterradoras. Um calor insuportável o acometeu, enquanto faces carbonizadas invadiam sua mente, acusando-o, instigando-o a arder em retribuição por suas transgressões.

Você queimarás. — Condenavam as vozes.

Arderá como nos fez arder. No fogo perpétuo.

Na fornalha de seus pecados.

No calor onde foi forjada a arma de sua perdição.

Queimarás conosco.

Pareciam falar de dentro de sua cabeça, como se invadissem sua mente. Viu cada rosto, cada deformidade provocada pelo fogo, cada esgar de ódio que o culpava pelo sofrimento. Mas não os conhecia, sequer fazia ideia de onde vinham. Condenara muitos a destinos semelhantes, talvez até piores. Traidores, invasores e criminosos, cada um deles. Depois da traição de seus sacerdotes, depois do que aprendera sobre a taumaturgia e os abissais, como podia ter tanta certeza?

Quando deu por si estava apoiado em Fendetreva, a ponta fincada no chão. Rasser fora reduzido a um monturo semissólido de matéria translúcida, juntando-se à sujeira que inundava o corredor. Moira caminhava em sua direção, segurando uma estranha espada de aspecto inacabado, o aço da lâmina empenado e retorcido.

— Krennas Riénn — exigiu a bárbara.

— O que quer com ele? Mais importante, o que foi aquilo? Nunca vi esse tipo de necromancia antes.

— É assunto meu. Cumpra sua parte do trato.

— Espere — Hakim precisava ganhar tempo —, onde está Kamash?

Correu novamente até o aposento do senescal, consciente de que Moira mantinha uma lâmina erguida em sua direção. Não acreditava que ela fosse atacá-lo. Não ainda. Kamash continuava jogado contra a parede, esforçando-se até mesmo para respirar.

— Kamash, estamos seguros agora. Aquela coisa queria os pergaminhos, matou os noviços por terem lidos os textos e feito cópias. Onde estão os originais?

— Não estamos longe de perigo — Moira interveio. — Aquele monstro vai voltar em breve.

— Você usou necromancia contra ele — acusou Hakim. — Esse tipo de coisa é punível com a morte em Var Khalad.

— Salvei sua vida, taumaturgo ingrato. Diga-me onde encontrar Riénn e vamos sair logo daqui.

— Primeiro, vamos ajudar Kamash — disse Hakim apoiando o senescal em seus ombros. — Vamos, por aqui.

Os primeiros passos vacilantes foram os mais difíceis, até que Hakim e Moira entraram no mesmo ritmo e o avanço tornou-se mais fácil. Já haviam vencido os degraus quando Rasser apanhou Hakim pela cintura.

Kamash e Moira, caídos após perderem o equilíbrio, puderam apenas observar o Sumo Pontífice apanhar Hakim com uma mão colossal enquanto cravava as longas garras ósseas da outra mão em sua coxa. Água cristalina escorreu abundantemente do novo ferimento.

— Vamos, senescal — disse a criatura deformada, como se de sua garganta brotasse a mesma substância gelatinosa em que se decompunha para atravessar paredes. — Revele onde escondeu os textos ou seu nobre senhor retornará aos Céus Exteriores.

Kamash gritou, arranhando a própria face com mãos desesperadas. Moira tentou ajudar, mas foi repelida por um encontrão. Rasser, mesmo ferido, ainda não estava acabado.

— Não, por favor! — suplicou Kamash. — Eu não posso!

Rasser cravou mais fundo suas garras, Hakim sentiu-as como espetos em sua carne, lanças afiadas abrindo caminho através do músculo da coxa, ávidas por uma artéria. A conversão taumatúrgica cessou abruptamente, e todas as feridas de Hakim, desde os cortes delgados abertos por punhais às perfurações profundas em sua perna, tornaram a verter sangue escarlate. Gritou de dor.

— Liriel! — berrou o senescal. — Eu dei os pergaminhos à arconte!

— Ganhará um fim limpo por isso — disse o sumo sacerdote. Então, com um movimento veloz do braço enorme, golpeou a cabeça do Senescal. Um único soco potente esmagou o crânio de Kamash, como um golpe de clava. Moira se levantara novamente e já corria em direção a Hakim, a mão buscando a estranha espada inacabada em seu cinturão.

— Junto à muralha norte — Hakim disse à necromante. — Com os doentes. Rienn está lá — revelou, indiferente aos objetivos da garota. — Fuja!

Seu último alerta ecoou pelos túneis inferiores, a medida que era tragado por Rasser através das catacumbas.

Capítulo 09

Ele não era apenas um mercenário. Moira viu o jovem guerreiro chamado Hakim projetar-se nos Ermos Cinzentos com uma forma diferente. Não era uma manifestação necromântica, mas era como se uma outra versão de Hakim tivesse penetrado os domínios da morte em forma espiritual. Em vez da túnica e capa branca, envergava uma armadura elaborada, coroada com um elmo brilhante e ostentando uma máscara feroz. Moira o reconhecia através do ritmo pulsante do poder arcano que conjurava aquela forma. De algum modo, na luz quase ofuscante daquela versão de Hakim, residia o segredo de sua identidade.

Como se a demonstração de poder mágico não fosse suficiente, todos dirigiam-se a ele como “senhor”. Até mesmo a monstruosidade mascarada que os atacara mostrou deferência. Hakim era, no mínimo, um taumaturgo poderoso, com alguma incumbência secreta. O intendente mor de Valash Hol também usava uma máscara, cor de prata em vez do ouro na face de Hakim. As máscaras deviam ser um símbolo de respeito no império, um costume derivado das máscaras do maldito Deus-Rei. Era a explicação mais plausível para aquele encontro bizarro com os sacerdotes de robes escuros e a criatura quase humana escondida entre as paredes. Moira nunca vira o senhor de Var Khalad, e imaginou que as máscaras que o Deus-Rei ostentava deviam ser ainda mais imponentes que as de seus súditos.

O modo como aquele sacerdote horivelmente deformado se decompunha e reformava ao atravessar matéria sólida fez Moira pensar em Khef, o morto-vivo reforjado de Vendris, e nas emanações espectrais da estrela caída que encontrara sob o campo estelar. Morsov a guiara sob o céu de cores cambiantes até aquela luz, e lhe ensinara a extrair seu poder. Potencial necromântico bruto, serpeando pelo ar como fumaça liquefeita.

A energia que emanava da criatura, embora provavelmente fosse alguma forma mais profana da taumaturgia imperial, parecia muito com uma manifestação necromântica em sua essência. Se as sombras inquietas de Moira eram capazes de afetar manifestações menores, derrubando cadáveres reanimados ao seu redor, talvez afetassem também o poder daquele monstro.

Quando a torrente sombria preencheu o corredor, o sacerdote monstruoso guinchou e borbulhou, sua forma horrenda liquefazendo-se diante do assalto psíquico das sombras. Hakim também fora pego no turbilhão, mas aguentou os gritos e o calor fantasmagórico com alguma dignidade. Moira já estava mais do que acostumada à fúria das sombras, passara a esperá-la com ansiedade, recebendo-a

como um castigo merecido. As vozes torturadas de seu antigo bando lhe falaram novamente, como sempre faziam. Mas dessa vez, contaram algo novo.

Foi ele. — Falavam de Hakim, como podiam saber? — Ele nos queimou.

Por sua ordem fomos condenados.

Torgren serve a ele agora.

Queime-o, irmã.

Queime com ele.

Queimem conosco.

Como as sombras poderiam saber quem as condenara ao fogo? Por mais que fosse um taumaturgo, Hakim não podia ter participado da carnificina do assentamento. Os imperiais junto a Torgren ainda estariam na Solúmbria, semeando o caos entre as necrópoles. Teria Hakim orquestrado a invasão Torgren, cedido um destacamento de línguas-de-fogo a Dorrage? Ele era senhor de algo, afinal. Até mesmo a monstruosidade metamórfica tentando matá-lo o tratava com algum respeito. Moira apertou mais forte a empunhadura da foice de Morsov, sentindo o espírito dormente em seu cabo ósseo.

Precisava encontrar Krennas Riénn, o lorde amarantino que requisitara os serviços de Sev. Fora preso pelo império após uma tentativa de barganha frustrada, trancafiado em algum lugar de Imrath. Devia ser um grande guerreiro, pois seus planos de liderar uma revolta contra Var Khalad exigiam que ele próprio vestisse as relíquias de Amarante. A armadura e o estandarte do general morto não valeriam de nada sem o homem que encomendara seu resgate dos montes funerários.

Se Moira tivesse feito o que as sombras lhe sugeriram, se tivesse cedido ao impulso cáustico que tomava conta de seu coração e cortado a garganta de Hakim com sua foice, não teria a menor chance de encontrar Riénn. Decidira poupá-lo. Poderia se esgueirar pelas poternas de ataque novamente e clamar sua vingança contra ele pessoalmente, depois que o assunto com Riénn fosse resolvido.

No fim, Hakim provou-se ao menos um lutador honrado. Preocupava-se bastante com seus subalternos, e Moira não viu outra escolha senão ajudá-lo com o franzino Kamash, enlouquecido pelo encontro com o sacerdote monstruoso. Se tivessem deixado o homem caído onde estava e fugido daquele corredor subterrâneo, estariam a salvo antes que a criatura pudesse recobrar os sentidos. O altruísmo de Hakim foi sua perdição.

Moira tentou salvá-lo mais uma vez, mesmo odiando-o. Ninguém merecia perecer nas mãos de algo tão profano, tão hediondo quanto aquele horror liquefeito. Por contraste, até os abissais pareciam oferecer uma morte mais digna.

Ainda assim, Moira falhou. Sentiu-se frustrada. Não exatamente por Hakim ter sido levado, mas por não poder confrontá-lo com o que sabia, exigir dele alguma

explicação sobre o que se abatera a seu antigo bando. O que dava a Var Khalad o direito de decidir sobre as vidas de gente que sequer pisara em seu solo? Como podiam julgar-se santos, superiores a tudo e a todos, se jogavam os mesmos jogos de poder, se travavam guerras externas e internas, como todos os povos de Noltora?

Aqueles questionamentos a perturbavam enquanto corria pelas ruas molhadas. A criatura mascarada não a seguiu, satisfeita em levar Hakim. A fina garoa dera lugar a uma chuva intensa, e o silêncio perturbador da capital imperial se enchera de gritos e brados de comando. Imrath estava sendo atacada.

Era apenas justo. O Império do Sol se orgulhava de seu poderio militar, tomando terras dos amarantinos e rechaçando os filhos das cinzas que se aproximavam demais de suas fronteiras. Haviam aperfeiçoado a arte de invadir o território alheio, de levar a guerra aos cantos mais distantes de Noltora. Finalmente experimentavam na própria carne a angústia que impunham ao resto do continente.

Rumou em direção à muralha norte e viu o brilho de fogueiras à sua esquerda. O som metálico de armaduras em movimento era cada vez mais perceptível por trás dos gritos indistintos e da chuva que caía, indiferente, sobre a cidade branca. Estava perigosamente próxima da zona de conflito.

Saltava para dentro de becos e pausava para recuperar o fôlego cada vez que escutava soldados se aproximando. A guarda da cidade abandonava seus postos para reforçar as defesas. Ninguém mais percorria as ruas pavimentadas de Imrath. Ao se abaixar sob o parapeito de uma janela fechada, Moira escutou vozes abafadas vindas do outro lado. Uma mãe mandava que suas filhas juntassem seus pertences e fugissem.

Moira ouvira as mesmas ordens vindas de sua própria mãe, mas não fora capaz de cumpri-las à risca. Falhara em proteger sua irmã, falhara em reencontrá-la após o ataque dos Torgren, após a explosão de chamas douradas dos línguas-de-fogo. Um ataque orquestrado pelo Império do Sol, não contra o bando de Moira, mas contra Solúmbria.

O assentamento onde Moira vivera com a família era apenas um empecilho no caminho do império, um aperitivo para a fome insaciável dos mercenários. Lydia se perdera graças à sede de poder de Var Khalad. Dorrag Torgren fora o martelo que os esmagara contra a bigorna da Solúmbria, mas a mão que o guiara era khaladina. A mão do maldito Deus-Rei, brasas o queimassem. Que os abissais o levassem junto com sua preciosa cidade. Se não fossem capazes, a vingança de Amarante seria.

A muralha norte se assomou diante de Moira, um colosso branco, como um monólito ancestral erguido pelos deuses. Um relâmpago iluminou a noite, revelando postos de vigia vazios. O trovão veio tempos depois. O epicentro da tempestade ainda estava longe, mas se aproximava.

Havia uma faixa ampla de solo entre a muralha e as últimas casas de Imrath. Tão longe do centro da cidade, se assemelhavam às casinhas de tijolos de barro em Akhenatos, onde Moira, Sev e Morsov haviam se escondido dos decuriões da Cabala. Eram pintadas com cal para ecoar a majestade dos prédios de mármore branco do centro de Imrath.

Construídos perto demais da muralha, longos barracões de madeira destoavam do restante da cidade. Sequer tinham uma demão de cal que lhes deixassem esbranquiçados. Ante a chuva e o vento, pareciam tremer, como se tivessem frio.

Moira avançou em direção aos barracões, chapinhando através de poças enlameadas. Não seria nada seguro morar junto a uma muralha tão grande. Um único bloco de rocha sólida que se desprendesse das ameias arrasaria qualquer edifício. Por que então aqueles barracões tinham sido postos ali?

Hakim dissera algo sobre doentes, Moira não se lembrava muito bem. Estava focada em não ser apanhada pela monstruosidade atravessadora de paredes, quando o taumaturgo lhe contou o paradeiro do lorde amarantino. Ao que parecia, os imperiais eram compassivos ao ponto de não exilar seus enfermos para além dos muros, mas não o suficiente para mantê-los a salvo de pedras cadentes.

Outro clarão provocado por um raio iluminou a noite. Moira viu uma silhueta difusa se agitando diante de um dos barracões. Estacou. Quando o trovão ribombou, já era escuro novamente, e Moira continuou sua aproximação com mais cautela, inclinando-se para baixo, quase rastejando na lama. A figura revelou-se um sacerdote. Jovem, como os pobres garotos que Hakim tentara proteger no Monge Dançarino. Ele se agitava diante de uma lamparina, tentando acendê-la com uma faca de aço e uma pedra de sílex.

Moira esgueirou-se por trás do pequeno sacerdote. Cada tentativa de produzir uma faísca era mais patética que a anterior. Por vezes, tentava acertar o sílex com a faca, por outras, trocava de mão e tentava o oposto. Era incapaz de fazer fricção entre os dois. Quando finalmente conseguiu, as mãos estavam tão longe do pavio oleado da lamparina que a faísca resultante não corria o menor risco de acendê-la.

— Solte a faca — comandou Moira, falando baixo. Pressionou levemente a ponta da foice entre as omoplatas do garoto.

— Perdoe-me, Irmã Farah! — ganiu o sacerdote, deixando cair a faca e o sílex na terra úmida. — Não tenho talento para isso.

O garoto se virou, e só então percebeu que Moira não era sua irmã e estava armada. Antes que pudesse gritar, Moira pressionou-o contra a parede e tampou-lhe a boca.

— Silêncio! — ordenou com um sussurro.

Batidas desesperadas soaram de dentro dos barracões. Vozes abafadas acompanhavam as batidas, junto a tosses e lamentos. O burburinho era tanto que mal dava para compreender o que diziam. Mas Moira já imaginava. Queriam sair.

— Quietos! — murmurou ao jovem sacerdote, que após os sons vindos do lado de dentro tornara a espremer. — Krennas Rienn, sabe onde ele está?

Os olhos do jovem estremeceram. A chuva escondia suas lágrimas, mas a contração dos músculos da face rechonchuda tornavam óbvio o medo que sentia. Ergueu uma mão trêmula para apontar a construção mais à esquerda.

— Se estiver mentindo, vou matá-lo — disse Moira, erguendo a foice, embora não tivesse estômago para ver outro garoto indefeso ser morto naquela noite.

O garoto negou com a cabeça, insistindo em apontar na mesma direção.

— Bom — continuou Moira. — Essa sua irmã, onde está?

Ele apontou na direção oposta, a mão tremendo tanto que irmã Farah poderia estar em qualquer lugar entre a muralha norte e o casario da cidade.

— Eu vou soltá-lo, mas você não vai correr, entendeu? — disse Moira ao rapazinho amedrontado. — Vai me levar até Krennas Rienn. — Para provar que falava sério, Moira encostou a lâmina da foice no pescoço do garoto antes de destampar sua boca. Para seu alívio, ele não gritou. Respirou fundo e, agradecido pela chuva que lhe escondia o choro, apanhou um anel de chaves amarrado em suas vestes clericais.

O interior do barracão tinha um cheiro odioso. Não era o cheiro doce e enjoativo dos mortos em decomposição, nem o fedor azedo da doença escapando através do suor e da respiração dos enfermos. Havia um terceiro odor, mascarado pelos outros dois, mas que conferia à mistura uma potência extra. Moira cobriu a face com o manto de peles assim que o ar fétido penetrou seus pulmões.

Pensou que seria difícil conter a turba confinada ali. Mas ao contrário do barracão de onde soavam as batidas e o burburinho, aquele estava quase totalmente silencioso. Havia pessoas por todos os cantos, indistintas na escuridão. Alguns agachados, outros deitados, rijos, quase como mortos. Se não fosse a tosse e os soluços, Moira juraria que poderia reerguê-los com sua necromancia.

À visão de Moira e do sacerdote, alguns dos enfermos estenderam as mãos, seus dedos parecendo longos demais e finos demais quando iluminados pelo clarão dos raios. Repetiam sem parar seus pedidos de ajuda, lamúrias de fome e sede. Principalmente de sede. Moira instigou o sacerdote a caminhar com a ponta de sua foice. Ele a guiou até um canto onde a precária construção fazia divisa com o barracão vizinho.

Havia postes de pedra fincados ao solo. Presos a eles por correntes, estavam alguns homens de aparência deplorável. Estágios mais avançados daquela estranha

doença pareciam produzir inchaços e marcas pontilhadas na pele. O cheiro era ainda pior ali. Entre eles havia um que não parecia tão mal, mas que tentava constantemente forçar suas amarras enquanto repetia uma ladainha com a voz rouca.

— Proteção... Eu tenho... Proteção... Eu tenho...

O sacerdote apontou o dedo trêmulo na direção do homem. Lá estava Krennas Riénn. Como se para confirmar a indicação do garoto, outro clarão iluminou o interior do recinto. Moira viu os cabelos e bigode ruivos do lorde amarantino. Aproximou-se dele com cautela, chamando-o pelo nome.

— Vim a pedido de Jarisev — disse-lhe.

— Jarisev — repetiu Riénn. — Jarisev. Ladrão. Mentiroso. Matador. Sim, Jarisev! Tire-me daqui, Jarisev!

O amarantino agarrou-se a ela, desesperado. O movimento agitou alguns dos outros acorrentados. Moira rompeu os grilhões de Riénn com um golpe bem aplicado da foice. O segredo era procurar o elo mais enferrujado, e não faltava ferrugem numa cidade tão perto do mar. Aquilo atraiu a atenção de mais do que apenas um pouco dos enfermos. Todos no barracão notaram o golpe de Moira.

Correu até a porta, arrastando Riénn consigo, deixando de lado o sacerdote medroso. A entrada do barracão permanecera aberta, mas os doentes sequer se esforçaram para sair, como se não a percebessem. Os homens acorrentados perceberam, entretanto, mesmo apresentando os sintomas mais severos. Agitaram-se, chacoalhando as correntes e exigindo liberdade com vozes alteradas, quase soando como o coaxar de sapos. Um deles agarrou o sacerdote, com mãos repletas de escaras. O medo do rapaz, contido até agora, escoou para fora de uma só vez em um uivo de pavor.

Moira empurrou Riénn pela porta do barracão e o lorde caiu sobre a lama, ainda repetindo algo sobre Jarisev e sobre como o recompensaria bem pelo resgate. Deixou o recinto logo em seguida, deparando-se com uma figura pálida que a encarava.

Encharcada dos pés à cabeça pela chuva e totalmente coberta de vestes brancas, pareceu a Moira inicialmente se tratar de um espírito. Mas era uma mulher de carne e osso, as curvas reveladas pelo tecido úmido. Brandia uma maça de guerra dourada, sem rebites ou espinhos, apenas uma esfera maciça em um cabo longo. Avançou até Moira numa velocidade surpreendente. Moira não hesitou e fez o mesmo, arremetendo contra a guerreira branca. Invocou suas sombras sobre si, como fizera no ninho de carniçais. Manifestou-as como uma mortalha de fumaça incandescente. A ardência de seu fogo fantasmagórico doía, mas ao menos afastava o frio da chuva.

A mulher de branco saltou para o alto. Um pulo impossível, como se os ventos a carregassem. Caiu com uma pirueta diante da porta do barracão e fechou-a impiedosamente, com o sacerdote ainda gritando lá dentro. Moira avançou novamente em direção à guerreira, que devia ser a Irmã Farah. Sentia a potência sombria fortalecendo seu corpo à medida que consumia sua vitalidade, precisava ser rápida, ou suas sobras inquietas a queimariam por inteiro.

Com a força profana das sombras, incapacitar a monja de branco seria fácil. Bastaria um único golpe, dois, três. Mas todos foram aparados ou evitados sem esforço pela guerreira khaladina, que parecia dançar com os ventos. Aquilo era taumaturgia?

Investiu uma última vez, fazendo uma finta para a direita e se apoiando na parede do barracão para saltar e golpear de cima para baixo. Irmã Farah fez a manobra parecer a tentativa inútil de uma criança, esquivando-se no último segundo e repelindo Moira com um chute poderoso. Exatamente como ela queria. Moira saltou para trás, aproveitando-se do impulso do golpe. Recuou alguns passos, sentindo a ardência consumi-la, ouvindo as vozes torturadas de seu bando exigindo que queimasse a mulher, que queimasse a cidade, queimasse a si mesma. Mas também ouvia outro som: as batidas frenéticas dos doentes contra as paredes.

Golpeou a madeira do barracão com toda sua potência necromântica, destruindo parte da parede. Dissipou a mortalha de sombras no instante seguinte, arquejando o ar frio e sentindo a chuva esfriar-lhe a pele. Homens e mulheres fugiram ensandecidos pela nova passagem. A doença parecia avançada naquele grupo, mas tinham vitalidade o bastante para correr como loucos em direção à cidade.

A mulher de branco perdeu o interesse em Moira. Preferia reunir os enfermos, esmagando com sua maça os que recusavam a cooperar. Ela parecia determinada a impedir que os doentes fugissem pelas ruelas de Imrath, mesmo que precisasse matá-los para isso.

Moira apanhou Riénn pela fina capa de pele — parecia pelo de raposa ao toque — e correu para o sul, na direção da poterna de ataque por onde havia entrado. Deixaria Imrath à própria sorte, para enfrentar a chuva e os abissais. Rezou ao Deus das Cinzas para encontrar apenas ruínas quando voltasse.

Capítulo 10

Tornar-se incorpóreo era desconcertante, mas indolor. O aperto das garras de Rasser, entretanto, fazia Hakim contorcer-se enquanto era arrastado através de incontáveis passagens. O poder misterioso do sumo sacerdote podia ser transferido para outros objetos, incluindo o próprio Hakim. A mudança era instantânea, ativada pela mera vontade de Rasser cada vez que alcançavam um novo obstáculo. Sempre que sua forma física se tornava sólida novamente, a ferida causada por Fendetreva se reabria e o pontífice grunhia de dor.

Seria impossível rastrear qualquer um que pudesse empregar aquela habilidade através da miríade de corredores interconectados das catacumbas. Hakim supôs que dardejavam em direção aos níveis mais profundos sob o Grande Templo.

As deformidades que desfiguravam o Sumo Pontífice eram causadas pelo mau uso dos humores taumátúrgicos. A bile negra, se aplicada em alguém com o fígado intacto, em vez de regeneração, provocava o inchaço desmedido que Balam apresentava sob os robes ritualísticos quando Hakim o enfrentara na câmara mortuária do Antecessor. Rasser tinha sofrido alterações ainda mais drásticas, sinal de que havia múltiplos humores taumátúrgicos influenciando seu metabolismo. Ele devia estar inválido, vegetando graças ao pescoço quebrado. A taumaturgia parecia tê-lo salvo, mas qual dos humores regia os ossos?

A teoria taumátúrgica era clara: bile amarela para o pâncreas, negra para o fígado, sangue para o coração e fleuma para o cérebro. Uma dose de humor taumátúrgico curaria qualquer um desses órgãos, e transformaria o paciente em taumaturgo, dependente do humor divino do Antecessor para sempre. Ossos não estavam envolvidos, não podiam ser curados. Mas talvez a combinação dos quatro humores produzisse efeitos ainda desconhecidos.

Entretanto, Hakim não fazia ideia de qual combinação taumátúrgica conferia a capacidade de tornar-se incorpóreo. A taumaturgia fleumática devia estar presente, mas não podia ser a única responsável. Havia uma grande diferença entre projetar a consciência para além do corpo e tornar-se capaz de atravessar paredes.

Hakim concentrou-se nos traços mínimos de fleuma que ainda percorriam sua corrente sanguínea. Já havia usado bastante contra os cultistas no Monge Dançarino, e consumir mais fluido arcano era arriscar entrar em choque novamente. Manteve-se agarrado a Fendetreva, mesmo quando sua consciência deixou o corpo, os dedos da mão enrijecendo-se em volta do cabo trabalhado da espada. Em forma astral, acompanhou a viagem desenfreada de Rasser pelos túneis esquecidos sob o

Grande Templo, vendo seu próprio corpo inerte ser arrastado através da rocha. Rasser — e o corpo que ele carregava — pulsava ao atravessar algo sólido, deixando imagens desgastadas de si para trás, como um animal aquático perturba a superfície de um lago ao nadar.

Flutuando entre os véus da percepção, Hakim manteve-se próximo ao braço musculoso de Rasser. Era hora de testar sua teoria. Ao perceber que o contorno difuso do clérigo monstruoso oscilava, preparando-se para cruzar outra barreira, Hakim brandiu sua lâmina astral. A réplica fantasmagórica de Fendetreva surgiu em suas mãos no mesmo instante em que Rasser tinha metade do corpo do outro lado, o braço horivelmente inchado ainda por atravessar. Foi nesse estado que Hakim o cortou. O golpe foi perfeito, já que a projeção de sua consciência, aguçada até tornar-se uma lâmina, não era impedida por trivialidades como peso ou resistência física.

O sumo sacerdote urrou de dor, solidificando-se de um lado da parede enquanto seu braço e boa parte do ombro ciclópico caíam inertes, decepados por um corte limpo, do lado oposto da barreira de granito. Hakim retornou ao corpo, respirando com dificuldade enquanto a enorme mão que o envolvia tentava esmagá-lo em um aperto final. Ignorando a dor na coxa, livrou-se das garras de Rasser, cujo uivo abafado ressoava no túnel adjacente.

Do membro decepado vazava uma substância cinzenta e viscosa, com a carne necrótica do pontífice a meio caminho de tornar-se etérea. Infelizmente para o pontífice, a transmutação fora interrompida graças à taumaturgia fleumática. Se Rasser ainda podia atravessar a parede para vingar-se, escolheu não fazê-lo. Seus gritos de dor logo tornaram-se inaudíveis, meros soluços ou resmungos. O clérigo deformado recuava através do subterrâneo.

A sede dominou Hakim. Forçara seus dons taumatúrgicos além do limite novamente. Consumiu de uma só vez a pouca fleuma que lhe restava para livrar-se de Rasser, e o humor drenara boa parte da água em seu corpo. Sentia a garganta seca e uma horrível dor latejante na cabeça, mas conseguia caminhar.

Abençoou a própria sorte, pois conhecia aqueles túneis. Não eram tão bem iluminados quanto os níveis superiores, mas ofereciam outra fonte de orientação: o som da água. Caminhou ao longo do corredor escuro, apoiando-se das paredes quando necessário, sempre na direção do som. A intensidade com que as águas corriam por ali indicava que a tempestade alcançara Imrath com força total.

Hakim sequer podia lacrimejar, com tão pouca água no corpo, mas seus olhos se irritaram mesmo assim, feridos pelo primeiro resquício de luz. A parca iluminação era um clarão para quem caminhava há muito no escuro. Tochas ardiam, indicando que alguém estivera recentemente no aposento. Uma enorme câmara inundada que funcionava como escoadouro para os esgotos da cidade, outra

maravilha de engenharia da Academia Imperial. Um sistema parecido de aquedutos alimentava as fontes d'água, e Hakim não se surpreendeu ao ver que o líquido que desembocava ali também mostrava sinais de contaminação.

Pequenos crustáceos e moluscos marinhos debatiam-se na superfície, lutando para sobreviver em uma salinidade diferente. Eram resquícios da sabotagem abissal aos poços de água doce em Imrath. Seu veneno dissipava-se no esgoto da capital. Havia cadáveres ali, trazidos pela água da chuva, que caía através de enormes canos de chumbo afixados ao teto da câmara, corpos de humanos e de abissais. Tão bem distribuída era a proporção dos mortos que seria inútil tentar prever a maré da batalha contando os cadáveres flutuantes.

Hakim estendeu as mãos em direção a uma das pequenas cachoeiras que desembocavam no escoadouro. Sorveu longamente a água da chuva, sem se preocupar se haveria algum resíduo trazido da superfície. Precisava evitar o choque taumatúrgico.

Recomposto, ponderou a escolha diante de si. Nunca estivera tão perto de desvendar o segredo do culto sob o Grande Templo, mas a invasão abissal precisava ser repelida. Podia confiar em seus homens acima e perseguir a coisa em que Rasser havia se transformado, exigir respostas definitivas antes de mandá-lo aos Céus Exteriores. Entretanto, seus homens lutariam melhor com o Deus-Rei a inspirá-los. Sua presença na batalha poderia significar a diferença entre a glória e a perdição. Para piorar, temia por Liriel, queria alertá-la de que havia um herege monstruoso em seu encalço.

Seu tempo era ainda mais curto do que imaginava. O nível da água subia muito rapidamente. Precisava tomar um caminho antes que a plataforma elevada em que repousava fosse engolida. O sistema de escoamento da Academia Imperial devia evitar aquele tipo de coisa, mas parecia estar defeituoso. Por mais que a chuva caísse torrencialmente, não devia haver um risco tão iminente de inundação. Hakim voltou sua atenção ao fundo da piscina formada pelo escoadouro e percebeu que algo invertera o fluxo dos aquedutos inferiores.

O esgoto de Imrath devia desembocar no oceano, mas havia uma corrente oposta lançando água marinha para dentro da sala inundada, denunciada por um borbulhar constante, de onde emergiam algas e outras formas de vida marinha. Um abissal flutuou até a superfície, impulsionado pela corrente invertida. Hakim ergueu a espada por puro reflexo, antes de perceber que a criatura — um dos trôpegos de pele lisa e porosa — estava morta ou desacordada. Talvez aquilo fosse obra dos cultistas, afinal utilizavam abissais em seus rituais de sacrifício.

Havia tantos corpos humanos flutuando na imundície quanto cadáveres abissais, mas os homens só podiam acabar ali se morressem na superfície, enquanto os abissais emergiam semimortos das profundezas graças à misteriosa correnteza

invertida, mas não por perecer em batalha. A conclusão era perturbadora: a maré da guerra pendia contra Var Khalad.

A subida até o Grande Templo era extenuante. Sem a taumaturgia sanguínea que conferia agilidade sobrenatural às irmãs do Zéfiro, Hakim precisou encarar as escadarias estreitas e empoeiradas das catacumbas. Enquanto subia degraus dilapidados pelo tempo, sentiu-se mais uma vez indigno de seu posto como Sucessor. Em sua soberba, condenara Kamash e seus noviços à morte, acreditando que os esforços de um bando de garotos inexperientes não seriam percebidos por conspiradores capazes de se infiltrar nos mais elevados níveis da hierarquia khaladina. Reunira lealistas entre os soldados, graças aos esforços de seu antigo senescal, mas seu plano de manter seus guerreiros mais fiéis longe da batalha podia ter lhe custado a cidade.

As chamas tremeluzentes das tochas indicavam que já se aproximava dos níveis superiores das catacumbas, a iluminação servindo como escudo para suas dúvidas. Podia deixar os questionamentos de lado e concentrar-se no objetivo presente: alcançar a superfície. Qualquer que fosse o estado das tropas no Portão do Mar, se juntaria a elas e as lideraria até a vitória. Ou até a morte. Os Céus Exteriores que se encarregassem de apontar um novo Sucessor para o Deus-Rei.

Em vez de se apressar aos porões do Grande Templo, seguiu em direção à câmara mortuária de seu Antecessor. Sabia o caminho de cor, pois a imagem dos vasos canópicos que abrigavam órgãos titânicos de um deus morto se queimara intensamente em sua memória. A Ordem do Zéfiro mantinha o local seguro, e as monjas o receberam em posição de batalha. Não o reconheciam, vestido em trapos úmidos e rasgados, sem armadura ou elmo coroadado. Somente quando mostrou-lhes seu sinete pessoal foi capaz de dissuadi-las de tratá-lo como invasor.

— Lanças ao raiar do dia! — saudou Hakim, ofegante.

— Estilhas ao entardecer — responderam as monjas, curvando-se.

Ordenou que as irmãs do Zéfiro o acompanhassem, trazendo consigo os humores recém-extraídos dos órgãos abjetos, ainda pulsantes. Injetou uma dose fresca de fleuma em uma veia no pescoço, tentando não visualizar o cérebro ciclópico que flutuava em meio aos próprios fluidos arcanos. A taumaturgia alterava fisicamente seus usuários. Quantas mutações internas Hakim teria sofrido sem perceber? Se fosse partido ao meio por uma lâmina inimiga, reconheceria as próprias entranhas?

Livre do choque taumatúrgico, Hakim pressionou mais uma vez o êmbolo de sua seringa para receber uma dose extra do humor. Recompuesto, tomou a frente da procissão de monjas guerreiras que ascendiam ao Grande Templo. O horror de sua condição era uma reflexão para tempos de paz, não havia espaço para temores

filosóficos sobre seu papel ou identidade. Havia uma cidade a defender, inocentes a proteger.

Sua guarda de honra permanecia no Grande Templo, escolhidos dentre os mais leais dos Santos Cavaleiros. Mesmo eles não o reconheceriam sem a armadura e as máscaras. O séquito de irmãs do Zéfiro demonstrava sua importância, mas foi novamente o sinete que permitiu que os homens o escutassem. Quis saber de Liriel, antes de tudo.

— Lanças ao raiar do dia, capitão Marid. — Os lealistas conheceriam a saudação graças aos esforços de Victus, Corant e Kamash. — Imagino que esteja ávido por se juntar à defesa dos portões. Temos notícias de minha arconte mais fiel?

— Estilhas ao entardecer, ó Herdeiro do Sol. — O capitão da guarda do Deus-Rei prostrou-se imediatamente, sua expressão cheia de alegria ao contemplar a face do Deus-Rei desmascarado e reconhecer um rosto hathamita. — A luta já é feroz na muralha noroeste, mas não tivemos notícias da arconte Liriel.

Para todos os efeitos, Liriel deveria liderar os esforços de defesa na ausência de Hakim, com Corant e Victus como marechais de campo. Ela precisava ser avisada do retorno de Rasser, que desejava os pergaminhos roubados, acima de tudo. Se ainda os tivesse consigo, a arconte se tornaria um alvo. Mas se ela não mandara notícias, ou estava empenhada em combate, ou o pior já havia acontecido.

— E Sigismund? Trouxe as armas de cerco?

— Nenhum dos arcontes trouxe notícias, meu senhor — explicou Marid, contrito. — Um mensageiro vindo de Nagrath informou que o povoado está em caos, sem um líder que os organize.

Se Liriel e Sigismund não haviam informado nada, certamente Laurent também estava desaparecido. Hakim domou seu desespero, não repetiria a cena no Monge Dançarino, quando revelara sua vulnerabilidade a noviços assustados. A preocupação com seus amigos deu lugar à raiva, e Hakim precisou inspirar fundo antes de continuar.

— Irmãs — disse Hakim às monjas que o acompanhavam desde as catacumbas. — Gostaria que duas de vocês fossem até sua comandante. Encontrem-na e digam a ela o que discutimos na câmara mortuária. A mensagem é apenas para os ouvidos da arconte.

Hakim queria partir imediatamente para o combate, mas naquele estado não seria capaz de desempenhar o papel de Deus-Rei. Seus homens esperavam uma figura sacrossanta, não um maltrapilho. Adentrou seus aposentos pessoais e ordenou que chamassem seus servos particulares.

Aqueles homens e mulheres, voluntariamente cegos, o conheciam de verdade. De tanto lavá-lo, perfumá-lo e vesti-lo, sabiam exatamente os contornos de seu corpo, cada cicatriz e

músculo. Conheciam o som de sua voz sem o abafado do elmo. Conheciam sua face sem máscara com as pontas dos dedos.

Livraram-se dos andrajos que vestia e providenciaram uma armadura recém-polida, completa com capa branca e elmo coroadado. Não era a couraça de placas que Hakim envergava normalmente, mas uma versão mais leve, somente com a cota de malha e placas para o peitoral e os ombros. Em vez de grevas metálicas, Hakim calçou botas flexíveis de escalada, com espigões de ferro nas pontas.

A Máscara Colérica ficara sob a guarda de Corant e Victus, que a essa altura deviam estar engajados em batalha mortal contra os escamados. Hakim elegeu a Sanguínea, com seus cornos sinuosos. Se não pudesse inspirar o júbilo da matança em seus guerreiros, ao menos sua face refletiria o sangue derramado sob as muralhas de Imrath.

Cada um dos Santos Cavaleiros no templo se preparava para uma segunda batalha, um expurgo dos hereges após o caos da invasão abissal. A grande questão era que talvez não houvesse cidade para purificar. Não fazia sentido preparar-se para uma segunda luta se a primeira não fosse vencida.

Os trovões acima sufocaram o som dos cascos dos cavalos. Hakim partiu para o Portão do Mar com sua guarda pessoal. As irmãs do Zéfiro se dispersaram, empregando seus dons taumatúrgicos para levar rapidamente a mensagem aos destacamentos lealistas: era chegado o momento de se juntar à força principal. Se as primeiras linhas de defesa tivessem aguentado o suficiente, os reforços poderiam virar a maré da batalha.

Enquanto cavalgava, o som das armaduras tilintando e o resfolegar dos cavalos de guerra fizeram Hakim recordar-se de sua última luta. Não uma batalha grandiosa com lanças e armadura, mas uma escaramuça suja e desesperada contra cultistas ensandecidos. Mas não foi nisso em que sua mente demorou-se ao relembrar o combate. Hakim surpreendeu-se ao pensar em Moira. Desejou que ela estivesse bem.

Um raio iluminou o horizonte e Hakim percebeu a tolice de se preocupar com uma única pessoa. A luz brilhou sob toda Imrath por um instante, revelando uma silhueta recortada diante da muralha noroeste. Espirais geminadas, grandes como torres, unidas numa gigantesca carapaça. Outra Alma do Rio erguia-se sobre a praia.

Com um brado desesperado, Hakim exortou sua guarda a redobrar a velocidade. Não adiantaria poupar os cavalos se chegassem à linha de frente de uma batalha perdida. Os trabucos afixados à muralha dupla do Portão do Mar alvejavam a concha negra, mas não seriam suficientes para pará-la. Fora necessário um cerco cuidadosamente orquestrado e a potência taumatúrgica de uma vintena de línguas-de-fogo para liquidar a Alma do Rio original.

Imrath tinha infantaria e cavaleiros aos montes, centenas sobre centenas, mas eles seriam inúteis contra uma monstruosidade como aquela. A praia de cascalho diante do Portão do Mar era curta demais, feita para forçar inimigos a se aglomerarem, tornando-se alvo fácil para flechas e virotes. Não havia como impedir que aquele horror vencesse os poucos quilômetros de cascalho, alcançasse as muralhas e as destruísse com seu peso. Precisariam de mais tempo, mais distância. Precisavam recuar para as ruas de Imrath.

Hakim alcançou o portão, onde a infantaria se reunia sob o comando de Victus. O cavaleiro coordenava os sobreviventes com autoridade e certeza em sua voz. Haviam repellido a primeira onda abissal. Os soldados arrastaram consigo os feridos antes de baixar as enormes travas de madeira sobre o Portão do Mar. Diante da chegada de seu Deus-Rei, as tropas se regozijaram.

— Vocês lutaram bravamente, homens — saudou Hakim, a fala pontuada pelo trovão. — Trouxeram orgulho a seu senhor! Ainda veremos a luz das estrelas esta noite, brilhando em sinal de nossa vitória!

As tropas exultaram com a saudação, até os feridos ergueram os punhos. Victus provara-se digno de ascender ao posto de Lorde Comandante ao reunir os homens ao redor de si e manter o controle numa situação como aquela. Saber quando retirar-se momentaneamente do combate exigia perspicácia e, acima de tudo, humildade. Uma característica rara em linhagens nobres muito antigas.

— Você fez muito bem, Lorde Comandante — reconheceu Hakim, antecipando a honraria ao cavaleiro. — Onde está Corant?

— Recusou-se a recuar, meu senhor — disse Victus, consternado. — Insistiu em prosseguir com o plano sem o senhor. Liderou um pequeno destacamento de Santos Cavaleiros para que pudéssemos bater em retirada. Levou um taumaturgo consigo e um estoque considerável de bile amarela.

— Apenas um? — indagou Hakim. — Não será suficiente! Precisamos de dezenas para abater a Alma do Rio! — Um único língua-de-fogo não poderia impedir o gigantesco horror invertebrado de colidir contra as muralhas. O Portão do Mar estaria perdido mesmo se Corant pudesse levar seu único taumaturgo até o ponto mais vulnerável daquele castelo semovente. — Onde está o restante dos línguas-de-fogo?

— Recuperando-se do primeiro assalto, senhor. Os abissais não mandaram trôpegos e escamados na primeira leva de invasores, dessa vez. Uma horda de encouraçadas avançou sobre nós enquanto seus gigantes rochosos concentravam seus projéteis contra os arqueiros, muitos foram esmagados. Não conseguimos refrear a carga sem o apoio das flechas e dos virotes. Precisamos empregar a maior parte de nossa taumaturgia para estancar o avanço inimigo.

— Trouxe comigo todos os humores taumatúrgicos que as irmãs do Zéfiro puderam extrair de última hora. Precisaremos recuar ainda mais, Victus. Pôr os arqueiros em meio ao casario e manter as tropas nas ruas. — Ceder terreno era a única forma de expor o caramujo titânico a um ataque verdadeiramente contundente. Quando a criatura avançasse sobre o descampado entre as muralhas e as primeiras construções de Imrath, estaria vulnerável. — Certifique-se de que os línguas-de-fogo estejam abastecidos de bile e que não falem virotes nem flechas. Confio em você.

— Será uma honra — respondeu Victus. — Mas o que o senhor fará?

— Preciso resgatar meu outro Lorde Comandante.

Capítulo 11

— Estão desordenados, sem líder — disse Ilya. A selvagenzinha era quase tão competente quanto Moira. — Podemos nos esgueirar entre suas defesas e cortar as gargantas dos que dormem.

— O que fez para entrar? — perguntou Sev. Compará-la a Moira talvez fosse um exagero. — Precisou matar alguém? Ou matou, mesmo sem precisar? — Ilya ficava demasiado entusiasmada diante da possibilidade de cometer assassinato.

— Há amarantinos demais. — explicou a garota, para Sev e para os outros bárbaros aglomerados dentro do vagão roubado. Haviam estacionado os coches da caravana há uma distância segura do vilarejo, ocultos pela cobertura da noite e da chuva. — Os imperiais não conhecem seus nomes ou rostos. Só pensam em manter as catapultas secas e protegidas.

Sev não via muita utilidade para armas de cerco naquelas circunstâncias, mas Riénn certamente pagaria um bônus por um trabuco ou dois para sua nova rebelião.

— Se abandonarmos as carruagens e os cavalos — Sev sugeriu — podemos nos infiltrar no vilarejo aos poucos, nos esconder em meio aos servos e ficar longe de problemas até o momento certo.

— Essa não é a maneira dos clãs — Ilya reclamou, e muitas cabeças ao redor assentiram.

— E aonde essa maneira os levou? — Sev sabia que se arriscava ao criticar os selvagens quando estava ao alcance de suas armas, mas os idiotas precisavam entender que certas tradições devem ser abandonadas. — Séculos de exílio na Terra Arrasada, agarrados às gargantas uns dos outros, reduzidos a bandidos de estrada. Pensei que o deus de vocês tivesse criado conquistadores.

Os Skodnir se agitaram, olhando raivosos para Sev. Uma voz imperiosa os acalmou. Ultha, segunda em comando de Andvar.

— O ladrão tem razão — concordou a guerreira. — Por mais que eu despreze seus métodos desleais, não conquistaremos nada atacando abertamente.

Convencer Ultha fora crucial para conseguir a ajuda dos bárbaros. Após o escarcéu no banquete em Valash Hol, os Skodnir se mostraram prontos a acompanhar Sev. Moira ordenara que o auxiliassem, ou que ao menos ficassem fora de seu caminho. Como bons bárbaros, escolheram a opção que envolvia sacudir machados contra homens de armadura. O restante dos selvagens, porém, era leal a Andvar.

Graças ao veneno de basilisco, o chefe guerreiro dos Brunehald estava temporariamente incapacitado. Ou Sev não havia diluído a toxina o suficiente, ou a lendária resistência do Povo das Cinzas tinha seus limites. Ultha mataria Sev se soubesse que ele era o responsável pelo envenenamento, mas a capitã não fora convidada ao jantar. Não precisou muito para que acreditasse que Sev havia salvo seu amado líder da traição imperial. Fazê-la concordar em segui-lo até o Vale de Nagrath demandou um pouco mais de esforço. Moira, mesmo ocupada em Imrath, o ajudara naquilo. A capitã de Andvar respeitava a garota. Saber que a Meio-Morta traçara aqueles planos junto a Sev ajudou Ultha a se decidir.

Com a capitã para coordenar o restante dos selvagens, Sev não teve problemas para dar conta do que sobrava da guarnição de Valash Hol. Os Skodnir haviam tomado o controle do arsenal da fortaleza, armando os bárbaros contra os soldados e cavaleiros em pânico. Os hathamitas da caravana Ur-Lehesh ficaram ao lado dos imperiais, mas pereceram tão facilmente quanto os guerreiros khaladinos. Sev ficou satisfeito ao ver que nenhum dos bárbaros tinha apreço pelo povo das Grandes Caravanas. Com Andvar fora da jogada, nem mesmo Ultha se importava que ele se vingasse de Nehisi pela morte de seu irmão.

A princesa mercante agora jazia na mesma vala onde o corpo de Morsov fora enterrado, a diferença é que estava viva quando Sev cobriu a cova com terra novamente. Aquilo não traria o irmão de Sev de volta, mas a vingança nunca serviu para devolver nada a ninguém. Seu propósito é nivelar as coisas por baixo, causar tanto mal quanto se sofreu, multiplicar a dor.

Com a ajuda dos filhos das cinzas, Sev confiscou carruagens e cavalos de Valash Hol. Eles também o ajudaram a desenterrar o irmão, e o puseram num ataúde de madeira. Sev não conseguiu segurar as lágrimas ao ver o corpo inerte de Morsov, frágil e descolorido, mesmo sabendo que os bárbaros tomariam aquilo como um sinal de fraqueza. Encheu o resto do caixão com sal, era o melhor que podia fazer para preservar o cadáver.

Os bárbaros estavam levando os cavalos canibais consigo, confinados em seus próprios vagões de carga. Sev não sabia como os selvagens pretendiam alimentar as criaturas, mas alertou-os que qualquer um que se aproximasse do corpo de seu irmão teria o mesmo destino da princesa Nehisi. Não podia deixar Morsov ali, numa terra distante e hostil. Quando terminasse seus assuntos no império, voltaria à Nova Mordrávia para cremá-lo em uma pira decente.

Depois que os Skodnir acomodaram o caixão de Morsov junto ao resto de sua carga, colocaram Andvar em um coche luxuoso, deitado de barriga para cima, ainda desacordado. Sev certificou-se de que o chefe guerreiro ainda respirava antes de trancá-lo lá dentro. Quando acordou, desfrutou de uma prisão bastante

confortável, até que viu a razão. Sev o manteve preso por mais um tempo, por via das dúvidas. Moira seria capaz de acalmá-lo de verdade.

As belas estradas do império facilitaram o percurso imensamente. Com montarias descansadas e carruagens novas em folha, alcançaram o povoado de Nagrath em tempo recorde. Ajudava que os selvagens não se incomodassem em viajar sob a chuva, mesmo com o estouro de trovões ao longe. Devia haver uma represa e um outro forte naquela região, mas tudo o que encontraram foram escombros, um povoado esquelético abarrotado de amarantinos e um lodaçal malcheiroso que se espalhava por entre os morros arredondados ao redor do vale. Era quase como estar de volta à Solúmbria, embora o odor fosse mais suportável.

Sev mandara Ilya como batedora pois suas tatuagens tribais eram as mais discretas entre os Skodnir. A garota de cabelos escuros demonstrou-se realmente disposta a ajudar. Admirava Moira e sua necromancia, desejava fazer parte de seu grande plano. É claro que o plano não partira de Moira, mas os selvagens não precisavam saber. Bastava que concordassem em encontrar a Meio-Morta em Nagrath.

Rienn recobrou a razão aos poucos, à medida que Moira o levava para longe de Imrath. No início, o lorde amarantino precisou ser arrastado. Tropeçava nos próprios pés a cada passo, olhava por cima dos ombros e balbuciava frases incoerentes. Entre o emaranhado ensandecido de palavras, Moira conseguia distinguir algo sobre as bruxas do Pacto de Lunarrubra, e um ou outro comentário sobre Jarisev, a localização do túmulo de Amarante e uma chave.

Duas coisas a preocupavam enquanto corria com o lorde aparvalhado até a poterna escondida que a levaria para fora da cidade. Pensava que poderiam ser seguidos, se não pela monja guerreira, pela criatura atravessadora de paredes que levava Hakim. A monja ainda devia estar ocupada arrebanhando os doentes, mas podia ter alertado suas irmãs. Moira temia enfrentar múltiplas oponentes com aquela taumaturgia de aceleração. Mas era pensar naquele monstro disforme com máscara de sacerdote o que realmente lhe causava calafrios.

Var Khalad tinha, supostamente, o exército mais poderoso de toda Noltora. Auxiliados pela magia torpe dos taumaturgos, pareciam invencíveis. Mas Moira vira sua capital por dentro, e não a descreveria de outro modo, senão como vulnerável. O império havia se estendido demais em sua conquista. Seria Rienn, aquele homenzinho amedrontado, capaz de iniciar uma rebelião que sobrepujaria os Santos Cavaleiros? Que poder a armadura e o estandarte de Amarante escondiam, para fazer um homem como aquele acreditar-se capaz de ferir Var Khalad?

Moira forçou-se a acreditar que seria possível. Derrubar um império, passá-lo a fogo e aço como se fosse um simples assentamento improvisado, através do poder misterioso das relíquias de um guerreiro morto. Afinal, fora por isso que ela percorreria a Terra Arrasada, abandonando qualquer esperança de ver sua irmã viva novamente. Entregara-se à sua sede de vingança. Precisava levá-la até o fim, ou tudo teria sido em vão.

Quanto mais avançavam na direção sul, menores eram os sons apressados das patrulhas e mais altos o choro e os gemidos de uma cidade sob ataque. Os guerreiros de Imrath se concentravam no assalto abissal, deixando o povo comum escondido em suas casas, incertos sobre o que se passava nas muralhas ao norte e noroeste. Graças a isso, a poterna de ataque ficara desguarnecida. Era tão óbvia vista pelo lado de dentro das muralhas quanto um dente podre em um sorriso.

— Tire-me daqui, Jarisev! — exigiu novamente um Riénn desorientado.

— Sev não está aqui, idiota! — rugiu Moira, agarrando o homem pelos ombros e pressionando-o contra a muralha externa da cidade. — Olhe bem pra mim, meu nome é Moira. Fui eu quem lhe resgatou de sua prisão imunda!

— M-Moira — assentiu Riénn, sua consciência trazida à tona pelo movimento brusco. — E-eu não estou doente, as bruxas me deram proteção. Me leve pra longe desse lugar maldito!

Protegido ou não, ele estivera preso no barracão com os enfermos, amarrado junto aos doentes em pior estado. Moira nunca vira uma moléstia capaz de provocar deformidades como aquelas. Infelizmente, havia pouca luz em meio à noite chuvosa, e ela não tinha como discernir se o aspecto de Riénn era saudável. Seus olhos pareciam um tanto saltados, e sua pele era áspera, mas aquilo podia ser apenas fruto do cativo e do pavor que acompanhava-o como uma sombra.

Moira também queria sair de Imrath o mais rápido possível. Correu em direção a uma casa dilapidada de fazenda, trazendo Riénn consigo. Vento Noturno permanecia no celeiro arruinado onde ela o deixara, parado como a escultura em ébano de um cavalo de pesadelo. Os olhos cor de sangue da criatura se abriram quando Moira adentrou o celeiro arruinado. As narinas do puro-sangue dilataram-se e ele sorveu o ar, sentindo o cheiro da presa.

Moira chamou pelos mortos mais uma vez. Não por Istvan, adormecido no cabo de osso da foice de Morsov, mas por seus próprios mortos, seu bando chacinado. As sombras inquietas responderam. Svein adiantou-se a partir da massa enegrecida de almas que ardia na mente de Moira. Sua presença deturpada pelas chamas e pelo desespero alcançou Vento Noturno.

Riénn gritou. O cavalo canibal estava praticamente sobre ele, a bocarra de dentes serrilhados escancarada, a língua serpeante provando o ar, pronto para abocanhar um naco de carne nobre. Vento Noturno evitava Moira, reconhecendo a

ameaça de sua necromancia, mas não abriria exceção semelhante a um homem desnorteado e impotente. Moira se interpôs entre Riénn e a besta e empurrou o lorde para fora do caminho, derrubando-o. Vento Noturno interrompeu o bote no último instante, cada músculo parecendo simplesmente desativar-se, a estátua de ébano assumindo uma nova posição.

O puro-sangue vasgocês cerrou a boca predatória devagar, estudando a necromante com seu olhar vermelho, cheio de inteligência malévola. Parecia avaliar se seria capaz de sobrepujá-la. Moira não lhe deu tempo para pensar. Infundida do poder ardente das sombras, agarrou a crina do animal e içou-se sobre seu dorso. Vento Noturno sibilou como um réptil, mas não fez outra objeção, sequer precisou recuperar o equilíbrio. Moira estendeu a mão para Riénn.

— Suba de uma vez — comandou. — Antes que ele decida que pode devorar nós dois.

O amarantino recuou, arrastando-se com as costas no chão. Vento Noturno moveu sua cabeça delgada para observá-lo. Após encarar os olhos vermelhos da criatura, Riénn lançou-se desesperadamente para agarrar a mão estendida de Moira. Com o amarantino firme sobre o dorso esquelético do puro-sangue, Moira impeliu-o ao galope.

— O que é essa coisa? — perguntou Riénn, aterrorizado com a velocidade do cavalo vasgocês.

— Devia ser um presente ao Deus-Rei — explicou Moira. — Mas eu o roubei.

— Então você é mesmo a aprendiz de Jarisev — comentou o lorde, impressionado. — Eu estava certo em contratar o maldito ladrão!

— Cale a boca, ou vai acabar mordendo a língua.

Cavalgaram por quilômetros através das estradas imperiais. Moira, banhando-se na velocidade mortal de Vento Noturno, Riénn, agarrado a sua salvadora, esforçando-se para não cair. A chuva que açoitava o litoral tornou-se mais branda perto do Vale de Nagrath, com nuvens esparsas deixando entrever a lua cheia. Moira precisou parar duas vezes para conferir o trajeto. O mapa de Sev representava Nagrath como uma região de morros verdes e férteis, mas o que Moira via era uma triste vastidão pantanosa. Os mapas mentiam sobre o tamanho das regiões que retratavam, podiam muito bem mentir sobre a paisagem. Tanto melhor para ela, acostumada aos charcos da Solúmbria.

Sev não estava no local marcado no mapa como ponto de encontro. Em seu lugar, Moira encontrou Ilya, iluminada por uma tocha enquanto tentava proteger-se da chuva com capas de peles grossas. Trazia peles extras para ela e lorde Riénn.

— Foi por ele que você nos deixou naquele forte de pedra? — quis saber a Skodnir de cabelos negros, encarando o amarantino.

— Foi pelo ouro dele — disse Moira. — E pelo que ele pode fazer contra Var Khalad.

— Ele é um necromante? Um taumaturgo?

— Sou Lorde Krennas Riénn — respondeu o amarantino, tentando soar digno mesmo enquanto se agarrava a Moira para não tombar da montaria. — Senhor de Tanánn, descendente direto de Amarante, que jurou vingança eterna contra os usurpadores de Var Khalad!

— Ele não parece capaz de muita coisa — Ilya constatou, desapontada.

— Sozinho, com certeza não — concordou Moira. — Mas vamos ajudá-lo a reunir seu povo. Onde está Sev?

— Escondido no vilarejo, aguardando com o resto do bando. Tem tantos servos amarantinos por lá que os soldados não se deram conta que há um bando de filhos das cinzas entre eles — explicou Ilya. — Sev quer que você leve esse homenzinho até lá, acha que ele pode começar uma revolta. A fortaleza do vale foi destruída pelas águas, não haverá tropas o suficiente para nos expulsar.

— Veremos se o lorde consegue inspirar alguma coragem em seu povo — disse Moira, empurrando Riénn para o chão. Duvidava muito que aquele homenzinho fosse capaz de qualquer coisa sem as relíquias que pretendia recuperar. — Mas primeiro ele vai nos dar uma prova de seu ouro.

— Como? Absurdo! — indignou-se Riénn. — Eu não contratei seus serviços! Meu acordo foi com Jarisev!

— Já se esqueceu como chegou até aqui, amarantino? Vento Noturno pode te levar de volta à prisão fétida de onde lhe resgatei, tão rápido quanto pôde nos tirar de Imrath. — O puro-sangue pareceu entender a intenção de Moira. Bocejou lentamente, como um felino, virando sua mandíbula na direção de Riénn enquanto sua língua comprida chicoteava o ar chuvoso. — Ou posso simplesmente deixar que ele o coma vivo, a raça dele gosta de carne fresca.

— Está enterrado! O ouro está enterrado em minhas terras ancestrais, longe das mãos gananciosas do Deus-Rei e seus clérigos! Por favor, vocês precisam acreditar!

— Marque o local — Moira ordenou, jogando o mapa aos pés de Riénn.

Ilya emprestou ao lorde amarantino um pedaço de carvão que trazia consigo, e Krennas Riénn cruzou duas linhas bastante trêmulas, sujando o belo trabalho de um cartógrafo imperial.

— Guarde o mapa — disse Moira à garota Skodnir. — Não deixe que Sev o veja.

— Pensei que ele fosse seu aliado — disse Ilya.

— E é. Mas como foi que ele escapou de Valash Hol?

— Pôs veneno de basilisco na cisterna.

— E o que ele fez com Nehisi e meu tio?

— Andvar está conosco, se recuperando do veneno. A princesa mercante — Ilya completou —, ele enterrou viva.

— Você dividiria tudo o que sabe com alguém assim?

Capítulo 12

Hakim ergueu Fendetreva e esporeou sua montaria para que empinasse, chamando para si sua guarda pessoal. Partiu com eles para além do Portão do Mar, cavalgando através de poternas de ataque. Alguns escamados perceberam as aberturas ocultas na muralha e tentaram esgueirar-se para o interior da cidade. Foram dissuadidos quando as lanças dos Santos Cavaleiros estouraram contra suas barrigas descoloridas, transformando-as em crateras viscosas, de onde órgãos escuros irrompiam em profusão.

Na curta faixa de praia aterrada, o caos era completo. Hakim liderou seus homens através de pilhas de corpos carbonizados de abissais encouraçadas. O amontoado de mortos exigia que desfizessem a formação cerrada e os Santos Cavaleiros tornaram-se presas fáceis para os escamados, montados sobre os odiosos tubarões com patas quitinosas. As criaturas moviam-se com velocidade desconcertante, as patas articuladas perfurando o cascalho enquanto seus olhos negros e vazios fitavam o nada. Da infantaria abissal, não havia sinal, apenas os terríveis corcéis tubarões espalhavam-se pela praia enquanto o caramujo de concha ciclópica arrastava sua carne mole em direção à muralha.

Hakim já havia enfrentado a Alma do Rio, e já estava preparado para o que veria diante dos portões de Imrath. Mas aquela criatura era diferente da última. A Alma do Rio era letárgica, movia-se deliberadamente, arrastando seu corpo titânico sobre o lodaçal que ajudara a criar em Nagrath. O novo molusco ciclópico dos abissais avançava com urgência e propósito, mais rápido do que parecia possível a uma criatura daquelas.

Sua carne gelatinosa era arroxeadada, e rebrilhava contra a luz da lua cheia. Hakim precisou desacelerar o galope por um segundo, quando viu a criatura projetar quatro enormes apêndices a partir de sua concha negra espiralada. Aquela monstruosidade era como um enorme caramujo, mas possuía tentáculos de polvo, e chicoteava o ar com ira incontida. O último horror invertebrado era a alma de um rio represado, e se comportava de acordo. Aquele novo pesadelo era filho do mar revoltado, uma Cria das Ondas, e vinha trazer todo seu horror sobre Imrath em um único choque fatal.

Hakim avistou o grupo de Corant bem próximo às escamas férreas que se projetavam da parte de baixo do enorme molusco. Aquele estranho material adornava as armas e armaduras primitivas dos abissais, que se aproveitavam de sua resistência. A barriga escamada da criatura fazia com que se movesse muito mais

rápido do que seria de se esperar de uma lesma gigantesca, e os homens de Corant estavam muito próximos de serem apanhados no caminho da monstruosidade. Seriam soterrados pela carne esponjosa do monstro.

O cavaleiro filho de servos amarantinos berrou um comando, e seus homens guinaram à esquerda em sincronia espetacular, desviando-se dos pseudópodes que a fortaleza semovente projetava para apanhá-los. Próximos como estavam do colosso invertebrado, não precisavam temer os escamados em seus tubarões terrestres, que não ousavam se aproximar tanto.

Os homens de Hakim, porém, constituíam um alvo mais fácil. Precisavam esquivar-se dos cadáveres quitinosos das encouraçadas e dos restos mortais dos próprios compatriotas. Hakim balançou Fendetreva em um golpe brutal contra um escamado que se aproximava, decepando uma das patas de sua montaria. A criatura cambaleou, redistribuiu o peso do corpanzil de tubarão sobre a nova quantidade de membros e continuou a perseguir sua presa, o coto partido jorrando sangue escuro.

Os Santos Cavaleiros se aproveitaram do momento de vulnerabilidade e caíram sobre o cavalariano escamado com lanças certeiras. Mas o abissal montado não estava sozinho, e seus irmãos escamados convergiram sobre o cadáver, acossando os homens de Hakim com eficiência brutal.

Hakim alcançou o grupo de Corant após perder bons homens para alabardas com lâminas cruas, enegrecidas pelo mesmo minério que adornava a concha espiralada da Alma do Rio. Corant insistia em aproximar-se daquela Cria das Ondas, contornando-a com destreza enquanto mantinha seus homens em formação. Hakim e sua guarda pessoal juntaram-se à cavalgada ao redor do titã, mantendo a coesão no galope graças ao treinamento exaustivo de sua Ordem. Um tentáculo escuro e amorfo cruzou o ar sobre suas cabeças, instantes após avançarem ao largo do corpanzil viscoso do monstro. A estratégia louca de Corant estava atrasando o assalto às muralhas.

— O que você pretende conquistar morrendo nessa praia? — gritou Hakim, emparelhando com seu fiel cavaleiro e tentando ser ouvido acima da torrente d'água que caía do céu.

— Glória eterna, meu senhor! — Corant bradou, erguendo a viseira do elmo. — Se eu puder levar Ignus até a cabeça daquela coisa — explicou aos berros, apontando para o taumaturgo compenetrado que se agarrava desesperadamente à garupa de sua montaria —, explodiremos o cérebro desse horror!

Seria impossível a um único taumaturgo conjurar chamas o suficiente para ferir um alvo tão grande, a menos que injetasse uma quantidade absurda de bile amarela e usasse a própria carne como combustível. As chamas douradas da taumaturgia colérica eram poderosas, mas não solucionariam todos os problemas de Hakim.

O homem na garupa de Corant parecia aterrorizado simplesmente por cavalgar, como seria capaz de escalar a carapaça quitinosa de uma lesma gigante? Foi então que Hakim viu os alforjes presos ao cavalo, com rolos enormes de corda atados a um gancho com três pontas afiadas. A outra ponta da corda estava amarrada ao taumaturgo pela cintura, seguindo adiante para enlaçar o próprio Corant.

— Você enlouqueceu de vez? — berrou Hakim. — Está condenando seus irmãos à morte!

— Todos eles concordaram, senhor — respondeu o Santo Cavaleiro, apontando para os demais membros da formação.

Cada um dos seguidores de Corant trazia seu próprio alforje com corda e gancho. Aquele não era o plano de Hakim. Eles deviam acossar a criatura com armas de cerco para desorientá-la, e só então escalar sua concha, mas com vinte ou trinta taumaturgos língua-de-fogo devidamente equipados e dispostos à tarefa, não um medroso amarrado a uma corda.

Enquanto cavalgavam, eram forçados a guinar abruptamente à esquerda ou à direita para evitar serem apanhados pelos tentáculos da Cria das Ondas. Estranhas escamas férreas na carne da criatura formavam uma espécie de esteira móvel que a impelia adiante. Alcançaram a parte posterior da concha de espirais gêmeas, onde a casca ferrosa se aproximava o suficiente do solo para ser tocada, e o alcance do monstro era limitado. Hakim observou, incrédulo, enquanto seu Lorde Comandante dava a ordem e seus homens sacavam os ganchos, preparando-se para arremessá-los contra a concha cinzenta.

A carapaça da criatura era repleta de irregularidades e reentrâncias, de onde o minério escuro brotava em veios grossos. Os ganchos que acertavam esses pontos de apoio se fixavam facilmente. Os primeiros Santos Cavaleiros começaram a escalar as cordas. Vestiam menos proteção do que de costume, em favor de algo que reduzisse ao máximo seu peso. Calçavam botas de escalada semelhantes às de Hakim, do mesmo tipo que usara para infiltrar-se no Grande Templo, com espigões nas pontas. Tão logo iniciaram a subida, o primeiro homem despencou, incapaz de segurar-se à corda úmida por mais tempo.

A criatura pareceu compreender a estratégia e girou vagarosamente no próprio eixo, voltando-se na direção dos cavaleiros e dificultando ainda mais o trabalho dos escaladores. O plano talvez funcionasse, mas ao reverso. Aquela era a distração perfeita. Se mantivessem o molusco ocupado por tempo suficiente, as defesas de Imrath se reagrupariam e as armas de cerco montadas sobre as muralhas teriam tempo o suficiente para alvejar a criatura a ponto de fragilizá-la.

— Atraiam a atenção da besta! — ordenou Hakim à sua guarda pessoal, cavalgando no sentido anti-horário para se aproximar da cabeça da monstruosidade.

— Não deixem que alcance as muralhas!

Cavalgou o mais próximo que pôde da carne viscosa da Cria das Ondas, com a espada em riste, pronto para desviar de um tentáculo e, por menor que fosse o dano, retribuir o golpe. O caramujo colossai projetou três pares de antenas em direção a Hakim, encimadas por globos azuis luminosos.

Os olhos da Cria das Ondas não pareciam dotados de inteligência, mas eram capazes de enxergar Hakim como ameaça. A criatura produziu um som estranho, que evocava ao mesmo tempo o canto lúgubre de uma baleia e o trinado agudo de um pássaro. Ela não tinha boca ou mandíbulas, mas uma abertura surgiu por entre as dobras viscosas de sua cabeça, revelando uma rádula hedionda, como uma enorme língua crispada de dentes metálicos.

Hakim esporeou seu cavalo com força, instigando-o a correr solto e contornar o perímetro da criatura, que agora buscava derramar-se sobre ele como uma avalanche de muco e ferro. Os tentáculos gigantesos da fera derrubaram outros Santos Cavaleiros enquanto Hakim se manteve ileso. Não havia tempo para lamentar sua perda.

Já completava metade de uma volta ao redor da criatura quando notou um movimento curioso sobre sua concha espiralada. Teriam os primeiros homens conseguido içar-se até uma das torres em espiral? Não. Aquela não era a silhueta de um alpinista diligente, sequer era humano. Outro raio chispou e sua luz revelou uma figura horrivelmente familiar. Seis pontos fulgurantes permaneceram iluminados quando o clarão deu lugar à noite escura. Olhos dourados o observavam do alto da carapaça férrea.

Hakim imprimiu mais velocidade ao galope. Levaria sua montaria ao desgaste completo, se necessário. Não pretendia cavalgar por muito mais tempo, de qualquer modo.

Corant já iniciava sua própria escalada quando Hakim terminou de circundar o molusco gigante e fez sinal para que os homens sobre a concha lhe lançassem cordas. Prendeu uma ao cinturão e agarrou a segunda firmemente, enrolando-a ao redor do antebraço. Embainhou a espada enquanto guiava o cavalo com as pernas. Ergueu-se sobre os estribos como um acrobata quando chegou perto o suficiente e deixou que os cavaleiros escaladores o içassem. Ficou pendurado como uma marionete quebrada, torcendo para que seus últimos fios não fossem rompidos.

O vento forte o chicoteava enquanto seus cavaleiros se esforçavam para puxá-lo. Naqueles instantes desesperadores, Hakim experimentou a verdadeira sensação de não ter controle sobre a própria vida. Tudo dependia das cordas e dos homens que as puxavam, ele era apenas um fardo a ser transportado, sua vontade irrelevante diante da ventania e da gravidade.

Agarrou-se à borda irregular da carapaça assim que seus braços estendidos puderam alcançá-la. Içou-se com a ajuda dos Santos Cavaleiros paramentados para a escalada. Apanhou o gancho preso à corda em seu cinturão e começou a escalar. Corant vinha a seu lado, auxiliando o taumaturgo Ignus, que mantinha-se concentrado em agarrar-se à corda que o ligava ao Santo Cavaleiro. O peso do homem equiparava-se ao peso da armadura de Hakim, e tanto ele quanto Corant precisaram de auxílio para prosseguir.

As protuberâncias minerais que brotavam da casca da criatura proporcionavam algum apoio, e por mais que a fera colossal fosse mais veloz do que aparentava, seus movimentos não eram bruscos o suficiente para derrubá-los. As botas de escalada fizeram seu trabalho, com cada cavaleiro abrindo sulcos na quitina da concha, graças às espigas de ferro em seus calçados. O desafio era vencer a força da tempestade. Hakim precisou de toda sua determinação para alcançar a parte superior da concha. Era desnivelada pelas formações em espiral que cresciam a partir da quitina quase rochosa, mas permitia que ficasse de pé.

— Fiquem atentos — alertou Hakim. — Não estamos sozinhos sobre essa abominação. — Sacou Fendetreva da bainha e testou alguns passos vacilantes, medindo cada respiração com cuidado. O menor erro o mandaria ao encontro do solo de cascalho. Os Santos Cavaleiros fizeram o mesmo. — Fique atrás de nós, Corant.

— Seus lacaios o respeitam, filhote de deus — disse a detestável voz que infestava até mesmo os sonhos de Hakim, sem revelar sua presença. — Permaneceriam tão fiéis se soubessem que seu senhor confraterniza com abissais?

— Venha cuspir suas mentiras ao alcance de minha espada, Gorazesh! — Hakim desafiou. — Você já conheceu a mordida de Fendetreva em sonho, venha senti-la na carne!

Nenhuma resposta. O maldito era ardiloso. Só atacava Hakim indiretamente, desde que se revelara. Primeiro em sua projeção astral, depois em seus sonhos com o Antecessor. Se Zith não tivesse confirmado a existência do sacerdote abissal, Hakim pensaria se tratar de uma alucinação de uma mente perturbada. Mas agora ele sabia. Vira sua forma se movendo sobre a concha espiralada, sentira seu olhar maligno estudando-o. Mesmo em meio à tempestade, quase podia sentir o cheiro odioso de maresia e podridão que acompanhava a criatura.

Avançou a passos lentos, seus cavaleiros circundavam-no como proteção. Mantinham Corant e o taumaturgo dentro do círculo defensivo. Algo estourou ao lado deles, fazendo a carapaça oscilar. Era um pedregulho. A Cria das Ondas já estava perto o suficiente da muralha para que a munição dos trabucos atingisse sua casca. Os artilheiros não sabiam que o Deus-Rei viajava sobre o dorso do monstro, e faziam chover pedras sobre a criatura. Projéteis o suficiente poderiam dar cabo da

Cria das Ondas, mas apenas se Hakim conseguisse refrear seu avanço por tempo suficiente. Se a monstruosidade alcançasse as muralhas, o peso da sua concha seria o suficiente para arruiná-las.

Mais pedregulhos atingiram a concha, e um dos cavaleiros perdeu o equilíbrio. Cada impacto provocava uma vibração por toda a estrutura da carapaça, como se a coisa tivesse sido construída para suportar aquele tipo de dano. Precisariam de balestras de cerco com virotes metálicos se quisessem ferir a carapaça da Cria das Ondas.

Uma rocha atingiu em cheio mais um cavaleiro, lançando-o ao vazio. Por mais que fossem treinados desde a infância, nada os preparara para aquilo. Os Santos Cavaleiros vacilavam mais a cada passo, tropeçando em direção à cabeçorra da criatura de antenas luminosas. Hakim mantinha os olhos em movimento constante, esperando o ataque de Gorazesh. Se aproximavam do pescoço viscoso da Cria das Ondas quando o primeiro projétil incendiário cruzou os ares.

Era um pedregulho redondo, mergulhado em alcatrão e aceso por uma tocha, arremessado por um dos trabucos na ameias. Formava uma bola de fogo que iluminou os céus brevemente até atingir a carne mole do monstro. O impacto escaldante o feriu o suficiente para provocar outro daqueles horríveis sons languidos e chilreados. Um solavanco acometeu a carapaça e Hakim se desequilibrou um instante. Baixou Fendetreva com todas as forças contra a quitina férrea, enterrando mais de um palmo de lâmina na concha e segurando-se firme no cabo.

Evitou ser derrubado, mas seus cavaleiros não tiveram a mesma sorte. Poucos se mantiveram sobre a concha, agarrados à primeira coisa que suas mãos puderam encontrar. Corant fincara dois ganchos na quitina acinzentada. Ignus, o taumaturgo, pendurado pela corda que o unia ao cavaleiro, mantinha os olhos fechados e a postura rígida, sem emitir qualquer protesto.

Gorazesh deslizou por entre as espirais quitinosas para atacá-los naquele exato momento. Suas musculosas caudas serpeantes mantinham um aperto firme sobre cada reentrância e protuberância da concha, deixando os quatro braços, terminados em longas garras, livres para rasgar a garganta de cavaleiros caídos. O sacerdote abissal desceu sobre os Santos Cavaleiros em fúria silenciosa. Quatro homens foram retalhados antes que pudessem pensar em se defender.

— Pensou que ao mostrar misericórdia a uma de meu povo as transgressões dos seus seriam perdoadas? — Gorazesh sibilou, exultando com o derramamento de sangue humano. — Sua ingenuidade rivaliza com sua arrogância, filhote de deus!

Hakim puxou Fendetreva, mas a lâmina ficara presa à carapaça. Gorazesh avançou sobre ele, deslizando sobre a superfície desnivelada e escorregadia. Dois dos cavaleiros sobreviventes avançaram contra o sacerdote abissal, repelindo suas

garras com espadas curtas. Hakim conseguiu livrar sua lâmina da prisão quitinosa, mas Gorazesh abocanhara outro de seus homens entre suas presas recurvas.

Mais um raio cortou a noite, seguido imediatamente pelo ribombar do trovão. O instante de luz revelou a forma obscena de Gorazesh, encharcada de sangue humano, cuja cor vermelha se mesclava às formações de coral carmesim que percorriam o corpo do sacerdote abissal.

A luz revelara algo a mais, entretanto. No ventre do abissal havia uma cicatriz recente, ainda esbranquiçada, em meio às escamas escuras, exatamente onde Hakim fincara sua espada, no sonho. O conflito onírico com a criatura surtira um efeito bastante real.

Gorazesh atacou novamente, mas dessa vez, Hakim estava pronto. Girou Fendetreva para rechaçar as longas garras do abissal. Sua armadura o protegeria de cortes superficiais, e o inimigo era obrigado a usar movimentos perfurantes, mais fáceis de prever. Hakim já não se preocupava em manter o equilíbrio, sua atenção era dedicada a encontrar uma abertura para o contra-ataque.

— Continuem em frente! — ordenou aos Santos Cavaleiro sobreviventes. — Levem Corant até a borda da concha!

O enorme abissal manteve a ofensiva. Seus movimentos eram fluidos e potentes, e cada golpe de suas garras riscava o aço da armadura do Deus-Rei. A capa nas costas de Hakim era apenas uma lembrança, reduzida a trapos esgarçados e manchados pela chuva. Mas o desgaste também afetava o inimigo. Suas caudas faziam um esforço considerável para mantê-lo equilibrado sobre a carapaça da Cria das Ondas, e sua postura era mais encurvada do que em seus últimos encontros, como se quisesse proteger a barriga recém-cicatrizada.

Decidiu não esperar mais por uma abertura. Lançou-se sobre Gorazesh no mesmo momento em que o monstruoso abissal investiu contra ele, os dois pares de braços convergindo contra as fendas em sua armadura. Projetou Fendetreva para frente com os braços estendidos, buscando uma única estocada fatal. Se pudesse trespassá-lo com um só golpe, não importaria se caísse do alto da concha ou se acabasse empalado em suas garras. Tudo o que queria era destruí-lo.

Gorazesh recuou no último instante, baixando um par de garras contra a lâmina e recolhendo o segundo para proteger o abdome. A lâmina de Hakim resvalou contra as garras afiadas e arremeteu para baixo, cortando uma das caudas enroscadas nas protuberâncias em espiral. Gorazesh sibilou. O instante de dor deu a Hakim o tempo necessário para afastar-se das garras. Rolou para o lado, mas um estacar súbito do caramujo impediu que se levantasse. Firmou-se para não cair.

Hakim falhara. Enquanto lutava contra Gorazesh, a Cria das Ondas chocou-se conta a muralha externa. Seu movimento não era rápido o suficiente para derrubá-la com um encontrão, mas o corpanzil da criatura, viscoso e adstringente,

começou a escalá-la. Logo, o peso da monstruosidade faria colapsar as muralhas e o Portão do Mar.

Hakim não se ergueu de pronto. Preferiu aparar o golpe seguinte de Gorazesh com sua lâmina. Uma garra atingiu-o na dobra do braço esquerdo, bem no ponto onde as placas da armadura davam lugar à cota de malha. A garra rasgou os anéis metálicos e fez escorrer um filete grosso de sangue, que em instantes converteu-se em água pura. Hakim não se importou. Desviou o olhar de Gorazesh, observando, mais adiante, Corant e seu taumaturgo alcançarem o pescoço rugoso do enorme caramujo. Ignus, o língua-de-fogo, sequer olhava para baixo enquanto Corant o guiava.

Gorazesh deslizou para trás no mesmo instante, percebendo o artilheiro de Hakim. O sacerdote abissal voltou-se contra o Santo Cavaleiro que protegia o taumaturgo. Corant tentou se defender, mas foi jogado para longe por um safanão de dois braços bestiais. Gorazesh rompeu a corda que unia cavaleiro e taumaturgo com uma garra, e agarrou o pobre Ignus com a outra.

Hakim estava mais preocupado com Corant, mas não podia mais vê-lo. Talvez tivesse sido arremessado direto ao solo. Gorazesh ergueu Ignus para encará-lo de frente. O taumaturgo mantinha os próprios olhos fechados, estático.

— Essa é a fé de seus sacerdotes, filhote de deus? — zombou o abissal. — Sequer têm coragem de encarar um verdadeiro portador da divindade!

Ignus não estava com medo, Hakim entendeu. Ele se mantivera quieto sobre o cavalo, quieto enquanto era içado até o dorso do molusco gigante, quieto quando finalmente alcançou seu objetivo e quieto quando a oportunidade de vencer lhe parecia roubada. Ele não estava com medo, estava meditando. Aquilo não era covardia, era oração. Uma prece fervorosa, concentrando a taumaturgia colérica, alimentando a fornalha inferior para uma conflagração final.

— Ignus! — Hakim berrou. — Chegou a hora! Libere sua cólera!

Hakim apanhou seu gancho de escalada e o fincou o mais fundo que pôde na carapaça da criatura. A corda permanecia bem amarrada a seu cinturão. Embainhou Fendetreva e saltou para longe, buscando desesperadamente pela fleuma taumatúrgica em suas veias.

Sentiu o calor antes do clarão o cegá-lo, como se a chama nascesse de suas próprias entranhas, mas era Ignus quem se consumia numa conflagração gloriosa. Era preciso controle completo para impedir todo aquele humor colérico de irromper em fogo dourado antes do tempo. Corant partira com um taumaturgo e todo o estoque de bile amarela que os defensores do Portão do Mar ainda possuíam. Hakim só não sabia que o estoque seria consumido como uma dose única, e que o taumaturgo em questão estava disposto a morrer queimado pela salvação de Var Khalad.

Mas a explosão errou o alvo. No instante derradeiro, Gorazesh arremessara o taumaturgo para longe. Quando as chamas douradas irromperam de suas entranhas, Ignus estava perto o suficiente para ferir, mas não matar a Cria das Ondas. Hakim torceu para que os homens de Victus e o restante dos línguas-de-fogo pudessem dar cabo do colosso ferido, pois duvidava que ele próprio sobreviveria a uma queda daquela altura. Sua única preocupação era levar Gorazesh consigo.

Concentrou-se na fleuma em suas veias e projetou sua consciência adiante, através dos véus da percepção. Lançou sua forma astral em direção à fonte da chama dourada que incendiava os ares. O calor já não o afetava, sentia apenas a força do vento que soprava com a tempestade, mas não estava à sua mercê. Podia mover-se livremente, com controle absoluto. Flutuava em meio às chamas, onde a forma indistinta de Ignus ardia, alguns metros acima da Cria das Ondas e de Gorazesh.

Hakim desceu em forma astral sobre Gorazesh, que podia vê-lo e tocá-lo mesmo naquele estado. Entretanto, o fogo cegava a criatura, e as labaredas chamuscavam suas escamas, dando a Hakim a oportunidade perfeita. Ele já não era um perscrutador inexperiente, maravilhado com sua primeira projeção. Agora, a forma astral de Hakim ostentava toda a glória do Deus-Rei de Var Khalad, portando máscara e armadura, e em suas mãos incorpóreas a lâmina espectral que ecoava a forma de Fendetreva parecia grande como uma lança de cavalaria. Se pudera ferir Gorazesh em sonho, poderia feri-lo através dos véus.

A lâmina astral de Hakim encontrou a resistência física da carne. O golpe atingiu o alvo, mesmo com as garras do abissal tentando desviá-lo, mas ainda não parecia capaz de feri-lo. Hakim concentrou sua energia taumátúrgica, forçando o humor arcano a circular mais rápido através de seu corpo, consumindo tudo o que podia em troca de mais poder. Gorazesh moveu-se para interceptar o golpe, usando os quatro braços para segurar a espada etérea e refrear a estocada de Hakim.

— Eu sou o herdeiro legítimo de Azgol Sudraszj, pequeno deus! — guinchou o abissal. — Eu existo através dos véus e mais além! Sua linhagem imperfeita está confinada às paredes da carne, fadada ao eterno fracasso!

— Eu sou Hakim Ur-Hazred, demônio! — rebateu Hakim, buscando toda a força dentro de si. Admitiria suas falhas, reconhecia a imperfeição da humanidade, mas também sabia da importância de seu dever, e era capaz de vislumbrar seu destino. — Sou Sucessor do Deus-Rei de Var Khalad, e em nome desse legado eu varrerei sua prole vil da face de Noltora!

Hakim entregou-se por completo à taumaturgia, aplicando seus últimos vestígios de consciência no ataque. A lâmina astral perfurou o ventre de Gorazesh como um raio solar, e seus estertores de morte foram ouvidos até mesmo no plano astral, na forma de uma pulsação odiosa que vibrava entre as camadas da percepção.

A onda de força resultante ameaçou dissipar a projeção de Hakim, mas ele recolheu seus sentidos ao corpo físico bem a tempo. Estava à beira de um novo choque taumatúrgico, totalmente drenado de fluido e energia.

Antes que a exaustão o levasse, viu a muralha noroeste cedendo diante do peso da Cria das Ondas, que guinchava em meio às chamas.

Capítulo 13

— De jeito nenhum! — Krennas Riénn esperneou. Parecia adoentado, mas tinha energia de sobra quando o assunto era ser um estorvo. — Não vou me desfazer da chave, Jarisev. As relíquias são meu direito de sangue e ninguém tocará nelas além de mim!

— Pode pelo menos falar mais baixo? — sugeriu Sev, sinalizando com um movimento da cabeça a aglomeração de amarantinos e bárbaros que vinha assistir à discussão. — Já atraiu atenção demais.

Estavam em um enorme depósito de grãos, esvaziado de seu conteúdo original para abrigar o excedente de servos amarantinos do vilarejo. Pelos relatos, algo terrível acontecera à represa e o próprio Deus-Rei teve de conduzir um cerco na região. Os servos contavam histórias loucas sobre monstros aquáticos e castelos semoventes, em vez de se aterem aos fatos.

De qualquer modo, a represa e o forte que protegia o Vale de Nagrath estavam arruinados. Depois da batalha contra o que quer que tivesse causado a catástrofe, o Deus-Rei partira com suas tropas, deixando as armas de cerco e os servos amarantinos para trás, com pressa de retornar à capital, que estava sob ataque. Seria o momento perfeito, se o contratante imbecil de Sev não se recusasse a cooperar.

— Eu morrerei antes de abrir mão do privilégio de minha linhagem! — insistiu Riénn em um sussurro ríspido, mostrando determinação pela primeira vez na vida.

— Entenda, Krennas, qual o propósito de contratar o ladrão mais qualificado de Noltora para recuperar algo valioso para você, se você mesmo quer ir até onde o objeto está escondido? — argumentou Sev. — Além do que, a descendência de Amarante está longe de ser um privilégio. O homem era um mulherengo notório e deu início a uma porção de linhagens reais, chamamos toda essa região ao sul de Var Khalad de “reinos amarantinos”, no plural, por um motivo. Até os clãs da Terra Arrasada tem um pouco do sangue dele! Você conheceu Moira, minha sócia, não foi? O clã dela é famoso pelas mechas ruivas no cabelo, de onde acha que vieram? Do Deus das Cinzas? Não, meu caro, do sangue de seu general!

Preocupado em não ofender os selvagens, Sev enfureceu não apenas Riénn, mas os amarantinos que se aglomeravam ao redor. Protestos indignados sobre a honra do general morto se assomaram em uma cacofonia furiosa. Alguns sentiram-se particularmente agravados pela sugestão de que Amarante teria se relacionado

com mulheres do Povo das Cinzas, e foram estúpidos o suficiente para reclamar em voz alta.

— Amarante rechaçou os clãs bárbaros por anos! — diziam os idiotas, contentes em abaixar a cabeça diante dos imperiais, mas subitamente cheios de orgulho por seu herói falecido. — Levou a guerra até eles! Jamais misturaria sua estirpe aos selvagens!

Os bárbaros não gostaram nada daquilo. Os dentes de um amarantino foram arrancados da boca por um soco. Sev sequer percebeu de onde partira o golpe, até olhar para baixo e ver o menino Borlund pronto para nocautear o próximo incauto que se referisse a seu povo como selvagem. O pequeno tinha um gancho de direita impressionante. Um punhado de amarantinos pegaram suas ferramentas de trabalho — ancinhos, martelos de carpintaria, machados de lenhador. A briga se degenerou em revolta aberta rapidamente.

— Viu o que sua histeria causou, lorde idiota? — Sev puxou Riénn para perto de si, evitando que um cajado de pastor o acertasse na cabeça. — Os imperiais estão desorganizados por aqui, sem o tal arconte que sumiu do mapa, mas acha que não vão escutar esse escarcéu? Quer ser um líder pra seu povo? A hora é agora, direcione essa agressividade repentina contra Var Khalad, enquanto eu preparo nossa fuga.

Após toda aquela conversa sobre linhagem e direito de sangue, o desgraçado não tinha a menor ideia de como tomar a iniciativa, muito menos de como transformar a adversidade em vantagem. Sev arrastou-o até uma pilha de sacas de trigo, que usou como palanque.

— Meus amigos, é chegada a hora! — disse o ladrão, elevando a voz acima do estardalhaço da discussão. Soldados khaladinos chegariam a qualquer momento, então Sev mandou a discrição pro inferno — Seu nobre senhor retornou dos calabouços cruéis de Imrath para devolver a seu povo o que foi tomado, com a ajuda de valorosos filhos das cinzas! Por favor, escutem as palavras de Lorde Krennas Riénn!

O discurso atraiu a atenção da maioria, com exceção de alguns brigões mais entusiasmados. Feita a introdução, Sev deixou que o lordezinho ruivo tomasse conta do resto. Enquanto Riénn gaguejava e tossia diante de uma multidão que não parecia muito contente em vê-lo — dava para ouvir murmúrios acusando-o de traição —, Sev foi atrás de um líder de verdade.

Encontrou Moira e Andvar conversando em um canto isolado do depósito, protegidos por uma barreira de sacas e vigiados pelo olhar astuto de Ultha. O chefe guerreiro levantou ao ver Sev, os punhos cerrados. Moira pôs a mão no ombro musculoso do tio.

— Sei o que você vai pedir, Jarisev — disse a garota. A arrogância em sua voz lembrava as lições de Morsov. O professor transmitira muito mais do que conhecimento a sua pupila. — E sei o que você quer fazer, Andvar. Sei disso tudo porque vocês se colocaram no caminho um do outro por minha culpa. Então sou eu quem deve desatar esse nó.

— Eu vou matá-lo, Moira — rosnou Andvar. — Com minhas próprias mãos, se for preciso. Ele pôs tudo a perder, tudo que eu tentei construir.

— Ainda não, Andvar. — Moira parecia bastante calma, talvez por que a fúria assassina de um matador veterano não estivesse direcionada a ela. — Ele teve o direito de fazer o que fez. Vingou-se dos assassinos de seu irmão, e você devia fazer o mesmo.

— Não. Ele acabou com nossa única chance de paz. Ele a enterrou viva!

— Você sabe que nunca houve chance alguma, fomos usados. E sabe também que se permitiu usar.

Aquele homem enorme, uma pilha de músculos envelhecidos, curtidos pelos ventos abrasivos da Terra Arrasada, deixou que seus olhos azuis como gelo se inundassem de lágrimas.

— Pelo casco partido do Diabo! — Sev exclamou. Andvar não lamentava somente seus planos arruinados, lamentava a morte de Nehisi. — Você a amava! Ela via seu povo como cães sarnentos e você se apaixonou mesmo assim!

— Feche essa boca, Jarisev! — gritou Moira. — Ou eu mesma vou costurá-la com malha de aço! — Ela voltou-se para o tio novamente, aninhando seu rosto em suas mãos. Não era uma jovem delicada, mas suas palmas firmes, pressionadas contra as faces do guerreiro desolado, o acalmaram. — Não posso impedi-lo de amar ou de odiar. Mas posso exigir que ponha nosso povo em primeiro lugar. Temos uma nova chance, Var Khalad está vulnerável. Se acendermos a chama da rebelião agora, não serão capazes de apagá-la, e não seremos o único bando dos clãs a penetrar as fronteiras do império. Mas precisamos agir agora, ou a chance partirá com a chuva.

Diabos, Sev não teria inventado algo tão inspirador em tão pouco tempo. Andvar comoveu-se com o apelo da sobrinha. Talvez Riénn tivesse alguma razão naquela insistência enfadonha em alardear sua linhagem, os laços de sangue eram realmente algo poderoso demais para se abrir mão. Sev arrependeu-se de não ter dado mais valor à própria família quando ainda podia.

— Eu a ouço bem, Moira — disse Andvar, as lágrimas secando em sua face. — Sua voz me diz mais do que o que carregam suas palavras. Se algum de nós pode liderar o Povo das Cinzas a uma vida nova, essa pessoa é você.

— Talvez um dia eu me torne uma líder tão boa quanto Andvar dos Brunehald — Moira respondeu, apanhando o enorme machado de guerra do tio e

entregando-o em suas mãos. — Mas não esta noite. Tenho outra tarefa a cumprir.

— O que pode ser mais importante do que decidir o destino do Povo das Cinzas?

— Nada. Mas a chama que você acenderá aqui é apenas a primeira fagulha. Eu preciso garantir que a fogueira permaneça acesa depois disso. Só então Var Khalad queimará.

Capítulo 14

O lago cristalino dos sonhos de Hakim se transmutara em um mar inquieto e turvo. O horizonte infinito não era mais uma linha tênue entre o céu cinzento e a água prateada. Ondas subiam e desciam como mãos gananciosas, tentando se apoderar do firmamento. A espuma que cuspiam era densa e gordurosa, maculada. O céu era uma odiosa dança de cores aberrantes e luzes espectrais. O caos imperava na paisagem onírica. A estrela vermelha fulgurava no centro do turbilhão colorido, presidindo sobre a desordem.

Em sonhos anteriores, Hakim era capaz de caminhar sobre as águas. Nesse, vadeava trabalhosamente, sentindo a resistência do líquido que o cobria até os joelhos. A paisagem onírica, antes mutável, revelando visões de Nagrath, do Grande Templo ou das catacumbas, se fixara na estranha praia basáltica. O mar poluído deixava entrever grandes lajes de pedra negra entre o ir e vir de suas águas, vastidões monolíticas banhadas pela espuma imunda. O cadáver pútrido que invadira os sonhos anteriores, a criatura marinha lentamente apodrecendo na costa, podia ser vista ao longe, estirada sobre o basalto.

— *É chegado o momento da mudança* — disse o Antecessor, distante como a memória de um eco. — *Resista, pelo bem da tua raça.*

Resistir a quê? Aos abissais? Aos hereges? Hakim dera tudo de si, derrotara o líder dos invasores e ferira de morte sua arma mais poderosa. Sequer sabia se estava vivo ou se aquele sonho era o último devaneio de sua consciência alterada pela taumaturgia. Procurou pelo Antecessor, a figura titânica que o acompanhava naqueles sonhos misteriosos. Vadeou em círculos na água suja, sentindo o líquido salobro penetrar sua armadura e conspurcar-lhe a pele. Tropeçou e caiu. Engoliu um pouco d'água. Sonho ou não, engasgou-se. Levantou exigindo respostas.

— O que mais você quer de mim? Eu derrotei Gorazesh! Impedi os conspiradores, defendi as muralhas de Imrath! O que mais eu preciso fazer?

— Assuma o legado do Deus-Rei — disse o Antecessor, e Hakim o viu, finalmente, como se estivesse diante de si o tempo todo. O tentáculo escarlate que enredava seu pulso se alongara, enrolado por todo o corpo do gigante, agarrando-se com ventosas à sua armadura. O apêndice se ramificava, com novos tentáculos brotando a partir de um tronco em comum, como capilares que se projetam a partir de artérias sangrentas. A coisa forçava o Antecessor para baixo, como se quisesse

afogá-lo, mas ele resistia. — A perdição ea salvação são suas para discernir. Faça sua escolha, como Herdeiro de meu fardo.

— Eu escolho a salvação! — Hakim proclamou, exasperado. — Eu a escolhi desde o princípio, eu vivo por ela!

— A resposta está nas profundezas além do véu. Nos antigos rituais esquecidos pela humanidade. Nas forças opostas que regem a vida e a morte.

— Como posso vencer essas forças, se não as compreendo? — Hakim chorava, as lágrimas lavando a mácula da espuma marinha em seu rosto. — Como derrotar um inimigo que eu não conheço?

— A arma já foi forjada — proclamou o Antecessor. — Empunhe-a, ou seja cortado por ela. A lâmina conhece seu destino.

O Antecessor foi engolido pelas águas turvas, finalmente cedendo à rede escarlate de tentáculos. A maré agitou-se ainda mais. Hakim tentou alcançá-lo, ajudá-lo de algum modo, mas ondas em fúria o derrubaram novamente, afundando-o em seu negrume oleoso.

A visão foi a última coisa que Hakim recuperou. A primeira foi a dor. Sentia cada músculo protestar, e seus ossos sofriam uma pressão imensa. Cada centímetro de armadura que vestia o machucava, a rigidez dos anéis metálicos e das placas de aço polido se impunha sobre seu corpo cansado.

Estava em uma posição incômoda, as costas precariamente apoiadas em uma parede. A cabeça pulsava como um tambor e sua língua e garganta ardiam, secas como o deserto. Sinais de um choque taumatúrgico severo. Estava acordado. Seu corpo era sólido e a dor era real.

O olfato retornou com um odor pungente, golpeando-lhe as narinas e expulsando os devaneios de seus pensamentos. Sentia cheiro de abissal, mas havia algo a mais, algo químico, talvez taumatúrgico. O retinir agudo que dominava seus ouvidos arrefeceu.

— Que bom que despertou, meu senhor. — A voz foi a primeira coisa que ouviu com perfeição. Não era o Antecessor.

— Rasser, é você? — Hakim sentia um peso nas pálpebras, como se estivessem coladas. — Perdemos o Portão do Mar! A cidade está segura?

— Ainda não, meu senhor. Mas a guerra está prestes a terminar.

Hakim forçou os olhos a se abrirem. Não tinha mais o elmo coroadado ou a Máscara Sanguínea sobre o rosto, mas o gorjal ainda envolvia o pescoço e parecia pesar mais de uma tonelada. Diante de si estava o Sumo Pontífice. A face deformada por taumaturgia profana encarava o Deus-Rei com preocupação genuína no olhar. O corpo do pontífice, trespassado pelo aço de Hakim, era uma ruína cinzenta. Uma coisa frágil e mortíça, que vazava líquido incolor pelos ferimentos

abertos por Fendetreva. Mas ele ainda era capaz de ficar de pé e erguer-se diante de seu antigo pupilo com um sorriso de triunfo.

— Quando o trouxemos até aqui, temi que precisasse administrar um segundo humor taumáturgico para mantê-lo vivo — disse Rasser. — Seria uma ironia cruel.

Hakim olhou ao redor. Estavam na câmara mortuária, na seção inferior, juntos ao sarcófago de pedra e aos órgãos embalsamados em vasos canópicos. Contou cinco jarros de vidro, sua visão devia estar embaralhada. À medida que o foco retornava, Hakim enxergava os cadáveres das irmãs da Ordem do Zéfiro. Meio retalhados, meio carbonizados, os corpos jaziam por toda parte.

— O que você fez? — Hakim vociferou, avançando contra Rasser. Foi impedido pelo retesar das correntes em seus pulsos. Os grilhões eram curtos, aferrados à parede atrás de si. Um terceiro prendia seu pescoço, conferindo o peso extra ao gorjal.

— Eu protegi Var Khalad, Hakim. Protegi o maior segredo do império. A Ordem do Zéfiro tem seu valor, mas não é digna desse lugar.

— Bastardo — alguém murmurou, à esquerda de Hakim. Os grilhões o impediam de virar totalmente o pescoço, mas ele vislumbrou Liriel, agrilhoadada e com uma das pernas estendida em um ângulo impossível, quebrada. A arconte cuspiu um bocado de sangue na direção do pontífice, mas tudo o que conseguiu foi manchar suas vestes sacerdotais.

— Eu estava certo — disse Hakim. — Eu rezei para estar errado. Deixei que a culpa pelo que fiz a você me consumisse. Desejei que estivesse enlouquecendo, sucumbindo à paranoia, mas eu estava certo. Era você o líder da heresia.

— Esse é um defeito seu que eu nunca consegui corrigir — disse Rasser. — Duvida de si mesmo a todo o tempo, precisa que o mundo esteja desabando sobre sua cabeça para agir. Por isso seus planos fracassam, Hakim. Lhe falta visão.

— Traidor maldito! — Hakim acusou. — Por que, Rasser? Por que todos esses anos de lições e treinamento, de luta e de esforço, para me apunhalar pelas costas desse jeito?

— E essa — Rasser riu, como se contasse uma história curiosa. — É a grande contradição em você: com tanta dúvida e ponderação, impedido de enxergar além de suas próprias incertezas, ainda assim, no instante derradeiro, você se convence de que é mesmo especial. — O pontífice balançou a cabeça deformada devagar, desapontado com a arrogância secreta de seu antigo pupilo. — Acha mesmo que é o Sucessor do Deus-Rei?

— Você me treinou para acreditar, desgraçado! Me pôs diante do alto clero e os convenceu a aceitar que eu era o escolhido da Profecia! Eu duvidei, desde o primeiro momento, mas o Antecessor falou comigo! Ele me ordenou a assumir seu

legado! Eu nunca quis isso, mas aqui estamos nós, o Deus-Rei e seu sumo sacerdote.

— Mas você não é o primeiro Sucessor. E não será o último.

Hakim compreendeu. Var Khalad fora erguido sobre a fé no Deus-Rei. Um império abençoado com um governante imortal, capaz de guiar seu povo através das eras, rumo à salvação. Mas aquela fé era uma mentira. O Deus-Rei que morrera anos atrás era apenas mais um Sucessor, que assumira as Máscaras antes de Hakim. Antes dele houvera outro, e mais outro, até os primeiros dias do império. O Antecessor em seus sonhos talvez tivesse possuído algum poder verdadeiro, mas não era imortal, fora substituído para manter a ilusão. Var Khalad fora erguido sobre uma mentira.

— A profecia, as bênçãos da taumaturgia, até mesmo a fé professada pelos clérigos e defendida pelos Santos Cavaleiros — concluiu Hakim —, não passam de uma pantomima para manter os sacerdotes no poder. O sonho de unificar a humanidade sob uma única bandeira, uma liderança capaz de resistir às ameaças externas, a causa pela qual lutei por toda a minha vida, não passava de uma farsa?

— Não, Hakim. A causa é justa e os ideais são verdadeiros — disse Rasser, como se pudesse reconfortá-lo com palavras depois do que fizera. — É apenas seu papel nisso tudo que é diferente do que você imaginou.

— Eu não imaginei sozinho, maldito! Você e seus sacerdotes me ergueram num pedestal como uma estatueta! Mas eu não sou imóvel, não sou tão complacente quanto você gostaria, matei seus comparsas e por isso você vai me matar e pôr outro em meu lugar. Um ator mais convincente para seu deus de mentira.

— Você ainda não entendeu — disse Rasser, decepcionado. — Você já presenciou o suficiente para saber que a divindade é real. Empregou seu poder e foi vítima dele, mais de uma vez. O Deus-Rei é real, Hakim, e seus Sucessores são herdeiros legítimos. Mas o Deus não é uma pessoa de carne e osso, um ente individual, apartado dos demais. O Deus-Rei é uma força, um sentimento, um poder que permeia toda a vida. Nós, os seus humildes sacerdotes, apenas o guiamos através da linhagem humana mais carregada de sua presença.

Hakim lançou-se mais uma vez contra o pontífice deformado. O ferro dos grilhões raspou contra o aço de sua armadura. As correntes o impediram. Estava fraco e cansado demais. A cabeça doía, a respiração era laboriosa, até os olhos estavam ressecados. Ele tinha ouvido palavras como aquelas antes, na boca de dentes perolados de uma abissal.

— O Deus-Rei... Não. A coisa que você chama de deus é...

— Azgol Sudraszj — sibilou Rasser, pronunciando com cuidado o nome alienígena. — O Esplendor dos Céus Exteriores, A Fome Eterna. Esse é seu sagrado nome. É de Azgol Sudraszj que emana a taumaturgia. Houve um Antecessor, o

primeiro Deus-Rei de Var Khalad, que surgiu a partir de uma fração de Azgol Sudraszj, mas rebelou-se contra seu progenitor e quis destruí-lo. — Rasser balançou a cabeça. — Os primeiros altos sacerdotes já entendiam que não podíamos prosperar sem a magia divina. Realizaram o primeiro e o maior dos sacrifícios, preservando os restos mortais do Antecessor para manter seu poder vivo. Os Sucessores são escolhidos para liderar em vida e alimentar Azgol Sudraszj após a morte. Você já serviu como Deus-Rei por tempo o bastante, Hakim. Chegou a hora de cumprir a última tarefa.

— Você só pode estar louco — Hakim riu, um riso rouco, histérico. — Você venera o mesmo deus que os abissais? Por que guerrear com eles, então? Por que toda essa conversa de Deus-Rei e glória imperial? Ordene os fiéis a marcharem até a costa e se oferecerem às ondas! Entregue-se aos escamados, seu velho imbecil!

— A guerra entre homem e abissal é uma guerra pela divindade. Azgol Sudraszj pertence a nós, desde que os sobreviventes de Uru Hatham o trouxeram consigo da Ilha Perdida. Os abissais o querem de volta, mas nós o mantemos a salvo. É esse o seu papel, Hakim. Seu sacrifício garantirá que o poder permaneça em nossas mãos. — Rasser olhou para cima, para a balastrada no nível superior da câmara mortuária. Com as mãos em concha ao redor da boca, ordenou. — Tragam a criatura!

Capítulo 15

O túmulo despontava do terreno inundado como uma ilha desolada. Era um monte funerário, uma estrutura de terra erguida para marcar o local de descanso do general morto. O passar dos anos o transformara em uma colina gentil, indistinta entre os morros arredondados que dominavam a paisagem de Nagrath. Sev insistia que o local era aquele, conforme o tomo que roubara de algum barão mordravo, descendente de Amarante através de tortuosas linhas matrimoniais. Para Moira, parecia só mais uma colina cercada de água barrenta.

Vadearam até o monte funerário, preocupados em manter o equipamento seco. Riénn carregava a maior parte do fardo. Se insistia em acompanhá-los, teria que ser útil de algum modo. Sob a luz do luar, Moira não apreciava em nada a aparência do homem.

Sua pele estava marcada por pequenas manchas avermelhadas, que ele parava de tempos em tempos para coçar. Os olhos tinham um tom amarelado doentio. A respiração do nobre amarantino era cheia de chiados e roncos, com uma tosse infrequente, mas forte, como se os pulmões quisessem escapar do tórax.

Ainda assim, ele insistia em acompanhá-los, repetindo sua ladainha sobre ter barganhado com o Pacto de Lunarrubra por proteção contra qualquer moléstia terrena. Moira esperava que não passasse de uma bravata. Afinal, se Riénn tivesse realmente recorrido às bruxas, ou elas tinham mentido sobre a proteção, ou aquela enfermidade não era uma doença qualquer.

Haviam partido do povoado enquanto Andvar surpreendia a pequena guarnição imperial com um ataque feroz. As nuvens carregadas se dissipavam, revelando um céu iluminado. A lua cheia parecia um disco de prata brilhando sobre as colinas. Um disco gêmeo, trêmulo, refletia-se no lodaçal que transformava os montes funerários em ilhotas. Em meio as águas, uma elevação em particular se destacava das demais: uma concha titânica, vazia e quebrada.

O desastre que arruinara a represa e a fortaleza em Nagrath inundara toda a região. Graças à destruição provocada pelos abissais, Moira e seu bando poderiam tomar o controle, agora livre de fortificações imperiais. Os amarantinos os ajudaram a tomar as paliçadas e eliminar a presença imperial no vilarejo. Aceitariam a presença dos filhos das cinzas em território amarantino, se não por gratidão, pela força. Mas um único povoado revoltoso seria incapaz de manter-se livre do jugo imperial. A revolta precisava se espalhar, e com a atenção do Deus-Rei voltada para os ataques dos abissais, aquele era o momento perfeito.

Sozinho, Riénn seria um péssimo líder para um levante dos protetorados. Por isso insistia em acompanhar Moira e Sev até o túmulo de Amarante. Cobiçava as relíquias de um homem que, mesmo morto, o superava muitas vezes em grandeza. Com a armadura e o estandarte de um general reverenciado, muitos seriam convencidos a erguerem-se contra a opressão. Moira o ajudaria, mesmo suspeitando de sua promessa de pagamento, porque queria ver Var Khalad sangrar.

Morsov era a outra razão para Moira estar ali. A chance de vingar a morte de seu bando, seus pais e sua irmã era tudo o que Moira desejara desde o maldito dia em que Var Khalad conjurou suas chamas douradas sobre seu lar. Mas sentia-se responsável pela morte do necromante. Não haviam se conhecido na melhor das circunstâncias, mas acabaram tornando-se bons amigos, além de mestre e aprendiz. Moira sentia que devia algo à memória de Morsov, mais até do que a Sev. Precisava terminar aquela tarefa, ou a vida dele teria se extinguido em vão.

Escalaram a elevação com algum esforço. Cada metro que galgavam morro acima era arriscado, pois o solo na base do monte funerário estava encharcado pela água da represa e das fortes chuvas. Os pés de Riénn afundavam na terra, graças ao peso que carregava. Sev e Moira dividiram o fardo com o amarantino e recomeçaram a escalar, agachados, quase rastejando, sobre a grama alta e úmida.

— Isso é humilhante — protestou Riénn. — Estamos nos arrastando na sujeira como vermes!

— É bom se acostumar com a ideia — retrucou Sev. — Tem bastante vermes nos túmulos, especialmente os antigos. Quanto mais velha a carne, mais eles apreciam o gosto.

— Ninguém está te obrigando a subir — completou Moira. — Pode sentar e esperar, será melhor para todos.

— Vocês precisam de mim — insistiu o lorde. — Não conseguirão entrar no túmulo sem minha ajuda.

A doença de Riénn não o impedia de acompanhar o ritmo de Moira e Sev. Ficava sempre um pouco atrás, mas nunca os perdia de vista. A umidade parecia fazer bem ao lorde amarantino, que não tossia enquanto avançava sobre o barro e a grama encharcada. Moira observou-o com curiosidade. Aquele homem tinha a cabeleira ruiva de seu ancestral, traço que dividia com os membros do clã Brunehald. Quem teria sido Amarante, realmente? Um homem capaz de produzir descendência tão variada, venerado pelos amarantinos e odiado — ou respeitado como inimigo de valor — pelos filhos das cinzas. Tivera uma vida no mínimo interessante.

Alcançaram o topo do monte com a lua em seu ápice. O disco prateado dera lugar a uma esfera amarelo-esverdeada, emprestando um brilho mortiço à paisagem. Sev acendeu algumas tochas de cabo comprido e fincou-as no solo macio.

Consultou novamente o tomo roubado do barão mordravo. Andou até o centro da área limitada pelas tochas e ali jogou seu equipamento. Apanhou uma pá e começou a trabalhar.

— O que estão olhando? — disse o ladrão. — Esse tumulto não vai se violar sozinho.

Moira ecoou os movimentos do ladrão, enquanto Riénn se atrapalhava com os nós que mantinham seu fardo fechado. Com o equipamento devidamente espalhado pelo solo, o nobre considerou sua pá, como se fosse a primeira vez que enxergava realmente a ferramenta. Moira permitiu-se esquecer daquele inútil e concentrar-se no trabalho. Já haviam aberto uma cratera considerável quando ela percebeu. Havia necromancia ali.

Moira vestiu o capuz, lançando seu olhar para os Ermos Cinzentos da morte. Neles não havia umidade desagradável, tudo era seco. O solo sob seus pés era como areia fina e esbranquiçada, como os ossos dos mortos esquecidos, triturados no moinho da memória até virar pó. Mas havia certa energia em seu interior, amortecida sob a terra. Não como a passagem avérnea, que emanava potencial necromântico como uma fonte borbulhante. Era como um escoadouro, como se a energia espiritual se acumulasse em algum ponto abaixo deles, escorrendo lentamente, acumulando-se.

— Cuidado onde cavam — Moira alertou. — Há algo poderoso logo abaixo.

— É disso que estamos atrás — respondeu Sev, e fincou a pá com mais vontade no solo.

O movimento produziu um estalido agudo. Acertou algo além de solo molhado. Moira tensionou-se, preparando-se para uma catástrofe. Depois de alguns segundos, o ladrão cavou no mesmo local, com mais cuidado dessa vez. Aos poucos, foi removendo a terra e deixado entrever rocha lisa. Escavaram um pouco mais até revelar uma chapa circular de pedra. Havia um baixo-relevo gravado no objeto, praticamente destruído pelo tempo. Riénn pulou de alegria ao vê-lo, mesmo que a gravura não pudesse sequer ser reconhecida.

— O selo! Finalmente! — A animação do amarantino era interrompida por acessos de tosse, mas ele não se deixou abalar, agora que estava tão próximo de seu desejo. — O selo da tumba de Amarante!

— Que bom que gostou — comentou Sev, preparando sua picareta. — Quer levar um pedaço para casa?

— Espere! — Moira sobressaltou-se. — Você não pode quebrá-lo!

Abaixou-se sobre o disco de pedra, correndo as mãos pelos sulcos no baixo-relevo. O selo era grande o suficiente para que Moira se ajoelhasse e abrisse os braços sobre ele. Tateou por cada detalhe destacado na rocha trabalhada, cada

imperfeição provocada pelo tempo. A figura estava muito dilapidada, mas Moira podia sentir as linhas, os ângulos. Formavam um padrão.

— Tenho a sensação que você vai me dizer algo bastante desagradável — disse Sev quando Moira se levantou.

— Esse selo — Moira procurou pela melhor forma de explicar —, é como uma cerca fantasma.

— Essa pedra rabiscada foi posta aí por algum amarantino do período pré-Devastação — disse Sev, desdenhoso. — Não tem jeito disso ter o mesmo poder que os amuletos necromânticos da Cabala. Você brinca com suas sombras, mas nunca estudou necromancia de verdade.

Sev tinha razão. Mas Moira também. Ela podia sentir o poder emanando do túmulo.

— Eu não desejei que os mortos se reunissem ao meu redor. Jamais escolheria uma coisa dessas se pudesse evitar, mas foi o que aconteceu e eu convivo com eles agora. Eu os sinto, Sev. Sinto como se contorcem de dor, como ardem, sinto seus desejos enlouquecidos e sinto seu poder. Não sou como Morsov, não tenho as respostas na ponta da língua, mas disso tenho certeza. A energia que permeia essa pedra me causa a mesma sensação que as cercas fantasmas em Akhenatos. Não usaria essa picareta se fosse você.

— Digamos que você esteja certa — disse Sev. — Uma cerca fantasma serve para alertar o necromante da presença de intrusos. Esse selo está aí para alertar a quem?

— Não sei, mas o poder necromântico abaixo é grande demais para arriscar.

— Ela está certa, Jarisev — concordou Riénn, coçando o próprio ombro sem se dar conta. — Não aprecio a arte profana da necromancia, mas existem muitas formas de magia em Noltora. Mesmo que algumas tenham sido erradicadas pela Devastação, seus efeitos ainda persistem. Só há um jeito correto de abrir o selo — O lorde de Tanánn tirou uma corrente fina de seu pescoço, com um pequeno medalhão pendurado. Parecia apenas uma velha moeda de cobre, mas as marcas em sua superfície não eram de nenhuma moeda que Moira conhecia. — Eis meu privilégio de sangue. O legado de meu ancestral.

Riénn curvou-se com dificuldade e pôs o medalhão no centro da pedra circular. O encaixe foi perfeito. Mesmo após séculos de deterioração, o selo aceitou o medalhão como se tivesse recém-saído de seu molde. Moira e Sev se afastaram quando um som áspero veio debaixo do chão. Riénn pulou para longe, assustado. O selo de pedra moveu-se lentamente, seu mecanismo antiquado raspando contra a rocha soava como o lamento de uma garganta anciã. Em seu lugar, uma passagem vertical se abriu.

Sev apanhou um rolo de corda e pendurou-o sobre o ombro. Acendeu uma lamparina, cuja alça amarrou na extremidade da corda. Desceu a fonte de luz pelo buraco, soltando a corda palmo por palmo, até a base da lamparina encontrar apoio.

— Não é tão profundo — disse o ladrão. — Mas essas paredes não parecem nada sólidas. A água da represa deve ter arruinado a integridade da estrutura.

— Se não é profundo, podemos apanhar as relíquias e subir o mais rápido possível — Moira sugeriu.

— Não é fundo, mas também não é tão simples — Sev advertiu. — Aposto meu chapéu que o túnel se ramifica lá embaixo. É um monte funerário feito para abrigar um grande guerreiro. Seus soldados, tesouros, e talvez até cavalos, foram enterrados junto com ele. Não seria toda essa morte que você está sentindo lá embaixo?

— Talvez. Não consigo ter certeza daqui — confessou Moira. — A energia parece entorpecida, como se estivesse repousando. Acho que quebrar o selo a despertaria de forma violenta.

— Bem, vamos descobrir em breve. — Sev sorriu e amarrou a ponta solta de sua corda a um espigão de ferro, que fícou com firmeza no solo. — Você vai primeiro, Krennas.

Moira esperou que Riénn e Sev descessem. O nobre, apavorado, o ladrão, estranhamente quieto, solene até, como se adentrar o túmulo fosse uma ocasião notória. Talvez fosse mesmo. Firmou o espigão que prendia a corda e observou a paisagem uma última vez antes de sua própria descida, aproveitando o vento que soprava em seu rosto. Os outros morros ao longe lhe pareciam diferentes, agora que o selo do túmulo fora aberto. Que outros mortos descansavam sob aquela terra ancestral?

A corda deu um solavanco. O solo úmido não permitia que o espigão se fixasse com segurança. Prosseguiu devagar, observando as paredes deterioradas da tumba. Não tinham sido escavadas com o mesmo cuidado de quem esculpira o selo de pedra. Pareciam prestes a colapsar sobre o peso do monte funerário. Mas não foi o risco de ser enterrada viva que mais chamou-lhe a atenção.

Suas sombras, as almas torturadas que eram fonte de seu poder e sua maldição, agitavam-se em sua mente com algo além de dor e ira. Pareciam atraídas pelo túmulo antigo, sentiam o mesmo empuxo necromântico que Moira experimentara ao vestir o capuz no topo do morro. Aquilo as fez manifestar uma nova emoção: medo. O reservatório de poder espiritual adormecido naquele túmulo fascinava e repelia até mesmo os mortos inquietos.

Moira alcançou o chão com um barulho molhado. A água infiltrara até mesmo o túmulo de Amarante, com seu selo protegido por magia antiga. O espaço era apertado. Sev e Riénn se acotovelavam, enquanto Moira tentava enxergar com

ajuda da lamparina do ladrão. Estavam em uma pequena câmara circular que dava acesso a três corredores.

As passagens desciam suavemente, com degraus escavados na terra, desgastados pelo tempo e desfigurados pela umidade. Sev usou a chama da lamparina a óleo para acender tochas de gordura de porco, que queimaram com alguma dificuldade. Moira apanhou uma das tochas do ladrão, mas não precisava dela. Sabia exatamente onde estava o que procuravam.

— Só precisamos descer — disse com convicção. — Os três caminhos levam ao mesmo destino. O repouso final de Amarante.

— Não é tão simples — rebateu Sev. — Pode haver armadilhas, carniçais, ou selos mágicos além do primeiro. Precisamos descobrir qual dos três túneis é o mais seguro.

— Carniçais? — indagou Riénn, assustado. Outro acesso de tosse o acometeu, o som doentio reverberou pelos subterrâneos. — O que eles poderiam querer aqui? Os mortos nestes morros já não têm carne que possa despertar seu apetite.

— O profissional aqui sou eu — retrucou Sev. — Não ganhei minha reputação à toa. Sei o que estou dizendo. Qualquer buraco empoeirado na terra interessa aos comedores de carniça. Túmulos antigos podem não ter comida pra eles, mas costumam ficar próximos o bastante de túmulos recém-cavados.

— Respeito sua experiência de ladrão, Sev — disse Moira. — Mas não encontraremos nada disso aqui. Carniçais evitam a necromancia, suas bruxas não podem amaldiçoar os mortos. — Sacou a foice de obsidiana e alcançou o espírito que residia em seu cabo ósseo. Ele também sentia o puxão, e temia ser tragado por ele. — As armadilhas são mais prováveis, mas essa tumba não precisa desse tipo de proteção. O poder que reside aqui está longe de ser indefeso.

Não esperou os conselhos do ladrão, nem os sobressaltos do lorde doente. Escolheu um caminho e o seguiu, sem se importar qual. O que interessava estava no fim da jornada. As paredes do corredor descendente eram repletas de nichos compridos, com ataúdes e esquifes em variados estados de degradação.

Muitos sequer tinham cobertura, e corpos ressequidos espreitavam de seu interior, cobertos pela poeira das eras. Envergavam armaduras régias, dignas de cavaleiros grandiosos, mas a ferrugem lhes roubara o brilho e as aranhas os haviam envolvido em mortalhas de seda, mais apropriadas para os mortos. A corte de Amarante vigiava os corredores. Suas órbitas vazias encaravam Moira, insondáveis.

Nenhum fio oculto se partiu, nenhuma placa escondida no piso foi pressionada, nenhum mecanismo secreto foi acionado. Um ladrão de túmulos era inútil naquele lugar, e Sev pareceu aceitar o fato, acompanhando Moira em silêncio.

Rienn vinha logo atrás, respirando com dificuldade. Os guerreiros mortos mantinham sua vigília.

A passagem levou-os ainda mais fundo sob a terra. O ar estagnado era denso de pó e sujeira, piorando a tosse de Rienn. Pequenas gotas escorriam lentamente das paredes e do teto, formando poças ao longo do túnel. A água alcançava algumas alcovas mais próximas do chão, deteriorando ainda mais os ataúdes e seus residentes de armadura enferrujada.

O túmulo estava lentamente sendo inundado. Levaria meses para que a água se infiltrasse completamente no solo, mas mesmo que a maior parte do lodaçal acima evaporasse, os túneis cedo ou tarde colapsariam sobre si mesmos. Mas não era apenas água que fluía até ali.

Energia espiritual permeava o nível inferior da tumba. Moira hesitou em manifestar o capuz necromântico, com medo do que veria. Depois do que pareceu uma eternidade, alcançaram uma câmara cavernosa. Havia algo no centro, uma espécie de altar laboriosamente esculpido, embora a luz das tochas e o desgaste do tempo não permitissem divisar os padrões gravados em sua superfície. Sobre ele repousavam formas mundanas, objetos antigos, cobertos de pó. As relíquias lendárias de um general que jurara vingança eterna pareciam demasiado frágeis.

Moira preferiu dar atenção ao que rodeava o altar. Uma legião de corpos mumificados, paramentados para a guerra. Não apenas vestiam armaduras cerimoniais, mas portavam lanças de montaria, maças e espadas. Ao fundo, as ossadas de cavalos cadavéricos, embrulhadas em couro e fitas, aguardavam o chamado de seus mestres. Amarante fora enterrado com seu próprio batalhão.

— Estão ouvindo isso? — Rienn perguntou em sussurros. — Parece algo pulsando.

— Só ouço essa tosse horrível — respondeu Sev. — Você devia ter ficado no vilarejo.

— E deixar que você roube os tesouros de Amarante? — Rienn vociferou, em vez de sussurrar. Coçava os dois ombros sem se dar conta, arranhando com força as vestes de linho. — Não confio em ladrões e necromantes!

— O que eu faria com as velharias de um comandante derrotado? Seu ouro é a única coisa que me interessa nessa história, Krennas! Não se esqueça disso!

— Parem, vocês dois — ordenou Moira, em voz baixa.

— Como eu posso me esquecer, Jarisev? — Rienn ignorou-a. — Você fala em seu pagamento desde que trocamos as primeiras cartas! Se arrastou da Nova Mordrávia até aqui como um sabujo, farejando meu ouro! — tossiu mais uma vez, e algo escuro e viscoso escorreu de sua boca. — Mandou sua selvagem me buscar em Imrath para ficar por aqui, fuçando o solo com pás e picaretas! Você quer tomar o que é meu!

O amarantino não conseguiu continuar seu rompante, engasgou com a própria saliva e com a coisa que escapava de seus pulmões quando tossia. Caiu de joelhos, tentando respirar.

— Pelo casco partido do Diabo! Se isso for contagioso, Riénn, juro que...

— Cale-se e ajude-o! — Moira ordenou, dessa vez sem se preocupar com o exército de cadáveres. — Leve-o daqui, eu cuido das relíquias.

Sev tentou se aproximar de Riénn, mas em seu pânico o lorde se debateu e sacudiu os braços no ar, afastando o ladrão de túmulos. Desfez-se da capa de pele de raposa e levou as mãos à garganta. Rasgou a gola de linho com as unhas, revelando um pescoço vermelho e inchado, pontilhado de protuberâncias arredondadas. Encarou Moira e Sev com olhos acusadores, não mais amarelados. Tinham a cor do ouro.

— Estão ouvindo, agora? — Riénn perguntou, rindo. Seus dentes estavam diferentes, pareciam afiados. — A pulsação tem um ritmo, uma cadência. Dói, mas é maravilhosa!

— Isso não parece com necromancia, Moira — disse Sev, deslizando a mão até a faca de caça embainhada no cinto. — Não acho que é por causa das energias na tumba.

— O poder está adormecido — Moira concordou. — E mesmo que estivesse ativo, não é assim que os mortos se manifestam.

Moira e Sev afastaram-se de Riénn, cada um em uma direção. O lorde amarantino parecia perdido entre os acessos de tosse, a coceira na pele horivelmente inflamada e o som que só ele podia ouvir.

— Por que estão me olhando desse jeito? — Riénn indagou, rasgando as próprias roupas. — Precisam recuperar meus tesouros, meu direito de nascença! E pelos deuses, façam esse maldito som parar! Minha cabeça não aguenta!

Quanto mais ele se agitava, mais a infecção se alastrava a olhos vistos. Pústulas recobriam cada centímetro visível da sua pele, como escamas inchadas e vermelhas. As unhas e dentes pareciam alongadas. Não era uma doença, mas algum tipo terrível de maldição.

Moira venceu o medo e vestiu o capuz necromântico mais uma vez. A manifestação mais básica da necromancia podia revelar os segredos mais perturbadores sobre a natureza da morte. A primeira surpresa de Moira foi ver o céu negro. Tinha se embrenhado fundo no solo antigo dos reinos amarantinos, mas ao espiar os Ermos Cinzentos, viu-se numa cratera ampla em vez de um túmulo apertado.

Os espíritos não a surpreendiam. Esperava encontrá-los ali. Cavaleiros e lordes em solene vigília, suas armaduras espectrais brilhando de verde e cobre. Seus cadáveres mumificados transpareciam decadência, mas seus espíritos retinham a

dignidade dos guerreiros que foram em vida. Circundavam o centro da cratera, onde repousavam as relíquias de seu general, em toda sua glória. O regimento de Amarante não prestava atenção à garota viva que os observava. Tinham seus olhos mortos voltados para a estrela. A segunda estrela.

O astro solitário, branco e diminuto, que Morsov chamava de Ranthep, não estava mais sozinho no céu negro. Dividia o firmamento desolado com uma estrela vermelha de luz difusa, que mal podia penetrar o negrume, mas dominava o horizonte por sua estranheza. A estrela invasora pulsava lentamente. Seus raios não se comportavam como qualquer luz que Moira conhecia, ondulavam, sua trajetória oscilando no ar antes de se dissipar. Seu brilho doentio era um horror e uma maravilha.

— FAÇAM ISSO PARAR! — Riénn gritou.

O susto trouxe a atenção de Moira de volta ao mundo dos vivos. O lorde já não se parecia em nada com o homenzinho pomposo e assustadiço que tirara de Imrath. A proteção das bruxas de Lunarrubra, da qual ele gostava de se gabar, talvez fosse verdade, pois ele não estava doente. Estava sofrendo uma metamorfose grotesca.

Em seu frenesi, Riénn arrancara as próprias roupas. Seu corpo não era mais totalmente humano. A pele era escamosa e barbatanas membranosas se projetavam a partir das coxas e do torso magro. Havia se tornando uma criatura no meio do caminho entre homem e abissal, como o irmão de Nehisi e seus guardas. O príncipe Haramad parecia ter se submetido de livre vontade à mudança, viajando na companhia de abissais escamados e suas montarias-tubarão. Mas Riénn sequer entendia o que estava acontecendo.

— Esse som na minha cabeça, essa luz nos meus olhos, o que é isso, Jarisev? O QUE VOCÊ FEZ COMIGO?

Sev não teve palavras pra responder. Mesmo que as tivesse, não teria tempo de dizê-las, pois Riénn lançou-se sobre o ladrão com suas novas garras e dentes afiados. Tinha sido um covarde por toda a vida, incapaz de travar as próprias batalhas. Transformar-se em monstro não mudaria esse fato. Sev não teve dificuldade em esquivar-se e repelir suas investidas, mas o ladrão estava tão confuso quanto Riénn. Foi Moira quem precisou agir.

A foice obsidiana não era uma boa arma. Ela a brandia em honra à memória de Morsov e para conter o espírito de Istvan, que tivera suas amarras violentamente desfeitas. A lâmina não era tão resistente quanto o aço, então Moira usou a ponta recurva da arma, estocando com um golpe de baixo para cima. A pele escamosa da criatura antes conhecida como Krennas Riénn era áspera e resistente, mas a foice perfurou-lhe as costas com facilidade. O sangue que brotou da ferida era negro.

Moira imprimiu mais força no movimento e a ponta da lâmina rasgou a carne e os órgãos mutantes de Riénn até sair do outro lado, abrindo um rombo em sua barriga.

Sev saltou para evitar a foice e o jorro de sangue viscoso que se seguiu, derrubando um cavaleiro mumificado que guardava luto por Amarante. O híbrido de homem e abissal tossiu pela última vez, expelindo mais de seus humores nocivos. Moira puxou a foice de volta para si. Teve de empurrar o cadáver com o pé, pois a lâmina enganchou-se em suas costelas.

— Pelo casco partido do Diabo, garota! — Sev praguejou. — Podia ter esperado que ele nos pagasse antes de estripá-lo como um porco!

— Não é hora para piadas, Sev.

— É aí que você se engana, querida. — O ladrão de túmulos levou a mão às costas e fez uma careta de dor. — Se chegar à minha idade, vai entender que às vezes um pouco de humor é tudo o que nos separa do desespero total. — Enquanto massageava a coluna, Sev inspecionava o cadáver deformado do amarantino. — Como isso aconteceu? Achei que Haramad fosse o único idiota o bastante para se juntar aos peixes-diabo.

— Não acho que Riénn quis isso — respondeu Moira, limpando a foice na barra de sua capa de peles. — Quando eu o encontrei em Imrath, havia outros como ele. Pareciam doentes, os imperiais os mantinham trancados em grandes casas de madeira.

— Queria ver a cara do Deus-Rei quando a mesma coisa acontecer com toda essa gente dentro das muralhas de sua preciosa capital. Infelizmente, o bastardo nunca tira a máscara. — Sev se espreguiçou, alongando-se como um gato. Deu para ouvir o estalar de seus ossos. — Voltando ao que interessa: você o matou antes que nos pagasse!

— Eu sei onde o ouro está. Fiz com que ele me mostrasse.

— E quando você pretendia dividir a informação comigo? — Sev arqueou uma sobrancelha grisalha.

Os planos de Moira para o ouro já não faziam sentido. A rebelião de Riénn jamais teria início. Algo terrível estava acontecendo, algo que afetava até mesmo a terra dos mortos. Mais importante, algo que deixaria Imrath ainda mais vulnerável. E havia o poder, a energia dormente concentrada naquele túmulo, atrelada às relíquias de amarante. Poderia usá-la de algum modo?

Capítulo 16

Passos de grevas metálicas soaram nas escadas, seguidos do som de algo sendo arrastado. Algo pesado, úmido e orgânico. O arrastar e os passos eram acompanhados por mais sons metálicos retinindo contra o piso duro. Envolvendo a sinfonia macabra, veio o cântico profano de uma procissão de cultistas. Hakim conhecia o ritmo, era o mesmo que sentira ao presenciar o sacrifício de Esperius.

Preso como estava, não conseguia enxergar o que se passava atrás de si. As correntes que o prendiam à parede da câmara mortuária pelos punhos e pelo pescoço sequer permitiam que virasse totalmente a cabeça. Hakim foi forçado a encarar o rosto horrendo de Rasser. Seu antigo mentor tinha um sorriso de satisfação estampado na face deformada. Ele esperara bastante por aquele momento.

Os sons prosseguiram até que figuras em robes negros, bordados com runas douradas, adentraram o campo de visão de Hakim. Traziam punhais delgados e velas acesas consigo. O arrastar pesado e os passos metálicos cessaram. Algo atingiu o chão com um baque molhado, como a carcaça de um boi recém-abatido. O cheiro de sangue, que pairava na câmara como um miasma, deu lugar ao odor de maresia e putrefação.

Com os cultistas ao redor do sarcófago e dos vasos canópicos, duas figuras de armadura carregaram o corpo inerte de Gorazesh ao centro da câmara. O abissal gigantesco exibia queimaduras e lacerações da batalha contra Hakim, mas não estava morto. Grossas hastes metálicas perfuravam seu corpo, trespassando os membros e penetrando fundo a carne azulada do torso, imobilizando-o. Uma camada grossa de sal o recobria, mas eram os ferimentos que o tornavam complacente. Hakim sequer registrou a presença do monstro, no entanto, mais aviltado pela visão de quem o arrastara até ali.

— Diabos, como essa coisa pesa! É difícil carregar tanto peso com uma mão só, sabiam?

Um dos homens que trazia Gorazesh vestia uma armadura acobreada, ornada com pontas ferozes, e tinha uma lâmina fundida à manopla direita. O outro, um guerreiro enorme, ostentava armadura negra, com elmo em formato de balde.

— Laurent... Sigismund... — Hakim não conseguia acreditar. Diante daquilo, a traição de Rasser pareceu pequena. O pontífice tinha sido seu mentor, mas há tempos ele e Hakim haviam se distanciado um do outro. Aqueles dois eram seus arcontes, guerreiros aos quais confiara a própria vida inúmeras vezes. — Não

sei o que Rasser disse ou fez a vocês, mas ele está louco. Olhem para ele, retorcido por taumaturgia profana! Não é possível que concordem com isso!

— Não é questão de concordar ou não — Laurent explicou. — É a verdade da vida, meu caro. Num dia você é o soberano, senhor de tudo que o sol toca e vencedor de mil batalhas, no outro, cortam fora sua mão. — Laurent ergueu a viseira do elmo, expondo a face encovada e a barba rala. Tinha uma expressão divertida nos olhos, fitando o coto direito. — Cortam sua mão porque você foi descuidado, se deixou levar pelo poder que achava que tinha. A partir daí, você é capaz de qualquer coisa pra manter os outros membros no lugar. Qualquer coisa mesmo, não é Sig?

Sigismund apenas suspirou, o ar escapando lentamente pelas fendas em seu elmo cilíndrico. Evitava olhar para Hakim.

— Vocês deviam estar em Valash Kha e Nagrath — observou Hakim, com uma preocupação crescente se assomando em seus pensamentos. — Descumpriram minhas ordens assim que virei as costas! — Sem os arcontes para liderar as defesas, aquelas regiões estariam vulneráveis. Especialmente Valash Kha, na costa oeste, sob ataque constante dos abissais.

— Eu percebi que seus dias estavam contados depois que nos abandonou em Nagrath — contou Laurent. — Sempre recluso naquela carruagem, com uma maldita mulher-peixe como companhia! — O arconte riu, inflando as narinas e arregalando os olhos. — Qualquer um com um mínimo de bom senso perceberia que o bom e velho Hakim não estava bem da cabeça. Quando o sangue venenoso da Alma do Rio deixou a água do Intrépido impossível de beber, tive certeza. Você tomou a decisão errada, e decisões erradas custam caro. — Laurent ergueu o coto da mão direita para reforçar o argumento. — Entrei em contato com o pontífice assim que você partiu. Eu tenho um perscrutador especial só pra esse tipo de mensagem, sabe? Eu mesmo furei a cabeça dele com um prego antes de conceder-lhe a dádiva da taumaturgia.

— Eu tentei fazê-lo entender que Nagrath não era meu lugar, Hakim — disse Sigismund, triste. — Mas você ignorou meu verdadeiro propósito, meu destino.

— Imbecis — sussurrou Liriel, que entrava e saía de seu torpor em intervalos irregulares. — Traidores. — Cuspiu sangue novamente.

— Ouviu essa, Sig? — Laurent gargalhou. — Ela ajudou Hakim a chacinar o alto clero naquela torre. Matou até Irmã Alentia! Matou sua mentora e roubou seu lugar como madre superiora da Ordem do Zéfiro. Somos nós os traidores?

— O alto clero nos usava de fantoches, idiota! — chiou Liriel. — Hakim é o Deus-Rei, os arcontes devem lealdade somente a ele!

— Eu devia ter quebrado sua boca, além da perna — retorquiu Laurent.

— Chega! — Rasser bradou, silenciando o arconte maneta. — Comecem o ritual!

Laurent e Sigismund carregaram Gorazesh até o sarcófago, deitaram-no sobre o mármore trabalhado e se afastaram. Os cultistas elevaram seu cântico ritmado. Sob a orientação de Rasser, se revezavam com suas lâminas afiadas, abrindo aos poucos a carne da criatura. Os cortes eram lentos e precisos, como se traçassem padrões no couro do monstro, que sequer podia se mover. Hakim debateu-se contra suas correntes, mas não era capaz de se livrar delas. Não podia desviar o olhar do grotesco ritual.

— Você não é o primeiro a tentar resistir — explicou Rasser. — A rebeldia está na natureza dos escolhidos de Azgol Sudraszj. Desde que infundimos seu poder em nossas veias, ele busca uma forma de romper o ciclo. A força primordial anseia por dissipar-se, imiscuir-se em todo ser vivente, mas nós a mantemos concentrada, graças ao sacrifício dos Sucessores do Deus-Rei.

O sangue de Gorazesh escorria do sarcófago para o chão, espalhando-se lentamente. O líquido escuro formava padrões concêntricos, pulsando no ritmo da canção dos cultistas. Aos poucos, o líquido assumiu o traçado de runas atrozes — como as runas do pergaminho roubado — que se manifestavam espontaneamente a medida que o cântico e a carnificina avançavam.

— Essa criatura já foi como você. — Rasser mergulhou sua mão restante no abdome escavado de Gorazesh, afundando o braço esquelético até o cotovelo nas tripas da criatura. — Um guerreiro promissor, poderoso na taumaturgia. — O pontífice fez força e puxou algo de dentro do monstro. Um coração, vermelho e pulsante. Um coração humano. — Gorazesh usou as Máscaras do Deus-Rei antes de você, mas escapou ao sacrifício, dois anos atrás. A resistência dele em aceitar o próprio destino transformou-o nessa abominação. É isso o que deseja?

Falar estava ficando difícil, como se a língua de Hakim estivesse paralisada. Ele podia senti-la dentro da boca, rígida e seca, como se fosse feita de pedra.

— Mentiras... — Conseguiu articular ao menos uma palavra. — Tudo o que diz... Mentiras!

— Tudo o que eu queria era poupá-lo dos detalhes sórdidos — Rasser continuou. Um cultista trouxe um recipiente para conter o coração de Gorazesh, um vaso repleto do sangue taumatúrgico do Deus-Rei. — Eu acreditei que podia adiar os ritos de transmutação, que podia mantê-lo vivo por mais tempo. Você é um líder nato, Hakim, só traria glórias ao império enquanto vestisse as Máscaras. Mas então, a água das fontes tornou-se veneno, e o sangue de Azgol Sudraszj despertou nas veias do povo como uma doença. — Rasser buscou novamente as tripas do abissal por mais um órgão. O fígado de Gorazesh era gorduroso e estriado, mas inegavelmente humano. — O poder precisa ser forçado à complacência, dominado,

ou se manifestará de formas adversas, até que se liberte. Essa aberração é a responsável por todas as desgraças que se abateram sobre Imrath nos últimos dias, ele resistiu ao chamado, recusou-se ao sacrifício. O poder de Azgol Sudraszj cresceu demais em suas veias e o transformou.

Enquanto Rasser discursava, os cultistas apanhavam as vísceras de Gorazesh e as dispunham diante dos vasos canópicos, um espelho ainda mais grotesco dos órgãos preservados do Antecessor. O sangue de Gorazesh não parava de fluir, tomando todo o chão da câmara mortuária. Formava uma teia de runas conforme o ritmo dos cânticos se elevava.

— Se é tudo culpa dele... — Hakim arfava, esforçando-se para falar. — Por que estamos aqui?

— Gorazesh rompeu um ciclo importante. Tentei reparar a ruptura com sacrifícios menores, mas a fome de Azgol Sudraszj por sangue abençoado é implacável. Eu queria deixá-lo vivo por mais tempo, Hakim, mas você acabou se interessando demais pelo sacrifício de Esperius. Interferiu em ritos importantes, sem ter a menor ideia do que isso causaria. A lua cheia está sobre nós. Precisamos reafirmar nosso domínio sobre o poder de Azgol Sudraszj, ou a taumaturgia fugirá de nosso controle. — Rasser apontou os vasos canópicos e os órgãos inchados do antecessor, tão maiores que as vísceras perturbadoramente humanas de Gorazesh. — Seus órgãos serão oferecidos em sacrifício junto aos do monstro, para alimentar os humores do Antecessor, o primeiro Deus-Rei de Var Khalad. Você se juntará à fonte viva da taumaturgia, Hakim. Seu sacrifício perpetuará as bênçãos da magia divina! Salvará seu povo!

Hakim riu um arfar moribundo. Riu por que fazia sentido. Do pouco que descobrira sobre aquela seita secreta, os pergaminhos de estranhos rituais e os últimos fragmentos de conhecimento que Kamash e seus noviços puderam transmitir, Hakim começava a reunir alguma compreensão. A força de Var Khalad residia na taumaturgia, a bênção dos humores divinos tornava o império a nação mais poderosa de Noltora. Esse poder fora roubado dos abissais.

Um pacto com a divindade misteriosa chamada Azgol Sudraszj criara um vínculo entre a magia e os homens, um vínculo de sangue. Os textos proibidos e o relato de Zith confirmavam aquilo. A pesquisa inacabada de Kamash inevitavelmente chegaria À mesma conclusão.

Os homens deturparam aquela ligação, subverteram o pacto de alguma forma. Após o cataclismo mágico da Devastação, quando Uru Hatham perdeu-se nas águas, seus sobreviventes trouxeram a taumaturgia para o continente, unidos sob a figura de um Deus-Rei capaz de operar milagres. Uma farsa para esconder a magia roubada. Desde então, os abissais acossam o litoral em busca de vingança, para reaver o que era seu por direito.

Hakim ria, desvairado. Todo seu esforço, sua luta, as vidas de seus homens, serviram apenas para proteger o segredo sujo de um império de mentiras. Depois que morresse, outro idealista ingênuo seria posto em seu lugar para defender a mesma falsidade. Ele olharia para os órgãos preservados em vasos canópicos, inchados com o poder arcano de um deus alheio à humanidade, e veria neles uma esperança de vitória, de salvação. Diante dessa ideia, o riso era inevitável.

— Hakim — Liriel sussurrou. Seu olhar se encontrou com o dele. — Ainda não acabou.

Mas havia acabado. Não tinha forças para se libertar. Não bastasse ter sido acorrentado, estava sofrendo um choque taumátúrgico. A fleuma já não corria em suas veias, desequilibrando seus humores e seu raciocínio. Pior que isso, exigira tanto da própria magia que cedeu a própria força vital para alimentá-la. Se não recebesse uma nova dose em breve, morreria, com ou sem sacrifício. Mas talvez ainda fosse possível salvar outra pessoa.

— Por que ela? — Hakim perguntou a Rasser. O pontífice parecia absorto na tarefa grotesca de remover os órgãos de Gorazesh um a um. — Eu sou o Deus-Rei... O Sucessor... O sacrifício. Por que Liriel está aqui? Deixe-a ir.

— Poupe-me do heroísmo barato — respondeu o pontífice, sem tirar os olhos do cadáver de Gorazesh. — Sabe que não posso deixá-la viver. Liriel já me causou prejuízo demais — Um dos cultistas trouxe uma lâmina circular e serrilhada, e Rasser passou a trabalhar com afínco sobre o corpo do abissal, serrando algo em seu interior.

O esforço com a serra circular fez Rasser suar profusamente, gotas viscosas brotando de sua testa inflada e cinzenta. Com um puxão triunfal, ele removeu a coluna vertebral da criatura. Com seu único braço, ergueu-a no ar como um troféu. Os cultistas trouxeram um receptáculo para acomodá-lo, cheio de um líquido claro, quase luminescente, que parecia esvair-se em vapor assim que entrava em contato com o ar.

Só então Hakim teve certeza que havia cinco vasos canópicos para os órgãos do Deus-Rei. Uma espinha dorsal, encurvada e torta como a de um ancião, estava mergulhada no mesmo líquido. Havia um pedaço de mandíbula também, com alguns dentes ainda afixados, mais parecendo uma queixada animalesca. Aquele humor secreto que banhava os ossos do Antecessor devia ser o que conferira a Rasser seus poderes metamórficos.

— Nós chamamos o quinto humor de ectoplasma — disse Rasser, encharcado de sangue abissal. — Não se comporta como os demais, é muito instável. Foi mantido longe dos tomos e tratados pelo primeiro Sumo Pontífice, tradição que me orgulho em continuar. É graças a ele que os necrológicos podem reanimar cadáveres. É graças a ele que estou aqui para continuar meu santo ofício.

Não devia confiar tanto nos médicos da Academia Imperial, Hakim. — Rasser fez sinal para os arcontes traidores de que seu trabalho estava acabado. — Estamos prontos para o próximo passo.

O coro de cultistas aproximou-se do sarcófago, ainda entoando seu ritmo profano. Moveram a tampa de mármore com a efígie do Deus-Rei, fazendo o cadáver mutilado de Gorazesh rolar para dentro. O sarcófago do Antecessor era, na verdade, um poço profundo, e não um jazigo. O corpo caiu, mas o baque de sua carcaça úmida ressoou contra o que parecia ser uma pilha de ossos.

Os cultistas apanharam os recipientes que continham os órgãos da criatura, tão vermelhos e vivos, tão humanos. Sob o olhar vigilante de Rasser, aproximaram-se novamente do sarcófago que era uma passagem para profundezas insondáveis.

— Uma oferenda tardia para aplacar A Fome Eterna — entouou Rasser, na cadência pulsante do cântico ritualístico. — O regresso de um filho perdido, para selar rupturas. Para abençoar o novo ciclo!

O cântico alcançou um crescendo extasiado, e no ponto mais alto os órgãos foram jogados através do sarcófago, perdendo-se no abismo.

— Tragam o sacrifício — ordenou o sumo sacerdote. — Aquele que assumirá o fardo do Antecessor, perpetuando o domínio imperial sobre a essência de Azgol Sudraszj!

Laurent e Sigismund se adiantaram até Hakim e Liriel. Suas grevas pesadas perturbavam as poças sangrentas, desfazendo as estranhas runas que desenhavam. Tão logo seus pés se moviam, o sangue escorria novamente, até formar o mesmo padrão.

— Mais ânimo, Sig! — Laurent provocou. — Estamos presenciando algo realmente divino aqui, mal posso esperar para ver quem será o próximo garoto a brincar de Deus-Rei!

— Tudo o que eu sempre quis — disse o arconte de armadura escura —, foi cumprir um propósito superior. Algo grandioso, capaz de dar sentido à minha vida. — Sigismund suspirou. — Acho que estamos prestes a vivenciar isso.

— Se funciona pra você, quem sou eu pra julgar? Se entenda com Hakim e deixe que eu me encarrego de Liriel — Laurent lambeu os lábios com avidez. — É hora da desforra!

A arconte se debateu contra as correntes, desperta o suficiente para odiar a expressão no rosto do traidor. Hakim encarou Sigismund, insondável por trás do elmo cilíndrico. Era um guerreiro formidável, sua força multiplicada pela taumaturgia melancólica. Hakim não teria chance contra o brutamontes, mas estava disposto a dar todo o trabalho que pudesse antes de ser sacrificado.

— Sim, Laurent — Sigismund concordou. — Hora de cumprirmos nosso dever, o nosso propósito. — O arconte gigantesco se abaixou para livrar Hakim dos

grilhões, impedindo que visse o que Laurent faria com Liriel. — Espero que o senhor nunca mais se esqueça — disse Sigismund, enquanto destrancava as algemas que prendiam Hakim à parede com uma chave pequena—, do verdadeiro propósito de um arconte.

Sigismund girou bruscamente o corpo para a direita, golpeando o rosto de Laurent com as correntes tiradas de Hakim. O arconte maneta foi ao chão como uma boneca de pano, nocauteado pelo impacto.

— O dever de um arconte é morrer pelo Deus-Rei! — bradou Sig. Então correu em direção ao círculo de cultistas. Mesmo desarmado, sua força o tornava uma ameaça mortal.

Hakim estava livre, mas não conseguia ficar de pé. Sequer sabia o que tinham feito com sua espada. Encarou Liriel e percebeu o quão ferida ela realmente estava. Além da perna quebrada e da face inchada, flores sangrentas brotavam por toda a extensão de sua túnica branca, revelando onde fora cortada pela lâmina de Laurent.

O arconte maneta caíra a seus pés, com o queixo quebrado graças ao golpe de Sig. Liriel só estava livre de parte de suas correntes, mas foi suficiente para permitir que se lançasse sobre Laurent, cravando os dentes em seu pescoço. A mordida abriu caminho até a jugular, e Liriel se deliciou em sorver o sangue do traidor. Não era sangue taumátúrgico, mas ela não parecia se importar. Voltou a atenção para Hakim, um brilho predatório deixando-se entrever em seu olhar.

— Beba o sangue, Hakim — disse ela. — É o único jeito.

Ele a encarou, perplexo. O cântico dos cultistas deu lugar a gritos de batalha enquanto Sigismund enfrentava sozinho a procissão de fanáticos armados com punhais.

— Não o sangue dele — explicou Liriel, que se apoiava sobre o braço direito de Laurent, impedindo que ele se movesse demais em seus estertores de morte. — O sangue de Gorazesh. Rasser disse que aquele monstro foi homem um dia, um homem poderoso na taumaturgia, um Sucessor do Deus-Rei. Beba o sangue dele e se recupere.

A mera possibilidade era repugnante, herética. Mas a fé de Hakim já estava estilhaçada. Se não tentasse algo, os cultistas de Rasser sobrepujariam Sigismund, e logo estariam sobre ele e Liriel. Arrastou-se até umas das poças sangrentas, sentindo as placas da armadura pressionarem dolorosamente sua pele. Com o cântico interrompido, o sangue abandonara os padrões profanos. Era apenas líquido empoçado. Sangue escuro e imundo de abissal. Hakim bebeu.

Não sentiu outra coisa além da ânsia instintiva de pôr para fora aquele caldo odioso. Resistiu. Tentou erguer-se, apoiando-se nos braços cansados. As pernas ainda não respondiam muito bem. Mas, aos poucos, os efeitos do choque

taumáturgico recuavam. Sorveu um pouco mais do líquido grotesco, manchando ainda mais a face. Não era a força que retornava, ainda estava exausto, mas os efeitos adversos da taumaturgia o abandonavam.

Se sorvesse mais, seria até mesmo capaz de projetar sua consciência ao plano astral, mas não recorreria à degradação daquele sangue novamente. Cambaleou em direção aos homens de Rasser, que circundavam Sigismund e tentavam desesperadamente subjugá-lo. O primeiro cultista a perceber sua aproximação se voltou contra Hakim com um punhal delgado. A estocada resvalou contra sua armadura metálica. Hakim sequer desejou pará-la. Que o perfurassem como um javali sendo caçado. Ele os rasgaria com suas presas, ele os esmagaria em seus estertores de morte.

Agarrou a cabeça do homem com as duas mãos e cravou os polegares em seus olhos. Sentiu-os afundar dentro do crânio, embora os gritos de dor o impedissem de ouvir o som dos globos estourando. Sigismund golpeava múltiplos homens com cada safanão que desferia. Hakim se concentrava nos incautos, que avançavam fora de sincronia. Apanhou um dos hereges, desarmando-o com uma torção do pulso e empurrou-o com força sobre o sarcófago aberto. Seu corpo dobrou-se terrivelmente ao atingir a borda de mármore cinzento antes de cair pela abertura.

— Continuem o ritual! — Rasser comandava os fanáticos, escondido em meio à multidão de mantos escuros. — O ciclo precisa recomeçar! O poder de Azgol Sudraszj precisa ser dominado!

Hakim e Sig já estavam bastante feridos. O arconte principalmente, expondo-se aos punhais para proteger seu Deus-Rei. A armadura negra protegia os pontos vitais, mas mais de uma lâmina encontrara seu caminho nas dobras entre as placas de aço. O brutamontes urrava enquanto repelia os agressores. Não eram combatentes treinados, avançavam de forma caótica, tentando sobrepujá-lo com seus números superiores, mas Sigismund mantinha-os diante de si, sem permitir que o circundassem. Arremessava-os uns contra os outros, golpeava-os com suas manoplas de aço negro, jogava-os no poço insondável sob o sarcófago.

Liriel juntou-se à refrega, avançando sobre os cultistas com os mesmos punhais sinuosos que portavam, confiscados de homens caídos. A taumaturgia sanguínea lhe conferia agilidade sobrenatural, e mesmo com a perna ferida, a arconte seria capaz de lutar. Não o suficiente para enfrentar um inimigo preparado, mas serviria para arruinar aqueles fanáticos.

Hakim avistou Rasser entre os hereges e precipitou-se em direção ao pontífice. Sentiu uma lâmina rasgar-lhe a bochecha, mas ignorou a dor. Morreria feliz com a traqueia de Rasser esmagada em suas mãos. Caiu sobre o antigo mentor, o peso de sua armadura derrubando ambos contra o chão ensanguentado. Não se

importava que suas costas estivessem expostas ao inimigo, tinha as mãos firmadas ao redor do pescoço de seu velho mentor e começou a apertar.

— Seu tolo — grunhiu o Sumo Pontífice enquanto era enforcado por seu Deus-Rei. — Não pode parar o ritual... Var Khalad... Cairá...

Rasser tinha sua garra óssea sobre os punhos de Hakim, tentando empurrá-lo para longe. Hakim não tinha muitas forças, mas tinha o peso de seu corpo e da armadura. Concentrou toda sua dor, a amargura de ser traído pelo homem que o ensinara a ser um líder, o ódio que o impelia. Concentrou todo o horror que ameaçava sobrepujar sua sanidade e o direcionou contra Rasser. O pontífice usou sua taumaturgia estranha, liquefazendo-se lentamente.

Hakim antecipara aquilo. Buscou o sangue imundo dentro de si. O sangue de Gorazesh, preenchendo-o com o poder de um deus alienígena, o mesmo poder que alimentava os taumaturgos. Encontrou-o em suas veias, contaminando-as. Aquele sangue concentrava todos os humores taumatúrgicos numa união profana. Hakim usou seu poder, invocando a fleuma. Em forma astral, encontrou traços de Rasser, um rastro palpável. Ali, podia feri-lo.

Projetou sua lâmina astral, uma réplica etérea de Fendetreva. Com um corte lento e deliberado, obrigou Rasser a tornar-se sólido, ou ser partido ao meio. O pontífice obedeceu. No mundo físico, as mãos de Hakim fecharam-se sobre o pescoço de seu velho mentor, e nenhuma força no mundo as moveria. A gravidade fez o resto do trabalho.

O rosto de Rasser era uma ruína roxa e inchada quando Hakim finalmente desfez o aperto. A língua pendia, frouxa e descorada. Um filete grosso de saliva escorria pela barba do traidor morto. Hakim cambaleou até o sarcófago. Com o resto de seu ódio, lançou o corpo horrendo do pontífice no abismo.

— Eles terão necrológicos, vão se reerguer como mortos-vivos. — disse Hakim. — Precisamos sair logo daqui.

— Liriel irá levá-lo — Sig respondeu. Havia um punhal cravado fundo na fenda entre o elmo e o gorjal, e muitos outros projetavam-se das frestas de sua armadura. — Vou garantir que os reanimados não os sigam.

— Sig... — Hakim quis protestar, exigir que escapassem juntos dali. A postura de Sigismund lhe dizia que ordens não adiantariam.

Ascenderam os degraus até o nível superior da câmara. Hakim e Liriel, apoiados um no outro, compensando suas fraquezas. Sigismund permaneceu no nível inferior, o corpo crivado de lâminas. Cada herege morto se ergueria em fúria, graças aos necrológicos alojados em suas entranhas. Quando os primeiros gritos de ódio dos reanimados encheram a câmara, Hakim e Liriel já estavam sob o umbral da entrada. Viraram-se para encarar o amigo uma última vez.

— Minha dívida de sangue, Hakim — Sigismund removeu o elmo cilíndrico com cuidado, revelando sua face marcada. Ele sorriu. — Considere-a paga.

Já estavam em segurança quando os gritos começaram, e Hakim não conseguia decidir o que era pior, os guinchos estridentes dos cultistas reanimados, ou os berros guturais de seu amigo, lutando até a morte para conter a fúria dos cadáveres.

Capítulo 17

Enquanto Moira e Sev discutiam, o sangue de Riënn continuou a escorrer. A grotesca transformação que se abatera sobre o lorde amarantino afetara profundamente suas entranhas. O fluído em suas veias transmutara-se em um líquido escuro e viscoso, que verteu lentamente até alcançar o centro do salão tumular sob o monte funerário, empoçando-se aos pés da plataforma onde repousavam a armadura e o estandarte de Amarante. Todo o túmulo estremeceu.

O ladrão correu imediatamente para a entrada da câmara, protegendo-se sob a passagem que os levaria até o topo. Moira apenas virou-se para o centro do salão cavernoso. O tremor fez terra e água caírem do teto aos punhados, mas nenhum dos cadáveres ao redor das relíquias se moveu. Mantinham sua vigília, resolutos.

A atmosfera do salão adensou-se. Uma voz, trêmula, rouca, antiga, falou:

— *O que foi feito do sangue de minha linhagem, conspurcado e derramado aos meus pés?*

O espectro manifestou-se lentamente, iluminando-se como uma brasa soprada pelo vento. Moira imaginava que surgiria como um colosso e a arrebataria com todo o poder necromântico reunido na tumba, mas a figura que se revelou era branda. Um homem maltrapilho, parcialmente descarnado. O brilho do espectro era fraco, uma vela lutando para não se apagar na escuridão. Mas a câmara tremia, ameaçava desabar.

— *O que foi feito do solo de minha pátria, retalhado por fronteiras e violado por bandeiras invasoras?*

A figura encarquilhada do espectro ergueu-se com a paciência dos mortos. Uma ventania soprou a partir dos túneis até o salão, fazendo voar longe o chapéu de Sev e bagunçando os cabelos negro-ruivos de Moira. O espectro ganhou brilho e tamanho. Enquanto sorvia os ventos tumulares, sua aparência idosa e frágil rejuvenescia.

— *O que foi feito de meu legado, lançado ao esquecimento das lendas?*

O poder adormecido se elevou como um turbilhão. O vento e os tremores ameaçavam colapsar o túmulo inteiro. Morsov alertara Moira sobre espíritos muito antigos, mas ela jamais imaginou que uma coisa morta pudesse comandar tanto poder. Teve que lutar para não cair. Afastou os pés e pôs o braço à frente do rosto para se proteger da ventania. A fúria do espectro parecia não ter fim.

— Você é a necromante, Moira! — Sev gritou. Parecia a quilômetros de distância. — Faça alguma coisa!

Ela não sabia o que fazer. Não havia como compelir aquele espírito a nada, forçá-lo a habitar um objeto parecia impossível. Mas não era esse o propósito das relíquias, afinal? Moira avançou, usando toda sua força para caminhar em direção ao altar. Precisava alcançar a armadura.

— Amarante! — gritou. — Seu povo vive sob o jugo de um tirano! Sua terra alimenta exércitos estrangeiros! — Continuou a avançar, lançando todo seu peso contra a ventania. — Sua linhagem se espalhou por Noltora, seu sangue diluído até desaparecer!

O turbilhão cessou.

Pedregulhos e tijolos antigos desabaram das paredes e do teto, abrindo caminho para que mais terra e água escorressem para dentro do túmulo. Os cadáveres do regimento de Amarante permaneciam imóveis, solenes. A atenção do espectro concentrou-se em Moira, e as cabeças descarnadas de seu séquito voltaram suas órbitas vazias em sua direção.

— *Diluído, sem dúvida.* — A voz do espectro era grave e pesarosa, mas com um traço de esperança. — *Mas não desaparecido. Aproxime-se, filha das cinzas.*

Moira não obedeceu. Queria alcançar as relíquias, usá-las para dominar o espectro. Mas a atenção de Amarante, o simples olhar do espírito ancião, a paralisava. Sentiu as sombras inquietas em sua espada e Istvan no cabo da foice, cheios de pavor, iguais a ela.

O espectro pairava sobre o altar. A forma frágil e envelhecida dera lugar à imagem de um guerreiro em seu auge, salvo pela face descarnada. Ele flutuou em direção a Moira.

— *Você pertence aos Brunehald, posso ver em seus cabelos.* — O espírito ancião estendeu a mão para Moira, e suas mechas ruivas se elevaram até ele. Amarante apanhou-as em sua mão incorpórea e Moira sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. — *Nossos povos tiveram os destinos entrelaçados há muito tempo. Se o que diz de meu povo e minha terra é verdade, o que aconteceu com os seus, criança?*

— Fomos banidos, exilados, condenados. — Moira respondeu. — Não temos mais um lar, e nossos líderes guerreiam entre si ou travam as batalhas dos outros por ouro e aço.

— *Que destino infeliz para nós.* — Apesar do rosto cadavérico, era possível enxergar a expressão de pesar do espectro. — *Dei minha vida pela soberania de meu povo. Guerreiei em seu nome e defendi seus reinos, para que pudessem viver em paz e prosperar. Tudo em vão. O que você fez pelos seus, filha das cinzas?*

— Eu enfrentei os Senhores da Morte e aprendi seus segredos. Desafiei as bruxas do Pacto de Lunarrubra e chacinei seus carnicais. Atravessei a Terra Arrasada. Combati abissais sob um campo estelar. Derrotei um chefe guerreiro dos

Skodnir em combate singular. Cavalguei um monstro de treva e sangue noite adentro. — Ao recontar seus feitos, Moira sentia que narrava a vida de outra pessoa. A mulher que estava de pé diante do espectro de um general lendário era muito diferente da garota que sobrevivera ao massacre nas fronteiras da Solúmbria. — Tudo isso para chegar até aqui. Tudo em busca de vingança.

— *Então estamos unidos* — disse Amarante. — *Em sangue e em propósito. Mas estou morto, e não há nada que possa fazer nesse túmulo arruinado.*

— Você mente. A adoração do povo amarantino o manteve amarrado a este mundo, e o anseio de seu povo por seu retorno alimentou sua força. Você carrega consigo séculos de rebeldia e sonhos de libertação.

O general morto riu, mas seus lábios não se mexeram. O som reverberou pelo salão cavernoso, grave como o raspar das pedras de um mausoléu se abrindo.

— *Tudo isso é apenas um eco. Uma lembrança, recontada até se tornar lenda. Não posso sair deste túmulo, pois o poder de que fala está atrelado aos resquícios de minha vida: uma armadura enferrujada e um estandarte em frangalhos.*

— Deixe-me usá-los! — Moira implorou. — Eu levarei a vingança a Var Khalad, destruirei os captores de seu povo e os ladrões de sua terra.

— *Eu não sou a ferramenta de um necromante, criança. Carregar minhas amarras cobrará um preço alto.*

— Será pago, Amarante. — Moira alcançou o altar. A armadura era um conjunto dilapidado de placas metálicas, avermelhadas de tanta ferrugem. O estandarte estava enrolado em uma lança de guerra, recoberto de pó e teias de aranha. — Me chamam de Meio-Morta, talvez agora tenham razão em fazê-lo.

— Moira — disse uma voz trêmula, distante. Sev ainda se refugiava sob a passagem, evitava olhar diretamente para o espectro. — Isso não é uma boa ideia.

— Seu ouro está enterrado nas terras de Riénn — disse Moira, ignorando o ladrão. — Ilya guarda um mapa com o local exato. Acho melhor você ir, Sev. Agora.

— Você não entende, isso não é como sua espada ou a foice de Morsov!

— É você quem não entende. Nenhum preço é alto demais.

Os protestos do ladrão se perderam aos ouvidos de Moira quando ela tocou a armadura. Os temores e o vendaval retornaram no instante em que sentiu o metal áspero e frio. O espectro desceu até ela. A face descarnada de Amarante assentiu, e Moira começou a vestir as placas. Os estertores do túmulo não a afetavam mais, como se agora fizesse parte da corte mumificada do general.

O poder se reunia ao seu redor e rejuvenescia ainda mais o espírito à sua frente. Moira vestiu as placas, e suas correias, apesar de podres, pareciam fixar-se sozinhas enquanto Amarante recuperava seu antigo vigor. Sua imagem translúcida

deu lugar à figura quase sólida de um homem jovem, em vestes de batalha majestosas. Tinha uma cabeleira vermelha como sangue e seus olhos eram azuis e frios, como os dela. No olhar do homem morto, ela viu mais que um espelho do seu desejo de vingança. Viu suas memórias.

Foi tomada por todas as sensações que Amarante experimentara em vida. Viu-o ainda como o filho de um ferreiro, ambicioso e inconsequente. Viu-o lutar como soldado e galgar o posto de oficial em guerras incontáveis. Viu-o arrepender-se da matança sem sentido e aspirar algo maior para sua gente. Viu-o desafiar inimigos poderosos e amar mulheres perigosas. Viu-o cansado e indefeso em sua última batalha, traído e humilhado. As memórias eram dela. Ou era Amarante quem se apossara de seu corpo? Ela aceitara pagar qualquer preço, afinal. O espectro a dominaria, sua vontade muito maior que a de qualquer homem vivo.

Mas Moira não estava sozinha. Sev estava lá. O ladrão venceu a força do turbilhão que ameaçava mais uma vez por tudo abaixo e a alcançou. Em seu devaneio com as memórias do espectro, não viu Sev se aproximar. Não o viu estender a mão até seu cinturão e puxar a foice de obsidiana. Uma onda de poder bruto repeliu o ladrão, que derrubou a arma. Moira ouviu o som de ossos se quebrando quando Sev colidiu contra a parede de pedra. A lâmina de obsidiana também se partiu com o impacto. Então, era Istvan quem estava a seu lado. O espírito não tinha poder algum, se comparado com a alma envelhecida de Amarante, mas sua presença tirou Moira do transe. Sua atenção se desviou dos olhos gelados do general para a expressão triste de Istvan. Foi o suficiente para que ela se lembrasse de quem era.

Outra onda de puro poder necromântico explodiu, banindo Istvan dali. Amarante estendeu suas mãos espectrais para Moira, afundando-as como ganchos em seus ombros e puxando-a para si. Seu olhar frio prometia o poder e a vingança que ela desejava. Em troca, exigia que se rendesse. Ela se renderia, mas aquele único instante de clareza tinha despertado mais do que sua consciência. Moira se lembrou da razão de ter chegado tão longe. Seus amigos, sua família. Pai, mãe e irmã. Ela não aceitaria esquecê-los. Aquele preço, sim, era alto demais.

Foi a vez de Moira alcançar o próprio cinturão. A espada, inacabada e retorcida, esperava por ela. As sombras, deturpadas e sem descanso, ansiavam por seu toque. Elas eclodiram do aço em uma torrente negra, seu poder cáustico resistia à energia anciã do espectro. O poder das sombras vinha de sua dor, queimava como brasas ardentes, rompendo a frieza nos olhos do general caído. Moira sabia que as sombras não resistiriam por muito tempo, então chamou-as para dentro de si, para que seu calor a fortalecesse.

A dor lancinante ajudou-a a romper a dominação. Encarou aqueles olhos frios sem se perder nas memórias que projetavam. Moira lançou sobre o espectro

toda sua vontade, sua vida, sua dor. Enumerar seus feitos não tinha sido o suficiente, precisou revivê-los em sua mente, um a um, desde a fuga desesperada em que se perdera da irmã até o horror da metamorfose de Riénn. Moira lançou a essência de seu ser sobre o espectro.

— Não serei apagada, Amarante. Não serei um veículo de sua vontade. Se tentar me silenciar, eu o expulsarei!

O espectro retrocedeu, e o turbilhão se abrandou. Amarante riu novamente, um som áspero e inorgânico. Parecia satisfeito.

— *Como eu disse, filha das cinzas: diluído, mas não desaparecido. O sangue de minha linhagem corre forte em suas veias. Será como você deseja, então. Apanhe o estandarte e convoque minhas legiões. Cavalgaremos juntos, pelo menos até que sua vontade ceda.*

O espectro desapareceu, deixando Moira sozinha diante do altar de pedra, envergando a armadura mística. O estandarte estava ao seu alcance. Embora esgarçado e rasgado nas pontas, conservava um verde-escuro vivo ao centro, com o brasão acobreado do general ainda visível: um javali de presas sangrentas.

Ela poderia tirar a armadura, deixar que as relíquias ficassem escondidas ali. A tumba desabaria a qualquer momento, enterrando-as para sempre. Mas ela sentia o poder, a energia acumulada através de séculos. Era tudo o que precisava para concluir sua vingança.

Sev não protestou. Jazia caído em um canto, a coluna arqueada dolorosamente. Os olhos tinham uma expressão vazia e um filete de sangue escorria de sua boca. Moira permitiu-se derramar uma lágrima pelo ladrão, mas mesmo sabendo o que ele lhe diria naquele momento. Decidiu ignorá-lo. Não podia recusar a oferta de poder e vingança. Deixou o corpo de Sev onde estava. Ninguém testemunharia sua fraqueza.

Apanhou o estandarte esfarrapado e ergueu-o. Os cavaleiros mumificados ao seu redor responderam ao chamado, suas órbitas vazias acenderam-se com uma chama branca e leitosa, poder necromântico bruto. Moira percorreu o caminho até a superfície, escoltada por um pequeno exército de cadáveres brilhantes, enquanto a tumba do general entrava em colapso.

De volta ao topo do monte funerário, foi surpreendida pela claridade que tomava a noite. De Nagrath a Tanánn, cada morro e colina iluminava-se com luz fantasmagórica, como fogueiras esbranquiçadas de luz espectral. Os guerreiros enterrados naquele solo ancestral atendiam ao chamado de seu general. O exército de Amarante se erguia para servir mais uma vez.

Água e terra vertiam para dentro da tumba em velocidade aterradora, como se tivessem pressa de esconder o que acontecera ali embaixo. Sev não se importava

muito com aquele detalhe. Estava confuso, quem era o homem estirado no chão, de barba branca e olhar vazio? Parecia demais consigo mesmo, tinha até a foice de Morsov nas mãos. O idiota deixara que a arma se quebrasse.

Tio Istvan estava ali, também. O rosto pesaroso e sombrio, mas não lhe suplicava mais nada. A face mortificada, que antes lhe causava medo e angústia, agora lhe parecia estranhamente reconfortante. Fazia-o lembrar do irmão.

— É justo que eu seja enterrado em uma tumba dedicada a um grande homem, não acha, tio?

Istvan não respondeu.

— Não interessa que seja a tumba de outra pessoa. Isso é só um detalhe. Veja, até na morte eu fui um grande ladrão de túmulos.

De novo, nenhuma resposta.

— Vai ser uma chatice passar a eternidade com uma alma sem senso de humor. Eu consegui salvar a garota, pelo menos? — O túmulo que desabava e o fulgor do exército morto-vivo que se erguia lhe diziam que não. — Mas eu tentei, não foi? No fim das contas, é o que importa, não é?

O espírito de Istvan assentiu.

— Você também deve ter tentado. Salvar minha mãe de morrer queimada, quero dizer. E deve ter tentado nos encontrar, a mim e a Morsov. Aposto que tentou. Mas nem sempre conseguimos ajudar a todos que amamos. Está tudo bem, tio. Eu te perdoo.

Istvan sorriu, e desapareceu, livre de sua última amarra.

Capítulo 18

A liteira era uma necessidade incômoda. Hakim precisava recobrar as forças, mas Imrath estava lançada ao caos, e ele precisaria comandar seus Santos Cavaleiros se quisesse salvá-la. Cavalgar exigiria demais de seu corpo, e uma carruagem fechada não mostraria aos sobreviventes que o Deus-Rei de Var Khalad ainda olhava por eles. Liriel sugerira a liteira, e Hakim deixou-se carregar por um punhado de servos amarantinos através dos salões do Grande Templo até a praça principal. O sol se erguia no horizonte e refletia no ouro branco das torres de Imrath.

Ele queria acabar com a farsa, revelar a verdade sobre o Deus-Rei e a taumaturgia, mas Imrath não estava livre de perigo. Não havia mais alto clero ou Sumo Pontífice. O comando do império recaía somente sobre o Deus-Rei, e era dele o dever de manter a mentira. Se Hakim expusesse a verdade antes de devolver a ordem à Var Khalad, tudo desmoronaria. Após a insana escalada de Corant e o sacrifício flamejante de Ignus, as tropas khaladinas haviam rechaçado o ataque abissal, e foram capazes de abater a Cria das Ondas, que destruíra o Portão do Mar. Mas com parte da muralha noroeste destruída, Imrath ainda estava ameaçada.

Enquanto Hakim lutava pela própria vida nos níveis inferiores das catacumbas, as fontes públicas transbordaram novamente de água salobra. Assim como acontecera à Alma do Rio, a Cria das Ondas vertera seu sangue venenoso, que escorreu junto à água da tempestade, alagando boa parte das regiões mais empobrecidas da capital. Algo obstruía os escoadouros subterrâneos, impedindo que a água fluísse de volta para o mar. Repará-los levaria meses.

Mesmo com a principal força abissal derrotada, o estado caótico da cidade permitiu que grupos de ataque menores penetrassem suas defesas. Bandos desgarrados das criaturas aterrorizavam as ruas, escondendo-se nas periferias e nas regiões alagadas pela tempestade. Barricadas foram improvisadas em pontos estratégicos para conter seu avanço, mas a zona norte estava perdida para os escamados. Isso incluía as regiões empobrecidas da capital, e também os barracões com os doentes em quarentena.

Diante do Grande Templo, o restante da guarda da cidade e dos Santos Cavaleiros se congregavam, sob o comando de Victus. Metade da infantaria tinha perecido na defesa contra os abissais, e apenas dois terços dos Santos Cavaleiros ainda tinha condições de erguer uma lança. Receberam com entusiasmo o regresso

de seu deus, embora poucos tivessem forças para saudá-lo a plenos pulmões. Hakim os saudou de volta, erguendo o punho cerrado.

Usava a Máscara Melancólica dessa vez, a face um perpétuo esgar de sofrimento. Era justo que a vestisse, para honrar os que haviam sacrificado suas vidas na defesa de Imrath. Mas Hakim já não se preocupava com o efeito que as Máscaras do Deus-Rei causariam sobre os homens. Mantinha a farsa da divindade simplesmente porque não podia liderar sem ela.

— Sei que estão exaustos — disse Hakim. Cada guerreiro exibia no rosto uma luta entre a dor e a esperança. Era seu dever fazer com que só a segunda permanecesse. — Sei que parece que estamos perdendo, cedendo terreno. Às vezes, é preciso recuar um passo antes de perfurar o inimigo com um golpe de lança.

Os soldados empertigaram-se, compreendendo a sabedoria do Deus-Rei. Todo soldado imperial reconheceria a verdade naquelas palavras. Era um dos fundamentos mais básicos do treinamento de lanceiros. Recuar um passo, firmar os pés no solo e estocar. Tendo capturado a atenção dos homens, Hakim prosseguiu.

— Os abissais destruíram o Portão do Mar, mas nós destruimos sua maior arma e eliminamos seu general! — O verdadeiro fim de Gorazesh fora muito pior do que a morte em batalha, mas bastava que os homens soubesse que o líder abissal fora derrotado. — Os bandos que restam na cidade são desorganizados, como animais raivosos. Vocês têm a disciplina e o companheirismo a seu favor! Lutem hoje por seus lares, por suas famílias. Lutem uns pelos outros, e lutarão por mim!

Hakim temia que seu cansaço transparecesse no discurso, que um Deus-Rei ferido, recostado no trono de uma liteira, não seria capaz de despertar a esperança em um exército extenuado e reduzido. Surpreendeu-se com os brados de vitória que se seguiram. Os Santos Cavaleiros erguiam suas espadas ao alto, e os soldados batiam as lanças contra os escudos. Os homens que não tinham forças para se erguer eram ajudados pelos colegas, aplaudidos por sua bravura e sacrifício. Os taumaturgos e sacerdotes percorriam as fileiras, exaltando a fé dos homens e os abençoando, rogando pela proteção divina. Eles ainda acreditavam, como crianças ingênuas.

— A maioria deles pensava que o senhor tinha perecido na explosão — explicou Victus. — Vê-lo vivo, ainda que ferido, vai elevar a moral entre os soldados. Mas eu e os outros cavaleiros nunca duvidamos que o senhor retornaria.

— Você se provou ainda mais valoroso do que eu imaginava, Lorde Comandante Victus. Meus esforços teriam sido em vão se você e Corant não tivessem liderado em minha ausência. Você já encontrou o corpo dele, eu presumo. Precisamos preparar um funeral régio em sua honra.

— Corant vive, meu senhor. — A expressão pesarosa de Victus não combinava com a notícia. — Mas talvez fosse melhor que tivesse perecido. A queda

de cima daquele monstro fraturou sua espinha. Ele não pode mais andar ou cavalgar.

Um cavaleiro como Corant não merecia esse destino. Hakim conseguira amarrar-se a uma corda no instante derradeiro, e seu corpo inconsciente fora carregado pelos cultistas de Rasser, mas devia ter sofrido tanto quanto Corant na queda. Ainda assim, ele mantinha-se intacto, enquanto Corant se tornara um homem quebrado. Aquilo lhe fazia sentir-se mais culpado do que manter a farsa de sua divindade.

Havia uma maneira de salvar o cavaleiro da paralisia: cura taumatúrgica. Os quatro humores lidavam com órgãos específicos, mas havia um quinto humor, que emanava dos ossos Antecessor. Fora escondido como trunfo pessoal do Sumo Pontífice, mas Rasser o revelara em seu ritual. A espinha retorcida e a mandíbula quebrada do Antecessor produziam seu próprio fluido arcano. Ectoplasma, Rasser dissera, o humor que concedia a habilidade de atravessar matéria sólida. Mas seria arriscado demais. Corant podia tornar-se uma abominação deformada, como Rasser em seus momentos finais.

— Eu gostaria de vê-lo, Victus — disse Hakim, afastando da mente a memória dos vasos canópicos e seus órgãos deformados. — Mas antes precisamos organizar uma caçada. Quero que forme pequenos esquadrões de infantaria para avançar pelas ruas. Precisamos encurralar os abissais desgarrados.

— Será feito senhor — respondeu Victus com uma saudação. — Os taumaturgos seriam bons reforços, especialmente a Ordem do Zéfiro.

— As irmãs já têm suas ordens. O mosteiro da Ordem servirá de refúgio aos desabrigados pela invasão, muitos adoeceram em contato com a água contaminada pelo sangue da Cria das Ondas.

— Nesse caso, gostaria de requisitar taumaturgos das muralhas sul e oeste.

— Uma escolha sábia — elogiou Hakim. — Mantenha um língua-de-fogo e alguns grão-arqueiros junto às barricadas, vão ajudar a isolar o norte da capital. Se algum dos esquadrões precisar de reforços, podem recuar pelas ruas até eles. O restante dos taumaturgos deve descansar. Farei uso de seus dons amanhã.

— O senhor pretende lutar? — perguntou Victus, surpreso. — Pode ser perigoso em seu estado atual, senhor. Perdoe minha insolência.

— Não tenho escolha, Lorde Comandante. Var Khalad precisa de mim. Liriel cavalgará ao meu lado, e espero que você se junte a nós.

— Seria uma honra. Qual será nosso alvo?

— A concha da Cria das Ondas — explicou Hakim. — A maldita coisa é como uma fortaleza, erguida diante da ruína do Portão do Mar. Está frágil sem seu habitante original, mas se pudermos capturá-la e fortificá-la, impediremos os abissais de receberem reforços vindos do oceano.

— Nossos batedores dizem que o maior contingente de escamados se congrega sob a estrutura. Será uma batalha dura.

— É por isso que usaremos os taumaturgos.

Lutar dentro de uma cidade era muito diferente de combater em campo aberto. Até mesmo proteger uma cidade a partir das muralhas não se comparava àquele tipo de luta. Paredes de escudos, formações cerradas de cavaleiros, fileiras de arcos longos para conter o avanço inimigo, nada daquilo servia quando se combatia em ruelas estreitas e os adversários se escondiam em prédios e casebres abandonados. Hakim ordenou que seu destacamento se concentrasse nas avenidas mais amplas, para que pudessem alcançar o Portão do Mar o mais rápido possível. Mas mesmo as ruas principais obrigavam os homens a formar colunas de marcha muito estreitas. A retaguarda seria presa fácil para os abissais.

Eram cerca de trezentos homens, entre cavaleiros, soldados e taumaturgos. Uma pequena fração das forças totais de Imrath, números maiores apenas dificultariam a coordenação das tropas. Hakim sabia dos riscos, então enfileirou seus soldados aos pares, formando um corredor central por onde a cavalaria, na vanguarda, pudesse retornar em uma emergência. Assim que se afastaram das barricadas, foram atacados.

Os escamados surgiram de um beco escuro, seus olhos enormes permanentemente abertos e cheios de ódio. Brandiam armas improvisadas de osso e coral, e seus escudos eram apenas portas arrancadas de suas dobradiças. Mesmo em menor número, confiavam em seu tamanho e força superiores, e no fato de que o campo de batalha não permitia que fossem facilmente flanqueados. Avançaram guinchando sua língua ininteligível, suas guelras abrindo e fechando em frenesi de batalha.

Hakim fez uso do corredor criado pelo espaço entre os soldados e galopou para interceptar os atacantes. Liriel e Victus o acompanharam. Ainda sentia dor, mas o vento soprando pelas frestas da máscara enquanto cavalgava trazia uma sensação revigorante. Uma injeção extra de fleuma taumatúrgica ajudava-o a lançar as incertezas de lado e concentrar-se na estratégia.

Enquanto a infantaria mantinha os escamados ocupados, Hakim e seus cavaleiros avançaram, lanças em riste. As feridas em seu corpo ainda doíam, mas havia algo em lançar-se à carga, com montaria e lança, que revigorava seu espírito. Os Santos Cavaleiros perfurariam a linha inimiga com a primeira investida, depois retornariam para cravar suas espadas em suas costas. Já podiam sentir o cheiro nauseante de algas podres quando, do topo de uma estalagem de dois andares, as criaturas trôpegas que os soldados chamavam de “sapos” saltaram sobre os cavalos.

Era uma tática suicida. Os abissais trôpegos tinham a pele porosa e dependiam da umidade para sobreviver. Tão longe do mar, não podiam lutar com

todas as suas forças, eram apenas uma distração. Um deles caiu sobre um cavaleiro, derrubando-o imediatamente da sela e abocanhando-o. Outros caíram sobre a infantaria, atacando pelos flancos. Os grão-arqueiros que marchavam ao centro da coluna se puseram a trabalhar, alvejando trôpegos em pleno ar, fazendo-os chegar já mortos ao solo.

A carga dos cavalos, porém, foi forçada a diminuir. Não conseguiram atropelar a linha de defesa dos abissais. A luta se tornou uma escaramuça feia, de empurrões e golpes traiçoeiros por debaixo dos escudos. Os números superiores das tropas khaladinas se tornavam uma desvantagem, já que os soldados acabavam empurrando uns aos outros em meio à confusão. Hakim esporeou seu cavalo de batalha até que empinasse, os cascos acertando a madeira frágil do escudo de um escamado. Apeou enquanto o monstro se defendia, ainda segurando a lança de cavalaria, que impeliu com as duas mãos contra o torso desprotegido do inimigo.

Hakim não se juntou à linha de defesa imperial. Recuou, deixando a lança plantada no tórax do escamado. Tinha Fendetreva nas mãos novamente, recuperada após o confronto com Rasser. Deixou que Victus e Liriel se encaregassem da linha de frente e recuou pelo corredor no centro da coluna, levando um punhado de homens consigo. Precisava alcançar os línguas-de-fogo que ainda se concentravam rua acima, escondidos em suas carruagens. Um par de encouraçadas, estalando as pinças quitinosas irrompeu de vielas transversais, bloqueando seu caminho.

Hakim brandiu Fendetreva com as duas mãos. A armadura de placas o tornava pesado, mas a fleuma aguçava sua mente, tornava-o capaz de prever os ataques. Dançou por entre os golpes de pinça enquanto seus homens acossavam as encouraçadas com lanças. Elas protegiam seus torsos vulneráveis com as pinças pesadas de suas metades inferiores, enquanto brandiam suas próprias lanças de osso.

Ainda se esquivando, Hakim avançou por entre as duas criaturas, tentando confundi-las. Girou a espada sobre a cabeça em voltas amplas, como um redemoinho de aço. Fendetreva acertou a quitina resistente, abrindo talhos na couraça, mas os golpes não eram o suficiente para feri-las. Uma lança óssea perfurou o ombro de Hakim, estragando a malha por baixo das placas. A dor de ser aguilhoado o enfureceu, mas o humor fleumático impediu que sangrasse. Água cristalina escorreu da ferida enquanto Hakim recuou, estudando uma nova estratégia.

Sentia a taumaturgia correndo forte em suas veias, podia aguentar mais algumas estocadas daquelas armas. Rugiu para que seus homens formassem uma cunha atrás de si. A formação triangular era o meio mais fácil de romper uma parede de escudos. Podia romper também o emaranhado de patas quitinosas.

Como o primeiro homem da cunha, Hakim sinalizou a carga. Os lanceiros avançaram, escudos e piques em riste. As encouraçadas ainda tinham que lidar com os homens em sua retaguarda. Derrubaram muitos ao flanquear a coluna, mas acabaram presas entre duas linhas defensivas. A cunha de Hakim formou o martelo, enquanto a parede de escudos junto às carruagens foi a bigorna.

Forçando passagem entre as duas abissais, Hakim golpeou com movimentos amplos. Queria atrair as lanças para si novamente. A primeira resvalou nas placas da armadura e Hakim partiu-lhe o cabo com um contragolpe da espada. Com o flanco exposto, a segunda lança atingiu a parte traseira da coxa de Hakim. Não perfurou a armadura, mas forçou-o a se abaixar para minimizar o impacto. Girou com uma mão estendida, e agarrou o cabo da lança. Não pretendia desarmar a criatura, apenas mantê-la distraída por mais um instante.

Os guerreiros em formação de cunha avançaram, impelindo seus escudos contra as múltiplas patas afiadas e cravando suas lanças nos torsos delgados das encouraçadas. O avanço violento da cunha derrubou-as. Seus estertores finais ressoaram acima do canto das lâminas descendo sobre a metade desprotegida de sua carne. Os gritos soavam humanos demais. Hakim pensou em Zith. Não queria encontrá-la de novo no campo de batalha.

Alcançou as carruagens dos línguas-de-fogo e escancarou uma de suas portas. Os taumaturgos louvaram a visita do Deus-Rei com alegria, e Hakim puxou um deles pelo colarinho, arrastando-o para fora. Apanhou uma remonta com um de seus Santos Cavaleiros, obrigou o taumaturgo a subir na égua malhada e montou em seguida. Cavalgaram em direção aos escamados, através da abertura nas linhas de infantaria, pisoteando cadáveres dos saltadores trôpegos pelo caminho.

Victus liderava a parede de escudos na retaguarda enquanto Liriel comandava os flancos, impedindo que mais abissais os apanhassem desprevenidos. Os escamados continuavam a pressionar a linha, e como não conseguiam mais flanquear a coluna, se assomavam contra as defesas. Hakim desmontou e arrastou o língua-de-fogo até a arconte. Juntos, deixaram a coluna por uma via transversal, enveredando-se nos becos. Hakim parou para encostar o taumaturgo contra a parede.

— Qual seu nome, meu filho? — perguntou ao língua-de-fogo. Era um homem de meia-idade, calvo e um tanto roliço na cintura, mas não sabia que o Deus-Rei era bem mais jovem.

— Osser, meu senhor — respondeu o taumaturgo, solene em sua túnica sacerdotal. — Louvado seja ó...

— Enviado dos Céus Exteriores — interrompeu Hakim. — Não temos tempo para isso. Concentre-se na cólera em suas veias, Osser. Vamos atravessar os becos até apanhá-los por trás. Ore com fervor até eu mandar que queime os

invasores. Eu e a arconte Liriel iremos protegê-lo, desde que acompanhe nosso ritmo. Entendeu?

Osser assentiu. Hakim foi na frente, forçando passos velozes mesmo sob o peso do aço. Liriel vigiava a retaguarda, instando Osser a acompanhar o Deus-Rei. As ruas e becos fediam, e as grevas de Hakim espalhavam gotículas de água suja a cada passo. Sem escoamento, os esgotos fluíam de volta às ruas.

Invertendo a empunhadura da espada para se adaptar às vielas estreitas, Hakim dobrava cada esquina com cuidado, antecipando um inimigo à espreita. Ao passarem pelas portas de uma pequena capela, espremida entre um armazém saqueado e uma ferraria abandonada, ouviram batidas desesperadas na madeira. Vozes abafadas gritavam por socorro.

Hakim fez sinal para que Osser ficasse onde estava. Aproximou a espada do corpo, fechando a guarda, e andou, cauteloso, em direção às portas.

— Sons indistintos vindos de uma capela em honra ao senhor. Obviamente é uma armadilha — disse Liriel, que ainda conseguia se manter bem-humorada depois do horror que presenciaram sob o Grande Templo.

— Talvez nem todos tenham sido evacuados a tempo — Hakim respondeu. — Talvez tenham buscado refúgio em solo dedicado ao Deus-Rei.

— Eu nunca disse que era uma armadilha para nós — brincou a arconte.

Seu humor desapareceu quando a porta foi arrancada das dobradiças pela coisa que emergiu da capela. Liriel recuou com uma pirueta no ar, desferindo um chute gracioso na criatura ao mesmo tempo. Com a perna ainda machucada, era impressionante que Liriel conseguisse lutar com a costumeira graça mortal da Ordem do Zéfiro.

— Abissais! — alertou a monja.

Com olhos amarelos esbugalhados e pele avermelhada, eram abissais, sem dúvida, mas de uma espécie que Hakim desconhecia. Avançaram com suas garras na direção de Osser. Hakim se moveu para interceptá-los. Fendetreva cortou e perfurou, facilmente rechaçando os abissais estranhos. Mas eram muitos, correndo para fora da capela, desesperados e violentos.

Hakim segurou o língua-de-fogo pelo ombro e o empurrou para fora do alcance das garras. Golpeou em arco para afastar as criaturas. Liriel dançava entre os abissais, sua cimitarra fatiava-os com facilidade. Os movimentos da arconte eram quase hipnóticos, uma dança mortal chacinando os inimigos.

Alguns abissais ainda os perseguiam, gritando. Não era o gorgolejar chiado dos escamados, era um som roufenho, molhado, mas quase inteligível. Hakim apressou o passo, empurrando Osser consigo através de uma ruazinha torta que desembocaria na avenida principal. O taumaturgo não era um tipo atlético e a armadura de Hakim era pesada demais, os abissais logo os alcançariam. Assim que

teve o primeiro vislumbre dos escamados que atacavam seus homens pela retaguarda, Hakim impeliu Osser com força naquela direção, girando imediatamente para receber o ataque de seus perseguidores.

— Queime os escamados! — ordenou Hakim.

Osser era lento e desajeitado, mas a chama colérica que conjurou era o exato oposto. Seu brilho subiu acima do casario, seu calor opressivo fez-se sentir por metade da cidade. Os escamados sequer tiveram tempo de gritar.

Fendetreva encontrou o pescoço da criatura que seguia Hakim pelas vielas, separando-o do resto do corpo com facilidade. A cabeça inchada e grotesca foi ao chão com um baque nojento, os olhos amarelos ainda encarando a chama espantosa de Osser. O corpanzil atingiu o solo meio segundo depois.

Hakim emergiu do beco para encontrar o língua-de-fogo atordoado, incapaz de acreditar no próprio trabalho. Os escamados haviam se transformado em uma massa carbonizada de carne e cartilagem. A chama era tão intensa que derreteu até mesmo as lanças e espadas da infantaria khaladina. Victus acenou para indicar que estava bem, e se ocupou de cuidar dos feridos enquanto Hakim investigava os restos ainda chamejantes dos escamados.

— Você me serviu bem hoje, irmão Osser — parabenizou Hakim. — Sua chama é um farol de esperança para o império.

O taumaturgo o encarou, bestificado. A expressão era semelhante à da cabeça decepada do peixe-diabo.

— Eu não sabia que era capaz, meu senhor. Foi sua bênção que me deu tanto poder. Sua bênção, ó Herdeiro do Sol!

— Hakim! — Liriel chamou-o pelo nome, ignorando o quanto estavam próximos do resto das tropas. — Você precisa ver isso.

Retornou pelos becos até a capela, onde a arconte aguardava. Uma pilha de abissais mortos a seus pés.

— Belo trabalho...

— Olhe com atenção — interrompeu a arconte. — Olhe para os corpos.

Hakim aquiesceu, abaixando-se para inspecionar o fruto da matança de Liriel. Abissais deformados, de tamanho e porte variados. Escamas avermelhadas, olhos saltados da cor de ouro, dentes e garras afiados e... Uma máscara feldari?

Aqueles abissais vestiam roupas. Roupas humanas. Hakim examinou-os com mais cuidado, tocando-os, sentindo os músculos por baixo da carne, a rigidez dos ossos. Anatomia humana, ou quase. Quando ergueu o braço de um dos cadáveres, notou que a parte interna do bíceps não tinha escamas, mas pele lisa, e da axila brotavam pelos.

Puxou o corpo mais para perto e apanhou a cabeça do morto. Os olhos tinham escleras brancas, não negras como outros abissais. Abriu a boca do cadáver

e investigou a dentição com os dedos. Os dentes frontais eram afiados como navalhas, mas no fundo da boca havia molares comuns. Dentes humanos.

— Chame Osser — Hakim ordenou. — Mande-o carbonizar os corpos. Ninguém mais deve vê-los.

As tropas se reagruparam antes de alcançar o descampado entre o casario e as ruínas do Portão do Mar. Não podiam denunciar sua presença tão cedo, então avançavam lentamente, aproveitando a cobertura das construções enquanto aguardavam o momento certo. As espirais gêmeas da concha despontavam acima das muralhas, torres cinzentas poluindo a cidade de ouro branco. A muralha dupla tinha sido derrubada pelo peso colossal da Cria das Ondas, e a praia de cascalho do outro lado do Portão do Mar podia ser vista por trás da casca vazia da criatura. As ondas já não tinham a força da tempestade, mas ainda se lançavam inquietas contra a costa, projetando sua espuma aos céus. Hakim sentia a salmoura no ar, lentamente enferrujando o aço e apodrecendo a madeira.

Abissais se congregavam sob a proteção férrea da concha espiralada. Sem muralha, outro ataque poderia ser o fim de Imrath. O objetivo principal das tropas não era lutar de frente com os abissais, e sim recuperar os trabucos. Montadas sobre um trecho intacto da muralha, as armas de cerco poderiam ser voltadas para dentro e alvejar a concha, obrigando os abissais a fugir. Os que voltassem às profundezas não seriam molestados, mas se fugissem mais para dentro da cidade, seriam apanhados pela infantaria e pelos línguas-de-fogo.

Hakim e Liriel cavalgaram à frente de meia centena de seus Santos Cavaleiros, avançando a partir das ruas para o descampado em uma fileira longa, passando ao largo da concha titânica antes de se juntar em uma formação compacta. Victus ficou para trás com o restante das tropas, com um contingente de grão-arqueiros posicionado para apoiar o ataque.

Os abissais sob a concha se revelaram tão logo os cascos dos cavalos tamborilaram o chão. Entre trôpegos, escamados e encouraçadas, deviam perfazer duzentos. Muitos pareciam feridos ou cansados, movendo-se com dificuldade, mas ainda dispostos a conquistar a superfície. Hakim agora entendia o porquê. Queriam sua magia de volta. A coisa hedionda que era capaz de transformar humanos em abissais. Var Khalad dependia da taumaturgia na guerra, na comunicação e na fé. Hakim precisava remediar aquilo, mas forçar os clérigos a abrir mão da magia seria uma guerra muito mais difícil de vencer do que a luta contra os peixes-diabo. Por isso, concentrou-se na batalha diante de si.

Os Santos Cavaleiros esporearam as montarias em sincronia, avançando como um só. As encouraçadas se adiantaram para interceptar a carga. Eram velozes com suas muitas patas, e pesadas o suficiente para enfrentar frente a frente a cavalaria pesada. Mas os grão-arqueiros esperavam por elas. Os virotes metálicos

voaram certos. Quando as encouraçadas erguiam suas pinças para se proteger das flechas, ficavam vulneráveis às lanças de cabo de freixo dos cavaleiros.

Os grão-arqueiros demonstraram todo seu valor, sua pontaria refinada proporcionando um massacre antes que a primeira lança encontrasse o alvo. Atirados para o alto, os virotes descreviam um arco através do campo de batalha e alvejavam os abissais por cima, como gotas de uma chuva mortal. A formação inimiga se desfez, as encouraçadas varadas pelas hastes metálicas. Suas metades inferiores se sacudiam brutalmente antes de ceder ao abraço da morte.

O impacto da cavalaria contra uma defesa desorganizada dizimou as fileiras abissais. A lança de Hakim fora reduzida a um resquício estilhaçado de madeira, mas ele não se incomodou em brandir a espada. Junto com Liriel e dez de seus homens, separaram-se da força principal, que já dava meia-volta para acossar novamente os inimigos. Assim, o grupo de Hakim não seria seguido. Rumaram a pleno galope em direção ao portão arruinado e à seção destruída da muralha.

Encontraram as defesas livres de presença abissal. Hakim e Liriel desmontaram para adentrar o espaço estreito entre as duas camadas de muralha. Destroços amontoavam-se por toda parte, alguns esmagando os restos mortais de escamados e homens. A escada de pedra que levava às ameias tinha sido derrubada junto com o Portão do Mar. Não tinham como subir.

— Minhas botas de escalada estão em meu alforje, junto com corda e espigões de ferro — disse Hakim. — Será trabalhoso, mas posso chegar ao topo.

Liriel riu.

— Não será necessário — disse a arconte. — Há uma escada de corda lá em cima para cada trabuco. — Ela apontou para as armaduras de Hakim e seus cavaleiros. — Livrem-se dessas placas pesadas enquanto eu busco uma para vocês.

Com um salto, Liriel venceu pelo menos três metros de muralha, impulsionada pela taumaturgia sanguínea. Não deveria ser possível, mas a taumaturgia que lhe emprestava agilidade parecia estar potencializada de alguma forma. Chutou a parede à sua frente, lançando-se ainda mais acima, na direção da muralha oposta. Mais três sucessões de saltos e chutes conduziram a nova Madre Superiora da Ordem do Zéfiro até as ameias. Os Santos Cavaleiros gritaram vivas e louvores à magia divina. Hakim apenas observou enquanto Liriel lhes lançava as escadas de corda.

Livres das armaduras, começaram a escalada. O vento marinho os refrescava enquanto subiam, mas Hakim ainda suava, preocupado. A taumaturgia parecia ter incrementado exponencialmente seu poder. Ele agora era capaz de aguentar múltiplos ferimentos profundos sem sangrar, e sequer sentia-se desidratado.

Osser, um taumaturgo sem qualquer habilidade especial, reduzira os escamados à carne derretida com uma única labareda colérica. Os grão-arqueiros pareciam infalíveis com cada disparo. Liriel, ainda se recuperando de um ferimento sério na perna, era capaz de executar uma acrobacia como aquelas. Mais poder mágico seria útil para recuperar a estabilidade do Império, mas antes de morrer Rasser falara sobre manter a magia de Azgol Sudraszj sob controle. Pareciam perigosamente próximos de descobrir o que ele queria dizer.

Daquele ponto da muralha, tinham acesso a três trabucos. Um deles estava longe demais e no ângulo errado para alcançar a concha e os abissais. Outro estava em estado terrível, com o braço fora de eixo e a madeira enegrecida pelo fogo. Apenas um estava em condições de ser operado. Os cavaleiros moveram a base da arma de cerco, construída sobre um eixo giratório, posicionando-o em direção à concha vazia.

— É melhor fazermos cada disparo contar — disse Liriel.

— Preparem o tiro e aguardem meu sinal — ordenou Hakim.

Enquanto os cavaleiros carregavam a munição do trabuco — um pedaço da própria muralha destruída — e armavam o mecanismo, Hakim projetou sua percepção. Ao deixar o próprio corpo, ele sentiu o poder taumatúrgico inundá-lo. Sentia-se terrivelmente poderoso, como se seu corpo fosse uma prisão, um limitador de seu potencial. Sua forma astral emitia um fulgor dourado, como se a armadura do Deus-Rei fosse feita de ouro derretido.

Flutuou ao redor da concha, podia ver seus cavaleiros em combate feroz contra os escamados. Próximo à abertura da concha, no local onde Hakim e Gorazesh duelaram pela última vez, havia uma rachadura profunda e ramificada. Certo de onde os disparos deveriam atingir, Hakim preparou-se para regressar ao mundo físico. Então viu a estrela.

Uma orbe vermelha de luz difusa, dividindo os céus com o sol, sem deixar-se eclipsar. Sua luz emanava em ondas distorcidas, e encará-la era como tentar divisar o fundo de um abismo. A luz vermelha banhava tudo, mas não tingia o ambiente com sua cor, como se os raios simplesmente atravessassem a matéria, penetrando fundo no solo. Por um instante, Hakim sentiu que a estrela o percebia, que era um olho impossível a observá-lo do firmamento.

Cessou a projeção com um sobressalto, retornando a seu corpo e procurando o astro maligno no céu. Apenas o sol feriu-lhe os olhos, sem sinal de estrela vermelha. Era a mesma estrela que surgira em seus sonhos com o Antecessor.

— Mirem alto — instruiu Hakim. — Devemos acertá-la entre as espirais, no ponto mais côncavo da casca.

O disparo não foi exato, mas foi o suficiente. Desprovida da criatura horrenda que a habitava, a concha perdera grande parte de sua resistência. O

pedregulho a atingiu próximo às rachaduras, fazendo a estrutura tremer. Aquele era o sinal para a retirada dos Santos Cavaleiros abaixo, que recuaram imediatamente.

O segundo disparo abriu um rombo na concha, e mais abissais emergiram de seu interior oco. O desespero os impelia, mas fugiam com dificuldade. Tinham sido feridos durante a invasão, deviam ter voltado ao oceano quando tiveram chance. Eles não tinham a menor intenção de retornar, no entanto, e fugiram em direção às casas de Imrath.

A matança correu exatamente como Hakim antecipara. Fragilizados e apanhados de surpresa, os abissais foram trucidados. Enormes paredes de fogo impediram que se espalhassem pelas ruas, encurralando-os enquanto os lanceiros faziam seu trabalho. A cavalaria retornou para o golpe de misericórdia, trespassando os que tentavam retornar à segurança da concha. Das ameias, Liriel e os cavaleiros comemoraram a vitória. Hakim permaneceu em silêncio. Não tinha certeza, mas pelo caminho que os fugitivos tinham escolhido, pareceu que corriam na mesma direção da estrela vermelha que Hakim vira em forma astral.

— A cidade está pronta para se recuperar, graças ao senhor — disse Victus, alegre. Com os abissais dispersos, as forças imperiais puderam se estabelecer firmemente no Portão do Mar, aproveitando-se da concha reforçada que jazia diante da muralha destruída. — Os peixes-diabo que ainda se esgueiram pelos becos estão sendo caçados sem piedade e, sem acesso ao oceano, logo definharão.

— Gostaria de compartilhar de seu otimismo, Lorde Comandante — disse Hakim. Pedira a Victus que o acompanhasse em uma visita a Corant, por isso retornaram ao Grande Templo tão logo deram cabo dos abissais ao norte. Hakim sentia que devia muito aos dois cavaleiros. Tinham se provado mais leais do que seu próprio sumo sacerdote. Eram mais dignos do posto de arconte do que Laurent jamais havia sido. — Mas nossas fontes ainda estão envenenadas, espalhando doença. Nossas reservas de água estão quase se esgotando.

— As Grandes Caravanas virão, senhor. — Victus insistia na esperança. — Trarão água fresca dos protetorados ao sul, conforme sua própria ordem. Livres dos abissais, podemos reconstruir a represa de Nagrath, limpar os canais. Com sua liderança, venceremos!

— Espero que seu entusiasmo seja contagioso, Victus. — Hakim já compartilhara daquela disposição inabalável de seu novo Lorde Comandante, mas em algum momento, seus ideais tinham sido esmagados pela dureza da realidade. — O peso do império sobre meus ombros parece aumentar a cada dia.

— Há mãos dispostas a ampará-lo, senhor. Não se esqueça. E meu otimismo se deve ao senhor — explicou Victus. — Graças à sua bênção, poderei me casar!

— Então a família da jovem escriba aceitou seu pedido! — O riso de Hakim foi genuíno. — Isso sim é motivo de celebração!

Mas logo a risada lhe pareceu cruelmente irônica. Corant repousava em uma cama simples. Jazia alquebrado sobre o catre, apoiado em travesseiros de penas para manter o torso erguido e os pulmões funcionando. Não disse nada quando Hakim e Victus entraram em seu quarto, apenas encarou-os com lágrimas nos olhos, depois desviou o olhar.

A condição do amigo não surpreendeu Hakim. Sua culpa e preocupação foram deixadas de lado quando viu a figura que amparava Corant, sentada ao lado de sua cama, com uma máscara prateada sobre o rosto.

— Saudações, ó Enviado dos Céus Exteriores — disse Garad, curvando-se.

— Vejo que se recuperou bem — disse Hakim. — Mesmo sem acesso à fleuma.

— O senhor teve a bondade de me manter isolado, onde eu não podia fazer nada além de repousar. Perdi a maior parte da ação, mas creio que foi por um bom motivo.

— Eu não podia deixar que relatasse meus movimentos a Rasser.

— O pontífice apenas me instruiu a servir ao senhor como senescal — disse Garad, surpreso. — Nunca empreguei minhas habilidades para espioná-lo! Sou leal ao império, meu senhor, não a um único clérigo, não importa o quão poderoso ele seja. Posso provar.

— É melhor que o faça rápido — exigiu Hakim.

— Eu vim até aqui a pedido do valoroso Lorde Comandante Corant — explicou o taumaturgo cego. — Ele solicitou um perscrutador, e eu era o único disponível.

— Porque eu requisitei os serviços dos demais, para que anunciassem ao restante do império que Imrath está segura, e me trouxessem informações sobre o que se passa nos fortes costeiros — disse Hakim. — Você se aproveitou disso para deixar seu confinamento.

— Disso sou culpado, senhor — Garad admitiu. — Mas acho que essa pequena transgressão foi justificada. Corant queria que eu encontrasse seus pais em Tanánn.

Corant chorou em sua cama. As lágrimas escorriam por sua face trêmula, mas o resto do corpo permanecia imóvel. Sob o lençol que o cobria, a silhueta de suas pernas descrevia fraturas aterradoras.

— Prometi que ia trazê-los à Imrath, mas não podia fazer isso antes de tornar a cidade segura novamente. Algo aconteceu a eles?

— Estão vivos e saudáveis — disse Garad —, o suficiente para se rebelarem contra o império.

— Crimes podem ser perdoados, Corant — Hakim queria acalmar o cavaleiro, que parecia incapaz de qualquer coisa além de chorar. — Você os

convencerá a se arrepender.

— Mas não são apenas os dois, senhor — Garad ergueu-se com a lentidão da idade. — Há uma turba de rebeldes se insurgindo contra Var Khalad. Eles vêm de Tanánn e Nagrath, e não estão sozinhos. O senhor devia ver por si mesmo.

A última revolta amarantina tinha sido debelada pouco antes dos ataques abissais recomeçarem. Hakim derrotara e prendera todos os líderes rebeldes na Baixa Corte. Seria difícil retomar o controle dos protetorados com Var Khalad ainda imersa no caos, levaria pelo menos um ano para pôr o império em ordem, e mais um para submeter os amarantinos ao domínio imperial novamente. Nem todos eles eram como Corant, capazes de reconhecer em um império unido as melhores chances de sobrevivência da humanidade.

Mas talvez os rebeldes tivessem razão. O Deus-Rei era uma farsa, afinal. A taumaturgia, uma arte profana, roubada dos abissais, e os clérigos khaladinos eram tão suscetíveis a corrupção quanto qualquer homem. Entretanto, havia algo ali, nos alicerces daquele enorme templo, nas muralhas reforçadas e nas torres de ouro branco, que valia a pena preservar. Havia unidade, disciplina, perseverança diante da adversidade. Hakim lutaria para preservar o império, com todas as suas falhas. Porque enquanto se mantivesse inteiro, poderia ser consertado.

Lançou-se ao éter com uma projeção de sua consciência. Sua potência taumatúrgica crescera tanto que por um instante vislumbrou as cores cambiantes dos Céus Exteriores, mas logo retornou sua percepção à realidade. Pairava a quilômetros sobre Nagrath, confuso pelas luzes que o ofuscavam.

A primeira era sua própria, a luminescência dourada de sua armadura astral. Brilhava de poder latente. A segunda luz era branca, mas incandescente, visível em plena luz do dia. Vinha de um exército em marcha. A turba de amarantinos seguia a luz, com forcados, ancinhos e aço imperial roubado. Mas a maré de servos insurgentes pouco o preocupou. Eram apenas seguidores, meras consequências da ameaça real.

A luz branca emanava de um exército de mortos-vivos. Cavaleiros embalsamados em armaduras enferrujadas cavalgavam montarias esqueléticas, cada um emanando sua própria chama espectral. A hoste cadavérica marchava resoluta, através de Var Khalad, aproveitando-se de suas estradas. Pareciam ter partido de Nagrath, mas vinham decididamente em direção a Imrath, inevitáveis como o fim de todas as coisas.

A terceira luz não o surpreendeu, nem oferecia ameaça iminente, mas era a pior de todas. O exército de mortos seria aterrador, em outras circunstâncias, mas Hakim sentia que aquela ameaça era ofuscada pela presença daquela terceira luz. Era ela, a estrela vermelha, lançando seus raios difusos sobre o mundo. A estrela

que assombrava suas visões, e que agora ele podia ver em forma astral. O astro hediondo que parecia observá-lo.

A estrela parecia faminta.

Capítulo 19

O poder era opressivo. Ondas de energia carregadas de emoção, memória e desejo açoitavam a mente de Moira. Ela resistia, ancorada às próprias lembranças, a sua própria vontade. Como uma rocha que divide o curso de um rio, Moira se erguia diante da torrente, impassível. Mas, pouco a pouco, erodia.

A armadura de placas enferrujadas ligava o espectro de Amarante a Moira, e o estandarte esfarrapado erguia os pacientes cavaleiros mortos de seu sono, convocando-os para guerrear mais uma vez. Moira caminhou pelo vale inundado, erguendo o estandarte aos céus e conclamando os mortos amarantinos. Os montes funerários acendiam com a luminescência dos espectros, que animavam seus próprios corpos ressequidos. Foram enterrados com armas e armaduras para aguardar um momento como aquele. A procissão de cavaleiros mumificados a seguia, e a todo tempo Amarante sussurrava em sua mente.

— *Dê-me o controle, criança.* — Ele parecia no auge de sua glória. Um guerreiro magnífico, com aço e ouro reluzente. Os cabelos não eram como brasas, e sim uma chama viva. Seu rosto, no entanto, ficava oculto em sombras, escondendo a face cadavérica. — *Posso acordar mais do que os mortos sob a terra. Juntos, podemos varrer o continente, limpá-lo de todo mal. Tudo o que tem a fazer é entregar-se a mim e lhe darei um mundo novo, limpo e puro. Lhe darei a paz.*

— Não há pureza que justifique abrir mão de mim mesma — Moira respondia, resoluta. — Não há limpeza que alcance o coração dos homens. A paz não finca raízes profundas no chão de Noltora. Nem mesmo a paz da morte. — Moira concentrava-se e trazia suas sombras inquietas para repelir o espectro. — Levarei sua vingança até Imrath, mas você não terá mais nada de mim!

Com as provocações do espectro, que só ela podia ver e ouvir, Moira percorreu a pé todo o caminho até o povoado, onde seu bando a aguardava. Parou diante da paliçada de madeira, de onde seus seguidores Skodnir vigiavam. Andvar tomara o controle do povoado, mas não foi capaz de conter os amarantinos que correram para fora, assombrados com o regimento ancião que seguia Moira, maravilhados pelas relíquias de seu líder ancestral.

— *O que fizeram aqui foi impressionante, mas não será o suficiente* — a voz de Amarante desdenhou. — *Podemos fazer mais, erguer mais de meus homens por toda a região, libertar todo meu povo. Concentre seu poder no estandarte, estenda meu chamado por estas terras. Cavalgue por entre os morros e os mortos honrados a seguirão.*

Confiar no espectro era arriscado. Ser traído por um aliado vivo era ruim o suficiente, cair na armadilha de um espírito ancião significaria o fim. Mas Amarante falava a verdade. Moira podia sentir os cavaleiros regressados em sua mente. Cada espírito que compunha o regimento amarantino se conectava a ela, à sua força vital. Não era como sentir sombras inquietas, já atreladas à sua essência. Sentir o exército de amarante era como tentar enxergar o mundo através de um reflexo na água, uma percepção embotada, distorcida. Exigia esforço, mas Moira podia alcançá-los. Eles aguardavam seu chamado.

Pediu a Firaggi e Ilya que lhe trouxessem Vento Noturno. O puro-sangue vasgocês ficara trancafiado em um dos estábulos, junto com seus quatro irmãos, recuperados de Valash Hol. Foram alimentados com a carne dos guardas imperiais derrotados pelo bando de Andvar, com ajuda dos amarantinos. Assim como os répteis, desde que sua fome fosse saciada, as criaturas não ofereciam ameaça. Os dois jovens Skodnir trouxeram o cavalo canibal já encilhado e pronto, embora seu corpo emaciado não parecesse adaptado a rédeas. Andvar e Ultha vieram junto, o chefe guerreiro queria falar algo à sobrinha.

— Onde está o ladrão? — Andvar indagou. Parecia recuperado do veneno e da tristeza. Vestia a capa de pele de javali e brandia um martelo de guerra imperial, em vez de seu machado de batalha costumeiro.

— Morto. Pereceu no túmulo. — Moira queria lamentar a perda de Sev, chorar por ele, como fizera por Morsov, mas não podia. Amarante se aproveitaria de qualquer momento de fraqueza para dominá-la. Então evitava pensar no assunto, mantinha os olhos fixos no horizonte, na direção de Imrath.

— Ótimo. Assim podemos deixar o que aconteceu em Valash Hol para trás. — Andvar encarou a procissão espectral, sempre a alguns metros de distância de Moira, horivelmente imóveis e queimando como uma chama branca. — Não dá mais pra negar, garota. Você é uma Senhora da Morte, mais até do que aqueles em Solúmbria. Moira Meio-Morta é um bom nome para uma chefe guerreira.

— Os mortos não se importam com meu nome. Só com minha vontade, por que é igual à deles.

— Mas seu bando se importa — explicou Andvar. — E os outros também vão se importar.

— O bando é seu, Andvar. É seu nome que os outros bandos reconhecem e temem.

— Isso foi verdade até hoje, mas as coisas estão prestes a mudar.

Andvar se despiu da capa de pele de javali, levando-a até Moira. Afastou os cabelos da sobrinha com cuidado para pôr a pele sobre seus ombros, prendendo a capa com uma argola de aço e um punhal comprido. Moira sentiu a armadura de

amarante vibrar, como sua espada fazia, quando as mãos de seu tio se aproximaram. Mas o toque não era uma ameaça, e a vibração cessou.

— Eu, Andvar, dos Brunehald, pelo Juramento dos Fortes, me rendo a você, Moira Meio-Morta, dos Brunehald. Me curvo a sua força, e juro lealdade até a morte.

— Eu... — Moira hesitou. — Aceito seu juramento, Andvar dos Brunehald. Com você, nossa força se multiplica.

— Meus seguidores são seus para comandar, chefe guerreira.

Mas Moira não os convocaria. Não ainda. Chamou somente seus Skodnir ao combate, cerca de trinta guerreiros, a maioria veteranos, recuperados da batalha na Terra Arrasada. Borlund ficou para trás, mesmo protestando desesperadamente. Moira deixou o resto do bando sob os cuidados de Andvar, protegendo as paliçadas do povoado. Do bando original de seu tio, apenas Ultha insistiu em seguir ao lado de Moira, e ela foi grata por isso.

Montou Vento Noturno e partiu. Mantinha o estandarte erguido, sua flâmula esfarrapada tremulava. A velocidade sobrenatural da montaria carregou-a pelas fronteiras amarantinas, através de vilas e fortes, cemitérios e sepulcros. Novos cavaleiros se erguiam, revolvendo a terra e incandescendo o ar. Por onde o estandarte passava, amarantinos humilhados abandonavam a vida servil.

Aqueles homens e mulheres, entregues ao domínio imperial, eram como mortos em vida, destituídos de vontade. Ao ver o símbolo da resistência de sua gente, eles se lembravam. A memória de seu povo, de sua glória e liberdade, acordava neles o desejo de lutar, de decidir o próprio destino. A necromancia, Moira compreendeu, era apenas isso: o poder de uma memória duradora, mantida viva por emoções poderosas.

Erguer o estandarte exigia mais do que a força em seus braços, entretanto, exigia que doasse algo de si, sua vontade e sua energia. No galope vertiginoso de Vento Noturno, Moira percorreu um território vasto, conclamando mortos e vivos à luta, e o poder do estandarte drenou-a. Amarante se valeu daquilo, e imiscuiu-se ainda mais em sua mente.

— *Agora você vê o que posso realizar* — perguntou o espectro —, *se permitir que eu desperte meu potencial?*

— Você me usaria até a última gota — Moira respondeu, cansada. — Mas quando eu não puder mais envergar sua armadura, não haverá outro capaz de suportar o poder. E então, o que fará, Amarante?

O espectro emudeceu. Moira baixou o estandarte e ergueu sua espada, a arma inacabada feita por seu pai. Chamou as sombras inquietas de seu bando assassinado para dentro de si. Sentiu a dor das chamas e o horror ululante das vozes. O espectro de Amarante sentiu o mesmo.

Queimem conosco! — As sombras exigiram. E eles queimaram.

O espectro invasor recuou, surpreso com o assalto psíquico. Moira sentiu os espíritos amarantinos em sua mente. A sensação ainda era embotada, comparada à conexão com as sombras e com o próprio Amarante. Mas ela os alcançou, cerrando os dentes e forçando sua vontade através da dor. Rompeu a barreira entre ela e os cavaleiros mortos que a seguiam, e por essa brecha as suas sombras se dissiparam. Sua energia alcançou os mortos amarantinos, seu fogo tingiu a luz esbranquiçada de tons incandescentes e enegreceu os corpos mumificados que animavam.

Amarante ainda mantinha seu domínio, mas agora aqueles mortos também pertenciam a Moira. O espectro do general não poderia influenciá-la tão facilmente. Com amarras de couro e uma corrente delgada, Moira prendeu sua espada ao topo do estandarte pelo espigão do cabo incompleto, o resultado foi uma aproximação crua de alabarda. As sombras se manifestaram a partir da lâmina, como uma nuvem de fumaça e fuligem, uma cobertura de trevas para o exército de mortos. Moira voltou sua atenção para o norte, para Imrath. Os mortos marcharam, não precisavam descansar ou diminuir o ritmo, e Vento Noturno, sentindo o imenso poder necromântico que ela comandava, não ousava desobedecer sua nova senhora.

Por onde Moira e seus mortos passavam, os servos corriam para juntar-se à marcha. Atacavam e sobrepujavam seus senhores, queimando plantações e demolindo casas. Muitos morriam nas mãos de soldados imperiais, trespassados por lanças ou esmagados por martelos, mas seus espíritos permaneciam. Seus cadáveres frescos erguiam-se novamente para vingarem-se. Primeiro, de seus assassinos, depois, do império que os subjugava.

Os amarantinos seguiam os mortos como uma turba feroz, desorganizados, mas cheios de ímpeto guerreiro. Não se importavam que uma filha das cinzas envergasse a armadura e estandarte de seu herói falecido, apenas com a promessa de vingança, que Amarante finalmente cumpria. Pareciam tomados por uma espécie de transe, os olhos vidrados no estandarte e da armadura, como pudessem enxergar o espectro ancião de seu amado general. Seria por isso que a seguiam? Por verem Amarante em seu lugar, habitando seu corpo?

Não havia exército imperial para interceptá-los. Havia batedores, e um ou outro destacamento de guerreiros khaladinos surgia no horizonte, mas estavam todos em retirada, recuando em ritmo acelerado na direção da capital. O Deus-Rei consolidaria suas forças numa posição defensiva. Moira seguiu com sua hoste de mortos-vivos e seus guerreiros Skodnir, desimpedida, através da fronteira verdejante de Tanánn, até o lodaçal em Nagrath, e finalmente até a árida região costeira dos arredores de Imrath.

Moira encabeçava a coluna de mortos regressados, cavalgando Vento Noturno. Cavalos comuns temiam o vascocês puro-sangue, por isso Moira ordenou

aos Skodnir que cavalgassem junto aos servos amarantinos, para que a raiva cega da multidão pudesse ser direcionada por guerreiros experientes. Mas a turba não deu atenção aos comandos de Ultha. Seguiam o estandarte, presos ao fascínio de seu poder.

Quando alcançaram as muralhas de Imrath, as forças imperiais já estavam preparadas. Os enormes portões estavam fechados e pareciam tão resistentes quanto os muros de pedra branca que os cercavam. Sob o sol, a beleza da cidade se revelava, suas torres rebrilhavam como colunas de cristal. Aquela beleza fora erguida sobre a opressão e morticínio de outros povos, era ofensiva a Moira e seus seguidores. O espectro de Amarante encheu-se de fúria.

— *Enquanto fui vivo* — rugiu o espírito ancião —, *lutei para que meu povo se mantivesse unido. Sempre soube que juntos poderíamos construir um reino glorioso, próspero, pacífico. Esses usurpadores conquistaram o que sempre almejei, às custas do sangue de meu sangue, do legado de minha linhagem. Permita que eu assuma o controle, necromante, e varrerei nossos inimigos dessa terra e da próxima!*

— Faremos isso juntos, Amarante. Não se esqueça de minhas sombras e de seu fogo. Prefiro que ambos queimemos pela eternidade do que deixar que me domine como uma marionete.

— *Como quiser* — escarneceu o espectro —, *Senhora da Morte.*

Moira parou diante dos portões, a uma distância segura. Havia trabucos e arqueiros nas ameias. Seu próprio exército não tinha armas de cerco. Havia algumas em Nagrath, mas eram difíceis de transportar, atrasariam o exército e dariam ao império a chance de planejar um contra-ataque. Moira optara por apanhá-los de súbito, fragilizados pelo ataque dos abissais. Ao ver um exército inimigo sem catapultas ou trabucos, a guarnição de Imrath se contentaria em simplesmente sentar e esperar, confortáveis por trás de suas muralhas.

Mas Moira estivera dentro da cidade, e vira o caos durante a tempestade, quando os abissais atacaram. Vira conspiradores e monstros profanos emergirem dos subterrâneos para assassinar os que mantinham a fé no Deus-Rei. Vira os doentes amontoados em barracões, e vira um deles transformar-se de homem em abissal com seus próprios olhos. Moira não tinha catapultas ou aríetes, mas Imrath não tinha tempo nem recursos. E ela sabia como transpor as muralhas.

Contornou a linha de cavaleiros regressados para alcançar a turba amarantina. Enquanto cavalgava, os mortos a encaravam, impassíveis, as órbitas oculares acesas com energia necromântica. Os amarantinos viventes encaravam o estandarte da mesma forma, os olhos vidrados na relíquia. A espada de Moira agora encimava o artefato, deixando-o com aspecto de alabarda.

— A vingança que desejam — Moira falou, e sua voz reverberou com o eco de Amarante —, a vingança que é sua por direito, está além daqueles portões. — Os amarantinos ouviam com atenção, buscando a voz de seu general entre as palavras da necromante. — Vou abri-los para vocês! Mantenham-se vigilantes, e aguardem meu chamado. Os mortos irão na vanguarda, e vocês os seguirão.

— *Eles não a ouvirão* — riu Amarante. — *Eles seguem a mim. Se atravessar as muralhas com meu estandarte, eles se lançarão sobre os portões e morrerão.*

— Então faça-os ouvir. Faça-os esperar.

— *Permita que eu fale através de você* — pediu o espectro. — *Pare de resistir.*

Se a turba avançasse contra as muralhas antes da hora, seriam dizimados. Moira conhecia o poder do estandarte e entendia as implicações. Os amarantinos mortos se ergueriam, seus espíritos se unindo ao regimento de Amarante. Quanto maior o exército de regressados, menos Moira conseguiria resistir à dominação do espectro antigo. Era melhor ceder agora, enquanto ainda podia recuperar o controle. Foi o que fez.

As memórias inundaram sua mente como um martelo poderoso, chocando-se contra sua resistência psíquica. As lembranças de Amarante vinham suplantar as suas. Viu-o novamente como um garoto, um jovem guerreiro, idealista e ingênuo. Integrava uma parede de escudos patética, lutando em nome de um senhor amarantino mesquinho, como Krennas Rienn. Uma linha de defesa pouco melhor que a turba incontida que seguia o estandarte.

Adiante, a parede de escudos inimiga, maior e formidável, guerreiros domésticos de um senhor mais poderoso. Amarante sabia que a cavalaria de seu senhor viria do bosque adjacente, que os apanharia de surpresa. Precisavam aguentar o suficiente contra a parede oposta, até que os cavalarianos viessem clamar a vitória. Eram descartáveis, isca viva. Ele não usaria seu povo daquela forma cruel.

— Aguardem o meu sinal — disse Amarante à turba incontida, ou teria sido Moira quem falou? — Ao abrir dos portões, meu estandarte os convocará!

Moira sentia-se mergulhada no vazio, afastada de si mesma. Tentou alcançar suas sombras, mas elas não respondiam a seu chamado. Não conseguia sentir sua dor. Sentia outras dores, de outra pessoa. Estava perdida nas memórias de Amarante, e não conseguia separar seus pensamentos dos dele. Buscou algo que pudesse despertá-la daquele torpor, alguma emoção, um sentimento genuíno, que fosse só seu. Encontrou uma pergunta:

— Por que desistiu de me procurar, irmã?

Lydia. Sua irmã ressurgiu em sua mente, não como uma sombra ou espectro. Tampouco era uma lembrança. Era uma versão de Lydia que só existia para Moira.

Era idêntica à sua irmã, mas estava suja, desgrenhada, com as marcas do abandono. Até parecia mais velha, cheia de raiva e ressentimento.

— Por que desistiu de mim? Por que me abandonou?

Aquela culpa era de Moira e de ninguém mais. Amarante não tivera irmãos, tampouco culpava-se de ter abandonado alguém em toda sua vida. Tinha plena convicção que se entregara de corpo e alma à causa de seu povo, uma verdade tão evidente quanto seu nome. Embora sofresse por toda sua gente, não carregava a culpa pela perda de uma irmã.

— Moira — Lydia chamou, quase rosnando. — Por que me deixou? Por que parou de me procurar?

— Porque você está morta! — respondeu, voltando a si. As palavras, lançadas ao vento, puxaram Moira de volta do vazio. — Morta de verdade. Perdida, sem amarra ou grilhão que te prenda a este mundo de dor!

Era no que ela precisava acreditar, ou toda sua jornada teria sido em vão. Uma busca enlouquecida por vingança. Moira alcançou suas sombras mais uma vez, querendo senti-las. A dor da perda a unira àqueles espectros torturados, e sua sede de vingança a impelira até ali. Seu calor era um conforto, seus gritos, uma canção. A dor da culpa trouxe-a de volta, rechaçando Amarante novamente. O espectro sibilou, recolhendo-se para lamber feridas etéreas.

— *Você é mais forte do que pensei* — elogiou. — *Mas ainda precisa de mim.*

Precisava de seu poder, mas não precisava dar ouvidos a seus sussurros de homem morto. Moira estava novamente no controle, diante da turba amarantina que aguardava, obediente. Os Skodnir a olhavam de soslaio, nervosos.

— Venham comigo — ordenou Moira aos filhos das cinzas.

Deixaram as fileiras dos mortos e a turba amarantina paradas em frente aos portões, e contornaram a muralha da cidade. Homens os vigiavam das ameias, arqueiros ansiosos por alvos fáceis. Alguns — guerreiros imensos, vestindo capas negras — brandiam arcos impossíveis, que reluziam ao sol do mesmo modo que as torres de ouro branco. Moira não quis pensar no tamanho das flechas que disparariam.

— O que estamos procurando? — Ultha perguntou.

— Há uma passagem oculta. Uma poterna de ataque para cavaleiros. Sev me ensinou como localizá-la.

— Haverá soldados guardando-a por dentro — disse Firaggi, que seguia ao lado da capitã — Por que não usar os mortos?

— Os mortos não conseguirão abrir os portões, precisaremos fazer isso nós mesmos.

— Os arqueiros vão disparar quando nos aproximarmos! — Foi a vez de Ilya duvidar dos planos de Moira. Ela cavalgava atrás de Ultha, ambas com lanças

curtas e escudos de pinho. — Podem nos ver chegando, estarão prontos!

— Eles me viram à frente dos regressados, veem meu estandarte. Vão concentrar-se em mim. E vão errar. — Moira confiava que Vento Noturno seria capaz de evitar as flechas. — Lá está a poterna — apontou, distante o suficiente para que os homens nas ameias não pudessem deduzir sua intenção. — Cavalguem!

Moira esporeou Vento Noturno, que dardejou em direção à passagem oculta. Bloqueada por uma porta grossa, de madeira branca. Os arqueiros dispararam contra Moira. Além de flechas comuns, havia virotes de mais de um metro, cortando o ar com graça mortal. O vasgocês puro-sangue era mais rápido que qualquer cavalo comum, e as primeiras saraivadas foram desperdiçadas contra o solo. Os arqueiros ajustaram a pontaria, mas continuaram a errar, até que uma flecha raspou o flanco de Vento Noturno. O ferimento só o enfureceu.

Já estava diante da poterna, perto demais da muralha para ser atingida pelas flechas. Se não agisse rápido, despejariam óleo fervente em sua cabeça. Moira golpeou o portão oculto com sua espada. Presa ao cabo do estandarte, podia parecer uma arma precária, mas seu poder necromântico latente a tornava especialmente poderosa. Os Skodnir seguiam-na em suas montarias, mas não tinham a mesma velocidade de Vento Noturno. Os arqueiros despejaram suas flechas sobre eles.

Os escudos de pinho foram suficientes para parar as flechas comuns, mas um dos enormes virotes metálicos trespassou o escudo e o peito de um guerreiro, derrubando-o do cavalo e fincando seu cadáver ao solo. Um dos veteranos Skodnir recebeu uma flechada no olho, tombando imediatamente. A montaria de Firaggi foi abatida por outro dos virotes de um metro. O brutamontes de olhos miúdos era surpreendentemente ágil, e rolou sobre o próprio escudo para amortecer a queda, evitando as flechas que se seguiram.

Antes que os Skodnir pudessem alcançá-la, Moira estocou com a lâmina na ponta do estandarte e golpeou o portão da passagem com a força de suas sombras, estilhaçando a madeira. Sabia que haveria soldados no interior da muralha, prontos para o contra-ataque, por isso liberou suas sombras no instante em que a espada trespassou a porta branca. Os guerreiros khaladinos sucumbiram ao desespero, ferindo uns aos outros em meio ao pânico.

Quando os Skodnir chegaram, foi fácil atravessar a poterna. Apearam, soltando os cavalos para correr pelas ruas de Imrath, Vento Noturno estava ávido para se banquetear com as entranhas do primeiro que tentasse pará-lo.

— O mecanismo que abre os portões deve estar em algum lugar dentro das muralhas — disse Moira. — Avançaremos juntos até alcançá-lo!

Com os escudos à frente, formaram uma linha compacta. Firaggi ao centro, o maior dos guerreiros Skodnir, com Ultha e Moira em cada flanco, junto às paredes

do interior da muralha. Correram enquanto podiam pelo corredor interno, na direção dos portões, até que uma massa de soldados apinhou-se diante deles.

A passagem estreita eliminava a vantagem dos números, e os Skodnir eram matadores natos. Não temiam a parede de escudos inimiga. Sua linha de frente mantinha-se firme, empurrando os khaladinos que se amontoavam, enquanto os guerreiros atrás de si estocavam com lanças e espadas. Firaggi sacou um machado de cabo longo, que descia contra os elmos imperiais. Quando não partia um crânio, puxava a arma com força, usando-a como gancho para arrancar-lhes os escudos.

Moira não podia libertar as sombras com seus homens tão perto uns dos outros, ou acabariam machucados. Mas podia canalizá-las como uma mortalha incandescente sobre si, emprestando força sobrenatural a seus golpes. Os imperiais temiam sua magia, reconhecendo-a como necromante. Alguns gritavam em nome do Deus-Rei, pedindo suas bênçãos na batalha.

Se fosse mesmo um deus, os teria escutado. Era Moira quem tinha poder no confinamento daquelas paredes, e manejou-o com crueldade, abrindo um rombo na linha de frente imperial com o estandarte. Como estavam em menor número, não podiam simplesmente despejar homens pela abertura criada pelos golpes de Moira, ou acabariam cercados.

— Mantenham-se firmes! Deixem que eles venham a nós! — Moira bradou. — O Deus das Cinzas queimará o Deus-Rei de Var Khalad até o fim do dia!

Os imperiais seriam obrigados a preencher suas linhas de frente ou seriam mortos um por um. Avançaram amedrontados, tropeçando sobre os cadáveres. Cada movimento em falso era punido pelas lanças, e um amontoado de cadáveres imperiais formou-se rapidamente. Moira estava repleta da energia necromântica de Amarante, e usou-a como fizera sob o campo estelar. Animou os corpos dos soldados caídos com suas sombras, criando marionetes mortas-vivas.

Era difícil manter o controle sobre tantos mortos. Moira sentia os cavaleiros regressados do lado de fora dos portões, e tinha que comandar as novas marionetes ao mesmo tempo. Concentrou-se em suas sombras, pois a dor sempre a mantinha consciente de quem era, impedindo que o espectro de Amarante se aproveitasse de sua fraqueza.

A visão dos cadáveres de seus compatriotas erguendo-se para atacá-los encheu de medo até os mais fervorosos dentre os khaladinos. Com sua parede de escudos rompida e seus guerreiros amedrontados, foi fácil para os Skodnir sobrepujar a força inimiga, trucidando-os um a um com lança e machado.

Passaram por cima dos cadáveres, Moira não ousaria erguer mais do que seis marionetes de uma vez, com medo de perder o controle. Havia uma série de engrenagens adiante, rodas dentadas feitas de ferro ou cobre, encharcadas de óleo. Uma enorme alavanca se projetava da parede interna da muralha. Os Skodnir

precisaram combinar as forças para mover a maldita coisa, que estalava e rangia, mesmo coberta de óleo negro e escorregadio.

Sons de passos metálicos encheram o interior da muralha. Um contingente dos Santos Cavaleiros vinha escoltando um homem de robes brancos e dourados. Moira conhecia aquele tipo: um taumaturgo, do mesmo tipo que havia incendiado seu assentamento, condenando seu antigo bando ao sofrimento eterno. Moira não cederia aos avanços de Amarante, mas cedeu à raiva.

Deixou que o ódio a dominasse e avançou sobre os cavaleiros que protegiam o maldito língua-de-fogo. Não pensou nas chamas que ele poderia conjurar, nem no espaço confinado em que estavam. Não pensou na morte ardente que acometeria seus homens. Ela cravaria seu aço na garganta do taumaturgo, mesmo que os cavaleiros a perfurassem com suas lanças e espadas, mesmo que sua morte desfizesse a necromancia que animava o regimento de Amarante. Mesmo que o mundo inteiro queimasse.

Uma lança curta cortou o ar, atingindo o taumaturgo, que já se preparava para conjurar seu fogo dourado. Os Santos Cavaleiros sequer puderam reagir, distraídos pela carga louca de Moira. Enquanto observavam, atônitos, o homem gorgolejar sangue, ela sustentou o ataque, movida pela ira. Suas marionetes mortas vieram em seguida, impedindo que fosse flanqueada. Os Skodnir ainda tentavam acionar o mecanismo dos portões.

Moira tinha os joelhos contra a placa peitoral de um cavaleiro quando escutou o som de correntes e pesos metálicos descendo devagar, acompanhado do eco das engrenagens girando. Tinha o estandarte de Amarante firmemente plantado na face do homem, fincado na abertura para os olhos do elmo de aço. Apoiou-se no estandarte e deixou que as marionetes caíssem, como se as cordas que as animavam tivessem sido cortadas abruptamente. Virou-se para seus homens e perguntou, arfando:

— Quem jogou aquela maldita lança?

— Eu. Aqueles padres são perigosos — disse Ilya.

— Façam como ela — disse Moira aos seus guerreiros. — Sempre que virem um imperial em roupas delicadas no meio da batalha, parem o que estiverem fazendo e matem-no! Arremessem suas armas, se for preciso, ou eles nos matarão com sua magia maligna.

— Sim, Meio-Morta — disseram os Skodnir em uníssono, e pela primeira vez Moira não se incomodou com o apelido.

Os portões se abriram lentamente, com o girar ruidoso das engrenagens. Moira e seus Skodnir entraram em Imrath pela poterna de ataque. A hoste de mortos-vivos irrompeu capital adentro como um rio de carne mumificada e chamas brancas. A hora vingança que lhes fora prometida finalmente era chegada.

O exército khaladino aguardava, de escudos erguidos, na ampla rua principal que levava ao coração de Imrath. Uma nova muralha se interpôs entre os mortos e sua presa, dessa vez composta de chamas. O fogo dourado que dançava no ar era maior que qualquer demonstração taumatúrgica que Moira já vira até então. A carga dos regressados estacou, mas não cedeu o suficiente. A linha de frente dos cavaleiros espectrais foi incinerada. Os corpos mumificados dos cavaleiros desintegraram-se, lançando os espíritos que os animavam de volta aos Ermos Cinzentos da morte, e talvez mais além.

— *Descuidada* — repreendeu o espectro de Amarante, na mente de Moira. — *Dê-me o controle total, ou nossa vingança será rechaçada! Só eu posso esmagá-los!*

Moira não deu ouvidos. O extermínio de um grande número dos regressados aliviou a pressão que sentia ao manusear tanto poder. A influência de Amarante afrouxou, e Moira sentiu-se um pouco mais como si mesma. Guiou seus Skodnir ao largo das chamas, através de ruas laterais, interpondo construções brancas entre si mesmos e o fogo taumatúrgico. Os conjuradores deviam estar próximos dali.

Não avançaram muito antes que um destacamento imperial viesse interceptá-los. Dentro da cidade, as casas amontoadas impediam que fossem completamente cercados, mas um segundo grupo de soldados, vindo das ameias, apanhou-os por trás. Traziam arqueiros.

Moira gritou para que os Skodnir formassem um círculo apertado com seus escudos. Precisava se livrar dos arqueiros antes que fizessem chover morte sobre seus homens. Chamou por Firaggi, que posicionou seu escudo como uma plataforma elevada. Moira repetiu o salto impulsionado pelo escudo do grandalhão, como fizera no vale de pedra em Valash Hol.

As flechas já riscavam o ar, mirando os Skodnir, quando Moira ganhou altura. Cruzou a primeira linha de lanceiros que protegia os arqueiros, por sorte não havia homens de capa negra e arcos impossíveis entre eles. Baixou sua lâmina retorcida contra os imperiais e invocou as sombras novamente, para desorientá-los. Os arqueiros eram rápidos em disparar suas flechas, e uma nova saraivada já voava, dessa vez em direção a Moira. Teria sido crivada de setas se não fosse pela explosão.

Uma bola de fogo eclodiu de uma das casas que ladeavam a rua principal. O impacto fumegante lançou Moira contra um muro. As flechas se desviaram e os combatentes no solo perderam o equilíbrio. Moira sentiu o calor chamear-lhe as sobrancelhas. As sombras, entretanto, pareciam gostar do fogo, e surgiram do aço amaldiçoado da espada em seu turbilhão de gritos. O medo foi potencializado pela surpresa, e a vintena de guerreiros que atacava a retaguarda Skodnir desmoronou. Agiam como se o fogo os tivesse alcançado, gritando, correndo para longe,

jogando-se ao chão em desespero. Sozinha, Moira ceifou os caídos. Restava o grupo maior à frente de seus homens. A muralha de chamas, entretanto, desaparecera por completo.

O regimento de Amarante investiu com força total dessa vez, encontrando os piques e lanças imperiais. Os mortos avançavam como uma maré, e os gritos de horror dos soldados khaladinos encheram os ouvidos dos homens diante de Moira. O medo deles era tão palpável quanto o dos guerreiros afetados pelas sombras inquietas. Abissais eram monstruosos, mas eram criaturas vivas, que sangravam. A hoste morta-viva de Moira não podia ser combatida sem magia.

Os Skodnir, recuperados da surpresa, ganharam confiança agora que os mortos tinham liberdade para avançar contra o grosso das forças imperiais. Formaram uma parede de escudos na rua estreita e resistiram ao assalto. A escaramuça era árdua, com lanças longas e espadas curtas golpeando, por cima e por baixo dos escudos.

Ultha e Ilya mantinham-se atrás dos outros guerreiros, brandindo suas lanças com precisão mortal. Estocavam sem piedade, buscando as brechas entre as placas de armadura dos inimigos, fazendo sangue jorrar. Moira apanhou arco e aljava de um arqueiro caído. O arco longo era mais rígido do que ela estava acostumada, mas ao menos não precisava se preocupar com a pontaria.

Conjurou Vyra e Sigrin a partir das sombras de seu bando assassinado, e as gêmeas lhe emprestaram sua proeza. Não a provocaram dessa vez, reconheciam seu poder. Moira fez chover flechas gêmeas contra os inimigos. As setas de madeira se estilhaçavam contra as armaduras, mas vinham acompanhadas de flechas espectrais, que perfuravam elmos e escudos.

Os Skodnir também sofriam baixas, cedendo diante da pressão imperial. Um homem teve a barriga rasgada, Moira sequer sabia seu nome. Outros dois tiveram os escudos partidos por martelos de guerra e foram cortados pelas lâminas de Var Khalad. Firaggi tinha um ferimento fundo no ombro graças a uma lança inimiga, e uma espada longa encontrara seu caminho até Ilya, que levantou o escudo, mas acabou com um corte na bochecha. Não aguentariam a investida por muito tempo.

Da rua principal, os brados guerreiros diminuía e os gritos de agonia se intensificavam. Os cavaleiros regressados não emitiam qualquer som além do ruído de cascos ósseos e armaduras enferrujadas. O avanço dos mortos empurrou a linha de defesa até cortar os reforços — que chegavam por uma viela transversal — aos soldados que enfrentavam os Skodnir. Guerreiros espectrais irromperam pelas ruas laterais, em auxílio à portadora das relíquias de Amarante. Foi a vez dos khaladinos serem apanhados pela retaguarda.

Os cavaleiros regressados atacavam com armas enferrujadas, e seus corpos frágeis se despedaçavam com um único ataque. A energia necromântica, porém, os

mantinha coesos, e seus golpes eram carregados com a mesma luz incandescente que os animava. Os imperiais sucumbiam a esse poder.

Por mais que suas lanças perfurassem escudos podres e suas espadas decepassem braços mumificados. A intenção assassina dos cavaleiros regressados permanecia, avançando mesmo sem forma, impelindo potencial necromântico puro como lanças e alabardas. O modo como obliteravam as defesas imperiais fez Moira lembrar-se de Khef, o guardião reforjado que enfrentara em Akhenatos. Destruí-lo era impossível, até que a própria Moira deu cabo de Vendris, mestra da necrópole. Do mesmo modo, enquanto ela canalizasse o poder do espectro de Amarante, não haveria como parar o regimento de regressados.

Saiu para a rua principal. O avanço de seus mortos fendera as defesas imperiais, obrigando-as a recuar cada vez mais ao centro de Imrath, mas ainda resistiam. Os línguas-de-fogo conjuravam suas colunas flamejantes, a única arma que parecia capaz de deter os regressados, desintegrando seus corpos frágeis e calcinando sua essência espiritual. As labaredas queimavam tão alto que, por vezes, ateavam fogo a construções próximas, ou mesmo a aliados.

O poder dos taumaturgos estava fora de controle. Outra explosão lançou homens e mortos aos céus. Os próprios línguas-de-fogo estouravam, incapazes de conter as próprias chamas.

Havia mulheres guerreiras entre os imperiais, cobertas dos pés a cabeça, como a clériga que Moira enfrentara para libertar Riénn. Seu poder era impressionante, girando lâminas e maçãs com velocidade insana, repelindo múltiplos oponentes. Não seriam capazes de destruir os cavaleiros regressados, mas podiam atrasá-los, lutando contra múltiplos oponentes sem baixar a guarda. Moira observou, com espanto, que alguns dos mortos que investiam contra os imperiais sucumbiam sem que eles sequer os tocassem. Suas chamas etéreas simplesmente se apagavam, e os corpos mumificados tombavam, inertes.

Manifestou o capuz necromântico, vislumbrando o campo de batalha a partir das terras da morte. Os Ermos Cinzentos se acendiam de brilho espectral. Cada nova morte atravessava a escuridão, depois desaparecia, sugada ao além, ao abismo de cor e luz que a tudo drenava. A estrela vermelha ainda estava lá, evidente nos céus como uma ferida infecciosa, poluindo o negrume pacífico e a luz plácida do astro branco, antes o único habitante no firmamento dos ermos. Mas não apenas estrelas cruzavam os céus.

Formas humanas sobrevoavam o campo cinzento, descendo para golpear os regressados com armas imateriais, capazes de destruí-los. Entre as formas ela reconheceu uma armadura reluzente, que brilhava como ouro derretido: Hakim. Ela o vira projetar aquela forma através dos ermos quando lutaram juntos no Monge

Dançarino. O maldito era um taumaturgo, como Moira suspeitava, e bastante poderoso. Baixou o capuz necromântico e voltou-se a seus guerreiros Skodnir.

— Os taumaturgos, os sacerdotes de robes brancos e dourados — explicou Moira aos seus guerreiros. — Cacem-nos. Devem estar escondidos entre as casas, mas próximos do campo de batalha. Mantenham-se unidos. Se virem uma das guerreiras cobertas de branco, escondam-se e procurem os túneis que correm sob essa cidade maldita! Agora vão!

Obedeceram sem questionar. Moira se tornara de fato uma chefe guerreira. Correu na direção oposta da batalha, através de corpos pisoteados por seu exército de mortos. Parou diante do portão, longe das ameias, embora os arqueiros tivessem recuado em direção ao centro da cidade. Ergueu o estandarte e agitou-o com força, convocando a turba de amarantinos.

Os servos revoltosos despertaram do torpor imposto por Amarante e lançaram-se numa corrida ensandecida. Talvez não fossem de grande ajuda contra as forças imperiais, mas sua fúria desordenada arrasaria Imrath. Eles saqueariam, destruiriam e pilhariam. Era seu direito fazê-lo contra uma cidade construída pela opressão a seu povo.

Algo se moveu atrás de Moira, rápido demais para que pudesse se defender. Era Vento Noturno, a pelagem negra como óleo suja de sangue. Moira sempre o vira como uma criatura inescrutável, seus olhos vermelhos incapazes de comunicar algo além de astúcia predatória, mas naquele momento, o cavalo vasgocês parecia feliz. Aproximou-se de Moira. Queria ser cavalgado.

Sobre o puro-sangue canibal, galopou pelas ruas desoladas de Imrath. A turba amarantina ateava fogo ao que não podia quebrar ou derrubar, e o sangue do império escorria pelas pedras brancas, em direção ao subterrâneo. O regimento regressado empurrara as defesas khaladinas até a praça principal, diante do enorme templo do Deus-Rei.

Era hora de pôr sua divindade à prova.

Capítulo 20

A paz era uma mentira, conjurada por manipuladores cruéis ou idealistas tolos. Hakim acreditara que poderia ser alcançada um dia, através de disciplina e compostura, de razão e solidariedade. No final, fortalezas e exércitos, acordos e tratados só atrasavam o inevitável. Olhos cobiçosos sempre espreitariam, procurando sinais de fraqueza nos poderosos, de instabilidade nos justos. Caos era o estado natural das coisas e a guerra era a principal manifestação de seu desígnio entrópico.

Ele compreendia isso tarde demais, quando a morte vinha reivindicar Var Khalad. Fossem os abissais, os conspiradores dentro do clero ou os necromantes, sempre haveria uma ameaça a se combater. Por isso o império precisava de um Deus-Rei. Não bastava uma ideia abstrata do divino para unir os homens, era necessário um senhor da guerra, incansável e invencível. Meros mortais simplesmente sucumbiriam à idade ou aos assaltos constantes de seus inimigos. Hakim não se achava apto a exercer aquele papel, mas seu senso de dever o obrigava a seguir em frente. Ao menos, se sacrificaria em combate, e não como o conduíte de ritos tétricos.

O poder crescia dentro de si, a taumaturgia em suas veias cada vez mais volátil. Interromper o ritual de Rasser provocara uma resposta avassaladora na magia divina. Os línguas-de-fogo mal conseguiam sustentar uma chama duradoura sem explodir, enquanto as irmãs do Zéfiro pareciam incapazes de cessar o movimento por um instante sequer, girando suas lâminas contra o exército de cadáveres. A Hakim recaía a taumaturgia fleumática, e junto com os demais perscrutadores lançou sua consciência incorpórea para enfrentar a hoste morta-viva que viera terminar o que os escamados tinham começado.

No mundo físico, o inimigo era um conjunto de seres esqueléticos, ressequidos pelo tempo e portando armamento degradado, mas ao perscrutar através dos véus da percepção, Hakim os via como tinham sido em vida. Ecos astrais de guerreiros altivos, condecorados por seus feitos, acompanhavam a massa pútrida de cadáveres, emprestando força mística ao aço enferrujado. Ostentavam as cores e os brasões dos antigos reinos amarantinos. Quando vivos, haviam sido rivais em disputas mesquinhas por terras. Na morte, eram um único exército. O sonho de Amarante finalmente se realizara, com séculos de atraso.

Brandindo sua lâmina astral, Hakim era capaz de ceifar aquelas almas amaldiçoadas. Os mortos amarantinos podiam revidar, mas a projeção astral dava a

Hakim mobilidade absoluta, enquanto os espíritos estavam confinados a seus próprios cadáveres esqueléticos. Flutuando em meio às linhas de frente — forçadas a recuar até a praça central, diante do Grande Templo —, procurava os pontos onde as defesas pareciam prestes a ruir, e descia em rasantes vertiginosos, golpeando os mortos em amplos arcos ascendentes.

Sentia uma breve resistência quando seu aço astral encontrava os espectros, mas o poder taumátúrgico fluía intenso para fendê-los. Desfaziam-se em um último rebrilhar branco e desapareciam como fiapos de fumaça luminosa. Junto a Hakim, Garad e outros dez perscrutadores combatiam em forma astral, aliviando a pressão incansável da investida inimiga. Ainda assim, perdiam terreno.

O esforço de guerra não dependia apenas dos soldados. Por mais que os Santos Cavaleiros e a Ordem do Zéfiro fossem treinados para manter os próprios equipamentos em bom estado, as cotas de malha e armaduras de placas eram limpas e remendadas por servos. As remontas da cavalaria eram mantidas em segurança por cavaleiros amarantinos, as armas de cerco eram transportadas e montadas com a ajuda dos mesmos. Mas não havia mais quem prestasse servidão a Var Khalad.

À visão do regresso de seus mortos, os amarantinos que serviam em Imrath abandonaram seus deveres e se voltaram contra o império. Conseguiram apanhar alguns guerreiros de surpresa, derrubando-os com facas simples, porretes e outras armas improvisadas, mas logo foram contidos. O verdadeiro estrago que causaram foi a desorganização geral das forças imperiais, acostumadas a depender de seu serviço.

Hakim via com clareza, agora, as falhas fatais em sua máquina de guerra, no projeto de domínio khaladino. Devia ter sido mais agressivos. Por mais que permitissem que os amarantinos se juntassem à guarnição da cidade, ou que entregassem seus filhos aos Santos Cavaleiros em troca de prata, eles eram vistos como estranhos, membros de outro povo. Ao pôr os reinos fundados por Amarante sob proteção imperial, em vez de anexá-los e assimilar sua cultura, Var Khalad segregara os que viriam a ser sua principal força de trabalho. Deviam ter tomado as terras amarantinas séculos atrás, logo após a Devastação, anexando-as ao império e permitido que seu povo fosse absorvido através do casamento.

Essas ideias ocorriam a Hakim ainda enquanto lutava, graças à fleuma taumátúrgica, o humor da mente e da contemplação. À medida que sua potência crescia, também a influência dos humores sobre os taumaturgos aumentava. As irmãs do Zéfiro se deleitavam na matança, rindo e dançando enquanto enfrentavam as lâminas enferrujadas dos mortos, exultando na carnificina até quando sucumbiam, esvaindo-se em quantidades assombrosas de sangue.

Os grão-arqueiros, tocados pela fleuma e pela bile negra, simplesmente abandonavam o combate, uns, quedando-se letárgicos, enquanto outros largavam

suas armas e caminhavam em direção à morte. Os línguas-de-fogo prosseguiram com suas litâneas de ódio, condenando à danação eterna os inimigos do Herdeiro do Sol, despejavam fogo santo para exterminar a horda morta-viva, encolerizavam-se a ponto de explodir, calcinando inimigos e aliados em gloriosas piras funerárias que incendiavam a cidade.

Hakim via tudo aquilo enquanto combatia, preso à frieza do próprio raciocínio. Assistia ao próprio império sucumbir, e sequer conseguia se desesperar. Calculava as perdas e as mortes com indiferença analítica, como um crítico avalia uma obra pela soma de suas partes. Através do véu astral, a estrela vermelha brilhava como se o observasse. Zombava de seu infortúnio.

Por um instante, pensou que os cavaleiros mortos haviam perdido o gosto pela luta. Sua investida arrefecera e suas linhas se dividiram, expondo-se perigosamente a um contra-ataque. Podia ser uma armadilha, uma simulação de vulnerabilidade para atrair o adversário e forçá-lo a cometer um erro fatal, mas não. As fileiras de mortos abriam-se para dar passagem a alguém. Cavalgava um corcel negro e portava um estandarte esfarrapado com uma cabeça de javali. O antigo brasão de Amarante

— Garad! — chamou Hakim. — Ao estandarte, agora!

Sem esperar resposta, avançou, cruzando o ar com a leveza da forma astral, concentrando sua taumaturgia, refinando-a em uma lâmina etérea. Os outros perscrutadores se juntaram a Hakim, descendo dos céus como portadores da punição divina. O porta-estandarte de cabelos longos não era um cadáver, mas fulgurava com uma energia espectral que reverberava através da hoste reanimada. O cavalariano se juntou à linha de frente e a ferocidade dos mortos redobrou-se. Avançaram numa cunha contras as defesas imperiais.

Hakim viu Victus e Liriel adiantarem-se para repelir o recém-chegado, que brandia o estandarte como uma lança ou alabarda. Viu o corcel negro girar a cabeça e escancarar mandíbulas impossíveis para abocanhar o pescoço da montaria de Victus, rasgando-lhe a jugular com dentes serrilhados e derrubando seu cavaleiro. Viu a lâmina rústica na ponta do estandarte impelida contra Liriel, que se esquivou com facilidade. Viu o turbilhão de sombras demoníacas eclodir da lâmina e encher o ar com gritos e fumaça ardente.

Só então compreendeu quem liderava o exército inimigo. Alguém que cruzara seu caminho por ironia do destino. Hakim desceu sobre o campo de batalha como um meteoro, pronto para dar fim àquele dia sombrio. Sentiu as vibrações a seu lado. Garad gritou de agonia, sua forma astral desestabilizou-se e desapareceu. Os outros perscrutadores sumiram da mesma forma. Seus corpos tinham sido atacados.

A um metro de seu alvo, a lâmina em riste, Hakim viu a face de Moira. O rosto que parecia cruzado por uma sombra, um olho azul e o outro branco, emoldurados por cabelos em brasa. Viu uma segunda face, um rosto por trás do rosto. A face de um cadáver ancião, de um general vingativo. Amarante encontrara um corpo vivo para possuir, ou Moira teria permitido de bom grado que ele a controlasse? Não importava, Hakim findaria ambos com um único golpe. Concentrou toda sua taumaturgia, consumindo a fleuma em suas veias. Lançou a réplica astral de Fendetreva em um corte perfeito, mas não completou o movimento. Dor preencheu sua mente em um instante súbito. A sensação repentina rompeu sua projeção. Hakim foi forçado a retornar ao próprio corpo.

Era uma lança. Uma coisa bruta, quase sem fio, apenas uma lasca pontiaguda de aço. Encontrara um caminho até seu abdome através de sua cota de malha. Aquilo não podia ter acontecido. Hakim pusera seus melhores homens para proteger a si mesmo e seus perscrutadores enquanto projetavam suas consciências. Encarou o brutamontes que o ferira. Uma face abrutalhada, estúpida, com diminutos olhos bovinos. Hakim sacou Fendetreva da bainha e rasgou a garganta do selvagem.

Cerca de vinte guerreiros bárbaros haviam se infiltrado no Grande Templo e aberto caminho até ele e seus taumaturgos. A guarda de honra, ou o que restava dela, lutava desesperadamente para impedi-los, mas os guerreiros tatuados furaram suas defesas, a custo das próprias vidas, para matar Garad e os outros perscrutadores. Hakim desvencilhou-se do brutamontes e partiu o cabo da lança alojada em suas entranhas. Viu o próprio sangue — e não água pura — banhando a arma malfeita. Concentrado na projeção astral, não fora capaz de realizar a conversão taumatúrgica.

A ferida tinha causado algum estrago, e a dor o impediria de projetar sua consciência novamente. Avançou contra os bárbaros restantes. Repeliu duas damas escudeiras ao balançar Fendetreva com força. A ponta afiada da espada arranhou seus escudos e ambas recuaram. Tendo assassinado a maioria dos taumaturgos perscrutadores, os malditos bárbaros bateram em retirada. Não tinham coragem de enfrentar Hakim, agora que estava de plena posse de seu corpo físico.

O capitão de sua guarda de honra correu para dentro do aposento trazendo Santos Cavaleiros vindos de sua força principal, como se pudessem dar-se ao luxo de dividir as tropas. Os cavaleiros rechaçaram os selvagens, impedindo-os de ferir o Deus-Rei novamente. Hakim queria ficar e trucidá-los, mas não tinha tempo para uma vingança mesquinha. Agarrou seu capitão pelo ombro e forçou-o a caminhar. Precisava juntar-se à batalha.

— Como deixaram que os bárbaros infiltrassem o Grande Templo? Sua incompetência pode ter nos custado a cidade, Marid! — Hakim não poupou o capitão da verdade.

— Eles vieram do subsolo, senhor! Das catacumbas! — O capitão parecia aterrorizado demais para se desculpar.

— Deviam ser centenas — esgarçou Hakim —, para atravessar as catacumbas guardadas por monjas do Zéfiro. Eram vinte selvagens. Você e seus cinquenta não foram capazes de dar conta de um número tão reduzido?

— Algo aconteceu às irmãs — Marid explicou. — Tive que mandar alguns homens ao mosteiro... Os refugiados...

— Quer me convencer de que a Ordem do Zéfiro precisou de auxílio contra amarantinos insurgentes? Não minta para mim, capitão.

— Insurgentes não, senhor. — Marid removeu o elmo revelando olhos assombrados. Enxugou o suor da testa, respirou fundo e prosseguiu. — Havia alguns doentes entre os desabrigados, algo terrível aconteceu a eles! As irmãs foram surpreendidas!

Hakim sabia o que viria quando Marid pediu que o seguisse. O capitão adentrou uma pequena sala de armas, reservada ao uso da guarda de honra. Havia um embrulho sujo e úmido enrolado sobre uma bancada, feito com uma tira de pano rasgada de uma capa. Marid o abriu e estendeu o conteúdo a Hakim.

A cabeça decepada de um monstro. Uma criatura no meio do caminho entre homem e abissal. As pupilas eram amarelas. Os dentes, afiados demais, perfuravam as gengivas azuladas da abominação. Escamas rodeavam a face, mas não a revestiam totalmente, brotavam da pele morena como erupções infecciosas. Membranas translúcidas brotavam atrás das orelhas, numa sugestão de guelras anfíbias.

— O que aconteceu com eles, meu senhor? — indagou Marid, incapaz de disfarçar o choro em sua voz.

— Azgol Sudraszj... — disse Hakim sem pensar, como se as palavras tivessem se insinuado sozinhas para fora de sua boca. Os sons da batalha do lado de fora do templo ficaram mais nítidos. O inimigo se aproximava. Hakim ficou grato pela distração.

Correram para os portões principais, deixando a cabeça abominável para trás. Os Santos Cavaleiros lideravam uma defesa desesperada, uma última tentativa de repelir a onda implacável de mortos-vivos. O maldito estandarte agitava-se na praça central, diante de um grande poço, coberto com madeira para impedir que bebessem da água contaminada pelos abissais.

Hakim desceu os degraus de espada na mão, gritando para que seus homens destruíssem a portadora do brasão de Amarante. Os cavaleiros impeliavam suas lanças contra Moira, mas eram bloqueados pelas hostes mortas-vivas, que defendiam sua mestra com escudos apodrecidos. Marid trouxe um garanhão de batalha a Hakim, que montou em um único salto, sentindo a mordida da lança em seu flanco.

Alcançou a praça a tempo de ver a lâmina retorcida do estandarte perfurar a armadura de Victus em uma estocada violenta. Havia sido derrubado de seu cavalo pela montaria monstruosa da necromante, e Moira fincou sua arma no peito do Lorde Comandante. Victus não gritou nem cedeu, brandiu sua espada contra Moira, tentando acertá-la com seu último fôlego. A selvagem repeliu o golpe e retalhou a face do cavaleiro moribundo. Buscou imediatamente o próximo alvo. Liriel jazia inconsciente no campo de batalha, derrubada pelos espíritos negros conjurados por Moira.

Algo estalou na mente de Hakim naquele instante, e seu peito pareceu comprimir-se, como se uma mão invisível tivesse agarrado seu coração. Ver a arconte indefesa daquele jeito, presa fácil para Moira e suas sombras malignas, encheu-o de pânico. Hakim estava acostumado a perder companheiros no campo de batalha, era o preço da guerra, o custo da proteção imperial. Mas a ideia de perder Liriel do mesmo modo era insuportável. De algum modo, ela era mais importante que todos os outros. Naquele instante Hakim percebeu que arriscaria tudo por ela, se fosse preciso.

Esporeou sua montaria com força desesperada. Os Santos Cavaleiros abriram caminho, treinados a ceder passagem à cavalgada do Deus-Rei. Não tinha lança ou escudo consigo, apenas Fendetreva, que nivelou contra a placa peitoral rústica que protegia a necromante. O aço enferrujado não seria capaz de resistir ao impacto. Ela baixava sua arma contra Liriel quando Hakim a alcançou. Puxou as rédeas com firmeza no instante final, para que seu cavalo empinasse. O puro-sangue demoníaco de Moira repetiu o movimento que executara para derrubar a montaria de Victus, mas dessa vez não encontrou o pescoço de sua presa, e sim um par de cascos com ferraduras grossas.

O golpe desorientou a fera, que se sacudiu furiosamente, e a lâmina maligna de Moira errou o alvo. Hakim impeliu a ponta assassina de Fendetreva contra a selvagem. O corcel negro se recuperou rápido demais e retorceu-se novamente em um bote silencioso, dilacerando a barriga exposta do cavalo de Hakim enquanto ainda empinava. O animal relinchou com pavor quase humano, enquanto suas tripas eram devoradas. O movimento súbito derrubou Moira da sela, e Hakim foi forçado a apeiar para não se expor às mandíbulas poderosas do cavalo negro.

Os Santos cavaleiros vieram em seu auxílio, com gritos de guerra pela glória do Deus-Rei de Var Khalad. Os cavaleiros espectrais responderam à altura, avançando para recebê-los com o silêncio do sepulcro. Hakim ainda tinha a vantagem, permanecia de pé enquanto a inimiga estava caída. Seus homens vinham protegê-lo das armas enferrujadas dos mortos, mas Hakim não os queria por perto.

— Salvem Liriel! — bradou enquanto golpeava os inimigos em arcos amplos, para rechaçá-los. — Levem a arconte daqui! Agora!

Os cavaleiros obedeceram, movendo-se em formação para proteger a arconte. Hakim sentiu-se como se uma enorme pressão fosse liberada de seu peito. Podia respirar, mover-se novamente. Podia lutar até a morte.

Ignorou os mortos-vivos que o acossavam, os golpes incansáveis cada vez mais próximos de romper as placas de sua armadura. Concentrou-se em Moira. Ergueu Fendetreva e baixou a lâmina como o martelo da condenação. Seu grito de guerra foi ecoado pelos Santos Cavaleiros, um novo destacamento avançara em seu auxílio. Então vieram os gritos de horror.

Hakim viu-se rodeado por uma massa funesta de espíritos sombrios. Já os conhecia, assim como eles pareciam conhecê-lo. Suas faces carbonizadas, parcialmente derretidas, o encaravam com um ódio capaz de transcender a vida. Suas vozes eram gritos horrendos, carregavam um desespero infeccioso, que acometeu seus cavaleiros. Da cacofonia pavorosa de seus guinchos emergiam sussurros acusadores.

*Esse é o fruto de sua obra. — Escarneciam, em meio às chamas.
Tantos mortos, tantos queimados por sua mão.
Agora deite-se na pira que acendeu.
Queime conosco!*

As sombras estavam certas, Imrath queimava. Var Khalad estava no limiar do colapso. Mas Hakim não permitiria. O Império do Sol era um símbolo de esperança, um bastião de segurança em uma terra de caos constante, a promessa de salvação da humanidade. Com todos os seus defeitos, ainda retinha essas qualidades. Podia ser consertado, melhorado. Mas antes, precisava ser salvo.

A ferida da lança em seu abdome ainda doía, impedindo que projetasse corretamente sua forma astral. Mas Hakim não precisava ir longe. Brandiu Fendetreva contra as sombras conjuradas por Moira e a lâmina atravessou suas formas incorpóreas, que dissolviam-se como fumaça negra, depois reconstituíam-se.

No meio do golpe semicircular, Hakim buscou a taumaturgia em suas veias, ativando a fleuma para projetar-se centímetros adiante. Lançou sua forma astral, carregada de poder latente, e viu Fendetreva estendida e rígida enquanto sua réplica etérea continuava o movimento, por uma fração de segundo. A dor da ferida de Hakim obrigou-o a retornar ao próprio corpo no instante seguinte, mas havia projetado o suficiente de seu poder para acossar as sombras com sua lâmina astral. Os espíritos enegrecidos pelo fogo recuaram, tendo provado uma dor nova em vez de apenas ecoar a dor ardente que tirara-lhes a vida.

Hakim viu mais que isso, porém. Viu a forma fantasmagórica que tinha suas mãos cravadas em Moira, como ganchos cruéis. O espírito vingativo que a energizava, que impelia suas hordas necromânticas contra Var Khalad. Se as

sombras retorcidas da necromante podiam ser feridas, o espírito de Amarante também podia. Hakim sibilou, a dor obrigara-o a retornar ao corpo físico, mas o golpe acertara. O turbilhão de espíritos retornou à lâmina que encimava o estandarte. Hakim viu o desespero de Moira, e sorriu por trás de sua máscara.

Capítulo 21

Moira se sentia estúpida. Ela devia ter percebido. As sombras de seu bando tentaram alertá-la, mas ela não percebera. Como podia? Naquele império maldito, máscaras eram tão abundantes quando a cor branca e o brilho do ouro. Mas ela devia ter enxergado a verdade. O guerreiro que encontrara no Monge Dançarino, que exibira poderes fantásticos e enfrentara uma abominação mascarada, não era apenas mais um taumaturgo. Por isso era tratado por todos com deferência, por isso cultistas e monstros tentavam assassiná-lo. A resposta era óbvia. Hakim era o Deus-Rei.

Moira lutara a seu lado, salvara sua vida. Pensava que fosse apenas mais um taumaturgo a serviço de Var Khalad, mas estava enganada. Hakim contratara os serviços de Dorrage Torgren, Hakim enviara Santos Cavaleiros e línguas-de-fogo junto ao bando de mercenários que arrasou seu assentamento. Graças a ele, sua família e amigos, seu bando, seus pais e sua irmã estavam mortos.

Ele era apenas um homem, Moira sabia. Vira-o sangrar em batalha, apesar de sua magia transformar o fluido escarlate em água cristalina. Mas ela também tinha visto sua aparição nos Ermos Cinzentos da morte, vestida em ouro e aço, a face oculta por uma máscara régia. Agora o via da mesma forma entre os vivos, sua chegada aclamada pelo exército imperial. Mesmo com a cidade em chamas e seus defensores forçados a recuar, os homens exaltavam seu deus. Moira o odiou por isso, mais do que por qualquer outra coisa.

Um chefe guerreiro era responsável pela sobrevivência de seu bando. Na Terra Arrasada, onde cada dia era incerto, vida e morte se apresentavam em cada escolha, cada decisão. Líderes eram destituídos ao menor sinal de fraqueza. Por isso os derrotados juntavam-se aos vitoriosos, seguindo aquele que se mostrasse mais apto a liderar. Para um povo que vivia em eterno confronto com a própria mortalidade, o posto de líder nunca era definitivo.

No entanto, lá estava ela, face a face com um homem que ousava se chamar de deus. Seu povo o aclamava por acreditar na mentira, talvez desejassem ser enganados. Diante de uma ameaça real, de um inimigo capaz de romper suas defesas, insistiam na ilusão. Cavaleiros e soldados cantavam louvores enquanto combatiam, e imploravam por sua salvação quando morriam. O Deus-Rei tirara tudo de Moira, e ela queria retribuir na mesma moeda. Não bastaria reduzir sua capital a cinzas, teria de tirar dele a adoração cega de seus súditos, revelar sua fraqueza diante do império.

— *Entregue-se a mim* — Amarante sussurrava, a voz tumular invadindo seus pensamentos. — *Dê-me o controle e farei esse impostor se dobrar a você!*

Moira não duvidava que o espectro fosse capaz, mas de nada serviria ver o Deus-Rei derrotado se, para isso, ela mesma tivesse que dobrar-se. Seria ela a única responsável pela derrocada do maldito deus mascarado, a provar ao mundo a sua humanidade.

O Deus-Rei era apenas um homem, mas era capaz de repelir as sombras inquietas. Moira não compreendia a taumaturgia imperial, só sabia que não era divina. Vira o fluido brilhoso que o intendente mor de Valash Hol injetava nas próprias veias para tornar-se capaz de detectar necromancia e lutar de igual para igual contra Istvan. O mesmo poder dava ao Deus-Rei a capacidade de repelir a necromancia.

Moira sentiu a dor do corte quando a enorme espada de Hakim atingiu suas sombras. Estava acostumada a sentir o calor das chamas, o cheiro da carne queimada e o ardor na própria pele, mas o golpe astral a sobressaltou. Mais do que isso, sentiu um novo terror surgir nos espíritos alquebrados de seu antigo bando. Em vez da vingança que tanto desejavam, haviam provado ainda mais tormento nas mãos do Deus-Rei de Var Khalad.

Com o recuo das sombras inquietas, os Santos Cavaleiros ao redor recobram a coragem e se lançaram novamente contra a hoste de regressados de Amarante. Diante da proeza do homem que chamavam de deus, atacaram com ferocidade, exaltando-o. Recuperaram o terreno conquistado pelos cavaleiros mortos-vivos com o avanço de Moira, equilibrando a batalha mais uma vez. Mas onde Hakim e Moira se enfrentavam, diante do enorme poço na praça central, a refrega cessara. O próprio tempo parecia correr devagar, e nem os vivos nem os regressados ousavam avançar no espaço aberto pelos golpes do Deus-Rei ou da Meio-Morta.

— Como uma bárbara dos clãs se tornou uma necromante? — Hakim perguntou. A voz soava abafada pela máscara dourada, uma face demoníaca com presas e língua bipartida. — E como ganhou tanto poder?

— Você não sabe nada sobre necromancia — Moira respondeu. — E nada sobre o meu povo!

Moira saltou sobre Hakim, girando o estandarte como uma alabarda, fazendo as tiras esfarrapadas da flâmula amarantina dançarem ao vento e baixando a lâmina contra o elmo coroadado. Hakim recuou um único passo e ergueu a própria arma, bloqueando o movimento com destreza.

— Sei que é uma arte blasfema — disse enquanto girava a espada para repelir Moira e tirar seu equilíbrio. — E sei que os bárbaros são selvagens e

traíçoeiros! — cessou o movimento giratório abruptamente e atacou, impelindo a espada adiante.

Moira era alta e forte, mas Hakim era maior e mais pesado, o movimento com a espada a obrigara a mudar empunhadura do estandarte, uma arma improvisada, sem um bom equilíbrio. Expôs-se ao contra-ataque. A espada de duas mãos do Deus-Rei seria capaz de trespassá-la sem esforço, mas Moira deixou-se cair para escapar. Apoiada no estandarte, emendou um chute rasteiro na esquiva. Acertou um joelho revestido de armadura.

Hakim inverteu a empunhadura da própria arma, fazendo a lâmina apontar para baixo, para Moira. Era preciso força e controle tremendos para girar uma espada tão grande, tão rapidamente. Rolou para longe enquanto a espada do Deus-Rei descia para perfurá-la. Hakim trouxe a lâmina para perto de si antes que a ponta afiada rachasse as pedras alvas da praça.

Moira aproveitou a oportunidade e ergueu-se, apoiada sobre um joelho enquanto girava a arma de haste longa. Acertou o inimigo no peito, mas a armadura de aço o protegia. O impacto fez Hakim recuar novamente, esforçando-se para manter o equilíbrio enquanto erguia a guarda, dobrando os cotovelos sobre o torso e mantendo a espada ereta.

— Somos filhos do Deus das Cinzas — rosnou Moira. — Não escondemos nossas intenções atrás de máscaras!

Golpeou de baixo para cima com a lâmina na ponta do estandarte. Hakim girou a espada para se defender. No instante em que o aço imperial encontrou o aço retorcido da espada, Moira libertou novamente suas sombras para acossar o Deus-Rei. Ele as repeliu, como da primeira vez, com um golpe brusco da espada, e Moira sentiu a dor do ferimento.

Mas a magia do Deus-Rei tinha suas limitações, e, ao afastar as sombras, ele se expôs, abrindo a guarda como se tivesse sido paralisado por um instante. Hakim tinha o poço da praça central atrás de si, e não poderia mais recuar. Moira girou o pulso e flexionou os braços para trás, recolhendo o estandarte e nivelando a espada em sua ponta contra o abdome do Deus-Rei, onde um pedaço rasgado de sua cota de malha expunha um ferimento anterior.

Estocou com toda a força dos braços, dobrando os joelhos para impulsionar o movimento. O instante de vulnerabilidade do inimigo cessara, entretanto, e Hakim girou o corpo para se proteger. A lâmina de Moira rachou a armadura brilhante do Deus-Rei, mas não o suficiente para tirar-lhe sangue. Ele caiu de costas, sobre a cobertura de madeira do poço atrás de si. Moira ergueu o estandarte e baixou sua lâmina contra Hakim, que levantou a própria espada. Ele era forte. Mesmo ferido, foi capaz de aparar o golpe e impedir Moira de cortá-lo.

— *Tão perto* — Amarante sibilou. — *A conquista se apresenta diante de você, mas você não é capaz de fazer o sacrifício necessário. Devia ter me deixado em minha tumba, garota.*

Moira gritou. Urrou de raiva. Baixou o estandarte novamente, como um martelo contra uma bigorna. Foi a vez de Hakim rolar para se afastar. O aço abriu um rombo na cobertura do poço, espalhando estilhaços de madeira e gotículas de água suja.

— Não vou me dobrar! — rugiu.

— Faça minhas as suas palavras! — Hakim retorquiu, emendando sua esquiva em um rodopio arriscado com a própria lâmina, com velocidade surpreendente para um homem ostentando armadura completa. A arma poderosa do Deus-Rei acertou em cheio o flanco de Moira.

A armadura enferrujada de Amarante recebeu o golpe brutal. Era uma coisa antiga e gasta, mas abrigava poder antigo. Um ribombar de energia afastou o aço antes que seu fio provasse sangue, e obrigou os combatentes a se afastarem para manter o equilíbrio. Moira trouxe o estandarte para perto de si, encurtando seu alcance em troca de golpes mais potentes. Avançou a passos rápidos para se aproveitar do desequilíbrio de Hakim e principiou uma série de estocadas violentas.

A lâmina larga do Deus-Rei era feita para combater oponentes a certa distância, e perdeu grande parte de sua ameaça quando Moira furou a guarda do inimigo, posicionando-se tão próxima a Hakim que ele não pôde repelir suas investidas. Mas o aço deformado de sua espada não era capaz de perfurar as placas sólidas da armadura, e em sua fúria Moira golpeou inutilmente o adversário. Uma, duas, três vezes o aço enegrecido de sua lâmina retiniu e resvalou nas placas curvas da armadura, mas a quarta estocada sucessiva encontrou a fenda na malha sob as placas. A ponta da lâmina aprofundou o ferimento mais antigo.

O Deus-Rei urrou de dor e raiva. Desferiu um golpe brutal com o pomo metálico da espada contra a cabeça de Moira, que se protegeu como pôde e acabou recebendo a pancada no ombro. O movimento derrubou-a aos pés do inimigo. Hakim repetiu uma manobra anterior, invertendo a empunhadura da espada e baixando-a contra o alvo.

Moira chutou-lhe o joelho com os dois pés antes que completasse o movimento, aproveitando o impulso para se afastar do ataque descendente. Movido pela raiva, Hakim não recolheu a espada, fincando o aço no calçamento da praça central.

Moira se reergueu enquanto Hakim arrancava sua espada do chão pedregoso. Manteve os joelhos flexionados e os pés afastados, ainda meio abaixada. Tinha aumentado o rombo na armadura do Deus-Rei, mas da ferida aberta na lateral

do abdome o sangue não jorrava. Água cristalina escorria em seu lugar. O clangor da batalha encheu seus ouvidos. Os Santos Cavaleiros estavam ganhando terreno.

— *Minha armadura!* — Amarante chiou em desespero. — *Está danificada!*

No flanco e no ombro, onde fora golpeada, as placas tinham se fendido, deixando escapar trilhas sinuosas de fumaça espectral. A energia necromântica arrefecia lentamente, enfraquecendo seu regimento de regressados.

— *Dê-me o controle, ou sucumbiremos!* — exigiu o espectro. — *Meu poder precisa ser canalizado, ou se perderá!*

Moira saltou sobre Hakim. Nivelou seu aço contra a máscara dourada. Duvidava que a taumaturgia impediria seu rosto de sangrar, se fosse cortado ao meio. Apesar da armadura pesada, ele se esquivou, girando para o lado. Mas o movimento foi desajeitado, impedindo-o de contra-atacar. Moira aterrissou junto ao poço, quase acertando sua borda. Podia ver a água imunda sob a cobertura de madeira estilhaçada.

Girou o estandarte como um bastão, e o tecido esfarrapado cobriu-a como uma capa, enquanto o cabo golpeou novamente o joelho de Hakim. Finalmente ele cedeu. A armadura de placas era uma proteção sólida, mas Moira sabia que, se golpeasse várias vezes o mesmo ponto, eventualmente o machucaria. Hakim fraquejou antes de levantar e Moira girou o estandarte novamente, dessa vez para um golpe vertical. Baixou a lâmina com força contra o elmo coroadado.

— Morra, falso deus!

A fraqueza era uma finta. Hakim tinha força o suficiente para levantar e avançou contra Moira. Com uma mão, protegeu-se do ataque, agarrando o cabo do estandarte, logo abaixo da espada fixada ao topo. Com a outra, impeliu a própria espada, acertando em cheio a armadura de Amarante. O metal enferrujado protegeu Moira novamente, mas a metade inferior da placa peitoral foi estilhaçada. Os fragmentos tilintaram ao cair.

— Não me fale de divindade, necromante — Hakim vociferou. — Se soubesse o que sei, nunca mais pensaria em deuses novamente!

— Sei que você é um assassino e um tirano — disse Moira, com braço sobre o tórax, curvada de dor. — Sei que é apenas um homem por trás dessa máscara!

Hakim ainda segurava o estandarte, e puxou-o para si. Moira tentou resistir, mas a dor a enfraquecia. Chamou por suas sombras, para que a cobrissem com sua mortalha. Não vieram. Estavam feridas, acuadas, aterrorizadas. O Deus-Rei jogou o artefato contra o chão, pisando sobre o brasão de Amarante com suas grevas metálicas.

— Assassino? — Hakim indagou. — Como pode me acusar de assassinato, se você é responsável pelo massacre de meus homens? Eles têm famílias, esposas e maridos, pais e filhos! Você, seus selvagens e seus mortos trouxeram a ruína a

Imrath! — Ele aproximou-se lentamente, envolvendo com sua manopla o pescoço de Moira num aperto firme. — Como ousa me acusar de tirania? Eu, que passei a vida enfrentando os horrores abissais que inundariam Noltora com sua prole venenosa? Quem lhe deu essa autoridade?

— Você mesmo — desafiou Moira, encarando os olhos por trás da máscara. — Quando me tirou todos os que eu amava. Queimados por seus taumaturgos, condenados ao sofrimento eterno. Eu morri com eles e renasci como instrumento de vingança. Uma arma que você mesmo forjou!

— *Sim, finalmente* — sussurrou o espectro na mente de Moira. — *Finalmente você entende.*

Ela não tinha escolha. Entregou-se ao espírito antigo antes que seu poder se dissipasse. Antes canalizado através das relíquias, o poder necromântico de Amarante agora a preenchia por completo, sem intermediação. A promessa antiga de vingança, a esperança de libertação de um povo e a lealdade imortal de seus cavaleiros a inundaram. Moira foi varrida para longe da própria mente, para os recônditos insondáveis de si mesma.

Capítulo 22

Hakim a tinha onde queria. Subjugada, destituída da fonte de seu poder. Não podia deixar de se impressionar com a capacidade de Moira. Tivera uma amostra de sua força intensa ao lutarem contra Rasser no Monge Dançarino. Ela o salvara então, por não reconhecê-lo como inimigo. Ele, por sua vez, deixara-a partir sabendo que era uma inimiga do império, subestimando-a. Não cometeria o mesmo erro outra vez.

Queria um golpe limpo, uma morte rápida. Sentia que devia isso a ela. Não foi sua intenção condená-la à solidão e tirar sua família, mas aquele era o preço por manter os necromantes afastados. Solúmbria precisava ser constantemente desestabilizada por ataques mercenários, ao custo de vidas inocentes. Um preço mais do que justo, a julgar pela destruição que os mortos-vivos de Moira tinham causado a Imrath. Nivelou a ponta de Fendetreva contra o coração da necromante. Não sentia prazer no ato. Não sentia nada, talvez uma ponta de pesar.

Algo empurrou-o para longe. Moira segurou o aço com as próprias mãos, desvencilhando-se de Hakim com um golpe brusco. A mesma chama esbranquiçada que emanava de seus cavaleiros mortos-vivos a envolveu como uma pira espectral.

— O deus de Var Khalad é apenas um garoto — disse a necromante, mas a voz em sua garganta não era mais de Moira. Trazia uma cadência arrastada, e era grave como um eco tumular. — Incapaz de proteger seu povo.

Hakim avançou, sem dar ouvidos à provocação. Trouxe Fendetreva em um corte lateral contra o pescoço de Moira, mas ela se moveu rápido demais, abaixando-se e avançando, e furou sua guarda. Encarou-o com seu olho branco e sem vida. Não havia nada refletido naquele olhar.

— Você é Hakim Ur-Hazred — disse a voz de Amarante no corpo da garota. — Um impostor. — Com uma mão, ela agarrou-lhe o braço direito e apertou. O aço da armadura se comprimiu, esmagando a carne que devia proteger. — Onde está o Deus-Rei que me derrotou? Que roubou minhas terras para fundar seu império de mentiras?

— Morto! — Hakim gritou. — Como você devia estar!

Girou para escapar da força impossível do espectro, mas ele o encurralou, pondo-o de costas para o poço. Era rápido demais. Com um safanão, arrancou a Máscara Colérica da face de Hakim.

— Como eu disse, você é só um garoto. Um impostor.

— Não. Eu sou Hakim Ur-Hazred, Sucessor do Deus-Rei!

A fleuma corria forte em suas veias, e Hakim recorreu a ela uma última vez. O sangue voltou a escorrer do ferimento em seu abdome, obrigando-o a retornar ao corpo físico, mas Hakim resistiu por um segundo. Sob o risco de ficar preso em forma astral, manteve-se alheio à urgência da dor. Perscrutando o véu podia ver, sobreposta ao corpo de Moira, a forma altiva do espectro que a dominava. Amarante alterava o ar ao seu redor com emanções etéreas, carregado de poder antigo.

Hakim concentrou sua taumaturgia. Não sabia por que seu poder crescera tanto, mas parecia aumentar a cada ritual que impedia nas catacumbas. Após a morte de Rasser, todos os taumaturgos aumentaram em poder de modo assombroso. Suspeitava que a estrela vermelha fosse a razão. Mesmo agora, o astro maligno parecia observá-lo, divertindo-se com seu embate contra o espectro. Hakim impeliu sua lâmina astral contra o morto-vivo, sentindo a potência de sua magia encontrar uma oposição à altura. Trespassei o espectro com toda sua energia, sentindo sua própria projeção se desvanecer no vazio.

Amarante gritou, e a reverberação fez-se sentir através de cada morto-vivo de seu regimento maldito, que dobravam-se como se tivessem caído vítimas da mesma lâmina.

O golpe de Hakim rompeu sua forma espectral. O general imponente degenerou-se em uma carcaça velha e quebradiça, como se o peso das eras finalmente desabasse sobre o espectro. O próprio ar pareceu convergir em um redemoinho sobre o morto, fustigando-lhe com a poeira do tempo. Moira recebeu parte do impacto, presa como estava ao espírito ancião.

Hakim voltou a si quando a dor já era insuportável. A ferida na lateral da barriga não era mais um simples ferimento de lança, mas um corte profundo, graças à espada retorcida da necromante. Moira recobrou a consciência, arfando como se emergisse de um mergulho. Livre do domínio de Amarante, a jovem bárbara encarou-o. Hakim se viu refletido em seus olhos claros. Primeiro, viu gratidão. Mas talvez tenha apenas imaginado, pois logo o ódio retornou a preencher aquele olhar. Com um grito áspero e seco ela o empurrou.

Não era o golpe calculado de um duelista, apenas a erupção violenta da fúria vingativa daquela mulher. Hakim já havia suportado ferimentos demais, empregado taumaturgia em excesso, não tinha mais condições de lutar. Não foi capaz de deter o impacto, e caiu sobre a borda do poço. No instante seguinte, a cobertura de madeira, fragilizada pelos golpes de Moira, ruiu sob o peso de sua armadura.

Hakim afundou.

A água turva penetrou pelas fendas na armadura, encharcou o couro e o algodão que vestia sob as placas e a cota de malha. O aço que o envolvia o puxava para baixo com força inexorável. Tentou nadar, mas mover-se era impossível. Sua

armadura se convertera em um sarcófago metálico, enviando-o às profundezas. O sol brilhava na superfície, e na água iluminada Hakim podia ver a miríade de criaturas nocivas que nadavam ao seu redor. Pequenos horrores de muitas patas articuladas e moluscos de cores iridescentes, envenenando a água com suas secreções. Quando afundou até onde a luz não alcançava, sentiu-se grato por não poder mais enxergá-los.

Não sentiu medo, nem mesmo o medo claustrofóbico de afundar em um poço escuro. Apesar de todos seus fracassos, tinha impedido que Imrath se perdesse por completo. Enfrentara abissais, hereges e mortos-vivos e os derrotara. Solto o ar em sopros curtos, que ascendiam em bolhas velozes. Logo os pulmões arderiam, obrigando-o a sorver a água numa tentativa desesperada de preenchê-los. Hakim sabia que seu corpo acabaria nos reservatórios d'água em meio às catacumbas. Firmou a mão na empunhadura da espada. Seria sepultado como um guerreiro.

Na escuridão, algo o agarrou. O medo que mantinha sob controle finalmente despertou. Tentou se desvencilhar, mas continuava imobilizado pelo peso da armadura. Golpeou lentamente com a espada, mas, o que quer que fosse, simplesmente deslizou para evitar a arma. Seu aperto era delicado. Hakim sentiu mãos delgadas percorrendo as placas de sua armadura, soltando as amarras e fivelas que a prendiam ao corpo. O ar já lhe faltava, talvez fosse só uma alucinação uma mente sufocada.

Teve certeza de que estava delirando quando sentiu lábios finos pressionarem-se contra sua boca. Um sopro de ar encheu seus pulmões, aliviando a horrível sensação de ardência. As mesmas mãos delicadas o envolveram pela cintura, encorajando-o a retribuir o gesto. Hakim manteve Fendetreva firme em seu aperto, mas ergueu o braço esquerdo, livre das placas pesadas, para agarrar-se ao dono daquelas mãos. Sem a manopla, sentiu a textura delicada de pequenas escamas e a sugestão óssea de costelas delgadas sob elas.

Os lábios o procuraram novamente. Hakim não resistiu. Um novo sopro revitalizou seus pulmões. Deixou-se carregar pelas águas escuras, impelido pelo agitar sinuoso de uma cauda. Os sopros de ar o acalmavam, mas não eram capazes de mantê-lo respirando. O tempo parou de fazer sentido na imensidão profunda, e Hakim deixou sua consciência esvair-se.

Acordou em um sobressalto, sentindo uma pressão sobre o peito. Sentia-se parte da água, tomado por ela, seu corpo uma fortaleza invadida e dominada. Dobrou-se para pôr o líquido para fora, tossindo e arfando, os pulmões incendiados. O ar que os preencheu era estagnado e malcheiroso, mas Hakim o abençoou mesmo assim. Em seguida, vomitou. O odor não era um simples mau cheiro, era algo pungente, vil. Um cheiro de morte tão opressivo que varreu de sua mente todos os

pensamentos. Ao inalar aquele miasma, Hakim sentia-se como se toda a vida existisse apenas para um dia se decompor e exalar aquela imperiosa podridão.

Podia ver novamente. Uma luz cambiante, de matizes estranhos, desafiava a escuridão opressiva. Estava sentado sobre solo pedregoso e irregular. Basalto. Uma enorme caverna negra em algum ponto sob Imrath, sob as catacumbas. Diante de si, uma praia subterrânea. Um lago, plácido e aparentemente sem fim. Zith estava com ele, ainda mergulhada no lago salgado.

— O senhor me salvou — disse a abissal. Parecia recuperada, as escamas rebrilhando contra a parca iluminação subterrânea. — Não podia deixar que perecesse daquela maneira.

— Obrigado, Zith. — Hakim esforçou-se para falar enquanto se acostumava ao novo ambiente. — Eu derrotei Gorazesh, impedi que seu povo tomasse a cidade. Mesmo assim, você escolheu me ajudar. Eu, que matei tantos abissais com a magia que os homens roubaram.

— Algumas coisas precisam morrer — disse Zith, afastando-se lentamente, nadando de costas enquanto encarava Hakim com seus olhos dourados, tão humanos —, para que outras possam crescer.

— Espere! — Hakim suplicou. — Que lugar é esse?

— É seu destino, meu senhor. Foi uma honra poder guiá-lo até ele — respondeu, então desapareceu na escuridão. Sua despedida foi apenas o som das águas se agitando enquanto mergulhava.

Levantou com dificuldade, Apoiando-se em Fendetreva. Vestia calças de algodão e cota de malha. Da armadura, apenas a manopla direita permanecia, agarrada ao cabo da espada. Rachaduras minúsculas no teto da caverna deixavam que uma iluminação bruxuleante atravessasse, mas havia algo estendido diante da luz. Enormes asas membranosas, diáfanas como as de um inseto, filtravam a parca iluminação em tons doentios, semelhantes às luzes mutantes que aguardavam além dos véus da percepção. As cores nas asas grotescas evocavam o balé colorido dos Céus Exteriores.

Estendidas como as velas de um gigantesco navio, as asas prendiam-se às estalactites no teto da caverna e desciam até a fonte do odor opressivo de decomposição que golpeará os sentidos de Hakim. Ele já vira aquela forma antes, em seus sonhos. O cadáver estendido de uma criatura marinha imensa, em variados estágios de decomposição. Podia ver os ossos projetando-se em ângulos confusos a partir da carne apodrecida, que ia de um rosado doentio ao roxo intenso de sangue coagulado, passando pelo carmesim de fibras musculares expostas.

Pequenas criaturas banquetavam-se da carne do horror marinho. Crustáceos diminutos e lesmas multicoloridas, idênticos aos que poluíam as fontes d'água de Imrath, apanhavam pequenos nacos da carne decomposta e os transportavam para

longe. Trabalhavam em conjunto, com o afinho e a diligência de um formigueiro. As criaturas eram diferentes entre si, de todas as formas e tamanhos, mas agiam em coordenação espantosa, trabalhando incessantemente sobre aquele horror pútrido.

Hakim nunca vira uma besta como aquela, se é que era realmente um animal. As asas brotavam do que parecia ser o dorso da criatura, como uma membrana estendida sobre membros musculosos. Podiam ser tanto nadadeiras quanto asas reais, pelo tamanho e envergadura. Talvez fossem um misto de ambos. Os pequenos crustáceos percorriam a estrutura membranosa, tecendo fios escarlates. Tentavam envolver todo o imenso cadáver com aquela estranha teia viscosa.

Algo picou sua pele. Estapeou a coxa, instintivamente. A mão retornou suja com os restos de uma daquelas criaturas diminutas. Subiam por suas pernas, mordiscando o tecido das calças, escalando a cota de malha, em direção à ferida aberta por Moira. Sacudiu-se, enojado. Estava fraco, ferido, perdendo sangue. Desequilíbrio-se e caiu, escorregando para o fundo de uma depressão côncava na rocha basáltica da caverna. Feriu o joelho em pequenas estalagmites afiadas, que se projetavam em fileiras, percorrendo o diâmetro da depressão.

Os pontos onde fora mordido ficaram dormentes, e logo Hakim não conseguia mais sentir se havia outros daqueles crustáceos subindo por suas pernas. Da borda da cratera onde caíra, teve uma visão ainda mais próxima da criatura morta. Tinha múltiplos membros, patas alongadas e poderosas que se assemelhavam a de um animal terrestre.

Com os olhos próximos ao chão, observou as pequenas criaturas marinhas que enxameavam sobre o cadáver. Moviam-se em fileiras organizadas, em direção ao fundo da caverna. Foi acompanhando seus movimentos que Hakim viu os outros corpos. Ao longe, próximo de uma abertura no teto que deixava a luz bruxuleante entrar, havia uma pilha de cadáveres, corpos de humanos e abissais.

A maioria era apenas ossos. Toda a carne tinha sido devorada pelos pequenos invertebrados, mas alguns pareciam recém-abatidos. Vestiam mantos clericais, alguns brancos, outros negros com runas douradas. Eram os cultistas de Rasser e seus sacrifícios rituais. Tinham sido lançados para dentro do sarcófago de pedra com a efígie do Deus-Rei, e lá estavam seus restos. Hakim compreendeu onde estava, exatamente abaixo da câmara mortuária do Antecessor. O sarcófago escondia a passagem para aquele abismo. Mas não entendia o que a hedionda criatura morta significava.

Estudou com cuidado o cadáver monstruoso, enquanto tentava escalar a depressão em que estava caído. As bordas da cratera eram muito lisas, e seu flanco ferido sangrava, roubando-lhe as forças. Entre as fibras musculares avermelhadas daquele horror apodrecido, reconheceu algo familiar. Formações carmesins rígidas, como corais. Pareciam brotar da carne em decomposição. A luz bruxuleante

rebrilhou sobre algo que a refletiu. Olhos dourados o encaravam. O cadáver mutilado de Gorazesh jazia em meio às entranhas da criatura, a enorme cabeça denteada do sacerdote abissal projetava-se para fora de um emaranhado de tendões e músculos escarlates. Seis olhos mortos contemplavam o vazio.

Hakim sentiu outra mordida, dessa vez na base do pescoço, e mais uma, no braço. Girou loucamente, tentando expulsar os crustáceos que subiam por sua pele com múltiplas patas, afiadas como agulhas. Ao erguer o braço para estapear uma das criaturas, sentiu um puxão. Algo o prendia pelo pulso da espada. Um tentáculo vermelho, longo e sinuoso. Hakim gritou. Tentou usar Fendetreva para se libertar, mas o braço já estava entorpecido pela mordida. Buscou a fonte daquele apêndice grotesco. O tentáculo tinha vindo do corpo parcialmente decomposto da criatura alada.

Só então percebeu que o enxame de vermes e crustáceos não estava se alimentando daquela abominação. Estavam construindo-a. Os pedaços de carne e matéria orgânica em suas pinças e quelíceras vinham dos cadáveres de homens e abissais atirados ao sarcófago vazio. Eram adicionados à massa pútrida que recobria aquele ser monstruoso.

Os vermes e lesmas, que se arrastavam preguiçosamente sobre o corpanzil hediondo, vertiam seus fluídos acídicos para fundir a carne podre em uma forma coesa. Os pequenos crustáceos teciam as fibras avermelhadas para reter sua estrutura hedionda.

Hakim se virou, tomado pelo medo. Fugiria de volta à praia subterrânea, afundaria novamente nas águas escuras para encontrar seu fim sufocante. Qualquer coisa era melhor do que presenciar aquele nascimento profano. Mas não conseguiu se mover.

Havia outro tentáculo enredando-o, dessa vez em sua perna. Caiu na estranha cratera ovalada novamente, ferindo as mãos outra vez na fileira de estalagmites pontiagudas. Mas elas não pareciam feitas de pedra, e sim de osso. Eram dentes afiados. Presas fossilizadas no basalto. Ergueu a vista para encontrar nas paredes da cratera a sugestão circular de olhos e narinas. Sentiu novas mordidas por todo o corpo, e sentiu o puxão dos tentáculos arrastando-o para cima, mas não se importou. Não estava em um buraco na rocha. Estava no interior de um crânio imenso.

No interior de Azgol Sudraszj.

Gritar não seria o suficiente. Debater-se seria inútil. Hakim estava sendo lentamente arrastado para as entranhas de um deus. Um deus de verdade, não a farsa que governava Var Khalad. Uma criatura dotada de magia antiga, a verdadeira fonte da taumaturgia imperial. Os rituais descritos nos pergaminhos falavam de

aplaçar uma força, dominá-la, como Rasser dissera. Hakim interrompera os ritos profanos, e assim acelerara a reconstrução daquele ser hediondo.

Por isso sua taumaturgia se tornara tão poderosa, era o poder de Azgol Sudraszj que ressurgia, crescendo lentamente na escuridão. O horrendo deus abissal se manifestava através da taumaturgia, e sem os rituais de sacrifício, seu poder aumentava exponencialmente, fora de controle.

Hakim sentiu a carne gelatinosa envolver seus pés enquanto era tragado. Já podia ver claramente o corpo escamado de Gorazesh integrando a massa pútrida que compunha o horrendo deus. Ele se gabara de ser a fração mais poderosa de Azgol Sudraszj, mas só agora Hakim entendia o que aquilo significava.

Lembrou-se das palavras de Zith, que o arrastara até ali. Algumas coisas precisam morrer, para que outras possam crescer. Devia odiá-la, ou enlouquecer de pavor enquanto o cadáver divino tentava assimilá-lo, mas Hakim se mantinha estranhamente calmo.

Fleuma taumatúrgica. As picadas dos pequenos artrópodes por todo seu corpo haviam injetado o humor arcano em suas veias em doses abundantes. Por isso se tornara complacente, em vez de sucumbir ao terror. A taumaturgia vinha de Azgol Sudraszj, afinal. Era apenas lógico que aqueles minúsculos servos pudessem carregar os fluidos místicos que corriam nas veias do Deus-Rei.

De certo modo, aquilo era ainda mais cruel. Azgol Sudraszj queria que Hakim entendesse o que lhe acontecia enquanto era absorvido, e queria que usasse a fleuma em suas veias. Talvez o uso contínuo da magia acelerasse o processo de formação daquele corpo monstruoso. Hakim obedeceu mesmo assim. Projetou sua percepção para longe daquele tormento. Ao menos assim podia se afastar daquele horror.

Tão logo sua consciência deixou seu corpo, Hakim caiu no vazio.

Não tinha controle sobre a projeção. Foi lançado à escuridão cinzenta dos campos da morte, e atravessou o próximo véu, em direção aos Céus Exteriores. As luzes cambiantes feriam a visão com sua distorção perpétua. A estrela vermelha brilhava no centro de tudo.

A própria estrela era, na verdade, uma projeção astral. A consciência desperta de Azgol Sudraszj, divorciada de seu corpo, que ainda crescia e se desenvolvia naquela gênese podre abaixo de Imrath. Azgol Sudraszj assumiu o controle da percepção de Hakim e obrigou-o a ver. Não precisava de linguagem para ser entendido. A mera ideia de comunicar-se pela fala estava muito abaixo daquela entidade, vasta e inescrutável. Quando queria que Hakim soubesse de algo, incutia essa compreensão diretamente em seu cérebro, como um pensamento intrusivo.

Hakim foi lançado no abismo das eras, para além da dança multicolor dos Céus Exteriores. Caiu eternamente através de espaços sem fim, uma imensidão vazia e glacial, pontilhada por estertores multicoloridos. Sentiu-se cair por uma eternidade, forçado a lidar com a vastidão do universo. Noltora era um cisco distante, um grão de poeira iluminado por um sol dourado, que logo tornou-se ele próprio um grão de pó, em meio a uma grande nuvem. Poeira estelar e espaços vazios. Era tudo o que existia além dos Céus Exteriores. Mas nessa imensidão solitária, Azgol Sudraszj revelou-lhe seu passado.

Hakim viu Azgol Sudraszj e seus irmãos. Seres insondáveis, acima de homens e de deuses. Filhos da energia pura da criação, singrando o infinito como enguias em um lago, banhando-se na luz dos astros. Vagavam pelo vazio escuro e gélido entre as estrelas, alimentando-se de sua energia luminosa, sem nada em toda a existência que os igualasse. Formavam um grupo familiar, e dessa familiaridade nasceu o desprezo.

Viu-os odiar uns aos outros, travando guerras que duravam por eternidades. Divindades infinitas e disformes, que apesar de sua perfeição encontravam umas nas outras motivos para aviltar-se. Esses deuses de pesadelo testavam suas forças com frequência uns contra os outros, e no fim acabavam consumindo-se mutuamente. Hakim viu Azgol Sudraszj ansiar por mais.

Sentiu sua fome, um vazio aterrador que a tudo consumia, uma ânsia incapaz de ser preenchida. Não a fome pela energia estelar, isso tinha em abundância. Azgol Sudraszj queria algo mais para si e sua espécie. Um propósito para sua infinitude, um foco para seu vasto poder.

A Azgol Sudraszj juntou-se outra, uma irmã e uma amante, que era definida por outra sensação, uma rebeldia primordial, uma necessidade de insurgir-se contra a ordem insensata imposta por seus irmãos e irmãs. Os dois singraram juntos o infinito, procurando uma resposta para seus desejos impossíveis. Juntos, encontraram Noltora.

Uma esfera insignificante, girando sem rumo no caos. Desceram sobre ela, sobre a terra onde encontraram seres infelizes, limitados pela sua incompletude: humanos. Azgol Sudraszj quis erradicá-los, consumi-los, para que enfim fizessem parte de algo verdadeiro. Seria sua única salvação. Sua parceira, entretanto, quis elevá-los. Uma noção ridícula. Como criaturas tão pequenas, tão frágeis, tão impotentes, poderiam se erguer a algo além de sua mortalidade?

Através da magia. Ela os dotou de prodígios fantásticos, e Azgol Sudraszj odiou-a por isso. Por essa discordância, os dois guerrearam, como faziam os irmãos que tanto desprezavam, feriram-se até arrasarem-se mutuamente. Mas Azgol Sudraszj ainda tinha sua fome, e não era capaz de negá-la, mesmo após eras de conflito terem-no deteriorado. Dissipou o restante de sua essência naquele mundo

desprezível, imiscuindo sua fome em cada forma de vida que rastejava, nadava ou voava sobre a face de Noltora.

Os abissais foram os primeiros a reconhecê-lo, e Azgol Sudraszj fez deles seus mensageiros. Mas os humanos tinham as bênçãos de dois deuses: rebeldia e ambição. Não descansaram até dominar todo o continente onde viviam. Voltaram-se contra si mesmos, dividindo-se em tribos e nações, e eternizaram a guerra em seu mundo. Queimaram a essência daquela que lhes abençoara com a magia pura, sugaram o poder divino até a última gota, liberando a Devastação sobre o continente e reduzindo seu mundo ao caos.

Azgol Sudraszj sentiu a perda de sua parceira, mesmo que já fossem inimigos mortais há milênios. Sentiu também a dor de perder milhares de suas crias abissais, dizimados pela Devastação que os humanos impuseram sobre Noltora. Mesmo um deus podia sofrer, e mesmo um deus podia ser enfraquecido por um cataclismo mágico tão terrível.

Foi então que os homens roubaram seus segredos. Traíçoeiros e indignos, deturparam até mesmo a essência do divino, empregando-a para seus próprios desejos vis. Arditos e calculistas, os humanos da ilha perdida de Uru hatham divisaram formas através das quais manter Azgol Sudraszj dormente, com rituais e sacrifícios.

Mas finalmente, graças a Hakim, os ritos cessaram, e a consciência fulgurante de Azgol Sudraszj despertou. Não havia mais como forçá-lo ao torpor. Azgol Sudraszj salvaria aquele mundo arruinado ao consumi-lo por inteiro, para que finalmente fizesse parte de sua pureza.

Por toda sua vida, Hakim lutara em nome de um ideal singular: unir a humanidade sob uma única bandeira. Assumira o manto de Deus-Rei por acreditar que um império poderoso seria o melhor caminho para essa união. Enquanto Var Khalad permanecesse, mesmo que o próprio Hakim sucumbisse, outros poderiam assumir seu posto, continuar a lutar em nome daquele ideal.

A morte, portanto, nunca fora fonte de preocupação para Hakim. Ele deixaria um legado, algo muito mais importante que qualquer vida mortal. Mas apenas ele conhecia Azgol Sudraszj, apenas ele testemunhara o horror de sua fome.

O deus alienígena era essência dos verdadeiros temores de Hakim. Uma força implacável, dedicada a erradicar a raça humana. Ele não podia se entregar, não agora. Deixara-se afundar na escuridão do poço pois tinha derrotado Moira, rompido a conexão da necromante com o espectro que alimentava seu poder. O exército dos mortos fora vencido, e Hakim ousara acreditar que Imrath estaria segura mais uma vez. Mas agora sabia que a paz nunca chegaria. Não enquanto Azgol Sudraszj exercesse sua influência insidiosa sobre Noltora.

Cessou a projeção astral. Precisou de muito esforço, pois o deus ancião queria mantê-lo fora do próprio corpo. Mas a taumaturgia, embora emanasse da divindade abissal, ainda pertencia aos homens, e estava muito mais poderosa, graças ao próprio Azgol Sudraszj.

De volta ao plano físico, Hakim debateu-se contra as amarras que o prendiam. Já estava imerso da cintura para baixo na carne pútrida da criatura que abrigaria a consciência maligna de Azgol Sudraszj. Debateu-se desesperadamente, alcançando o solo basáltico com as mãos machucadas, ferindo-as ainda mais contra as pedras escuras.

O uso da fleuma em suas veias diminuiu a dormência em seus membros. Hakim conseguia se mover novamente, com algum esforço. Arrastou-se lentamente para fora do amálgama avermelhado que compunha a besta, rompendo as fibras que o mantinham imobilizado. Ainda tinha Fendetreva em punho, e, com uma força vinda da loucura, decepou o tentáculo sinuoso que prendia seu punho direito. Não se deixaria dominar.

Com cortes rápidos, livrou-se dos outros apêndices que o enredavam. Quis continuar cortando, mas sabia que não adiantaria. Sua taumaturgia havia acelerado o desenvolvimento da monstruosidade, que inchava e crescia a olhos vistos, assomando-se sobre Hakim. A massa de carne pútrida deformava-se para avançar sobre o terreno rochoso, e a miríade de moluscos e artrópodes que a serviam avançava em conjunto, como um enxame caçador. Novos tentáculos emergiam do cadáver, atirando-se contra Hakim, como línguas pegajosas, tentando capturá-lo.

Em seu desespero, Hakim alcançou a luz bruxuleante que vinha de cima, das catacumbas. Tochas acesas, lançando o brilho de chamas incertas através das rachaduras no teto da caverna e da abertura do sarcófago de mármore. A pilha de cadáveres serviu de escada, que escalou desesperado, enquanto a forma protoplásmica de Azgol Sudraszj e seu enxame invertebrado avançavam em sua direção.

O corpo semidecomposto não caminhava, mas arrastava-se lentamente, como um molusco, escorria sobre a própria podridão, sem olhos ou órgãos sensoriais visíveis. A criatura absorvia os corpos a medida em que Hakim os deixava para trás. Rezou para que o processo de assimilação a atrasasse. Escalou as paredes lisas do fosso vertical, forçando as costas e os pés.

Escorregou mais de uma vez, mas sempre que sentia-se cair, forçava as costas contra uma parede e estendia as pernas contra a parede oposta, forçando a musculatura ao extremo. Assim, ascendia aos poucos aquele poço retangular. Sentiu algo romper-se em sua coxa e a ferida no flanco esvair-se em sangue, mas prosseguiu. Não se entregaria àquele horror enquanto pudesse se mover. Não era questão de coragem, mas de medo abjeto.

Emergiu na câmara mortuária, para surpresa das Irmãs do Zéfiro que guardavam o local. Sequer se lembrou de mostrar-lhes o sinete imperial ou saudá-las com sua frase pessoal. Elas já haviam visto sua face uma vez, deviam lembrar-se dela para seu próprio bem. Apenas ordenou que o amparassem, e a autoridade em sua voz não lhes deixou dúvidas.

Algo retorceu-se contra seu ferimento, beliscando-o. Investigou-o com as próprias mãos, forçando os dedos pela ferida, explorando a fonte daquela sensação terrível. Apanhou um crustáceo sinuoso, de patas ágeis, que insistia em escavar sua carne. Fechou o punho sobre sua casca quitinosa e a criatura estourou com um som desagradável, sujando-o com o conteúdo viscoso de suas entranhas. Ouvia o enxame logo abaixo, trabalhando em sua obra blasfema. Azgol Sudraszj crescia em ritmo acelerado, e logo irromperia pela abertura do sarcófago.

— Os restos mortais do Antecessor — exigiu. — Tragam-nos para cima! Levaremos os vasos para longe de Imrath!

As monjas obedeceram prontamente. Hakim não podia permitir que Azgol Sudraszj absorvesse aquelas fontes de poder taumatúrgico. Subiu as escadas para o nível superior da câmara mortuária apoiando-se em Fendetreva. Alcançou uma mesa comprida e lançou ao chão os livros e frascos vazios sobre ela. As irmãs do Zéfiro trouxeram os vasos canópicos com os órgãos inchados em seu interior.

Hakim examinou seu ferimento, conhecia o suficiente de anatomia para saber que o aço de Moira havia perfurado seu pâncreas. Estava machucado demais, perdera sangue demais, para sobreviver por muito mais tempo. Considerou suas opções, mas não havia como transmitir o que sabia a Liriel ou Corant antes que a morte o apanhasse.

Precisava de cura sobrenatural, e só havia uma maneira que conhecia de curar-se dessa forma. Um pâncreas arruinado só poderia ser restaurado com a bile amarela do Antecessor, o mesmo humor que concedia poder aos línguas-de-fogo. Sim, haveria mutações, talvez deformidades como as que acometeram Rasser. Mas Hakim precisava arriscar, precisava receber outra dádiva taumatúrgica. Conspurcar-se com a magia de Azgol Sudraszj mais uma vez. Ele já se rebaixara demasiado para dar-se ao luxo de recusar.

Hakim viveria, impuro e indigno, para continuar sua missão de proteger a humanidade. Agora, mais do que nunca, sabia que era uma causa de valor. Despiu-se da cota de malha e da camisa de algodão imundas e deitou no tampo de madeira. Fez sinal para que as monjas do Zéfiro se aproximassem. O sangramento o mataria em breve, se não agissem logo.

— Concedam-me a bênção colérica, irmãs!

As irmãs do Zéfiro convergiram sobre seu senhor com velocidade sobrenatural. Trouxeram implementos ritualísticos e equipamento cirúrgico. Não

havia tempo para anestesia, e Hakim sentiu cada minucioso corte de bisturi que as monjas faziam em seu abdome, procurando o pâncreas, investigando a extensão dos ferimentos, manuseando seus órgãos como peças em um jogo de blocos. Uma delas trouxe uma enorme seringa, reluzente com líquido dourado. A bile amarela do Antecessor, o humor do ódio e das chamas.

A cólera inundou as veias de Hakim, e o fez queimar por dentro.

Capítulo 23

Moira observava as casas em chamas com preocupação. Sua vingança contra o império estava completa, mas não da forma que imaginara. A sensação cáustica em seu peito não diminuiu quando lançou Hakim nas águas turvas. Vê-lo afundar lentamente, incapaz de resistir ao empuxo das profundezas, não lhe trouxe conforto algum.

Havia o triunfo, é claro. A exultante sensação de superar um inimigo poderoso, derrubar uma presa elusiva, provar a si mesma seu valor. Mas vinha temperado com algo amargo. Para vencer, tinha permitido que Amarante a dominasse. A experiência, embora curta, ainda a assombrava. De certa forma, Hakim a salvara de um destino pior que a morte, e ao vê-lo afundar Moira soube que aquele não era um fim digno. Merecia uma morte melhor, com o corte limpo do aço.

As tropas khaladinas demoraram a recuperar-se do combate contra o regimento regressado. Mesmo com o poder de Amarante se esvaindo, os mortos-vivos seguiram acoessando o exército imperial. Lentamente, a pressão sobre os defensores arrefeceu, enquanto o brilho espectral que animava os cadáveres se dissolvia no ar. Em meio ao caos, o grosso das tropas imperiais ainda não se dera conta da vitória.

Poucos cavaleiros tinham presenciado a derrota do Deus-Rei, outro motivo pelo qual a vingança parecia incompleta para Moira. Dos que tinham visto Hakim ser desmascarado e atirado para a morte, a maior parte pareceu perder as esperanças. O deus que tanto louvavam não se ergueu das águas escuras, nem ressurgiu magicamente por algum milagre taumatúrgico. Mas havia os realmente fanáticos, que entraram em um frenesi enlouquecido. Avançaram sobre Moira como animais. Por sorte, não foram os primeiros a alcançá-la.

Vento Noturno ressurgiu do caos da batalha, não mais apenas manchado de sangue, e sim completamente banhado de vermelho. A carnificina parecia energizar o animal, que trotou em círculos fechados ao redor de sua mestra, com os dentes afiados à mostra. A mera visão do puro-sangue foi suficiente para devolver um pouco de medo aos corações enfurecidos dos zelotes. Moira apanhou sua espada do chão, arrancou-a do estandarte e a devolveu à bainha. Saltou sobre Vento Noturno, mas não o impeliu.

Os Skodnir alcançaram-na a tempo de receber a investida dos imperiais furiosos com seus escudos. Emergiram das portas do Grande Templo apenas quinze,

dos trinta Skodnir iniciais. As marcas de uma luta feroz eram óbvias em suas vestes e armamentos. Alguns portavam até mesmo aço imperial, espadas e lanças apanhadas de cavaleiros mortos. Correram ao auxílio de sua chefe guerreira, que já não contava com a proteção de um exército vindo do túmulo. Aquele punhado de veteranos, que jurara lealdade a ela por causa de um duelo, era muito mais duro do que Moira pudera imaginar.

Ultha deu sua lança a Moira e sacou uma espada curta. Firaggi não estava entre eles. O enorme guerreiro de olhos miúdos perecera diante da lâmina do próprio Deus-Rei. Ele fora um dos primeiros a aceitar Moira como líder, e dera a vida em nome de sua vitória. Ilya tinha os olhos vermelhos, inundados em lágrimas pela perda do amigo. O pequeno Borlund ficaria arrasado quando soubesse.

Com lança em riste e cavalgando Vento Noturno, Moira se ocupou de derrubar os cavalarianos remanescentes, com cuidado para não ferir suas montarias. A disciplina dos guerreiros imperiais era sua maior arma, tornava-os matadores eficientes e defensores excepcionais. Não atacavam todos de uma vez. Sabiam que uma refrega caótica favoreceria as habilidades de Moira. Investiam aos pares, tentando flanqueá-la. Mas Moira tinha a montaria mais veloz, e a necromancia maldita de suas sombras inquietas.

Os dois primeiros Santos Cavaleiros arremeteram com lanças pesadas de freixo. Moira encarou-os frente a frente, sua própria lança em riste. Vento Noturno guinou para a esquerda antes que as armas inimigas pudessem tocá-lo. A agilidade da criatura era quase felina, e Moira aproveitou para estocar um dos adversários. Perfurou-o sob a axila, onde não havia placas de armadura.

O cavaleiro gritou e derrubou a lança de freixo. Os Skodnir avançaram como chacais famintos contra o inimigo ferido. O segundo cavaleiro esporeou sua montaria, apressado para ajudar o colega, mas Vento Noturno deu meia-volta em uma curva fechada. Moira puxou sua crina, escorregadia de tanto sangue, e o cavalo vasgocês empinou, acertando os cascos no ombro e cabeça do adversário. A armadura dos Santos Cavaleiros aguentaria aquele tipo de impacto, mas a distração foi o suficiente para que uma lança Skodnir trespassasse a virilha do homem.

Mal havia se livrado dos dois primeiros atacantes, um segundo par de cavaleiros lançou-se ao galope. Vieram por trás de Moira, rápidos demais para que seus Skodnir os interceptassem. Mas Moira ainda tinha a espada retorcida, recuperada do estandarte — agora inútil — de Amarante. Suas sombras ainda ardiam.

Os mortos podiam ser feridos, podiam exaurir-se, mas também podiam buscar forças nos recônditos de sua essência, se precisassem defender alguém importante para eles. Moira chegou a sentir a pressão do ar se deslocando, instantes antes de as lanças khaladinas se chocarem contra sua retaguarda exposta, mas seu

bando incinerado pela taumaturgia intercedeu. As sombras ergueram-se ao seu redor, cheias de ódio e furor, assaltando as mentes dos cavaleiros com imagens tortuosas de incêndio e morticínio. Eles gritaram de medo, depois de dor, quando os Skodnir finalmente se organizaram em formação cerrada para trucidá-los.

Ilya e Ultha se moviam rapidamente para cortar os estribos dos cavaleiros derrubados, evitando que os cavalos arrastassem corpos atrás de si. Tinham cinco novas montarias quando o grosso da infantaria imperial recuperou o controle da praça. Não tinham uma liderança evidente, aglomerando-se em grupos de tamanhos variados, cada qual comandado por um Santo Cavaleiro, sacerdote ou taumaturgo. Entretanto, tinham um único alvo: os bárbaros que haviam invadido sua capital, trazendo a morte consigo.

Moira e seus guerreiros formaram um círculo compacto, erguendo escudos contra inimigos que superavam em centenas de vezes seu número. Tinham as costas para a avenida principal, mas não podiam dar-se ao luxo de fugir. Expor-se ao ainda desordenado remanescente das tropas imperiais seria a morte certa. Ficar e lutar também os mataria, mas ao menos não morreriam como covardes.

Gritos ecoaram na praça central, vindos de múltiplas direções. Não eram os brados de ordem das tropas khaladinas, e sim um coro desencontrado de vozes raivosas. Homens e mulheres que não faziam parte de qualquer exército, mas que despertaram um espírito de luta há muito adormecido. Os amarantinos finalmente tinham alcançado o centro da capital.

Vinham aos montes, brandindo o que as mãos podiam agarrar: aço, pedra ou madeira. Alguns traziam tochas, que usavam para incendiar qualquer coisa em seu caminho. Corriam através de ruas e vielas, atacando de múltiplas direções. Irromperam como loucos sobre a praça central, seus olhos fixos no Grande Templo, cheios de ira destruidora. O restante da força imperial foi obrigado a consolidar-se, e erguer escudos contra a turba invasora. Moira e seus Skodnir se tornaram a menor das preocupações daqueles soldados cansados e temerosos.

Confiscaram mais um par de montarias e partiram a galope, cada cavalo transportando dois passageiros. Moira ajudou Ilya a subir na garupa de Vento Noturno. A turba cedeu passagem aos filhos das cinzas. Reconheciam Moira, e sabiam que ela era a responsável pela derrocada de Imrath. Alguns até mesmo saudavam-na como heroína. A maioria dos amarantinos, porém, apenas cuspia profanidades contra o Deus-Rei e Var Khalad, instigando a turba enquanto Moira e seus guerreiros galopavam por entre ruas arruinadas.

— Por que partir? — Ilya indagou. Abraçava a cintura de Moira. A sensação era estranhamente agradável. — Podíamos liderar os amarantinos e tomar a cidade, como fizemos em Nagrath.

— Essas muralhas são indefensáveis sem um grande exército. Outros imperiais virão retomar a cidade. Não há nada para nós aqui, além de morte.

— O deus deles está morto! Você mesma o destruiu!

— Ainda há guerreiros poderosos servindo ao império, cavaleiros e sacerdotes — Moira explicou. — Vão guerrear uns contra os outros pelo direito de governá-lo. Precisamos fortalecer nossa posição antes que um deles se destaque como líder.

Cavalgaram pela cidade, evitando as chamas e prédios caídos. Aquele era o resultado da vingança de Moira. Desferira o golpe de misericórdia contra uma nação enfraquecida. Sem Deus-Rei ou capital, o império se lançaria em uma guerra civil. Var Khalad se dissolveria em reinos menores, em guerra constante, um eco do passado dos povos amarantinos. Ninguém poderia tirar melhor proveito da situação do que o Povo das Cinzas. Moira tinha planos para o pequeno povoado no Vale de Nagrath, e já maquinava a melhor forma de consolidar a região como território de seu bando. Foi então que os tremores começaram.

Já estavam próximos aos portões principais quando a primeira estrutura ruiu, um dos muitos templos do Deus-Rei. A construção implodiu sobre si mesma, afundando sob os túneis que cruzavam o subterrâneo. Um rumor grave ressoou por toda Imrath enquanto a terra estremecia, e o estrondo do prédio que desabava somou-se à cacofonia de uma cidade em colapso.

Moira pensou que fosse apenas um resultado dos incêndios, mas os tremores persistiram, derrubando casas intocadas pelas chamas. Um som assustador brotou das entranhas da cidade, eclipsando todo o resto. Era o som de múltiplas camadas de pedra sendo rompidas com violência. Algo nos subterrâneos de Imrath estava literalmente emergindo através das catacumbas, rompendo paredes e tetos de rocha sólida.

Não havia sentinelas para impedir-lhes a fuga, mas os tremores derrubaram dois dos cavalos, e Moira ordenou que reduzissem a marcha para que os guerreiros pudessem remontar. Vento Noturno se desagradou com aquilo, mas Moira o forçou a manter-se quieto. Ilya apertou-a com mais força, com medo de cair e ser deixada para trás. Avançaram no ritmo de uma corrida apressada, afastando-se o suficiente da cidade para que o terremoto soasse como um ronco preguiçoso.

Fora das muralhas, havia ainda mais amarantinos revoltosos, espalhados pelas propriedades rurais ao redor de Imrath. Moira guiou seus guerreiros para fora da estrada, em direção a um trecho de terreno mais elevado. Havia uma construção alta nos arredores, uma espécie de moinho de grãos. Tinha sido saqueado pelos servos em revolta, mas fora poupado das chamas. Não haveria nada de valor ali, mas o moinho ofereceria um excelente ponto de observação.

Moira adentrou a estrutura. Precisava entender o que estava acontecendo. Os Skodnir se mantiveram em alerta enquanto ela subia os degraus. Espremeu-se pelo alçapão que levava ao topo e espiou Imrath por trás dos merlões. A vista era limitada, tão altas eram as muralhas da cidade de ouro branco, mas era o suficiente para vislumbrar as torres e templos principais. Colunas de fumaça ascendiam preguiçosamente aos céus. Os tremores prosseguiram, concentrados no centro da capital.

O Grande Templo desmoronou diante dos olhos de Moira. A enorme estrutura de torres e abóbadas de ouro branco ruiu, os imensos blocos marmóreos esfacelando-se sob uma pressão incalculável. Lá estava a última prova de colapso do império. Moira devia regozijar-se naquela destruição, mas não foi capaz. Seus olhos encontraram o motivo do desabamento, e ela desejou ter simplesmente galopado para longe de Imrath, sem parar, quando teve a chance.

O Grande Templo não desmoronou, foi derrubado. Demolido de dentro para fora. Uma coisa, algo vivo, gigantesco e obscuro, atravessara os subterrâneos da cidade para eclodir no Grande Templo, derrubando suas torres brilhantes e arruinando sua beleza imaculada. Eclodir era a palavra certa, porque a forma como ela rompeu as paredes da estrutura, emergindo para a luz do dia, era remanescente de um nascimento profano.

A coisa tinha um corpo alongado e múltiplos membros, várias patas terminadas em mãos quase humanas, de dedos compridos e dotados de garras. Flexionava-os lentamente, como se os testasse. Tinha a cor rosa-avermelhada de um neonato, mas era gigantesco, de aparência reptiliana ou anfíbia. De seu dorso brotavam três pares de asas gigantescas, como as velas de um grande navio, membranosas e translúcidas. Aquelas asas ostentavam cores multifárias, que pareciam, de algum modo, erradas aos olhos de Moira. Quando a luz solar atravessou-a, formou uma espécie de arco-íris doentio, decompondo-se nas cores hipnóticas do campo estelar. Cores que se alimentavam de vida e de morte.

A cabeça era um colosso ovalado, coroada com uma juba de filamentos vermelhos, como as guelras de uma salamandra. A monstruosidade voltou-se para o oceano e rugiu. Havia uma sugestão horripelantemente humana, sob o som monstruoso, como o choro de um recém-nascido. Aquela monstruosidade acabara de vir ao mundo, talvez parida por um colossal ventre nas entranhas da terra, mas já seria capaz de engolir uma casa. O som fez Moira tampar instintivamente os ouvidos. Causava uma dor de rachar a cabeça, como se seu cérebro fosse explodir. Moira sabia que Hakim era um farsante, mas aquilo...

— Aquilo era um deus de verdade.

— Não duvido de sua palavra — disse Andvar. — Isso certamente altera nossos planos aqui em Nagrath.

— Não exatamente — Moira explicou. — São planos de guerra, então estão sempre mudando, mas conservam a mesma essência. Se vamos nos fixar aqui, precisamos estar preparados para defender nossas terras de qualquer ameaça.

Moira e seus Skodnir cavalgaram sem descanso até Nagrath. Não pararam por nada, depois do que presenciaram. Na relativa segurança das paliçadas de madeira do pequeno vilarejo conquistado, Moira reuniu-se imediatamente com o tio, para discutir o futuro.

— Com nossos números atuais, não podemos sobrepujar mais do que uma matilha de cães selvagens — resmungou Andvar.

— Mas podemos defender essas paliçadas, passar despercebidos enquanto os cães selvagens matam uns aos outros pelo direito de comer o coração da presa.

— Ainda acha que os imperiais tentarão retomar Imrath? Mesmo depois do que você viu? Aquela criatura é o deus dos abissais, eles serão os primeiros a reclamar a cidade em ruínas.

— Os khaladinos adoraram um deus falso durante séculos, não duvido que alguns desejem se entregar a um deus verdadeiro. Outros se apegarão à memória do Deus-Rei, tentarão resgatar sua antiga glória, perpetuar a farsa. Temos que estar preparados para ambos, e outros mais. O monstro... O deus dos abissais, parece terrivelmente faminto. Seus filhos reclamarão muito mais do que os escombros de Imrath.

— Estamos longe o bastante do litoral — disse o velho guerreiro. — Eles têm uma costa vasta para conquistar antes de voltarem seus olhos esbugalhados contra nós.

— Mas há rios e canais no interior — Moira argumentou. — Se os escamados tomarem a costa, se sentirão tentados a avançar o quanto puderem. Não podemos ignorá-los.

— Estou mais preocupado com os amarantinos — lembrou Andvar. — Temos seu apoio aqui em Nagrath, mas isso não garante que outros grupos tentem nos expulsar de suas terras ancestrais.

— Eu os farei lembrar de quem cumpriu a promessa de Amarante. Se isso não for o suficiente, poderemos enterrá-los nos túmulos vazios de seus ancestrais.

— Duvido que se esqueçam tão cedo do que Moira Meio-Morta é capaz — Andvar sorriu. — Mas você tem razão quando diz que não podemos ignorar essas possibilidades. Nossa posição ainda é precária.

— Por isso mandei que enviasse mensageiros.

Moira ordenara que Andvar reunisse alguns de seus melhores homens e os mandasse de volta à Terra Arrasada, armados com o aço pilhado de Var Khalad. Deviam espalhar a notícia aos bandos que encontrassem, contar sobre a queda de

Imrath e a derrota do Deus-Rei. As fronteiras de Var Khalad nunca estiveram tão indefesas, prontas para o saque, mas Moira queria mais.

Queria que os filhos das cinzas se firmassem no coração do império, tomando terras desprotegidas. Var Khalad não era exatamente um território fértil, mas em comparação com a Terra Arrasada, era um paraíso. Era hora do exílio terminar.

— Fiz como pediu, Moira, mas ainda acho arriscado revelar nossa posição — Andvar alertou. — Tantos virão para se juntar a nós quanto para usurpar o que conquistamos. É a natureza dos clãs.

— Mudaremos essa natureza, juntos. Há recursos o suficiente nesta terra para saciar todos os filhos das cinzas.

— Nem todos desejam apenas terra, comida e água. Você sabe muito bem.

— Na verdade, eu conto com isso. Por isso estendi meu convite a todos os clãs, todos os bandos do Povo das Cinzas.

— Inclusive os Torgren? Dorrage, entre eles?

— Especialmente os Torgren, principalmente Dorrage — Moira respondeu. Sorriu para o tio, e mesmo Andvar recuou diante do que viu refletido em seus olhos. — Quero olhar nos olhos do homem que aceitou ouro imperial para assassinar minha família. Quero ver o medo em seus olhos quando eu o entregar às minhas sombras inquietas. Quero o próximo passo da minha vingança.

Epílogo

A carruagem sacolejava sobre o solo pedregoso da fronteira leste. Hakim se acomodava como podia. Estava em condições de cavalgar, mas não via sentido. Preferia o confinamento do coche, onde ninguém podia testemunhar seu desespero.

Valash Hol estava deserta, saqueada por invasores, sua cisterna envenenada. Felizmente, trouxera suprimentos suficientes para abastecer sua caravana. Os servos haviam deixado a fortaleza, provavelmente para se juntar à rebelião crescente. Hakim já não se preocupava, os amarantinos tinham selado seu destino. Que aproveitassem a anarquia enquanto podiam. Hakim devotaria toda sua atenção à jornada diante de si. Uma última tentativa de salvar a humanidade.

Nos instantes finais de Imrath, reuniu o máximo de pessoas que pôde, começando pelas monjas do Zéfiro que guardavam a câmara mortuária. Os noviços do Grande Templo foram os próximos. Sua guarda de honra tinha sido derrotada pelos selvagens, e apenas um punhado de guerreiros, liderados pelo capitão Marid, restava dentro do templo. Dos Santos Cavaleiros, havia mais de uma centena disposta a segui-lo. Da guarnição de Imrath, nenhum homem restou. De grão-arqueiros e línguas-de-fogo, poucos sobreviveram. O Deus-Rei derrotado fugiu de sua capital com aqueles que pôde arrebanhar, consignando os demais à fome de Azgol Sudraszj.

Cidadãos refugiados, porém, Hakim tinha de sobra. Comerciantes, joalheiros, escribas, ferreiros, todos com famílias para alimentar e vestir. Todos aterrorizados. Valash Hol poderia abrigá-los, por um tempo, haveria comida o suficiente. Foi buscando por suprimentos que encontraram um punhado de amarantinos ainda vivendo na fortaleza, escondidos da parca força imperial que viera ocupá-la temporariamente. Eram velhos demais ou muito pequenos para juntar-se aos rebeldes.

— Não serão molestados — dissera Hakim aos amarantinos. Usava a Máscara Melancólica novamente, mesmo que tantos já tivessem visto a face por trás dela. — Mas terão que tolerar nossa presença.

Hakim planejava partir em alguns dias, mas as famílias desabrigadas de Imrath precisariam de um lugar para ficar. Valash Hol seria cobiçada por muitos, mas certamente os refugiados prefeririam o risco de invasão do que cruzar a Terra Arrasada. Os amarantinos não pareceram se incomodar. Pelo contrário, depois que perceberam que as intenções dos imperiais não eram hostis, ajudaram Hakim e seus homens a encontrar os estoques secretos de suprimentos da fortaleza. O intendente

mor era um perscrutador, e mantinha uma reserva de fleuma taumatúrgica que Hakim confiscou para si.

Com o humor arcano, projetou-se em cada cidade, fortaleza e povoado maior do império. Percorreu Var Khalad em forma astral, buscando outros perscrutadores que carregassem sua mensagem. A estrela vermelha brilhava intensa, agora, preta de poder e malícia. Azgol Sudraszj o observava, lançando luminosidade difusa contra sua consciência desincorporada. Talvez descobrisse seus planos, mas era um risco que precisava correr. Precisava de um exército.

Convocou as forças imperiais a Valash Hol, para juntarem-se ao Deus-Rei em uma cruzada. Como esperava, os fortes do interior, que melhor tinham resistido ao levante amarantino, e sequer precisaram combater os abissais, relutaram em aceitar a ordem. Alguns até mesmo o desafiaram, recusando-se a seguir um falso deus derrotado. As regiões costeiras, devastadas pela invasão abissal e impotentes para impedir a insurgência de seus servos, estavam desesperadas por direção, e foi delas que Hakim conseguiu atrair mais homens. Aguardaria em Valash Hol para que pudessem partir juntos.

Tomou para si os aposentos vagos do intendente mor, e ordenou que os vasos canópicos com os malditos órgãos do Antecessor fossem trazidos até lá. Manteria vigília sobre eles por conta própria, enquanto estudava os pergaminhos que Rasser e seus cultistas tanto cobiçaram. Estavam dispostos a matar pelos textos, e haviam morrido por eles. Hakim decifrara apenas uma fração de seu significado, e aquela ignorância lhe custara um império.

Agora, passaria quantas noites em claro precisasse sentado diante dos textos, comparando-os com todos os tomos históricos e tratados místicos que resgatara do Grande Templo.

— Isso está se tornando uma obsessão — acusou Liriel.

— Você não faz ideia do que está em jogo — retorquiu Hakim. — Não viu o que eu vi.

Graças à necromancia de Moira, Liriel estivera desacordada durante a pior parte do desastre em Imrath. Aquilo era bom. Hakim não desejava que ninguém mais tivesse passado pelo que ele fora forçado a experimentar. Um vislumbre do mundo através dos olhos de um deus. Uma entidade fria e cruel, que considerava tudo abaixo dela como desprezível, digno de pena, sujeito ao esquecimento eterno. Azgol Sudraszj consumiria o mundo em um ato de solidariedade, pois via na sua existência uma ausência de propósito, uma insignificância, que só podia ser remediada ao torná-lo fonte de sustento para sua fome interminável.

— Não faz diferença que eu não tenha visto a criatura — disse Liriel. A arconte ainda estava desacordada quando suas irmãs a resgataram no campo de batalha, levando-a ao Grande Templo e depois para fora de Imrath, junto a Hakim.

— Você já lidou com monstros antes, Hakim, e foi capaz de pará-los. Derrotará esse também. Mas se passar todas as noites em claro de hoje em diante, cairá doente antes de chegarmos a nosso destino.

A preocupação de Liriel confortava Hakim. Quando a vira caída diante de Moira, percebeu o quanto ela era importante para ele. A ideia de perdê-la o impulsionou a agir. Ver que ela se importava foi o suficiente para por um sorriso em seu rosto cansado. Esfregou os ombros, sentindo o peso que os esmagava.

— Muito bem, vou tentar descansar um pouco esta noite. A Terra Arrasada exige muito de um viajante.

— Demais — concordou Liriel. — Não é o tipo de lugar que eu visitaria se não fosse realmente necessário. Mas é necessário, não é mesmo, Hakim? Você tem certeza do que está fazendo?

— Estou mais do que certo. Você poderia até dizer que estou obcecado com a ideia — Hakim brincou. Surpreendeu-se de ainda haver algum humor dentro de si. Além dos humores taumatúrgicos, obviamente.

— Acho que mereci essa resposta. Não estou questionando suas intenções, apenas me assegurando de que não temos outra alternativa. Em vez de defender o que restou de Var Khalad, marcharemos em direção à Solúmbria. É nossa única opção?

— Sim — Hakim suspirou. — Os fortes costeiros estão à beira da destruição, e o com os amarantinos rebelados por todos os protetorados, logo ficaremos sem recursos. Precisamos ceder terreno e nos consolidar, ou perderemos ainda mais.

— Isso faz sentido. Mas não seria mais sensato recuperar o império aos poucos, cidade por cidade, fortaleza por fortaleza?

— Isso demandaria um tempo que não possuímos. Azgol Sudraszj não é só mais uma cria horrenda dos abissais. É seu patrono, seu deus. A cada minuto que aquela abominação caminha sobre Noltora, a humanidade se aproxima do fim. Destruí-lo é nossa prioridade, mesmo que nos custe Var Khalad.

Liriel empalideceu.

— Não vou duvidar disso, mesmo que cada instinto que possuo grite contra essa possibilidade — disse a arconte. — Mas como marchar contra a Solúmbria vai nos aproximar desse objetivo?

— Nosso inimigo é um deus antigo — explicou Hakim. — Conhece alguma outra divindade viva, capaz de fazer frente a essa ameaça?

— É uma pergunta capciosa? — Liriel ergueu uma sobrancelha.

— Diga o que tem em mente — insistiu Hakim.

— O Deus-Rei de Var Khalad. Você.

— Não eu — corrigiu Hakim. — Ele. — Apontou os vasos canópicos, com seus órgãos hipertrofiados que pulsavam para produzir fluidos místicos.

Liriel se aproximou de Hakim a passos lentos. Pôs as mãos em seu rosto, acariciando-o gentilmente e fazendo-o olhar para cima, no fundo de seus olhos.

— Diga-me, Hakim, com todas as letras. O que vamos buscar nas malditas terras da Solúmbria?

— Necromancia — Hakim respondeu, no mesmo tom carinhoso da pergunta. Mesmo sabendo que aquilo poria fim à amabilidade de Liriel. — Para ser mais preciso, buscamos a necrópole de Akhenatos.

— Isso é loucura! — gritou a monja. — Acabamos de perder a capital para um exército de mortos-vivos, e você vai à guerra contra uma nação de necromantes! Tudo pela possibilidade de reviver uma aberração assassinada mil anos atrás?

— Não teremos uma cidade para defender dessa vez. Nem doentes, nem refugiados. E sempre há a possibilidade de o inimigo se render antes do combate começar.

— Você não está pensando direito, Hakim! Há quantos dias não dorme?

— Quando consigo dormir, sonho com Azgol Sudraszj na praia de basalto. Acordo gritando na madrugada.

Liriel o abraçou. O conforto de seus braços encheu Hakim de esperança. Ficaria ali pela eternidade, se pudesse. Fugir de sua responsabilidade para viver o resto de seus dias com Liriel, até que o mundo fosse consumido. Mas a esperança vinha contaminada pelo medo. Medo de perdê-la para sempre.

— Talvez — sugeriu a arconte —, se não dormir sozinho, os sonhos o deixem em paz. Posso passar a noite aqui, se quiser.

— Talvez. — Concordou Hakim. — Mas ainda preciso analisar esse tratado taumátúrgico. Há algumas passagens, anotações do autor, que parecem coincidir com o que aconteceu em Imrath.

— Como quiser.

Liriel soltou-o. Virou-se e deixou o aposento sem dizer outra palavra. Uma fina nuvem de poeira se levantou do chão ao fechar da porta. Era melhor assim. Hakim aproveitou a solidão para alongar o corpo. Tanto tempo debruçado sobre aqueles textos faziam os membros formigarem. O braço direito coçava terrivelmente sob a túnica.

— Isso foi duro de assistir — disse uma voz vinda da parede. Era aquosa e distorcida, difícil de compreender, como se a garganta que a produzia se dissolvesse e reformasse a cada sílaba. — Perdoe a intromissão, senhor.

— Entre, Corant — convidou Hakim. — Já esperava que viesse a essa hora.

Uma massa gelatinosa e incolor gotejou da parede atrás de Hakim, coagulando-se no aposento até assumir a forma do Lorde Comandante. Graças à

taumaturgia, Corant era capaz de andar novamente. O humor secreto de Rasser — ectoplasma — reparara sua espinha quebrada e lhe dera poderes similares aos do Sumo Pontífice. Felizmente, nenhuma mutação muito grotesca se abatera sobre o cavaleiro. Aquele tipo de deformidade era reservada à combinação desmedida de humores taumatúrgicos.

O próprio Hakim agora possuía duas das bênçãos do Deus-Rei, a fleuma e a bile amarela. Os ferimentos que sofrera durante o ataque abissal, sua captura por Rasser e o terrível embate contra Moira o aproximaram demais da morte. Apenas ao receber uma segunda dádiva taumatúrgica Hakim pôde se recuperar.

Agora, água e fogo corriam em suas veias. Os humores colérico e fleumático eram opostos, em muitos aspectos. Um levava à ação enérgica, o outro, à introspecção racional. Desequilibrá-los afetaria seriamente a capacidade de Hakim para tomar decisões. De qualquer modo, evitava ao máximo empregar as novas habilidades, pois conhecia a verdadeira fonte da magia divina. A mera lembrança de seu encontro com Azgol Sudraszj embrulhava-lhe o estômago.

— Eles estão a menos de um dia de viagem de Valash Hol, senhor — disse Corant, ajoelhando-se em reverência. — Homens de Valash Kha, Nuehem e Valash Nur. Não chegam a mil, mas próximo a isso, entre infantaria, taumaturgos e cavaleiros. Trazem armas de cerco consigo.

— E o que dizem seus comandantes?

— São leais ao senhor. Os que ainda vivem, pelo menos.

O ectoplasma podia alterar drasticamente o corpo do taumaturgo, tornando-o intangível e invisível, transformando-o no espião perfeito. Hakim entendia porque o falecido pontífice mantivera o humor em segredo, e pretendia fazer o mesmo. Um único assassino com aquelas habilidades sob suas ordens era o suficiente.

— O que diziam os mortos?

— Um morto apenas, senhor. Lorde Comandante Siderius, de Valash Nur, ao sudoeste — explicou Corant. — Dizia que sua liderança nos levaria à ruína, que divino ou não, o senhor não foi capaz de preservar a capital.

— O que achou da declaração? Uma meia-verdade, talvez?

— Pura blasfêmia, senhor. Nossa contenda é contra forças além da compreensão humana, não podemos esperar uma sucessão gloriosa de vitórias. Salvação demanda sacrifício.

— Você e eu entendemos mais sobre sacrifício do que ninguém, Corant — Hakim comentou. — Está dispensado. Amanhã receberemos as tropas de braços abertos e lamentaremos a morte prematura do Lorde Comandante.

— Assim será — ecoou Corant, e dissolveu-se através do piso, deixando Hakim novamente a sós.

Seu corpo doía. Cada músculo e articulação protestando pelas horas de vigília ininterrupta. O peso sobre seus ombros se multiplicara: não carregava apenas o destino de Var Khalad, mas de toda Noltora. Era o único disposto a fazer o que era necessário, e estava ficando sem tempo. Bocejou. Seu corpo implorava por descanso, indiferente à urgência da matéria.

Não queria dormir. Temia os sonhos que teria, as visões que receberia, agora que Azgol Sudraszj estava livre e desperto. Havia uma ligação entre eles, um elo profano, algo relacionado à linhagem de Hakim e aos antigos hathamitas que primeiro tomaram para si a magia torpe daquela entidade.

Ainda que os sonhos horríveis com a praia de basalto, as cores doentias refletidas em asas diáfanas e o negrume infinito entre as estrelas, Hakim não queria dormir. Azgol Sudraszj não dormiria. Enquanto Hakim descansasse, os abissais continuariam a se reagrupar, a taumaturgia continuaria a manifestar-se de formas imprevisíveis, e pobres coitados cairiam doentes, apenas para serem transformados em abominações escamosas. A cada instante que Hakim simplesmente parava para descansar, Noltora se aproximaria cada vez mais da destruição completa.

Resignou-se. Precisava esperar a chegada do restante das tropas, de qualquer maneira. Não poderia travar essa última guerra sem um exército. Renderia-se ao sono mais uma vez. Que os pesadelos o assombrassem, ao menos seus músculos não doeriam tanto.

Pensou na oferta de Liriel, uma companhia naquela noite febril. Nada o agradaria mais do que aceitá-la. No entanto, era impossível. Hakim simplesmente não podia. Sentou sobre a cama e despiu-se da túnica de linho. O braço direito ainda coçava sem parar, um lembrete constante de que seu tempo estava acabando.

Do ombro ao cotovelo, sobre sua pele morena, cresciam escamas carmesins.

DRAMATIS PERSONAE

Personagens, por ordem de aparição:

Gorazesh: monstruoso sacerdote dos abissais.

Azgol Sudraszj: divindade anciã dos abissais.

Laurent: arconte do Deus-Rei, tocado pela taumaturgia colérica.

Rasser: Sumo Pontífice do Deus-Rei de Var Khalad. Incapacitado por Hakim, por fazer parte de uma conspiração herege.

Sigismund: arconte do Deus-Rei, tocado pela taumaturgia melancólica.

Zithrishazir, ou Zith: abissal encouraçada, separada de sua metade crustácea. Prisoneira do Deus-Rei de Var Khalad.

Hakim: o Sucessor do Deus-Rei de Var Khalad, soberano absoluto de seu império.

Uddra Ranthep: divindade anciã da morte.

Victus: cavaleiro khaladino, de linhagem nobre imperial. Lealista de Hakim.

Corant: cavaleiro khaladino, filho de servos amarantinos. Lealista de Hakim.

Moira: guerreira do clã Brunehald, necromante e líder de um pequeno grupo de guerreiros Skodnir. Agora conhecida como Moira Meio-Morta.

Andvar: chefe guerreiro do clã Brunehald, tio de Moira. Lidera um bando de filhos das cinzas de vários clãs.

Nehisi: princesa mercante da Grande Caravana Ur-Lehesh. Contratou o bando de Andvar como proteção.

Haramad: irmão de Nehisi e antigo príncipe mercante da Grande Caravana Ur-Lehesh. Morto pela própria irmã após transformar-se em um horrendo híbrido de humano e abissal.

Jarisev, ou Sev: ladrão de túmulos com fobia de mortos-vivos.

Morsov: irmão de Sev, necromante renegado e instrutor de Moira nas artes necromânticas.

Istvan: espírito incorporado em um corpo morto-vivo gigantesco, tio de Sev e Morsov.

Orieff: chefe guerreiro do clã Skodnir, a serviço dos abissais. Morto por Moira em um duelo.

Ilya: jovem guerreira do clã Skodnir, ansiosa por aprender necromancia.

Borlund: Garoto do clã Skodnir, irmão de Ilya, ansioso para se provar como guerreiro.

Firaggi: jovem guerreiro do clã Skodnir, leal a Moira.

Vyra e Sigrin: arqueiras gêmeas do clã Brunehald, falecidas.

Amarante: general lendário que dá nome ao povo amarantino, falecido há séculos. Seu retorno foi profetizado.

Sorg: escaldo do clã Brunehald, servo dos anciões do Povo das Cinzas.

Dorrag: líder do clã Torgren, mercenário a serviço de Var Khalad.

Balam: mestre dos escribas de Var Khalad, taumaturgo melancólico. Morto por Hakim por fazer parte de uma conspiração herege.

Jarid: alto bibliotecário imperial.

Kamash: antigo senescal do Deus-Rei de Var Khalad. Lealista de Hakim.

Garad: taumaturgo perscrutador, instrutor de Hakim nos prodígios da taumaturgia e atual senescal.

Liriel: arconte do Deus-Rei, tocada pela taumaturgia sanguínea. Atual líder da Ordem do Zéfiro.

Ultha: guerreira do clã Skodnir, capitã do bando de Andvar.

Snorren: guerreiro do clã Torgren, lanceiro do bando de Andvar.

Krennas Riénn: lorde destituído do antigo reino de Tanánn, cativo imperial. Contratou Sev para roubar as relíquias ancestrais de Amarante.

Svein: tratador de cavalos do clã Brunehald, falecido.

O Antecessor: o verdadeiro Deus-Rei de Var Khalad, que surge nos sonhos de Hakim.

Alentia: alta sacerdotisa do Deus-Rei de Var Khalad, antiga líder da Ordem do Zéfiro. Morta por Hakim, junto com o restante do alto clero.

Marid: capitão da guarda de honra do Deus-Rei de Var Khalad.

Yassiv: dono da estalagem Monge Dançarino, secretamente trabalhando para o império.

Ardal: acólito do Deus-Rei de Var Khalad, taumaturgo perscrutador.

Lydia: irmã mais nova de Moira. Perdida ou morta entre a Terra Arrasada e os charcos setentrionais da Solúmbria.

Farah: monja-guerreira da Ordem do Zéfiro, encarregada de cuidar dos doentes em Imrath.

Ignus: taumaturgo colérico, quieto e compenetrado.

Esperius: alto sacerdote do Deus-Rei de Var Khalad. Sacrificado em um ritual profano sob o Grande Templo.

Osser: taumaturgo colérico, surpreso com a própria habilidade.

Khef: morto-vivo reforjado, servo de Vendris. Destruído por Moira.

Vendris: mestra necromante de Akhenatos. Morta por Moira.

Siderius: Lorde Comandante imperial.

ARS ARCANUM

Do diário de campo de Orik Ur-Nazir, escriba dos hathamitas:

Ao iniciar meus trabalhos com esse pequeno compêndio sobre magia, imaginei que atrairia a fúria dos taumaturgos e necromantes. Pensei até que a Guilda dos Caçadores causaria problemas após minha recusa em dividir essas informações com seus assassinos treinados. Mas o caos que eventos recentes lançariam sobre Noltora ajudou a desviar a atenção de meu trabalho. Um pesquisador nunca deve se alegrar de ser lançado à obscuridade, mas, ao menos para mim, o esquecimento é preferível à morte.

Esperava que fosse o império a comprar o resultado de minhas pesquisas, mas Imrath está em ruínas, e Var Khalad parece mais vulnerável do que nunca. A Cabala seria a segunda alternativa, mas rumores crescentes indicam que a guerra logo chegará à Solúmbria. Me recuso a entregar esse conhecimento em mãos mordravas, então restam os vascoces, mas não tenho pressa de chegar à Vascócia. Nunca me senti bem nas cidades fortificadas dos condes, deve ser a altitude.

Se há algo a celebrar na minha atual situação, é que pude atualizar a pesquisa. O caos que se instaurou em Var Khalad trouxe à tona novos aspectos taumátúrgicos e necromânticos que merecem análise, registrados a seguir.

TAUMARTUGIA

A magia divina de Var Khalad é certamente a mais complexa e variada do continente. É regida pelos quatro humores corporais: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Cada humor taumatúrgico abastece uma série de prodígios milagrosos, mas também pode afetar o estado emocional do usuário. Minhas últimas comunicações com sacerdotes khaladinos, temerosos do que o futuro reserva ao império, me revelaram a possível existência de um quinto humor: o ectoplasma. Esse era um segredo bem guardado pelos sumo sacerdotes do Deus-Rei. Com o trágico fim de Rasser Sidonus, a informação encontrou seu caminho até mim.

As capacidades dos taumaturgos dependem do humor que corre por suas veias, mas há um padrão observável nesses prodígios. Cada humor concede uma bênção ao taumaturgo, uma capacidade sobrenatural. Também possibilitam o que os sacerdotes chamam de conversão taumatúrgica, verdadeiros milagres elementais. Nem todos os humores tiveram suas capacidades exploradas ao máximo, e não se comportam de forma idêntica, mas acredito que cada fluido taumatúrgico seja capaz de conferir uma bênção e realizar a conversão, apenas não descobrimos exatamente como ativar as propriedades mais esotéricas de certos humores.

Atualizei o gráfico que demonstra minha tese:

Humor	Taumaturgia	Órgão regente	Elemento	Disposição	Bênção	Conversão taumatúrgica
Sangue	Sanguínea	Coração	Ar	Instável	Agilidade	Fluidos em sangue
Fleuma	Fleumática	Cérebro/pulmões	Água	Racional	Projeção astral	Sangue em água
Bile Negra	Melancólica	Fígado	Terra	Analítica	Força e resistência	Osso em aço
Bile Amarela	Colérica	Pâncreas	Fogo	Enérgica	Fervor	Ar em chamas
Ectoplasma	Ectoplásmica	Ossos/medula	Espírito	Desconhecida	Desconhecida	Carne em fluido

Consegui, através de entrevistas, trocas de cartas e alguns subornos, catalogar os efeitos mais sutis de alguns humores. A exceção ficou por conta do misterioso ectoplasma, cuja mera existência era desconhecida até muito recentemente. A tabela permanece incompleta, o que me enche de ânimo para continuar a pesquisa, mesmo que signifique despertar a ira dos círculos internos do clero imperial.

Minhas fontes revelaram que o ectoplasma taumatúrgico opera uma conversão bastante desagradável. Seu poder torna o taumaturgo intangível, transformando seu corpo e até mesmo roupas e objetos a seu alcance em líquido translúcido. O usuário permanece no controle total de seus movimentos nesse estado grotesco, e pode atravessar matéria sólida sem sofrer danos. O efeito emocional que esse humor exerce sobre os taumaturgos permanece um mistério, mas sou capaz de apostar que não é nada agradável.

O ectoplasma ainda está presente em um prodígio já conhecido por nós. Os necrológios, artefatos taumatúrgicos capazes de reanimar cadáveres, além de permitir que taumaturgos perscrutadores vislumbrem os momentos finais do falecido. Meu último texto explicitou como os necrológios contêm um misto de fleuma taumatúrgica com bile negra ou amarela. Eu já suspeitava que um terceiro humor fosse necessário à confecção do artefato, e o ectoplasma completou esse quebra-cabeças. O novo humor parece guardar relação ainda mais próxima com a necromancia, novamente evidenciando a hipocrisia imperial ao condenar as artes praticadas pela Cabala.

NECROMANCIA

As artes místicas da Cabala não melhoraram sua reputação nos últimos dias. O recente ataque à capital imperial serviu para confirmar os medos de Var Khalad em relação às intenções da Solúmbria. Pessoalmente, não acredito que se trate de um ataque direto dos necromantes.

O evento foi excepcional em sua manifestação, e nenhuma das testemunhas relatou a presença dos ossuários de manto cinzento da Cabala, ou de suas táticas militares tradicionais, como os guerreiros-necromantes conhecidos como decuriões, e seus esquadrões de mortos-vivos.

Apesar do infortúnio que se abateu sobre Imrath, ao menos pudemos observar mais de perto formas mais obscuras de necromancia. Tratarei delas aqui, em contraste com as táticas mais comuns da necromancia solumbriana. Duvido que os imperiais se importem em distinguir os fenômenos, mas estudiosos comprometidos notarão que minha hipótese de que o ataque não teve envolvimento da Cabala é bastante sólida.

Decurião: acima dos ossuários, esses necromantes de batalha figuram como a principal unidade militar da Solúmbria. Não estou falando de tropas regulares, como lanceiros e cavalaria, esses, a Cabala mantém em boa quantidade, como qualquer país que preza por suas defesas. Mas o uso inovador da necromancia em campo de batalha é o que distingue as forças militares solumbrianas.

Vestidos em couro negro, portando maças de batalha e toda sorte de amuleto necromântico, os decuriões lutam em conjunto com suas marionetes mortas-vivas. Cada um desses necromantes comanda pelo menos uma dezena de esqueletos paramentados para a batalha, com potencial de reanimar inimigos ou aliados caídos. Pontuo que nenhum desses magos lutadores foi visto durante a batalha em Imrath.

Mortalha: uma das artes proibidas na Solúmbria, a mortalha é perigosa tanto para o necromante que a “veste”, quanto para seus inimigos. Funciona como uma espécie de “possessão reversa”, com o necromante incorporando características, habilidades e capacidades de espíritos, por um curto período de tempo. O processo drena a força vital do conjurador, e os espíritos que compõem a mortalha tornam-se profundamente conectados ao necromante, o que pode ser um problema ainda maior.

Trata-se de uma arte altamente proibida pela Cabala, que caça seus praticantes, o que corrobora minha hipótese sobre a invasão de Imrath. Múltiplas fontes relataram que a necromante que liderava as hostes espectrais empregou esse

poder contra as forças do Deus-Rei. Me parece o ato de alguém poderoso com a necromancia, mas imprudente em sua prática, e imprudência não combina com a Cabala.

Relíquias: já tratei, em textos anteriores, sobre amuletos e grilhões necromânticos. Uma relíquia pode se enquadrar em qualquer das duas categorias, quer tenha sido criada especialmente para abrigar um espírito, quer seja uma prisão para sombras inquietas. Certos artefatos estão carregados não apenas de poder espiritual, mas também do peso das eras. Itens históricos, que carregam consigo o imaginário de gerações inteiras, são potencializados por essa energia psíquica, e um espírito residente em um amuleto ou grilhão muito antigo torna-se uma criatura poderosa.

O estandarte e a armadura de Amarante, o lendário general que dá nome aos amarantinos, foram vistos durante o ataque a Imrath. A presença de artefatos tão cultuados não pode ser considerada apenas como símbolo, e a turba de amarantinos que saqueou a cidade após a invasão dos mortos-vivos comprova isso. Se fosse um ataque organizado pela Cabala, certamente não arriscariam algo tão valioso. Teriam levado as relíquias a uma de suas necrópoles, evitando sua destruição. A necromante que liderou a invasão não preocupou-se com isso, e agora as relíquias de Amarante jazem destruídas sob os escombros do Grande Templo.

Espectros: nem todos os mortos-vivos são corpos decompostos movidos por vontade sobrenatural. Um espírito muito antigo ou muito poderoso pode exercer influência sobre o mundo material sem necessitar de um necromante que o vincule a um cadáver. Foi o que vimos em Imrath, com cadáveres muito decompostos avançando contra tropas imperiais e enfrentando-as de igual para igual. Os corpos ressequidos e as lanças enferrujadas, obviamente, não são páreo para as armas do império, mas a energia espiritual concentrada dos espectros é mais que o suficiente para confrontar as espadas e lanças de Var Khalad, cortando carne e esmagando armadura com aço etéreo temperado pelo ódio imortal de almas vingativas.

GLOSSÁRIO

Progênie: descendência de um indivíduo. Conjunto de descendentes; prole.

Espícula: pequena espiga ou a estrutura que se assemelha com espiga.

Rádula: é uma estrutura que se situa na base da boca dos moluscos com a qual estes raspam o alimento. É constituída por filas de pequenos dentes curvos, os quais cobrem uma estrutura muscular lingual, existente no interior da faringe do molusco.

Rufiões: plural de rufião. Mesmo que: alcoviteiros, malandros, rixosos, vadios.

Amorfos: plural de amorfo. Que não tem forma determinada, definida; disforme, informe.

Embornal: pequena bolsa dentro da qual se transporta um recipiente com comida.

Seteira: abertura numa fortificação para permitir disparo de armas.

Portento: coisa ou evento maravilhoso, extraordinário, fora do comum; prodígio. Indivíduo extraordinariamente talentoso, inteligente e capaz; gênio.

Apócrifo: que permanece na clandestinidade, reproduzida às escondidas: obra literária apócrifa. Não autêntico; diz-se do que não pertence ao autor a quem foi atribuído; falso.

Excrescência: saliência; elevação que ocorre sobre a superfície de alguma coisa. O que retira o equilíbrio completo de alguma coisa. Aquilo que está em excesso; o que nasce a mais. Em sentido figurado, é coisa inútil ou desnecessária.

Supurar: formar, acumular ou expelir pus: abscesso que supura.

Lusco-fusco: hora crepuscular, o momento de transição entre o dia e a noite ou a parte inicial da manhã, quando o dia começa a sair; alvorecer: crepúsculo.

Epifania: revelação a partir de algo inesperado; percepção intuitiva. Entendimento repentino do sentido de alguma coisa.

Herético: que se refere a heresia; em que há heresia; que é contrário a doutrina ou linha de pensamento de um credo ou sistema de um ou mais credos religiosos que pressuponha um sistema doutrinal organizado ou ortodoxo.

Andrajoso: que se apresenta encoberto de andrajos; que está envolto em trapos; esfarrapado.

Leniência: qualidade do que é lene, brando, suave, agradável; lenidade, suavidade. Excesso de lentidão; condescendência, complacência, tolerância.

Ululante: que emite ruídos, como uivos.

Monólito: pedra de enormes dimensões. Monumento formado de uma única pedra: os obeliscos são em geral monólitos.

Casario: sequência, reunião ou agrupamento de casas.

Adstringente: substância que causa constrição, estreitamento, dos tecidos e reduz as secreções. Que adstringe, aperta e reduz as secreções.

Bravata: modo de agir de quem faz alarde de uma coragem que não possui. Ação ou dito de quem faz ameaças de maneira insolente; intimidação, ameaça.

Sabujo: indivíduo servil, bajulador. Grande cão de caça.

Imiscuir: intrometer-se ou tomar parte em algo que não lhe diz respeito.

Hoste: grande reunião de soldados armados; exército ou tropa. Aglomerado de pessoas; multidão ou bando.

Entrópico: refere-se à entropia, à medida que causa desordem num sistema termodinâmico: valor entrópico da substância analisada. Inerte; sem atividade; em estado de inércia.

Estalagmite: estalagmite é um tipo de formação rochosa que sobe do chão de uma caverna devido ao acúmulo de material depositado no chão por gotejamentos no teto.

Elusiva: esquivo; que tende a se esquivar com facilidade; que foge de algo ou de alguém; que é obscuro; difícil de ser explicado ou entendido.

Zelote: que simula ter zelo. Curiosidade: os zelotes eram uma seita e partido político judaico que desencadeou a revolta da Judeia à época de Tito (imperador romano, 79-81 D.C). Os zelotes constituíam a ala radical dos fariseus e preconizavam Deus como o único dirigente, o soberano da nação judaica, opondo-se à dominação romana.

Neonato: criança recém-nascida.

Multifária: que se diz ou se exprime de muitos modos. Que pode ser de várias espécies ou que se apresenta sob diversos aspectos; variado, multimodo, multiforme.

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao segundo livro, numa jornada que eu jamais imaginei trilhar. Quando iniciei a carreira de escritor, imaginei que seguiria uma estrada solitária de autor independente. Em vez disso, encontrei aliados inesperados e forjei amizades ao longo do caminho. Graças à eles, meus sonhos podem voar ainda mais alto.

Por isso, gostaria de agradecer a Thiago Borba, Rafael Andrade e Rafael Guilherme, da Editora Virafolha, que viram o potencial em meu trabalho e acreditaram na minha capacidade desde o início.

Agradeço novamente a Ana Carolina, minha esposa, que insiste que eu nasci para escrever, e me ajuda muito com divulgação e redes sociais. Aos amigos Sérgio Manhães e Pedro Fontes, agradeço pela leitura beta e pelo apoio incondicional.

Meu muito obrigado, ainda, a Rafael Souza, pelos mapas fantásticos. E a Rafael Andrade, Leona Volpe e Débora Botelho, pela arte belíssima dos livros e recompensas do catarse.

E, novamente, um agradecimento mais que especial a todos os leitores. São vocês que dão sentido a essas páginas.